



R B 154, 723



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

14 Edw. 2 (1312)

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

748
1789

141

1788
1789

1787

1788

Amara Diaria da Silva Junior
- Dezembro 1889 -

ARTE POETICA,

OU

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA EM GERAL,



A R T E P O E T I C A ,

O U

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA
em geral, e de todas as suas especies prin-
cipaes, tratadas com juizo critico:

COMPOSTA, E DEDICADA

AO SENHOR

FILIPPE DE BARROS
DE ALMEIDA,

Cavalleiro da Insigne Ordem Militar de S. João
de Malta, &c.

P O R

FRANCISCO JOSEPH

F R E I R E ,

Ulyssiponense. (Candido Luitany)

(*)

L I S B O A :

(16) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor
da Congregação Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. XLVIII.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Vende-se na mesma Officina, e na logea de Manoel da Conceição Livreiro, jun-
to ao Excellentissimo Conde de Santiago; e em ambas estas partes se achará
tambem o livro: Methodo breve, e facil para estudar a Historia Portugueza,
pelo mesmo Author,

... *Res grandes nostro dat Musa Poetae.*
Perf. Satyr. i. v. 67.

A O S E N H O R
FILIPPE DE BARROS
D E A L M E I D A ,
Cavalleiro da Insigne Ordem Militar de S. João de Malta, &c.
FRANCISCO JOSEPH FREIRE.

F.

E *STIMULADO do zelo , e amor da Patria ,
virtude , que engrandecem todos , e praticaõ poucos ,
compuz esta Arte Poetica , para o uso da mocidade Por-
tugueza ,*

tugueza, que em semelhante estudo, tão vasto, como
difficiloso, não tinha livro algum no seu idioma, que
lhe podesse dar a minima instrucção. Como o seculo he
tão estragado na falta de bons estudos, como na de Pro-
teçtores, que os favoreçam, ou resuscitem, porque os
Mecenas acabaram com a idade de ouro; confesso que não
sabia escolher hum Protector, a quem offerecesse este te-
nue fruto do meu trabalho. Previa que a esperanza do
patrocínio, ou não chegaria a florecer, ou logo se mur-
charia; até que aconselhado da gratidão, mais que do
nobre interesse, ella me inspirou, que dedicasse esta obra
ao Senhor Lopo de Barros seu irmão de V. m. e que o
fizesse mais como tributo, do que obsequio. Eu bem de-
sejo, que o mundo saiba em que consiste o meu agrade-
cimento; porém o genio deste Fidalgo he tão generoso,
como modesto, porque sobre não soffrer, que eu publi-
que a origem da minha gratidão, até me prohibe com
dura ley mostrar ao publico alguns effeitos della: mas
como hum animo agradecido sabe ser engenboso, dou
na idéa de buscar para Mecenas ao mesmo Fidalgo na
pessoa de V. m. a quem a natureza, e as virtudes for-
marão iguaes, fazendo deste modo, sem encontrar a
vontade alheya, com que appareça ao publico a minha
gratidão, e se não malogre o meu projecto. Se esta vir-
tude não fora a que me fizesse pegar na penna, e se me
inspirara unicamente o nobre interesse da protecção,
que antes pretendia, dera-me ainda por tão satisfei-
to desta mesma escolha, que não buscara outro algum
Mecenas; porque reflectia, que authorizava o meu
livro com quem descende de hum appellido tão illustre,
e antigo, como benemerito deste Reino. Sem piedade
genealogica he cousa evidente o que digo; e bastava só
para prova correr nas veas dos Senhores dessa Casa o
sangue do grande João de Barros, porém não para
mos-

mostrar com mais evidencia a propriedade desta minha escolha, porque a todos he notoria, mas para satisfazer ao meu desejo, dem-me os Criticos licença para tratar em huma Dedicatoria da origem, e progressos dessa Casa, e dos Varoens grandes, que a ennobrecerão; e padeça muito embora o modesto genio do Senhor Lopo de Barros, que injustamente chama a estas narraçens profumes, com que a lisonja incensa aos Cavalheiros.

He antiquissima neste Reino a Familia de Barros; porém não se póde deduzir com verdade, senão de Fernão de Barros, que viveo no Lugar do seu appellido no tempo delRey Dom Diniz, e referem-nos os nossos livros genealogicos, que fora Fidalgo de illustre ascendencia. Delle nasceo Martim de Barros, que viveo nos Reinados de Dom Pedro I. e Dom Fernando, e delle se acha memoria nos registros destes Reys. Ignoramos com quem casara este Cavalhero; mas sabemos, que fora Pay de D. Martim Martins de Barros, que viveo em Braga; e institubio o morgado de Moreira. Casou com Dona Joanna de Azevedo, filha de Alvaro Gonçalves de Azevedo, Senhor de Regalados, e de Dona Sancha de Andeiro, filha do Conde de Ourem João Fernandes de Andeiro. Deste matrimonio nasceo entre outros filhos Gonçalo Martins de Barros, Senhor do morgado de Moreira, o qual não foy Ecclesiastico, como erradamente affirmaraõ muitos, sendo só certo, que tivera em Joanna Vasques, além de outros filhos, a Lopo de Barros, que herdou o morgado da Moreira, e foy legitimado por ElRey Dom João I. no anno de 1453. que o fez Fidalgo da sua Casa. Casou com Isabel Annes, e deste sagrado vinculo, além de outros filhos, nasceo Valentim de Barros, que succedeo na Casa, e morgados de seu Pay, e servio taõ distinctamente

tinctamente aos Senhores Reys Dom Affonso V. Dom
João II. e Dom Manoel, que quatro vezes foy Capitão
mór de Esquadras navaes, por cujos serviços mereceo
grandes privilegios, regalias, e isençoens da grandeza
destes Principes, as quaes não relato, por não ser
huma Dedicatoria lugar proporcionado para esta nar-
ração. Segundo a authoridade de Gaspar de Faria ca-
sou este Fidalgo com Dona Brites Pereira, e della te-
ve, entre diversos filhos, a Lopo de Barros, Fidalgo
da Casa de ElRey Dom João o III. e casando com Dona
Brites Bravo filha de Diogo Bravo, Commendador
da Ordem de Santiago, Senhor da Quinta de Real,
herdou este morgado, que unio ao de Moreira. Desta
uniaõ nasceu Diogo de Barros, que foy Capitão mór de
Braga, e Fidalgo da Casa do Cardeal Infante Dom
Henrique, Dom João III. e de ElRey Dom Philippe I.
de Portugal, e herdando a Casa de seus Pays, casou
com Dona Lourença Mendes de Antas, nascendo des-
te matrimonio Lopo de Barros, segundo Senhor do mor-
gado de Real, e sexto do da Moreira, que tomando es-
tado, casou com sua tia em quarto gráo Dona Isabel de
Almeida, filha do grande João de Barros, e de Dona
Maria de Almeida. Desta uniaõ foy digno fruto Ant-
nio de Barros de Almeida, que servio na India com a
distincção, que se esperava do seu illustre sangue, e
casando com Dona Catharina Machado de Miranda,
filha de Gaspar Rebello de Carvalho, teve, ao Senhor
Lopo de Barros de Almeida, que herdou os morgados
da sua Casa, e casou com a Senhora Dona Anna Luiza
de Moura, filha de Antonio de Moura, Senhor das Sa-
boarias de Portalegre, e Capitão de Cochim, de cujo
matrimonio nasceu o Senhor Francisco de Barros de Al-
meida, que herdou os morgados de Real, Moreira, Ri-
beira de Alitem, Setubal, Lisboa, e Saboarias de Por-
talegre,

talegre , e foy Commendador , e Alcaide mór da Vill. do Cano na Ordem de Aviz. Casou este Fidalgo com a Senhora Dona Isabel Cecilia de Carvalho sua prima , filha do Senhor Philippe de Sousa de Carvalho , Alcaide mór de Villa pouca de Aguiar , e Brigadeiro da Caval-laria , e da Senhora Dona Feronyma Ferreira de Eça ; sua prima , de cuja Familia escrevi huma Arvore , que anda no fim da Dedicatoria feita a seu filho Caetano Balthazar de Sousa de Carvalho no livro , que compuz intitulado : Methodo breve , e facil para estudar a His-toria Portugueza. Desta illustre uniaõ do Senhor Fran-cisco de Barros nasceo , entre outros filhos , o Senhor Lopo de Barros de Almeida Moura e Albuquerque , e V. m. que seguindo a milicia da illustrissima , e insigne Ordem de Malta , nella com o tempo obrará as genero-sas acçoens , que praticaraõ na mesma Religiaõ muitos de seus Ascendentes. Herdou o Senhor Lopo de Barros a Casa de seus Pays , e determinando tomar estado na Corte , casou nella com a Excellentissima Senhora Do-na Antonia Xavier de Mendocça , filha do Senhor Joaõ Antonio de Alcaçova da Costa Moura e Menezes , e da Excellentissima Senhora Dona Guiomar de Mendocça , de cujo sagrado vinculo bouve só hum fruto ; que falle-ceo de tenra idade.

Estes são os illustres Ascendentes da Casa de V. m. porém como com esta narraçãõ só dou a mostrar a sua nobre antiguidade , e os merecimentos são a ba-ze da verdadeira nobreza , e o mais proprio ornato , com que deve apparecer louvavelmente vaidosa aos olhos do mundo , mostrarey agora com penna succinta , que na sua Casa não falta esta preciza qualidade , porque del-la nasceraõ Cavalheros , que com os seus distinctos me-recimentos a soberaõ gloriosamente fazer mayor em beneficio da Patria , não menos na disciplina pacifica

nas letras , e perigosa das armas , que na suavissima pratica das heroicas virtudes. Cedaõ as espadas ás penas , e principiemos pelo Grande Joaõ de Barros , Varraõ de taõ raros merecimentos , que sã todo o mundo literario he que os soube dignamente avaliar pelos singulares louvores , com que os distingue.

Como filho de Lopo de Barros , logo ElRey Dom Manoel admittio ao Grande Joaõ de Barros ao seu serviço no foro de Moço Fidalgo , sendo de taõ tenros annos , que foy o Paço a escola , em que principiou a estudar. Instruido nas linguas Latina , e Grega , em que podia parecer nacional , passou ao agradavel , e difficil estudo da Mathematica , em que foy com tal distincção eminente, que bastará dizer , que a Santidade de Pio IV. com approvaçãõ commua dos sabios fez collocar a sua imagem no Palacio do Vaticano junto á de Ptolomeo. Naõ sey se hoje será facil á Patria desvanecerse com outra semelhante gloria. Foy igual a perfeiçãõ , com que sabio instruido nas letras humanas ; porque teve tal estudo dos Oradores , Poetas , e Historiadores , que os podera illustrar. Augmentando com estes raros predicados o esplendor á sua antiga nobreza , servia Joaõ de Barros no Paço taõ respeitado dos mestres , como se já lessẽ as futuras producçoens do seu juizo ; e taõ attendido de ElRey , como se já o destinasse para o mais digno pregoeiro das glorias do seu felicissimo Reinado. Quiz a Magestade remuneradora de ElRey Dom Joaõ III. premiar os serviços , que os seus Criados lhe fizeram no tempo de Principe , e despachou a Joaõ de Barros com a Capitania da Mina , cargo que ainda que rendoso naquelle tempo , raras vezes fazia rico a quem o occupava : parece que reinavaõ entãõ mais os nobres estimulos da honra. No anno de 1522. partio Joaõ de Barros para a Mina , onde servio distinctamente á Patria ,

tria, e á honra do seu appellido; e vendo-se ElRey obrigado a premiar taõ assinalados serviços, feitos no espaço de tres annos, o proveo no officio de Thesoureiro da Casa da India, Mina, e Ceuta, emprego de tal gradação naquella idade, que só se destinava para Cavalheiros benemeritos. Tres annos havia que João de Barros servia este officio, quando a mã de Deos irada principiou a espalhar no Ceo de Lisboa o horroroso mal da peste, o que obrigou a procurar cada hum os meyo de salvar a vida, fugindo da Cidade. Por este motivo, dadas as suas contas, como pediaõ as precisas obrigaçoens da honra, se retirou João de Barros para a sua quinta da Ribeira de Alitem. Aqui á instancia de seu parente Duarte Rezende escreveo aquelle grande Dialogo Moral, a que deu o titulo de Rhopica Pneuma, obra digna de tamanho homem, e de seculo taõ feliz, e só com esta expressãõ he que posso dignamente exprimir as altas doutrinas, e os saudaveis remedios, que applica esta obra para a conservaçaõ da saude publica. Foy taõ grande a estimaçaõ, que este livro soube conciliar nos sabios Estrangeiros, que o insigne Luiz Vives se vio obrigado a dedicarlhe por este respeito o seu Tratado Exercitationes animi in Deum, em cuja Dedicatoria teve o seu engenho a felicidade de poder descobrir o elogio mais proprio ás letras deste grande Portuguez. Quebrou o Senhor o arco da sua justia indignaçãõ, extinguindo o contagio, e voltou João de Barros para a Corte. Como os seus merecimentos por singulares eraõ continuos despertadores da rectidaõ de ElRey, foy logo provido de proprieda.le no emprego de Feitor da Casa de India, e Mina, que hoje, bem que com menos privilegio, que antigamente, corresponde ao de Provedor. He me preciso confessar aqui, que o meu talento naõ chega a descobrir expressõens proporcionadas, para fallar digna-

dignamente da actividade, vigilancia, e zelo deste incomparavel *Varaõ* no tempo, em que servio este officio, da sua fidelidade; o que unicamente sey dizer he, que sempre viveo para a honra, vivendo em pobreza. Neste lugar servia *João de Barros a Patria*, quando *ElRey Dom João o III.* ambicioso da gloria de extender a sua *Monarquia*, e de utilizar os seus *Vassallos*, determinou mandar povoar a *Provincia do Brasil*, para o que a dividio em *Capitanias*, seguindo aos *Reys* seus *Predecessores*, quando fizeraõ povoar as *Ilhas descobertas no mar Oceano*. Pedio *João de Barros a ElRey* huma destas *Capitanias*, e logo lhe fez mercê da do *Maranhão*, de juro, e herdade. Para esta feritissima porção do *Novo mundo* enviou a dous filhos seus na companhia de *Ayres da Cunha*, que hia por *Capitaõ* de dez navios, *Armada* a mais consideravel, que até entãõ surcara aquelles mares. As pouco bem fundadas idéas do *Gabinete* fizeraõ com que se malograssse a empresa desta nova *Companhia*, para o que concorreo muito a fatalidade de hum lastimoso naufragio, em que *João de Barros* perdeu taõ consideravel cabedal, que ficou attenuada a substancia da sua *Casa*. Esta he a parte mais importante deste breve elogio; porém como conheço a qualidade da minha penna, passo em silencio pela rara constancia, com que este *Varaõ* superior ás commuas, e naturaes paixoens de homem, soffreo esta fatalidade; mas para dar alguma prova do raro socego do seu animo, direy, que depois que os mares possuirãõ a sua fazenda, entrou logo na altissima idéa de escrever a *Historia dos milagres do nosso valor no Oriente*, querendo talvez por semelhante meyo utilizar sua *Patria* com o interesse da gloria, já que o não podera fazer com o do commercio. Offereceo-se a *ElRey* para taõ ardua empresa, que logo como sabio a approvou, e como *Prin-*
pe

pe lha agradeceo com louvores , que para terem os premios mais distinctos , naõ he preciso , que a Magestade seja liberal delles. Feito já o desenho na Chronica do Emperador Clarimundo , lançou logo a primeira pedra neste magestoso edificio da gloria Portugueza , que continuou , e com mais brevidade poderiaõ as Naçoens estranhas ler na primeira Decada as nossas excellencias , se outras obras lho naõ interrompessẽ , para as quaes o chamava o zelo da honra de Deos , e da utilidade da Patria ; virtudes , que em outra idade formaraõ o caracter de hum verdadeiro Portuguez. Escreveo neste tempo os Opusculos do Dialogo da viciosa vergonha , e da Grammatica Portugueza ; livros ambos de inextimavel valor , e de summo proveito ; porque o primeiro he taõ especifico para o uso dos meninos , que principiaõ a ler , que se delle usassem os desta idade , durar-lhes-hia por mais tempo a sua innocencia , bebendo igualmente nos elementos das letras leite mais puro ; e o segundo he taõ instructivo , que ainda se naõ soube encarecer a utilidade de que servio á Patria , e ao Ceo na conquista Evangelica dos Paravás na costa da Pescaria. Interromperaõ (como disse) mas naõ fizeraõ estas obras esquecer a principal da nossa Historia do Oriente ; porque no anno de 1552. imprimio a primeira Parte das suas Decadas , e logo no seguinte , a segunda , dilatando-se a terceira até o anno de 1563. Esta he aquella divina Historia , que tem occupado de justa admiracão mais de dous seculos , e continuará esta em quanto no mundo se tributarem cultos nos altares das sciencias. Estes saõ aquelles Annaes , que sempre tiveraõ o lugar mais digno nas publicas livrarias de Europa , e que os sabios Estrangeiros daquelles paizes , donde as letras naõ andaõ fugitivas , traduziraõ fielmente nos seus idiomas , invejando , que naõ fosse seu nacional

cional hum Author de veridade tão pura, como a elegancia, e linguagem, com que escreveo. Agora estava eu para dar fim a esta Dedicatoria, assim porque me não cabem as virtudes de tamanbo homem em carta tão breve (o mesmo fora em larga escritura) como porque sobra já o que digo, para ter provado, que justissimamente devia eu só buscar para Mecenas desta minha Arte a quem procede do Grande Joaõ de Barros, aquelle insigne fundador de todos os bons estudos, e sublime mestre em tudo o que escreveo. Porém para mais bem estabelecida vaidade desta minha escolba, e para não occultar ao mundo os claros beneficios, com que a Providencia quiz fazer veneravel o Appellido de V. m. continuo gostoso a discorrer com penna succinta em outros Heroes da sua Familia, celebres nos Fastos do valor, não menos das virtudes. Principiando pelas armas, devo dizer, que na Casa de V. m. foraõ tão doutas as espadas, como valerosas as pennas. Para testimunho irrefragavel desta verdade, lembrarme-hey de Francisco de Barros de Paiva, Varaõ benemerito da Patria, e de fama sempre viva. Foyeste Fidalgo hum dos filbos, a quem mais estimou, e distinguio a heroicidade, porque o generoso sangue, que lhe corria nas vevas, o ornou de valor, e virtudes, que o faziaõ grande entre os mayores Capitães daquella feliz idade, em que floreceo. Como vivia naquelle seculo da honra, quiz distinguir-se pelas acçoens militares, e passou ao Estado da India, para ser digno assumpto da insigne penna de seu grande parente Joaõ de Barros. Neste theatro da gloria Portugueza obrou acçoens memoraveis, não sendo das menos importantes o valor, e disciplina, com que sendo mandado impedir em Cranganor o passo ao Camorí, o destrubio com golpes tão pezados, que a grandeza do estrago só se podia comparar pela do valor deste Capitão

Enfu

Enfurecido o Barbaro com a perda, e vergonha, que padecera, buscou animoso o seu despique: tentou segunda vez o passo; porém segunda vez com igual perda, e vergonha experimentou a difficuldade, porque buscou o asylo da fugida, levando em poucos companheiros testemunhas, que sobrraõ para a sua deshonra. Outros iguaes argumentos do heroico valor deste Capitaõ nos daõ às acçoens, que obrou contra o Rey de Patane, as quaes mais perpetuadas estaõ na memoria daquelles Barbaros, que nas Memorias das nossas pennas. Persuadido o Grande Dom Estevaõ da Gama, que ElRey de Patane talvez intentava insultar o respeito do Estado, para castigar pezadamente huma tal ousadia, enviou a Francisco de Barros em hum navio com vinte Portuguezes. Fez-se este Capitaõ na direitura daquella barra, e naõ lhe retardou o tempo dar provas do seu valor; porque logo o veyo buscar Tuã Mahomed com quatrocentas vélas, que commandava. Voou logo Francisco de Barros a investillo, e peleijou com hum tal esforço, que só aos nossos naõ pareceo incrível. Delle foraõ tantas as testemunhas, quantos foraõ aquelles, que se lhe oppozeraõ, dos quaes poucos salvaraõ as vidas, como nos testifica a nossa Historia Oriental. Para ser mais gloriosa a victoria, attendendo os poucos inimigos, que restavaõ, mais á vida, que á honra, fugiraõ, aconselhados do medo: e naõ querendo muitos dos nossos perder a fama deste dia, persuadirãõ prudentes a Francisco de Barros, que se retirasse para terra; porém elle lembrado mais das obrigaçoens do seu sangue, que dos dictames da prudencia, desprezou o conselho, de que procedeo verse taõ desamparado dos seus, que unicamente o ficaraõ acompanhando Joaõ Ferreira, e Sebastiaõ Nunes, dous valentes soldados, que celebraõ nossas Historias. Com estes companheiros ficou esperan-

do

do pelo poder todo do inimigo; até que sendo por elles dissuadido, se vio obrigado a lançar fogo á náó, e salvaram-se em hum batel com a artelbaria. Sabido dos nossos este successo, mandou-se Henrique Mendes de Vasconcellos a buscallos, e nesta vinda deu Francisco de Barros huma tal prova do seu valor, que só ella pode fazer, com que não fosse singular a que agora acabey de referir. Deu sobre elles improvisamente hum consideravel numero de inimigos, que vinhaõ com artelbaria, e outros instrumentos de fogo. Não se affustou Francisco de Barros com tão grande numero, e menos se desanimou com as poucas forças, com que se achava para lhe resistir, pois não passavaõ de dezaseis companheiros, porque pezava a quantidade dos barbaros com a qualidade do seu esforço. Accendeo-se huma furiosa peleja, em que os inimigos, ou como valerosos, ou desconfiados da acção, faziaõ por merecer a victoria. Acabaraõ as vidas quasi todos os nossos, e de huma flecha venenosa cabio sem sentidos Henrique Mendes. Nesta occasiaõ he que subio ao mayor gráo o heroico valor de Francisco de Barros; porque attendendo ao risco evidente, em que estava a gloria da sua Patria, e a do seu Appellido, peleijou acompanhado somente de tres homens, como quem para vencer não esperava soccorro, sustentou toda a impetuosa força do inimigo, correndo-lhe já das feridas copioso sangue; até que a mayor parte dos barbaros, ou desenganados, ou confusos com este milagre do valor, fugiraõ precipitadamente com o seu Capitaõ Ericatim, querendo antes experimentar a vergonha, que a morte. Para testimunbarem esta gloriosissima acção trouxe a muitos prisioneiros, concedendo-lhes a vida, para fazerem immortal a da sua fama. Este illustre Capitaõ certamente me dava largo campo para discurrer: porém como não escrevo a su

Historia, passarey por outras gloriosas acçoens, em que igualmente deixou na posteridade respeitado o seu nome, considerando, que ellas vivem nos nossos Fastos Orientaes escritas por pennas tanto mais fieis, quanto mais elegantes. Por isso nada direy do que obrou sendo Capitaõ da Fortaleza de Maluco, nomeado pelo Governador Francisco Barreto na occasião, em que o Idalcaõ affrontado dos grandes damnos, que os nossos lhe faziaõ pela costa, determinou proseguir na guerra de Goa. Nada direy do que tambem obrou em Africa, sendo Capitaõ em Mazagaõ, vencendo tantas vezes aos Mouros de Azamor, que nunca estes poderaõ ver o rosto á fortuna. Por não fazer huma narraçaõ prolixa, deixarey em silencio outras acçoens deste grande Soldado, e passarey a dizer alguma cousa de Diogo de Barros, Cavalhero, a quem animaraõ os espiritos de Cesar, e Cataõ; porque houve nelle tanto zelo, e prudencia, como valor, e disciplina. Contava-se a este Fidalgo no seu tempo entre os da primeira authoridade, porque além de Vedor da Fazenda do Algarve, e de Conselheiro dos Senhores Reys Dom João II. e Dom Manoel, foy o primeiro Adail mór, que houve neste Reino, posto, que naquella idade era summamente authorizado, e pedido. Desejava com ardor catholico ElRey Dom Affonso V. resgatar os ossos de seu Tio o Infante Dom Fernando, Principe de fama sempre veneravel nos Annaes da Igreja; porque soffreo tormentos taõ incriveis nas masmorras de Fez, que com a coroa do seu martyrio coroou as glorias da Religiaõ. Para negocio taõ arduo, como importante pedia-se hum Cavalhero, que nas suas virtudes estivesse o desempenho, e dado que no Reino havia muitos de distinctas qualidades, conhecia-se Diogo de Barros como grande entre os mayores. Foy logo nomeado, e partindo para Fez, entrou a prati-

gar os meyoſ de conseguir eſte negocio. Todos ſe frust-
traraõ, porque a avarenta barbaridade do Principe,
com quem ſe negociava, não os attendia. Vohou Diogo
de Barros para o Reino, e informando a ElRey do que
ſuccedera, paſſou ſegunda vez a Africa, levando no-
vos partidos; porẽm o Barbaro firme na primeira re-
poſta, que dera, desprezou todo o ajuste. Voltando ao
Reino outra vez Diogo de Barros com eſta repoſta, o
tornou a mandar ElRey. com o partido de dar pelos of-
ſos do Santo Infante as duas mulheres, e filha de Mul-
ley Xeque. Facilmente com eſta troca condeſcendeo o
Barbaro; e foraõ as reliquias entregues a Diogo de
Barros, encerradas em hum caixaõ, com as quaes vol-
tou para Lisboa no anno de 1472., onde foraõ recebidas
com prociffaõ taõ ſolemne, que nella canonizou o povo
as heroicas virtudes do ſeu Principe, o que o Ceo ap-
provou com multiplicados prodigios.

Com eſtes, e outros immortaes Varoens, como
foraõ Valentim de Barros, e Antonio de Barros, e ou-
tros, de que fazem mençaõ os noſſos Faſtos Orientaes,
ſe illuſtra altamente o Appellido de Barros; porẽm co-
mo ſem as virtudes apenas merece a gloria humana o
nome de ſombra vã, veremos agora a Casa de V.m. or-
nada com huns Varoens de vida taõ perfeita, que a me-
moria de huns ainda edifica os Clauſtros, e a de outros
ennobrece as Mitras. Seja o primeiro Gonçalo Dias de
Barros, gloria não vulgar da Congregaçaõ de S. Joaõ
Evangeliſta, Varaõ de virtudes taõ heroicamente ſu-
blimes, que ſó dellas póde dignamente fallar o Santiffi-
mo Oraculo do Vaticano. Foy eſte grande Religioſo deſ-
de a ſua primeira idade, e até no tempo em que era Ab-
bade de Calvellos, o eſcandalo do vicio; depois foy a
edificaçaõ das virtudes; porque miſſionando na ſua Pa-
roquia o Veneravel Martim Affonſo, Fundador dos
Cone

Conegos Seculares de S. João Evangelista neste Reino, de tal modo se aclarou com as luzes da Evangelica doutrina deste santo Varaõ, que repartindo tudo quanto possuia pelos pobres, determinou tomar a murça da mesma Congregação no Mosteiro de Villar de Frades. Depois que entrou neste santo Claustro, delle fez sepultura para viver, esquecendo-se inteiramente das fortes razoens do sangue, e da amizade; porque em quanto viveo neste Convento, nunca quiz fallar a amigos, e menos a parentes. Pelo espaço de dez annos, em que nelle viveo, cingio sempre hum cilicio taõ aspero, como se fora insensivel seu corpo. Os acoutes, com que este purgava as suas sensualidades, eraõ taõ frequentes, e pezados, que a penitencia parecia vingança. Só as brevissimas horas do sono lhe naõ conbeciaõ o Coro por Cella: praticava com o sustento preciso de seu corpo huma taõ santa avareza, que se tinha por milagre a sua vida, muito mais vendo-se os diversos modos, com que procurava fazer muy amargosa a comida. O pranto, com que lavava as feyas manchas de suas culpas, era taõ copioso, e continuo, que bastará dizer, que por causa delle chegou totalmente a perder a luz dos olhos. No admiravel exercicio destas asperas penitencias, e de todas as virtudes heroicas, cuja descripção naõ cabe em breve papel, passou este Veneravel Padre o largo espaço de dezaseis annos, quando a bondade Divina, querendo premiarylhe na Patria verdadeira os seus justos merecimentos, lhe deu huma penosa enfermidade, da qual, recebidos com summa piedade os Sacramentos da mão de seu Fundador, acabou a vida mortal para gozar da eterna, cuja morte com perpetua saudade da sua Congregação succedeo em 18. de de Abril de 1461.

Continuarey a memoria gloriosa do Veneravel

Gonçalo Dias de Barros na pessoa de Alvaro de Barros, que nas raras virtudes, com que se distinguio, soube ser duas vezes filho de taõ virtuoso Pay. Educado na exemplar escola do Veneravel Mestre Joaõ, Bispo de Viseo, e principal Fundador dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evãgelista neste Reino, como desta sagrada Familia era especial devoto, e bemfeitor, renunciada huma Igreja, em que fora provido, pediu a murça desta Religiaõ, que logo lhe foy concedida, porque se vio nelle huma perfeita imagem de seu Pay Gonçalo Dias de Barros, gloria distincta desta Congregaçãõ. Ella foy o crisol, em que este Varaõ purificou o ouro das suas virtudes, fazendo-se nellas taõ admiravel, que era o espelho a que os outros se compunhaõ. Foy fervoroso na oraçaõ, cego na obediencia, ardente na caridade, austero nas penitencias, e exemplar em tudo, como prova com verdade, e elegancia o Padre Santa Maria na sua Chronica, fazendo ás virtudes deste Varaõ o digno elogio.

Porém já he tempo de fazer distincta memoria daquelle grande homem, que com differença notavel entre todos, faz mais veneravel o Appellido de Barros; aquelle Varaõ inimitavel, copia de perfeitos Prelados, Dom Frey Braz de Barros primeiro Bispo de Leiria, e honra immortal da Ordem de S. Jeronymo neste Reino. Nasceo este Prelado na augusta Braga, sendo filho de Valentim de Barros, Senhor do morgado da Moreira. Educado naquellas maximas, que foraõ os alicerses, em que depois fundou o edificio das suas virtudes; entrou nos estudos; e como a natureza o dotará com maõ liberal de profundo talento, logo foy inveja de buns, e veneraçãõ de outros. Ambiciosas as virtudes de colherem frutos maduros nos verdes annos deste Cavalhero, lhe inspiraraõ, que abraçasse o santo Instituto

tituto da Ordem de S. Jeronymo. Respondeo a obediencia á inspiração; porque recebo o habito desta exemplar Familia no Mosteiro de Penha Longa. Desejoso de servir a sua Religião tanto nas virtudes, como nas sciencias, pediu licença ao Prelado para hir na companhia de Fr. Diogo de Murcia applicarse aos estudos dignos da sua profissão na celebre Universidade de Lovanha. Nella se applicou á alta especulação da Theologia, em que depois sabio taõ consumado, que ouvia os primeiros louvores dos primeiros sabios daquella Universidade. Verdadeiramente tanto se distinguio nesta divina sciencia, que no seu tempo não se conheceo quem melhor soubesse correr o véo ao Santuario da Theologia, nem interpretar com mais profundidade os seus altos mysterios. Voltou para a Patria, e logo El Rey Dom João o III. informado das consumadas letras, como já o era das virtudes, deste Religioso, o nomeou Reformador dos Conegos Regulares de Santo Agostinho neste Reino, nos quaes a desigualdade dos seculos esfriara o primeiro ardor. Aceitou Frey Braz de Barros esta nomeação, porque as suas virtudes o approvarão, e em 13. de Outubro de 1527. no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra deu principio a este importantissimo negocio, em que obrou taes cousas, que aquelles Religiosos mais lhe obedeciaõ como a Pay, que Reformador. Ainda em saudosa tradiçãõ vive a memoria deste Prelado nos Conventos de Santa Cruz de Coimbra, S. Salvador de Grijó, e S. Vicente de Fóra; porque ainda vive o suavissimo modo, e saudaveis documentos com que de novo os fundou, para nelles habitar a sua primitiva virtude, cujo beneficio experimentou igualmente a exemplar Ordem da Santissima Trindade deste Reino, sendo della Reformador. A piedosa instancia do zeloso espirito de El Rey Dom João III. erigira a Santidade

de

de Paulo III. em Cathedral a Igreja de Leiria; e como as conhecidas virtudes, e profundas letras de Frey Braz de Barros estavaõ gravando a grande rectidão daquelle Principe, achando occasião opportuna, o nomeou Bispo daquelle nova Sé, dignidade, que aceitou mais aconselhado pelo zelo da salvação das almas, que pela vulgar ambição das honras. Nesta Igreja presidio alguns tempos, até que não podendo supportar o seu escrupuloso espirito tamanho pezo, determinou renunciar a Mitra, como fez, nas mãos de ElRey, que como virtuoso lhe aceitou a renuncia, podendo, como tal, igualmente negarlha. Desprezado o Palacio Episcopal pela humilde Cella de Religioso, para fugir totalmente ao perigoso labyrintho da Corte, que tanto o respeitava, buscou o Convento de Valbemfeito, e delle passou para o da Penã, onde se perfitou. Esta acção taõ exemplar he a parte mais importante da vida deste Prelado, e com occasião taõ opportuna bem desejava eu dilatar-me nesta parte no seu elogio; porém nem o estylo, que sigo, o soffre, nem a inflexivel critica, que tanto domina. He preciso pois involver no silencio as altas virtudes, com que este Prelado exaltou mais o seu elevado caracter, quando se recolheo a viver neste Mosteiro; porém bastará talvez dizer, que o servia de modo, como se ainda estivesse no Noviciado, e que era taõ frequente no Coro, como em todos os actos de Religião, dos quaes se não queria isentar, como obedientissimo filho. Entre a continua pratica destas, e de outras virtudes infinitas, accommetteo a morte a este grande Prelado; mas como já em vida se reputava morto, não a temeo; antes fortalecido com as suas acçoens virtuosas esperou o horrivel combate com taõ catholica confiança, que piamente me persuado, que no dia 31. de Março de 1559. voou o seu espirito a ser celestial Cidadão da Patria do descanso.

Estes

Estes são desenhados em breve papel os principaes Varoens , que fazem mais illustre o Appellido de Barros : podera tratar de outros ; porém temo , que a critica severa me argua de que tomey em huma Dedicatória a liberdade , que soffre a Historia. Elles vivem nas nossas Memorias , e viviraõ animados da eternidade da sua fama , por isso dou fim a esta Carta , e satisfeito de ter mostrado com ella ou o meu agradecimento , ou a propriedade da minha escolha , quando fosse eleição , o que he divida , não faço mais que rogar ao Senhor Lopo de Barros na pessoa de V. m. que me faça a justiça de crer , que sou de sua Casa tão parcial , como devedor , e que me aceite este obsequio attendendo mais para a minha preciza obrigação , que para a sua innata modestia. Deos guarde a V. m. muitos annos. Lisboa , 23. de Novembro de 1748.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

1000

PROLOGO.

LEitor: Sahe finalmente a publico huma *Arte Poetica*, escrita no nosso idioma, que talvez ha muito desejaras, se entrases no numero daquelles poucos, que desejaõ o adiantamento, e reformaçãõ nos estudos. Confesso-te com ingenuidade, que eu não teria em mim o cabedal preciso para tamanha obra, se acaso desde os meus primeiros annos não tivesse ajuntado muitos livros da faculdade Poetica, e lido com aquella reflexãõ, que cabe no meu entendimento. Estimulado de amigos, que falsamente me suppunhaõ bom architecto para este grande edificio, dey-lhe principio, mas com pouco ardor; porque já a idade me leva para outros estudos, até que li huns livros Portuguezes, impressos fóra, intitulados: *Verdadeiro Methodo de estudar, &c.* Vi, que nesta obra se queixava justissimamente o seu Author, de que aos Portuguezes, para serem bons Poetas, lhes faltava huma Arte, a que verdadeiramente se podesse chamar Poetica; entãõ continuey na minha empreza com algum fervor, e estudo, como poderás ver, se quizeres. Não entendas, que entãõ me levou a presumpçaõ, de que com esta Arte não haveria para o futuro quem censurasse a Portugal nesta parte, e que com ella conseguiria fazer bons Poetas. O que me levou, foy a consideraçãõ, de que entre nós não havia livro algum impresso, nem ouvi, que manufacto, sobre esta materia, e só algumas Artes metricas,

ou verificatorias. Como havia destas, e tão triviaes, como são as de Borrallho, Villa Real, e Rengifo, por isso me empenhey em tratar do que he poetico, como cousa ainda não escrita no nosso idioma, deixando de fallar do metrico, como cousa que raros ignorão; e se esperavas pelo contrario, entendendo, que nella acharias hum copioso rhimario de consoantes, enganastes-te; porque não tenho paciencia para gastar inutilmente o tempo em discorrer no que já tantos tem dito, e he tão facil de perceber. O que eu te poderey fazer para este fim, he darte a ler brevemente hum *Diccionario Poetico para o uso da Poesia vulgar*, em que acharás synonymos, epithetos, e frases poeticas para os nomes proprios, e outros dos que são mais usuaes na Poesia: porém primeiro que tudo publicarey (porque já tem as licenças dos Tribunaes) a segunda parte desta Arte com o titulo de *Cartas Poeticas, nas quaes discorrendo-se sobre algumas particularidades da Poesia, e fazendo-se juizo sobre diversos Authores, se continua o assumpto da Arte Poetica, &c.* Tudo isto faço para o uso do Poeta principiante. Eu bem conheço os frutos, que pôde produzir o meu campo; porém occupo-me por fugir á ociosidade; e escrevo, em quanto os que são capazes se não resolvem a instruir a mocidade Portugueza nos estudos, em que não tem livros no seu idioma, que lhe dê os preceitos, que he toda a minha paixão dominante; e por isso he que publiquey o *Secretario Portuguez*, e o *Methodo breve, e facil para estudar a Historia Portugueza, &c.* Agora o que me resta, he que em lugar de tal qual agradecimento, ouça satyras, como já tenho ouvido; porque entre nós he o fruto, que responde á agricultura dos estudiosos, que empregão o tempo em alguma utilidade dos seus naturaes. Dize o que quizeres, que por mais que faças, nunca me poderás tirar

tirar a gloria de ser o primeiro , que fayo a publico com
semelhantes assumptos , cuja justiça me haõ de fazer os
verdadeiros fabios, e amantes da Patria. Igualmente naõ
temo o testemunho , que me levantares , chamando-me
satyrico , a respeito de censurar a muitos Poetas da pri-
meira classe : chama o que quizeres; que tambem os ver-
dadeiros fabios , e amantes da verdade me haõ de defen-
der , e louvar , por seguir a opiniaõ de *Nullius addictus
jurare in verba Magistrum*. Sigo a verdade, e a razaõ, pri-
meiro que a authoridade ; porẽm ainda que seja hum
Critico mais abortivo , que judicioso , tal qual sou *Non
sum ex judicibus severissimis , qui omnia ad exactam
regulam redigam. Multa donanda ingenis puto ; sed
donanda vitia , non portenta sunt* ; como dizia Sene-
ca no liv. 5. *Controv.* He verdade , que censuro muitos lu-
gares de Poetas de grande nome ; mas igualmente he
certo , que com estes mesmos Poetas provo as minhas
doutrinas , louvando-os naquella parte , em que saõ di-
gnos de imitaçaõ ; no que me parece que naõ devo me-
recer o nome de satyrico Muy facilmente me poderey
enganar nestes meus juizos , naõ chegando a correr o véo
á verdade. Se naõ consigo isto por ignorancia , rogo ao
leitor prudente , que ou me perdoe , ou me emende ;
que eu naõ pretendo mais que a utilidade , e instrucçaõ
da mocidade Portugueza , para quem unicamente escre-
vo. Porẽm se se achar , que as regras , que expendo, saõ
conformes á razaõ , e bem provadas com authoridades
classicas , faça-se-me a justiça , que merecer ; e emende-
se cada hum daqui para diante ; que tomara eu ingenua-
mente poder fazer o mesmo aos muitos vicios poeticos,
de que estaõ cheyas as poesias dos meus primeiros annos,
e ainda dos mais adultos. Porẽm naõ sey se encontrarey
nos outros esta ingenuidade ; porque os nossos engenhos
tem tanto de felices , como de contumazes , e enten-

tem, que pretender enfiarlos he hum ponto, que offende a honra, principalmente se o que dá os preceitos não he Escritor de authoridade, e respeito. Não te quero cançar mais com este Prologo; porque desejo, que occupes o tempo ná leitura do livro; e fico esperando pelo modo, com que recibes o hospede; e seja a primeira attençaõ emendar ellas erratas; como couza, que não se póde evitar em huma Officina, ainda havendo o mayor cuidado.

ERRATAS.

Pag. 21. lin. 17. tanta opiniaõ,
 pag. 23. lin. 17. dos primeiros,
 pag. 26. lin. 15. aos olhos lhes parece,
 pag. 39. lin. 1.^o. nenhum,
 pag. 40. lin. 1. remulgens,
 pag. 41. lin. 17. pateant.
 pag. 41. l. n. antepenult. formos,
 pag. 95. lin. 13. accipit.
 pag. 9. lin. 23. formas.
 pag. 94. lin. 13. males,
 ibid. undas,
 pag. 117. lin. 3. Can o,
 pag. 129. l. n. ult. Illum ô,
 pag. 154. lin. 2. madu-
 pag. 158. lin. 11. Escri or,
 pag. 171. lin. 30. rerum omen.
 pag. 193. lin. 8. movem,
 pag. 197. lin. nem huma, e outra,
 pag. 221. numero. 211.
 pag. 282. lin. 7. juri sermonis,
 pag. 289. lin. 19. parecerem,
 pag. 312. lin. 13. intelligivel,
 pag. 319. lin. 1 que lhe
 pag. 347. lin. antepenult.
 pag. 349. lin. penultim. canaço,
 pag. 370. lin. 9. ufasse,
 pag. 380. lin. 23. quisque,

EMENDAS.

tantas opinioens.
 os primeiros.
 aos olhos parece.
 nem hum.
 remulecens.
 pateat.
 sonhos.
 accipit.
 plumas.
 malas.
 undis.
 Caero.
 Ille &
 maduro.
 Escritor.
 rarum omen.
 move
 nem huma, nem outra.
 221.
 juri sermonis.
 parecer.
 intelligiveis.
 que se lhe.
 Juvenal Satyra 7.
 canaço.
 ufassem.
 quiquis.

PRIVILEGIO.

DOm Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, dâquem, e dâlem mar, em Africa Senhor de Guiné, &c. Faço saber, que Francisco Joseph Freire, me representou por sua petição, que elle se achava imprimindo com licença minha o livro intitulado *Arte Poetica, primeira, e segunda parte*, em a qual composição tivera grande trabalho, e agora na tua impressão fazia consideravel despeza; e que para a refarcir, me pedia lhe fizesse mercê concederlhe Privilegio por tempo de dez annos na fôrma costumada: e visto o que allegou, informação que se houve pelo Corregedor do Cível da Cidade, Joseph Pereira de Moura, e resposta do Procurador de minha Coroa, a que se deu vista, e não teve duvida: Hey por bem fazer mercê ao supplicante de lhe conceder o Privilegio, de que trata, por tempo de dez annos, para que durante elles, nenhuma outra pessoa, de qualquer qualidade que seja, possa imprimir, vender, nem mandar vir de fôra do Reino os livros referidos; sem licença do supplicante, pena de lhe serem tomados todos os volumes, que lhe forem achados, para o mesmo supplicante, e de pagar cincoenta cruzados, metade para o accusador, e outra metade para a minha Camera Real; e esta Provisão se cumprirá como nella se contém, e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação, livro segundo, titulo quarenta em contrario: de que se pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregarão ao Thesoureiro delles a fol. 72. vers. do livro 4 de sua Receita, como se vio do conhecimento em fôrma registado no livro 3. do Registo geral a fol. 334. vers. El Rey nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pelos Doutores Fernando Pires Mouraõ, e Ignacio da Costa Quintella, ambos do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço. Antonio da Fonseca a fez em Lisboa a dous de Novembro de mil setecentos quarenta e oito. Desta duzentos reis. Antonio Pedro Vergolino a fez escrever.

Fernando Pires Mouraõ. Doutor Ignacio da Costa Quintella.

Por resolução de S. Magestade de 2 de Outubro de 1748,
em Conselho do Desembargo do Paço.

PRIVILEGIO

Joseph Vaz de Carvalho.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes trezentos e quatorze reis. Lisboa 5 de Novembro de 1748.

Dom Miguel Maldonado.

Registada na Chancellaria mór da Corte, e Reino no livro de officios, e merces a fol. 6. veri. Lisboa 5 de Novembro de 1748.

Francisco Joseph de Sá.

LICEN.

L I C E N Ç A S .

D O S . O F F I C I O .

Censura do M. R. P. Mestre Paulo Amaro da Sagrada Companhia de Jesus, Qualificador do Santo Officio, &c.

E M I N E N T I S S I M O S E N H O R .

V I por Ordem de Vossa Eminencia a Arte Poetica Portugueza, composta por Francisco Joseph Freire, que por meyo da estampa se pretende dar á luz: e como sou obrigado a dizer o que sinto, não posso deixar de confessar, que o Author com esta sua obra augmenta incomparavelmente o grande nome, que na Republica literaria lhe tem justissimamente adquirido outras obras suas já dadas ao publico por beneficio do prélo; porque nesta dá claramente a conhecer o laborioso de seus estudos, o vasto da sua erudição, o maduro do seu juizo na eleição das opinioens mais bem fundadas, o agudo do seu engenho em penetrar, e expor os sentimentos mais próprios dos Poetas, o indifferente, e desapassionado do seu animo, com que igualmente louva o bom; propondo-o para a imitação, e censura o que o não hé, para que o evitem os estudiosos desta Arte, a quem instrue com tal magisterio, com termos tão próprios, e tão perceptíveis, que sem outro estudo, praticados os préceitos, que prescreve, se poderá formar hum consummado Poeta em qualquer das especies de Poesia, que ensina. Nem he menos admiravel o Author, pelo claro, fluido, e desembaraçado de seu estylo, sem
a me-

a menor affectação, attrahindo, e recreando igualmente ao leitor pela doutrina, que dá, e pelo modo com que a insinua, podendo-se dizer delle com toda a verdade o que de Fabiano disse Seneca (Epistol. 100.) *Electa verba sunt, non captata, nec hujus sæculi more contra naturam suam posita, & inversa, splendida tamen, quamvis sumantur è medio; sensus honestos, & magnificos habent, non coactos in sententiam, sed latius ductos.* Sendo pois esta obra tão util ao publico pela materia, tão excellente pela forma, e não contendo, como não contém, cousa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, a julgo dignissima da licença, que se pede. V. Eminencia mandarà o que for servido. Lisboa; Casa Professa de S. Roque, 6. de Dezembro de 1747.

Paulo Amaro.

Censura do M. R. P. Mestre Fr. Jeronymo de Mesquita da Sagrada Ordem dos Pregadores, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

M Anda me V. Eminencia ver a *Arte Poetica Portuguesa*, composta por Francisco Joseph Freire, Ulyssiponense, e que sobre ella interponha o meu parecer. E ainda que se me podia figurar ardua a obediencia no exercicio de censor, confesso, que se trocou o receyo em gosto ao ler obra tão digna do elevado engenho do seu Author. He a Poesia huma Arte tão nobre, que reconhecendo a Deos por seu primeiro Professor, quando

do com o elegantissimo verso (no sentir de Santo Agostinho) compoz todo este mundo , foy sempre nas divinas , e humanas letras applaudida com immortaes elogios , dos quaes se faz juntamente benemerito este fabio Compositor , que sendo no nosso Portugal o primeiro , que descobrio com a sua vasta erudição novo methodo á Poesia , deixa á posteridade em cada rasgo hum exemplo , e huma admiração em cada letra.

Com estylo claro , proprio , e facultativo , conciliando diversas opinioens , diz conciso o mais opportuno para o intento , qualificando o que ensina com os melhores Authores Classicos , que em taõ fecunda materia tem escrito , e comprehendendo o mais selecto delles , sobre os seus dictames sóbe tanto de ponto o magisterio com que falla , que averiguada , e desentranhada a verdade sem o risco de arguida , lhes dá novos realces nas bem advertidas reflexoens , com que por admiravel , e perceptivel ordem prescreve as leys , e preceitos mais acertados para se observar ainda os mesmos apices , de que dependem desta divina Arte os ultimos primores.

Aspira o Author por affecto á Nação ao alto fim de que a mocidade Portugueza , sem mendigar instrucçoens de mestres estranhos , tenha no Reino proprio neste suave , e facil methodo , com que instrue , hum estimulo para inclinar-se ao nobre , util , e deleitavel exercicio da Poesia , como tambem para que na pratica dos sabios documentos , que aponta , se constitua facilmente perfeita na cultura de taõ illustre faculdade ; e me parece , que deve a mesma Portugueza mocidade render mil vezes as graças á sua fadiga ; pois estimulando a sua innata propensão para o metro , lhe allegura com a sua doutrina os acertos , como com os seus escritos authoriza a Patria.

A huns engenhos favorece huma Musa , a outros

§§§§

tros duas; e finalmente cada hum abunda no seu sentido; porém o singular engenho do Author, sendo em todos os sentidos copioso, e affluente, faz crível, que nelle reside, como em seu centro, aquella celebrada pedra Achates, de quem disse o Naturalista, que logra todas as Musas no interior de suas vevas; e se os Mythologicos sempre crerão, que influirão as Musas os conceitos mais discretos aos seus alumnos, sem duvida que as Musas todas inspirarão ao Author os mais discretos conceitos, para formar nesta sua Arte Poetica hum Parnaso.

Vinculando pois a admiração as evidencias do exame, que agora faço neste livro ás noticias, que já tinha anticipadas do nome do seu Author, não posso deixar de dizer aquillo mesmo, que em occasião semelhante disse Plinio: *Magna Authorem nostrum fama precesserat, maior tamen inventus est.* He o Author mayor, que a sua mesma fama, e esta sua obra mayor, que todo o elogio. Este he o meu sentir, V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, no Real Convento de S. Domingos, 2. de Janeiro de 1748.

Fr. Feronimo de Mesquita.

Vistas as informaçoes, póde imprimirse o livro de que se trata; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 9. de Janeiro de 1748.

Fr. R. Alancastro. Silva. Abreu. Almeida.

DO ORDINARIO.

Censura de Ignacio de Carvalho e Sousa, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

E Sta Arte Poetica, que V. Excellencia me ordena, que veja, e que a beneficio da impressão quer fazer publica Francisco Joseph Freire seu Author, he a primeira (sendo-nos tão preciza) que se compoz, e imprime no nosso idioma. Está ella escrita com desembaraço de mestre, e de mestre, que tão bem examinou, e com judiciosa critica tudo o que em hum, e outro idioma, vulgar, e Latino, dictaraõ assertiva, ou opinativamente os primeiros, e principaes Autores na docente Poetica, e utente.

O methodo, de que usa, he novo, e especial, para facilitar a percepção, e verdade da sua doutrina, que he o fim a que elle se dirige, e o que esta Arte ha de facilmente conseguir, mediante a ordem, com que está composta. Com os preceitos, e igualmente com os exemplos, que tambem lhe dicta, e propoem esta admiravel Arte, ha de recobrar sem duvida o seu proprio, e primitivo esplendor a dicção, ou locução poetica, a qual está tão pervertida, e contaminada, não só com a escura, e violenta organização, mas com a estranha posição dos vocabulos, e uso improprio de equivocos nas suas noçoens, que a tem transformado em sophistica. He igualmente maravilhosa na sentença, que com perspicacia poetica observou seu Author nos bem reflectidos exemplos: já se sabe, que não fallo da sentença moral; mas na que se comprehende na imitação morata;

e pathetica; e não menor louvor merece nos preceitos que dá a respeito da organização da Fabula, de que resulta a verdadeira imitação Épica, Tragica, Comica, e Lyrica.

Para melhor, e absolutamente mostrar o Author o solido da sua doutrina, faz a judiciosa critica universal aos melhores Poemas, e seus Authores em cada huma das especies poeticas; o que até aqui era singular nos que escreverão deste assumpto. Observa tão individualmente a fabula, extensaõ, intençãõ, estylo, e todas as mais partes, que constituem o corpo Epico, que sem mais critica do que esta, será não só facil, mas sem duvida alguma facilissimo o exercicio theorico, e pratico da verdadeira Poesia; motivo, porque julgo ingenuamente ser esta Arte entre as melhores, que se tem escrito, tão distincta, como magistral, e completamente poetica.

Assim he, e assim era preciso, que fosse, sendo Portuguez o seu Author, e compondo-a no presente seculo: sendo Portuguez o seu Author; porque concedido aos Portuguezes genio innato, e especial engenho para a Poesia, e Musica, com hum tal influxo, que parece dominio, como diz o Padre Scott, assim havia sobrefahir, e dominar as mais esta Arte por meyo das suas claras, e verdadeiras doutrinas: no presente seculo; porque mandando Sua Magestade, que Deos guarde, reimprimir todas as obras poeticas dos Authores Portuguezes em dous corpos separados, hum dos Latinos, outro dos Vulgares, e faltando muitos, e sendo menos os Latinos, he tão volumoso o seu corpo, que numera dezoito tomos, dos quaes já se acha impressa a mayor parte. Determinado assim este proporcionado meyo ao genio da mocidade Portugueza, para o exercicio das boas letras, pela alta prudencia de Sua Magestade,

tade, e amor aos seu vassallos, era-lhe preciza huma, Arte como esta he; para que bem instruidos os engenhos dos nossos naturaes nos preceitos da Poetica, conhecessem como os praticaraõ nas suas obras os ditos Authores, e deste modo os viessem a imitar nos seus escritos.

Naõ faça a minima duvida ser esta Arte Portugueza, para poder regular a Poesia Latina; porque a sua imitacão he a mesma, e os seus preceitos os mesmos, e sãõ diferentes os metros, sendo ainda estes diversos entre algumas naçoens; porque costumaõ ter diferente modo de metrificar. Nem faça igualmente algum reparo, naõ tratar o Autor do metro nesta sua Obra; porque judiciosamente o naõ fez; naõ sãõ por termos já impressas duas bem escritas Artes metricas, huma no principio do seculo passado, outra no do presente, mas para mostrar o ignorante abuso, com que o vulgo dos Poetas confunde a Poesia com a Versificatoria, naõ conhecendo a notavel differença, que entre huma, e outra se dá taõ recomendada dos Authores: e assim com esta estudada, e devida preterição (como escrevia da Poesia pura, e verdadeira, e naõ do instrumento della) mostra bem quanto saõ diferentes, e separaveis na sua composiçãõ a Arte Poetica da Versificatoria.

Ultima, e generosamente se faz esta Arte acreedora do mayor elogio, attendendo-se á razaõ, que teve seu Author para a compor; porque por este meyo quiz livrar a mocidade Portugueza da injuria de ser Author estranho quem a dirigisse nesta faculdade, e de haver justamente quem a censurasse de naõ ter huma Arte Poetica escrita no seu idioma. Levado Francisco Joseph Freire do amor da Patria, e do desejo de rebater esta grande soberba, e injuria, compòz logo esta Arte completamente pratica; e naõ obstante a promettida no *Verdadeiro Methodo de estudar*, tanto se

se lhe adiantou na brevidade, que se fará esta incrível a quem não conhecer o estudo particular, que tem nesta faculdade, e o quanto excede esta aos seus poucos annos, de que sou boa testemunha, pela muita pratica, que delle tenho, e ter empregado alguma applicação nas materias de que este livro trata. Não conter elle cousa alguma contra a Fé, ou bons costumes, e a razão porque foy composto, não só o fazem digno da impressão, mas de preceito especial, para que se imprima. Este he o meu parecer. V. Excellencia ordenará o que for servido. Lisboa, 20. de Janeiro de 1748.

Ignacio de Carvalho e Sousa.

Vista a informação, concedemos licença para que se possa imprimir o livro de que a petição trata, e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa, 23. de Janeiro de 1748.

D. Joseph Arcebispo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

3

Censura do M. R. P. D. Joseph Barbosa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, Examinador Synodal das tres Ordens Militares, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

S E N H O R.

M Anda-me V. Magestade, que interponha o meu parecer sobre o livro intitulado *Arte Poetica*, que compoz Francisco Joseph Freire, bem conhecido já nesta Corte pela fecundidade do seu grande engenho. Eu podia ser suspeito para este juizo, pela benevolencia que tenho experimentado sempre no seu Author; mas não servirá esta razão para que falte á obrigação de Censor. Esta *Arte Poetica* bem mostra a occupação do Author em estudos humas vezes de erudição, outras de utilidade da Patria, e huma, e outra cousa se vê neste livro; porque concebeo huma especie tão nobre, e tão alta, que satisfaz aos amigos da erudição, e aos amantes da Patria. Póde ter o Author a bem merecida gloria de ser o primeiro, que descobrio em Portugal a verdadeira fonte da Poesia: e se houve quem entendeo que tinha conseguido huma excessiva estimação no agradecimento dos homens, o que descobrio a miseravel fonte, de que nasce o Nilo, que depois de fertilizar com as suas correntes cada vez mais grossas com as de muitos rios que recebe, que sendo no juizo de alguns mais fabulosas em parte, que verdadeiras, entra por sete bocas no mar, tão soberbo, e arrogante, que se lhe dá o

titu-

titulo de Principe das aguas ; quanta mayor estimação , e quanto mayor trabalho merece o Author , pois com o seu trabalho , e com o seu estudo descobre , e poem patentes a todos as deliciosas aguas da Hypocrene , que não regaõ , como o Nilo , huma pequena parte da terra , qual he o Egypto , mas que correm universalmente cópias por todo o mundo , porque ainda entre as naçoens barbaras não falta quem faça as suas Trovas , a que injustamente se dá o nome de versos , porque sempre tem o mesmo numero de syllabas , e a mesma cadencia de versos , de que em todos os Reinos ha grande copia , especialmente em Portugal , como o vemos nas Poemas do Infante Dom Pedro , a que dou este nome em reverencia do Author , no Cancioneiro de Garcia de Resende , nas Obras de Gil Vicente , e de outros muitos , que sendo rarissimos , ainda o merecem ser mais , para que os leitores afeiçãoados á Poesia se não pervertaõ com tão máos exemplares. Agora a erudição do Author mostra aos curiosos patentes , e revelados os segredos de huma Arte , a que attribuo divindade hum dos mais discretos moradores do Parnaso. Propoem os principios certos desta Arte divina , dando os documentos de como se ha de fazer qualquer Poema , principalmente o Epico , que he a mayor , e a mais difficultosa pratica desta Arte. Discorre doutamente por todos os modos de compor versos com doutrinas solidas , e dos melhores Mestres , que escreveraõ deste assumpto : censura os erros com justiça ; não reprova como cego , mas com razão , porque de outra sorte pareceria apaixonado , e não deseioso da mayor exacção na pratica dos documentos poeticos : como igual não louva , nem condena tudo. Quem diz , que tudo o antigo he o melhor , poem-se no perigo de dizer com Aristoteles , que a historia da creação do mundo escripta por Moysés não prestava , porque affirmou com to-
da

da a vaidade da sua presumpção, que não cria o que escrevia aquelle barbaro, porque o não provava; e poderá ser que haja algum tão obstinadamente Aristotelico, que accuse ao Espirito Santo de descuido em não revelar ao Chronista sagrado algum documento, com que justificasse o que escrevia, para satisfazer á arrogante temeridade daquelle Filosofo. A antiguidade conduz muito para a veneração dos Authores: as licenças, que se chamaõ poeticas, diz Quintiliano, que no principio forão erros, que os annos com o seu decurso poeticamente approvarão. Se entrarmos no exame da Eneida de Virgilio, a quem ha mais de dezasete seculos sem contradicção venera todo o mundo, como Principe da Poesia Epica Latina, acharemos alguns descuidos não leves; mas que importaõ, se nella se estaõ lendo cousas, que merecem ser lidas de joelhos, como confessava Estacio? He tão declarado protector da verdade Francisco Joseph Freire, que se não descuida de defender ao nosso Luiz de Camoens, conhecido, e respeitado pelo Principe da Poesia heroica de Hespanha, especialmente neste seculo, em que se chegou a imprimir, que não tinha em todo o seu Poema hum verso, que se podesse ler. Quem disse tal proposição dá a entender, que nunca o leo. Em hum dos reparos mostra quem o faz, o como ignora os mysterios delicadissimos da Poesia, porque censura de summamente baixo aquelle verso: *Cujo peccado de desobediencia*, condemnando-o de frouxo, porque não conheceo a valentia daquelle expressão, fallando da desgraça de Adam, como he o *procumbit humi bos* do incomparavel Virgilio, que parecendo languido, he valentissimo pela arte, com que está feito. Quem affirma isto de Camoens, não deve de ter lido aquella imagem de Adamastor representado no Cabo da Boa Esperança, atemorizando aos Portuguezes, para não passarem

§§§§§

rem

rem aquelle formidavel Promontorio , taõ infame pelas repetidas fatalidades nelle succedidas , porque sem duvida se leffem com attençaõ aquellas Oitavas , veriaõ que se naõ escreveo cousa nem mais elevada , nem mais poetica ; e bastará para provar esta verdade , ainda que naõ a creañ os inimigos sem causa , o testemunho de Lope de Vega Carpio , que chegando ao verso 7. da Oitava 56. do Canto 5: *Naõ fiquey homem naõ , mas mudo , e quedo* , fechou o livro com a tençaõ de a acabar , e desenganado , que naõ podia , abrio o livro , e lendo : *E junto de hum penedo outro penedo* , disse sem paixãõ , que acabava de crer quem fora Camoens , lendo taõ natural , e taõ elevado conceito. Desta portentosa imagem fallando Monf. Voltaire , no juizo , que faz de Camoens no seu tratado *Essai sur la Poesie Epique* , deu como homem de justiça desinteressada , e recta esta sentença a favor do nosso Poeta , que por ser dada por Francez , merece com alguns mayor authoridade , e attençaõ , especialmente com os que dizem , que naõ teni hum verso , que se possa ler : *Jè suis persuadè que cette figure passera pour belle , & sublime dans tous les siecles , & chez toutes les Nations*. Infeliz homem que nasceo em terra taõ ingrata , que tratou de forte a hum filho dotado de hum espirito taõ grande , de hum juizo taõ maduro , e de huma sciencia taõ vasta , como a da Mythologia , da Geõgrafia , da Mathematica , e da Historia ! Vivia das esmolas , que de dia lhe procurava hum seu escravo , e que para se haver de sepultar , lhe deu hum lançol a piedade de Dom Francisco de Portugal. Ha cento sessenta e nove annos , que falleceo Camoens , e ainda naõ morreo o odio da sua patria para com elle ; mas a honra , que nella lhe negaraõ os seus , lha deraõ os Estrangeiros , como se vê na Vida , que antes da traducçaõ da Lusíada delle escreveo Monf. Duperron

perron Cesterá, com que o defaggravou da femrazaõ dos seus patricios. Se estes Criticos, ou estes Hypercriticos impertinentes accusaõ ao grande Camoens de algum erro, ou defeito poetico, digaõ-me quem os não commetteo? Quem póde ser taõ perfeito, que alguma vez não seja reo de hum crime? Se nos Anjos, que foraõ creados em graça, achou Deos algum defeito, pretendem, ou querem os homens serem mais privilegiados, do que os Anjos? Nunca a Arte Poetica pode ser taõ rigorosamente observada, que não haja algum descuido nos seus Professores (sendo que ás vezes he arte o esquecerse da arte) e logo por huím descuido ha de ser condemnada huma obra excellente? E que merecraõ os que a criticaõ, quando muitas vezes os seus versos saõ humas regras de oñze syllabas sem graça, sem harmonia, sempre languidos, sempre cahindo, e sempre taõ frouxos, que necessitaõ de moletas para se arrastrarem. Na honra com que o Author trata a todos os Poetas, se vê, que julga como imparcial, e que faz a obrigaçaõ de bom Juiz, e Mestre, porque louva, e reprehende quando ha occasiaõ de o fazer, e deste modo instrue aos candidatos da Poesia para que aprendaõ o util, e fujaõ dos vicios, que nesta nobilissima Arte tem introduzido a ignorancia dos seus preceitos. Muito deve este Reino ao estudo de Francisco Joseph Freire, dando na sua Arte Poetica o verdadeiro methodo de fazer Poetas; porém não lhe deve menos, porque ao mesmo tempo, em que tratou fundamentalmente os preceitos da Poesia, os tratou tambem da Oratoria; porque huma, e outra sciencia tem a mesma origem, como se pode ver na Poetica de Escaligero; porque aqui poderãõ aprender a Invençaõ, e a Disposiçaõ, e as mais partes de que se compoem huma bem organizada oraçaõ, que para ser perfeita, necessita de precei-

tos, que nem todos sabem; e ainda os conceitos, que chamamos Predicativos tem sua arte, porque não devem ser hum jogo ridiculo de palavras, mas devem de se fazer do modo, que mostrou o Padre Dom Raphael Bluteau no Oraculo de hum, e de outro Testamento, aonde escreveo o como elles se formaõ, para deixar convencida com summa erudição a vaidade de alguns Francezes, que se riaõ dos conceitos Hespanhoes, porque ignoravaõ a verdadeira arte de se formarem. He muy atrevida a ignorancia pela facilidade com que reprova o que não sabe, ou o que não usa. A hum beneficio accrescentou outro o laborioso estudo de Francisco Joseph Freire, a quem se não poderá negar a gloria de ser o primeiro, que em Portugal ensinou os segredos da Poesia. Nesta sua Arte Poetica não acho couza alguma contra o Real serviço de V. Magestade, e me parece dignissima de se imprimir. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 6. de Fevereiro de 1748.

D. Joseph Barbosa C. R.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença, que corra, que sem ella não correrá. Lisboa, 23. de Janeiro de 1729.

Costa. Almeida. Carvalho. Mouraõ.

Visto

V Isto está conforme com o original, pôde correr. Lisboa, 31 de Janeiro de 1749.

Fr.R. Alancaastro. Abreu. Amaral. Almeida. Trigofo.

P Ode correr. Lisboa, 5 de Fevereiro de 1749.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

Q Ue possa correr, e taxaõ em quatrocentos e cincoenta reis em papel. Lisboa, 4 de Fevereiro de 1749.

Vaz de Carvalho. Almeida. Carvalho. Mouraõ.

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY NATHANIEL BENTLEY
VOLUME I
PUBLISHED BY
J. B. ALLEN, 1857

INDICE

DOS CAPITULOS DESTA ARTE.

LIVRO I.

CAPITULO I. *Da origem, progressos, e essencia da Poesia, pag. 1.*

CAP. II. *Da origem da Poesia vulgar, pag. 13.*

CAP. III. *Da essencia, e definição da Poesia, p. 15.*

CAP. IV. *Do fim da Poesia. p. 22.*

CAP. V. *Da Imitação, e do objecto da Poesia, p. 25.*

CAP. VI. *Da Imitação do universal, e do particular, p. 29.*

CAP. VII. *Do furor poetico, p. 32.*

CAP. VIII. *Os Poetas devem ter sua instrucção de todas as sciencias, e artes, p. 37.*

CAP. IX. *Os Poetas não devem affectar, que são peritos nas sciencias, e artes, pag. 40.*

CAP. X. *Do Deleite poetico, e dos seus dous principios, Belleza, e Doçura, pag. 44.*

CAP. XI. *Em que precisamente consista a Belleza poetica, pag. 45.*

CAP. XII. *Da Belleza da Materia, e como della se possaõ tirar verdades perigrinas, p 53.*

CAP. XIII. *Como os Poetas buscaõ o Verdadeiro; trata-se daquelle, que he certo, do que he crível, e provavel, chamado por outro nome Verosimil, pag. 55.*

CAP. XIV. *Da Belleza do Artificio, sua virtude, e*
§§§§§ 2 *seus*

seus exemplos , pag. 61.

- CAP. XV. *Da-se huma geral noticia da Fantasia ; differença entre ella , e o Entendimento , e commercio entre si ; Imagens fantasticas , e sua divisaõ , &c. pag. 69.*
- CAP. XVI. *Mostra-se com exemplos em que consista a força das imagens simples , e naturaes da Fantasia , pag. 74.*
- CAP. XVII. *Das imagens fantasticas artificiaes ; sua excellencia , imagens verdadeiras á Fantasia por causa dos sentidos , outras verdadeiras , ou verosimeis por causa do affecto ; como se forme o engano da Fantasia , &c. p. 83.*
- CAP. XVIII. *Da proporçaõ , relaçaõ , e semelhança , com que o juizo regula as imagens da Fantasia , p. 98.*
- CAP. XIX. *Dos raptos , e extasis da Fantasia , p. 105.*
- CAP. XX. *Do engenho , e das imagens intellectuaes , ou engenhosas ; imagens de semelhança ; varios modos de usar dellas ; formaçaõ das metáforas. p. 113.*
- CAP. XXI. *Das imagens intellectuaes de relaçaõ , e das engenhosas de reflexaõ , seus exemplos , p. 124.*
- CAP. XXII. *Das imagens verdadeiras , e das falsas ; examinaõ-se os conceitos do Conde Manoel Thesau-ro , p. 135.*
- CAP. XXIII. *Do verosimil , e inverosimil das imagens ; duas especies de verosimil , p. 143.*
- CAP. XXIV. *Da affectaçaõ dos conceitos muy refinados , e esquadrinhados ; vicio da escuridade. p. 149.*
- CAP. XXV. *Divisaõ do estylo em maduro , e florido ; sua origem , e sequazes , p. 153.*
- CAP. XXVI. *Extremos viciosos do estylo ; contrapostos , equivocos , paranomias , allusõens , e outras pestes condemnadas , pag. 162.*

LIVRO II.

CAPITULO I. *Da origem, progressos, e definição da Tragedia, p. 173.*

CAP. II. *Se a Tragedia deva constar de materia verdadeira, ou falsa, p. 184.*

CAP. III. *Das condiçoens, que deve ter a primeira pessoa da Tragedia, p. 189.*

CAP. IV. *Da Fabula, e suas propriedades, pag. 200.*

CAP. V. *Do enredo da Fabula, p. 208.*

CAP. VI. *Do Verosimil, segunda propriedade da Fabula, pag. 207.*

CAP. VII. *Da Integridade, terceira condição da Fabula, p. 211.*

CAP. VIII. *Da Grandeza, quarta condição da Fabula, p. 213.*

CAP. IX. *Da Unidade, quinta condição da Fabula, p. 215.*

CAP. X. *Do Episodio, sexta condição da Fabula, p. 220.*

CAP. XI. *Da Admirabilidade, e Perturbação da Fabula, setima, e oitava propriedade, p. 224.*

CAP. XII. *Da solução da Fabula, p. 225.*

CAP. XIII. *Dos costumes, e oração chamada Morata, p. 227.*

CAP. XIV. *Da sentença, e da dicção, p. 230.*

CAP. XV. *Do apparatus, e melodia, p. 234.*

CAP. XVI. *Dos defeitos, que se podem observar nos Dramas modernos; a sua musica perniciosa aos costumes, e reprovada ainda pelos antigos, p. 238.*

CAP. XVII. *Das partes de quantidade da Tragedia, p. 242.*

CAP. XVIII. *Dos actos da Tragedia, p. 245.*

CAP. XIX. *Methodo breve para se formar huma Tragedia, p. 248.*

CAP.

- CAP. XX. *Reflexoens sobre a necessidade de reformar a Poesia theatral ; apontaõ-se algumas correccoens sobre o costume pouco louvavel de alguns Poetas Tragicos , p. 252.*
- CAP. XXI. *Fuizo sobre os Authores Tragicos Gregos, e Romanos , p. 257.*
- CAP. XXII. *Da Comedia, sua origem, definiçaõ, e materia, p. 260.*
- CAP. XXIII. *Em que differe, e em que concorda a Comedia com a Tragedia, p. 265.*
- CAP. XXIV. *Observaçoens sobre os defeitos mais communs das Comedias modernas, p. 268.*
- CAP. XXV. *Fuizo sobre os Authores antigos, assim Gregos, como Latinos, que escreveraõ Comedias, p. 276.*
- CAP. XXVI. *Da Poesia Mimica, seu fim, e materia, p. 285.*
- CAP. XXVII. *Fuizo sobre os antigos Poetas Mimicos, p. 286.*
- CAP. XXVIII. *Da Tragicomedia, mostra-se como he Poesia monstruosa, p. 288.*
- CAP. XXIX. *Fuizo sobre a Tragicomedia de Guarini intitulada Il Pastor Fido, p. 293.*

L I V R O III.

- C**APITULO I. *Da natureza, e definiçaõ do Poema Epico, p. 299.*
- CAP. II. *Das propriedades, que deve ter a Acçaõ heroica para ser materia conveniente ao Poema Epico, p. 303.*
- CAP. III. *Da Fabula Epica, e suas propriedades, trata-se tambem das do Heroe, p. 309.*

- CAP. IV. *Das Maquinas , ou Deidades , p. 313.*
- CAP. V. *Das partes de quantidade da Epopea , trata-se do titulo do Poema , p. 317.*
- CAP. VI. *Da Proposiçaõ , segunda parte de quantidade , p. 320.*
- CAP. VII. *Da Invocaçaõ , terceira parte de quantidade , p. 327.*
- CAP. VIII. *Da Narraçãõ , quarta parte de quantidade , p. 332.*
- CAP. IX. *Da allegoria do Poema , p. 338.*
- CAP. X. *Da Parodia , p. 341.*
- CAP. XI. *Fuizo sobre os antigos Poetas Epicos , Gregos , e Latinos , p. 343.*
- CAP. XII. *Fuizo sobre a Lusíada do grande Luiz de Camoens , p. 350.*
- CAP. XIII. *Da Ecloga , sua origem , definiçaõ , estylo , virtudes , e vicios , p. 358.*
- CAP. XIV. *Fuizo sobre os antigos Poetas Bucolicos Gregos , e Latinos , p. 361.*
- CAP. XV. *Da Satyra , sua definiçaõ , materia , e divisaõ , p. 365.*
- CAP. XVI. *Do artificio , estylo , virtudes , e vicios da Satyra , p. 367.*
- CAP. XVII. *Fuizo sobre os antigos Authores Satyricos , p. 370.*
- CAP. XVIII. *Da Poesia Lyrica , sua materia , e artificio , seu estylo , virtudes , e vicios , p. 374.*
- CAP. XIX. *Das varias especies do verso Lyrico , p. 277.*
- CAP. XX. *Fuizo sobre os antigos Poetas Lyricos , Gregos , e Latinos , p. 378.*
- CAP. XXI. *Da Elegia , seu principio , definiçaõ , artificio , virtudes , e vicios , p. 382.*
- CAP. XXII. *Fuizo sobre os antigos Poetas Elegiacos , Gregos , e Latinos , p. 385.*

CAP.

- CAP. XXIII. *Do Epigramma , sua definição, divisão
artificio, estylo, virtudes, e vicios, p. 388.*
- CAP. XXIV. *Fuizo sobre os antigos Poetas Gregos, e
Latinos, que compozerão Epigrammas, p. 393.*
- CAP. XXV. *Da Sylva, trata-se dos varios generos de
Poesia, que nella se comprehendem, p. 396.*
- CAP. XXVI. *Do Epitafio, sua divisão, e artificio,
p. 402.*
- CAP. XXVII. *Do Emblema, sua definição, divisão,
artificio, virtudes, e vicios, p. 405.*
- CAP. XXVIII. *Da Empreza, sua definição, divisão,
artificio, virtudes, e vicios, p. 407.*

A R T E P O E T I C A .

L I V R O I .

C A P I T U L O I .

Da origem, progressos, e essencia da Poesia.

TEm a Poesia hum não sey que de divino, se dermos fé aos Poetas; os quaes, mais que os outros homens, se empenharão em dar a esta sua Arte huma mysteriosa origem. Serve esta de admiração ao tempo, e ao mundo pela sua grande antiguidade, e os professores desta Arte quasi que adoraõ a magestade della mais que a de outra sciencia, e guardaõ com hum particular ciume os frutos, que della tem nascido. Ha nesta materia muita ficção, que como verdade patrocinaraõ diversos, e graves Authores: porèm o certo he, que entre estes, e outros muitos desvanecimentos que saõ em parte huns agradaveis sonhos, e luminosas mentiras, como lhes chama o grande Muratori na sua admiravel Obra *Della perfetta Poesia &c.* saõ verdadeiros os fundamentos, com que os Poetas pertendem ter o principado, ou para melhor dizer, o poder de ter na

sua mão a distribuição do patrimonio da verdadeira gloria. Esta, ainda que talvez seja hum idolo vão, se bem que verdadeira origem de mil acçoens heroicas, na verdade está quasi toda no dominio dos grandes Poetas, os quaes com os seus versos fazem eterna não menos a sua fama propria, que a alheya, conservando os benemeritos na memoria da posteridade: Vivem ainda, e eternamente viverão innumeraveis Heroes da Grecia, porque vive, e viverá Homero, que os celebrou. Concederão os seculos aos seus versos aquelle privilegio, que não gozaráõ os marmores, nem os bronzes, que gasta a voracidade do tempo: e quando o estudo Poetico não tivesse outra excellencia, bastava certamente esta para fazer recõmendavel o uso de huma tal Arte, e para convencer de ignorancia a quem a vitupera, ou ao menos a estima em pouco.

He com effeito muito antiga a origem, e principio desta Arte, pois como testifica Eusebio no liv. II. da Preparação Evangelica, já florescia nos antigos Hebreos, que foraõ muito anteriores aos Poetas Gregos; porque Moysés, quando tirou a estes do Egypto para os levar á sua patria, logo que passaraõ o mar Vermelho, compoz (segundo diz Joseph no 2. liv. das Antiguidades) hum Cantico em verso hexametro dedicado a Deos em acção de graças pelo milagre, que obrara em apartar as aguas para passagem do seu povo. He igualmente certo que David compoz os seus Psalms em diversos metros; e delle diz o mesmo Joseph no 7. liv. das suas Antiguidades, que vendo-se este Profeta livre das guerras, e perigos, compozera muitos Psalms, e Cantares em diversas maneiras de metros, uzando nelles humas
vezes

vezes de tres, outras de cinco versos. Corrobora mais isto S. Jeronymo no Prologo sobre as Chronicas de Santo Eusebio, dizendo, que não ha cousa mais suave, que o Psalterio, o qual á maneira de Horacio, e de Pindaro, humas vezes soa em verso Jambico, outras em Alcaico, outras em Saphico, e outras em meyo pé. Que harmoniosa obra (continua o Santo) he o Deuteronomio, que suave o Canto de Isaias, que graves os livres de Salamaõ, e que perfeitos os de Job! Não se póde apontar o tempo prefixo do nascimento da Poesia: porém concordão os Authores mais graves em que he antiquissima a sua origem, como acabamos de dizer: pois Homero, que floreceo mil annos antes da vinda de Christo, isto he, no tempo de Salamaõ, não foy na Grecia o primeiro Poeta de que ha noticia; porque já haviaõ florecido *Orfeo*, *Museo*, e *Lino*; e segundo a authoridade de Plataõ tambem houve *Olimpo*, além de *Orebancio Trasenio*, *Dáres Frigio*, e *Syagro* primeiro escritor da guerra Troyana, segundo diz Eliano: porém nenhum destes Poetas (pelo que se entende) foraõ anteriores a *Moyfés*, a quem se tem por primeiro Poeta, como prova Polidoro Virgilio no 1. liv. de Rerum invent. pag. 22. Esta opiniaõ, que approvaõ huns, não abraçaõ outros, e com fundamento, que não se estabelece sómente em conjecturas; porque dizem que a Poesia tivera a sua primeira origem entre os Pastores. Assim o mostra a razaõ, e o confirma a authoridade dos Escriitores, que saõ Mestres nesta materia. He certo, que o primeiro estado dos homens foy o de Pastor: assim o diz Varro liv. de Re rustic. in princip. *Cum duæ vitæ traditæ sunt hominùm, ru-*

stica, & urbana, Q. Pinni, dubium non est, quin hæ non solum loco distincte sint, sed etiam tempore diversam originem habeant. Antiquior est enim multò rustica; quod fuit tempus, cum rura colerent homines, neque urbem haberent. Confirma esta doutrina Plataõ no 3. l. das Leys, e he seguida de todos os doutos, como prova Joaõ Vintimiglia no seu tratado dos Poetas Sicilianos Bucolicos. l. 1. cap. 2. in princip. Prova-se mais esta opiniaõ; porque a invençaõ das coufas, em que a natureza tem huma grande parte, necessariamente havia ser dos homens mais antigos, como sobre esta mesma materia escreve largamente Escaligero Poetic. l. 1. cap. 2. e claramente se deduz da doutrina de Arist. Poetic. l. 1. partic. 20. onde prova, que a imitaçaõ, e a harmonia saõ innatas nos homens, e que dellas nasceo a Poesia. Saõ estas as suas palavras: *Cum autem imitari nobis ex naturâ sit, & harmonia, & rhytmus, à principio, qui naturâ facti erant, præcipuè ad ipsas has res, paulatim promoventes procreaverunt Poesim.* Daqui se convence a grande antiguidade da Poesia; nem entre os Gregos ha doutrina mais antiga do que esta, dizendo Cicero Tuscul. l. 1. in princip. *Cum apud Græcos antiquissimum è doctis sit genus Poetarum;* e affirmando Plinio l. 7. cap. 56. *de Poematum origine magna questio est.* Por esta razãõ he bem vaõ o trabalho daquelles, que se cançaõ em pertender descobrir com certeza qual foy o primeiro Poeta. Assentado pois, que a Poesia fora invençaõ dos primeiros homens, e sabendo-se igualmente, que os primeiros foraõ os Pastores, racionalmente se deve concluir, que estes foraõ os primeiros inventores da Poesia.

Quanto

Quanto mais, que isto se confirma com a authoridade dos mesmos Poetas, e daquelles de mayor reputação, como entre outros he o Principe dos Lyricos Latinos: diz pois Horacio l. 2. Epist. 1.

*Agricolæ prisci, fortes, parvoque beati,
Condita post frumenta levantes tempore festo
Corpus, & ipsum animum spe finis dura ferentem
Cum sociis operum, & pueris, & conjuge fidâ
Tellurem porco, Sylvanum lacte piabant;
Floribus, & vino Genium memorem brevis ævi.
Fescennina per hunc inventa licentia morem
Versibus alternis opprobria rustica fudit, &c.*

O mesmo segue Tibullo, cantando deste modo no liv. 2. Eleg. 1.

*Agricola assiduò primum lassatus aratro
Cantavit certo rustica verba pede.
Et satur arenti primum est modulatus avenâ
Carmen, ut ornatos duceret ante Deos &c.*

E no liv. 1. Eleg. 7. tratando das Vendimas, diz tambem assim:

*Ille licor docuit voces inflectere cantu,
Movit & ad certos nescia membra modos
Bacchus, & agricola magno confecta labore
Pectora tristitiæ dissoluenda dedit.*

A estes versos pôde servir de commento o que largamente escreve Casaubono no seu livro da *Satyræ Gregæ* quasi em todo elle, e particularmente no liv. 1. cap. 1. pag. 9. *Satyrice Poeseos, non secus ac Tragediæ, & Comediæ origo prima ab illis repetenda conventibus, quos vetustissimi mortales, collectis frugibus, cogere soliti, ut gratias Diis acturi sacrificiis operarentur, & laborum, quos sustinuerant, memoriam posturi, animum relaxarent; ac jucunditati*

*ditati se darent &c. unde tandem nati sunt chori, saltationesque ad numerum, atque adeo * Poesis ipsa: natura paulatim eò ducente ut & verba, quæ dicebant, & pedes, quos movebant, numeris as-tringerent &c.*

Porèm Lucrecio, que explicou em verso tudo quanto ensinava a escola de Epicuro, e por consequencia a respeito das cousas fysicas necessariamente havia seguir as tradiçoens mais antigas, tratando mais subtilmente desta materia, deu a razão, que moveria aos antigos Pastores, para inventarem a Poesia; e diz assim no liv. 5. v. 1378.

*At liquidas avium voces imitarier ore
Ante fuit multò, quàm levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, auresque juvare.
Et Zephyri cava per calamorum sibila primùm
Agrestes docuere cavas inflare cicutas.
Inde minutatim dulces didicere querellas,
Tibia quas fundit digitis pulsata canentùm,
Avia per nemora, ac sylvas, saltusque reperta;
Per loca pastorum deserta, atque otia dia &c.*

He muy natural esta opiniaõ de Lucrecio, e delle aprendeo Escaligero tudo quanto escreveu da origem da Poesia: tratando da Bucolica, diz assim Poetic. l. 1. cap. 4. in princip. *Vetustissimum igitur poematis genus ex antiquissimo vivendi more ductum esse par est: tria verò sæculorum genera: Pastoris, Venatoris, Aratoris; & sanè Pastores, quàm Aratores antiqui magis: videtur autem modulatio in pastionibus inventa primùm, vel nature impulsu, vel avicularum imitatione, vel arborum sibilis &c.*

Estes primeiros homens, estes felices Pastores foraõ (como temos dito) os que descobriraõ a Poesia, e naõ

contentes do socego da sua vida, e da innocencia do seu rustico divertimento, ajuntaraõ tambem a este a suavidade do canto, e a doçura dos versos; porque ensinados, e movidos do brando sussurro dos regatos, e das folhas das arvores, quando o vento suavemente as agita, e sobre tudo incitados do canto das aves, que habitavaõ os bosques, ou aquelles lugares sombrios onde recolhiaõ o gado, começaraõ tambem com a boca primeiro a imitar o sussurro de hum som mal articulado, e depois agradando-lhes aquella voz com esta tal mediçaõ, e restricta a hum tal periodo, e interrompida com taes pausas, e humas vezes velozmente vibrada, outras lentamente produzida, entraraõ tambem com palavras formadas a distinguir aquella tal qual voz, que, propriamente fallando, era hum modello, ou huma fórma de verso: e porque nem todas as palavras lhes podiaõ caber, entraraõ estes balbucientes Poetas a descobrir humas taes, que unidas com outras se adequassẽm áquelle espaço de tempo harmonicamente dividido, e a mediçaõ deste se fazia com o ouvido. Depois com o exemplo do primeiro verso formando os outros ajudados do genio, e do natural engenho, prompto a inspirar os vocabulos, entraraõ a *improvizar*; isto he, a fazer versos de repente, como ainda hoje fazem aquelles que saõ Poetas sómente por natureza. Isto entendo eu que he o que quer dizer Aristoteles, quando disse: *Procreaverunt Poesim*; ainda que os criticos disputem larguissimamente sobre este lugar: porẽm eu sigo ao eruditissimo Nisieli, que a todos se oppoem na sua grande obra dos *Proginnaismi Poetici* tom. 5. Progin. 18. Desta doutrina se deduz, que a Poesia reconhece o seu principio no verso ritmico, e a sua

sua perfeição no verso metrico. Nos primeiros tempos começou o versificar na invenção de dizer de repente; porque estes versos assim feitos sim tinhaõ hum certo ar de verso, mas naõ tinhaõ a precisa regra da medição metrica: distinguia-os propriamente a forma natural do canto, e naõ o artificio dos pés. Finalmente no cantar restringio-se a prosa meramente por instincto, e gosto humano em hum certo methodo locutorio, o qual com o tempo, e com a arte se reduzio em versos regularmente compostos, do mesmo modo que o canto natural foy concertado em musica pelos mestres desta Arte. Esta doutrina he dos melhores criticos, e largamente a expende o celebre Patrizi *Poetic. Istorial* l. 4. pag. 40. expondo as palavras de Aristoteles: *Cum autem imitari nobis ex naturâ sit &c.* das quaes já fizemos menção, copiando-as neste mesmo Capitulo. Corrobora-se isto com a authoridade de Quintiliano, l. 9. cap. ult. dizendo: *Poema nemo dubitaverit imperito quodam initio fusum, & aurium mensurâ, & similiter decurrentium spatiorum observatione esse generatum: mox ex eo repertos pedes. * Ante carmen ortum est, quàm observatio carminis.*

Nascida a Poesia nestas cabanas, e aldeyas entre Lavradores, e Pastores, passou ás Cidades a viver com melhor fortuna entre os Cidadãos. Receberaõ-na logo com grande veneração os Filozofos, e os Sacerdotes Egypcios, que naquella idade lo-gravaõ a estimação de serem reputados pelos mayores sabios. Desprezaraõ-se os assumptos humildes, como eraõ os pastoris, e empregaraõ estes homens as suas Poesias em argumentos, e idéas proprias do seu caracter, e condição. Começaraõ a instruir,
e dou-

e doutrinar os povos na Religião , e na Filosofia explicada em verso , como tambem em pinturas , e esculturas ; porque conheceraõ , que a rusticidade do vulgo só por meyo de imagens sensiveis podia comprehender as verdades especulativas , e os attributos de Deos. Principiaraõ tambem logo outros Sabios a cantar as acçoens illustres dos heroes , e os louvores de Deos , e não menos a vituperar as mãs obras dos homens perversos. Assim o affirma o Filosofo no cap. 4. da sua Poetica , dizendo: *Foy pois a Poesia dividida pelos homens , segundo os seus proprios costumes : porque os mais magnificos representaraõ as excellentes acçoens feitas por outros semelhantes a elles ; porém os de mais baixa condiçaõ compozeraõ cousas vis , obradas por outros , que as praticaraõ : huns representavaõ estas cousas , e outros compunhaõ hymnos , e encomios.* Deste lugar de Aristoteles se vê , que a Lyrica , e a Satyra faõ as duas especies mais antigas desta Arte. Foy esta depois aperfeiçoando-se , e nasceo a Epopea , a Tragedia , e a Comedia. As duas primeiras cantavaõ as acçoens dos homens illustres , e benemeritos , a outra as das pessoas vis , e de medianõ estado. Claramente se infere disto , que a intençaõ , e fim da Poesia foy desde aquelles primeiros tempos , e ainda actualmente he , de cantar os louvores da virtude , e dos virtuosos , ou o vituperio dos vicios , e dos viciosos ; para que aprenda a gente a conhecer , que odio devem ter a estes , e amor áquella : e por consequencia faibamos , que a Poesia não he outra cousa mais que huma filha da Filosofia moral , ou para melhor dizer , he a Poesia , e a Filosofia huma mesma cousa , ainda que expressada com dous differentes nomes.

Parecerá isto muito a alguns, que apenas teraõ faldado esta Arte divina, e desejaráõ authoridade que õs persuada. Maximo Tirio no seu Discurso 29. tratando desta materia, diz assim traduzido: *He a Poesia, e a Filosofia huma cousa sim com dous nomes, mas na substancia naõ ha differença entre huma, e outra; como v. g. se alguem considerasse, que huma cousa era o dia, e outra o curso do Sol sobre a terra, assim do mesmo modo se póde dizer da Poetica, e da Filosofia. Por quanto que outra cousa he a Poesia, senaõ huma Filosofia mais antiga em tempo, numerosa pelas consonancias, e fabulosa pelos argumentos? E que outra cousa he igualmente a Filosofia, senaõ huma Poetica mais moderna em tempo, livre de harmonia, e mais larga nos assumptos? E por isso a differença, que entre si ha, só consiste na figura, e no tempo.* O mesmo prova Estrabo no 1. l. da Geografia para mostrar contra o parecer de Eraftotenes, que a Poesia fora inventada, naõ só para deleitar, mas igualmente para instruir; como largamente se póde ler em Muratori na sua estimadissima obra da Perfeita Poesia tom. 1. pag. 33.

Possuidores (como dissemos) os Egypcios deste thesouro da Poesia, e explicando-a, ou por meyo de versos em livros, ou pelo finzel em marmores, ou pelo pincel em taboas, fundáraõ diversas colonias, e introduziraõ nellas por meyo da Poesia, e das Fabulas os costumes da sua naçaõ. Segundo o que escreve o insigne Gravina no seu Discurso Poetico l. 1. n. 8. e o P. Rapin na Comparação entre Homero, e Virgilio, seguindo ambos a Diodoro Siculo livr. 1. foraõ muitos Gregos ao Egypto, como Orfeo, Museo, e Homero, levados da fama, que adquiriraõ

quiriraõ estes Sacerdotes. Com elles aprenderaõ, e voltaraõ para a Grecia com toda a doutrina daquelles Sabios occulta ainda nos mesmos véos ; isto he, nos escuros enigmas de Fabulas, e imagens. Porém observando alguns Filósofos, que estas escuridades eraõ muy prejudiciaes aos póvos ; porque naõ penetravaõ pela sua ignorancia aquellas artificiosas invençoens, e que em lugar de se aproveitarem com ellas, se radicavaõ na idolatria ; resolveraõ-se a compor livros de sentenças, e preceitos moraes em lugar de Fabulas, e imagens, para melhor regularem os bons costumes. Assim o fizeram Hesiodo, Theognides, Phocilides, Timocles, e outros muitos.

Este foy o nascimento, e estes os progressos da Poesia na Grecia ; porém depois que os Romanos se fizeram senhores deste Imperio, e como diz Horacio :

*Græcia capta ferum victorem cæpit, & Artes
Intulit agresti Latio*

Entrou esta Arte tambem em Italia juntamente com todas as sciencias dos Gregos vencidos. Melhorou a Poesia neste terreno, se dermos fé ao que diz Cicero Tuscul. quæst. l. i. o qual he de opiniaõ, que os Romanos, quando naõ tivessem vencido as invençoens dos Gregos, as tinhaõ melhorado: *Omnia nostros aut invenisse per se sapientius quàm Græcos, aut inventa ab illis fecisse meliora.* Porém o celebre Salvini oppoem-se a este lugar com todas as forças da sua grande critica nas Notas á Poetica de Muratori, e igualmente o Marquez Orsi no seu admiravel livro *Considerazioni sopra la maniera di ben pensare.* Padece isto huma grande difficuldade, principalmente limitando-se tal questãõ sobre a Poesia,

e muito mais no tempo de Cicero, que não pode ler o Poema de Virgilio, do qual se disse o sabido verso: *Nescio quid maius nascitur Iliade*. O certo he (e o mesmo segue Luzan na sua Poetica pag.14.) que não se descobrem bons fundamentos para seguir o partido de Cicero: pois que comparação pôde fazer a rudeza (não digo eu a de Livio Andronico, que foy o primeiro Poeta Latino) mas a de Ennio, Pacuvio, e Lucilio com a grandeza, e magestade de Homero, com a suavidade de Anacreonte, com a elevação de Pindaro, com a naturalidade de Theocrito, com o artificio de Euripedes, e de Sophocles, e com a galantaria, e graças de Aristophanes? Quanto mais, que todos sabem, que a Poesia Grega foy o modello, e exemplar, que os Romanos tiverão para os seus versos, como largamente prova em muitas partes dos seus *Progymnasmata Poetica* o insigne Academico Apatista Benedito Fioretti, conhecido pelo supposto nome de *Vdeno Nisiely*: vejaõ-se os indices dos cinco volumes desta sua obra tão magistral. Virgilio na sua Eneida a mayor parte dos passos, que dá, he sobre os vestigios de Homero; nas Georgicas imitou a Hesiodo, ou a Empedocles, e nas Eclogas seguiu a Theocrito. Horacio foy o mayor imitador da Lyrica Grega, principalmente de Pindaro, e finalmente quasi todos os Comicos Latinos não foraõ mais que huns traductores das Comédias dos Gregos. Veja-se a Vossio na sua Poetica, tratando dos fundamentos, porque os Gregos excedem aos Latinos, e devemos preferir aquelles a estes.

CAPITULO II.

Da origem da Poesia vulgar.

ANtes que o Imperio Romano principiaſſe a declinar, já havia começado a deſcahir a formoſura da lingua Latina. O vulgo de Roma já no tempo de Cicero, que era o ſeculo de ouro daquelle lingua, uſava de huma linguagem pouco pura, e miſturada com barbariſmos, e ſollecíſmos. Foy depois crescendo eſta ruina do idioma Romano, aſſim pelo concurſo de naçoens eſtrangeiras, que hiaõ a Roma, como pela invaſão dos Godos, Hunnos, Herulos, Gregos, Longobardos, Francos &c. os quaes todos ſaquearaõ, e ſenhorearaõ a infeliz Italia. Aſſim pouco a pouco o vulgo deſta Provincia, além de adoptar muitos vocabulos eſtrangeiros, foy tambem alterando os ſeus proprios, que eraõ os Latinos, trocando aſ terminaçoens das palavras, naõ menos eſtreitando-as, que dilatando-as, e corrompendo-as. Finalmente formou-ſe huma nova linguagem, que ſe chamava vulgar. Com a introdução deſta nova lingua cahiraõ juntamente com o Imperio Romano todas as Sciencias, e Artes; mayormente depois que os Godos, e outras naçoens Septentrionaes invadiraõ a mayor parte de Europa. Como eraõ povos marciaes, e ferozes, desprezaraõ as letras, e neſta geral tempeſtade naufragou tambem a Poesia. Durou eſta ignorancia até que nas Cortes de Federico Suevo Rey de Sicilia, e de Roberto de Anjou Rey de Napoles, como eraõ Principes glorioſos Mecenas das ſciencias, e Artes, começaraõ a dar nova vida á morta Poesia os Provençaes, e os Sicilianos, eſtes

estes com as suas *Conçoens*, e aquelles com as suas *Trovas*. Ha entre os criticos huma questao muy disputada, se os Provençaes, ou se os Sicilianos foraõ os primeiros restauradores desta Arte; porẽm como esta questao naõ pertence muito ao meu assumpto, naõ entro a discutilla; e se o leitor tiver curiosidade de se instruir nesta materia, pòde ler a *Historia della vulgar Poesia*, que eruditamente escreveo Joaõ Mario Crescimbeni hum dos primeiros eruditos de Italia neste seculo.

Destes Provençaes, ou dos Sicilianos, como he muito mais provavel, segundo diz Muratori *Della perfetta Poesia* tom. 1. pag. 7. he que procedeo em outras naçoens a Poesia vulgar. Assim o affirma Petrarca em huma Carta, que anda no principio dos livros das suas Epistolas familiares. Dando elle noticia das Obras que compozera, diz que humas eraõ em prosa, e outras em versos Latinos; e alẽm disto *Pars mulcendis vulgi auribus intenta, suis & ipsa legibus utebatur, quod genus apud Siculos (ut fama est) non multis ante sæculis renatum, brevi per omnem Italiam,* ac longius manavit &c.* Entrou pois a Poesia em Hespanha, mas algum tempo depois que foy conhecida em Italia, a quem deveo este conhecimento, e naõ a Ausias Marc Poeta Valenciano, como erradamente affirmou Saavedra na sua Republica literaria, o que prova o erudito Luzan na sua Poetica pag. 16. mostrando que Ausias Marc foy posterior a Petrarca, e que assim este naõ podia furtar os conceitos deste tal Valenciano, como diz o mesmo Saavedra. Do mesmo erro o convence Tassoni no Commentario, que escreveo ás Rimas de Petrarca. De Hespanha passou a Poesia a Portugal, pouco antes do reinado de El Rey Dom Diniz, que foy Principe muy dado ás Musas, e o pri-

primeiro (se me não engano) que compoz entre nós em verso fundado em alguns preceitos da Arte. Digo em alguns preceitos; porque ainda que haja noticia de algumas trovas de authores anteriores, como v. g. *Se pensades, que me vom, non lo pensedes, que chantado em vos estom, e non me bedes*, são couzas informes, e tão raras, que apenas ha memoria de outras; que não sejaõ de Egas Moniz. Como não escrevemos a Historia da nossa Poesia vulgar, não entramos a dizer quaes foraõ os progressos desta Arte em Portugal desde o tempo de ElRey Dom Diniz até ao de ElRey Dom Joã III. em que floreceo Camoens, e a mayor parte dos melhores Poetas Latinos, e vulgares, que tivemos.

C A P I T U L O III.

Da essencia, e definição da Poesia.

Temos dado succintamente a noticia da origem da Poesia, seus progressos, e invenção da vulgar, ou seja restauração desta mesma Arte nas linguas vulgares; resta agora, que entremos a especular os occultos mysterios desta Faculdade, e as suas especies; para o que nesta prolixa, e ardua navegação tomaremos por rumo a verdade, e as authoridades dos grandes Authores, discorrendo sem paixão, e com o livre espirito, que pede este assumpto; e quando não consigamos o fim que pretendemos, que he instruir a mocidade Portugueza nos preceitos da Poetica, sempre com tudo com este nosso trabalho acordaremos engenhos muito mais felices que o nosso, para que se resolvaõ a intentar esta mesma empreza, formando huma perfeita Arte,
 com

com a qual dem huma completa instrucção. Demos pois principio, fallando da essencia, e definição da Poesia.

Vulgarmente se toma por Poesia tudo o que se lê escrito em verso; e ainda que muitos Authores da melhor nota affirmem, que o verso he absolutamente necessario nesta Arte, como em seu lugar largamente expenderemos; com tudo o verso em rigor critico, não he outra cousa mais que hum instrumento da Poesia; e delle se val como os Pintores dos pinceis, os Abri-dores do buril, e os Escultores do finzel. Se attendermos para a etymologia Grega, soa a Poesia o mesmo que *feitura*, e Poeta o mesmo que *creador*, talvez para que se conheça neste nome, que a essencia desta Arte he a imitação das cousas, com as quaes criaõ elles novas imagens, e se fazem deste modo como creadores; e até póde ser que alludissem tambem a isto os antigos Provençães, quando chamaraõ aos Poetas *Trovadores*, isto he, *Achadores*. Ouçamos ao P. Donato na sua excellente Poetica in princip. *Sed quamvis omnes artifices, materiam quisque suam elaborando, sint effectores; tamen Poetæ nomen sortiti non sunt, quod primum sibi fecit carminum scriptor, qui imitando rerum veluti simulacra conformat. Ut vel ex ipso nomine ingeniosa Poetæ machinatio, actio-numque verisimilis constructio deprehendatur. Nam huic arti aliæ artes collatæ, nihil quodammodò faciunt.* Porém como esta questaõ he de Grammaticos, seja qual for a etymologia desta palavra; o que he certo, segundo a opiniaõ dos melhores Authores, he que consiste a essencia da Poesia na imitação da natureza; tanto que Aristoteles na sua Poetica degradou da classe de Poetas aos que não imitarem, dizendo que se

com-

compozerem huma Elegia, ou hum Poema sem imitação, não devem estes ter o titulo de Poetas, mas sim o de Authores de Elegias, e de versos heroicos. Veja-se a Paulo Beni Poetic. Aristot. partic. 2. pag. 56. e partic. 33. pag. 183. e sobre tudo recorra-se á Poetica de Mazoni l. 3. cap. 69. onde discorre diffusamente da imitação, e em particular de quantos modos se póde considerar a Poesia.

Esta determinação de Aristoteles, que acima dissemos, tem padecido grandes criticas, por usar de hum termo tão geral, como he a imitação, o que não explica bem a essencia da Poesia, antes se confunde com a Pintura, e Escultura, e ainda com a Musica, e Baile, que tambem imitaõ. Porém doutamente o defende Alexandre Piccolomini sobre a Poetica do Filosofo partic. 131. temperando de algum modo a sobredita severidade da imitação, e reduzindo a intençaõ de Aristoteles a este especialissimo sentido, de que o Poeta entaõ verdadeiramente perde o nome, e a honra de tal, quando elle despindo-se do habito de Poeta falla não como narrador, mas como interessado, e juiz das cousas narradas, invocando, propondo, exclamando, aconselhando, proferindo alguma sentença sobre o que diz, inferindo algum corollario, chorando a miseria humana, detestando a fortuna, e louvando alguma virtude, segundo a occasião. Isto (continua este Author) he o que quiz dizer Aristoteles, affirmando, que o Poeta Épico rarissimas vezes deve fallar em a sua propria pessoa; porque fazendo tal, não ha imitação. Não se deve entender esta doutrina, quando o Poeta narra, conservando a sua pessoa no habito de Poeta; pois quando elle narra deste modo, imita ao mesmo tempo. Quem dirá, tendo bom juizo, que

C

não

naõ ha imitação na descripção , que faz hum Poeta de huma tempestade , de hum successo de armas , da expugnação de huma Cidade , da acção de hum valente , de hum fraco , de hum colerico &c. ainda que o Poeta falle como tal , e na sua propria pessoa ?

De sorte que segundo esta exposição de Piccolomini , Aristoteles naõ reprova poder o Poeta algumas vezes , se bem que rarissimas , narrar sem interposta pessoa. O mesmo segue Donato no fim da vida , que escreveu de Virgilio , dizendo , que ha tres generos de estylo na Poesia : hum he imitativo , a que os Gregos chamaõ *Dramaticon* , no qual naõ falla o Poeta , mas introduz pessoas , que fallem , como saõ as Tragedias , e Comedias : outro he narrativo , chamado pelos mesmos Gregos *Diegematicon* , no qual falla o Poeta sem interposta pessoa , como saõ os versos de Lucrecio : e o outro he commum , ou mixto , a que os Gregos chamaõ *Micton* , no qual o Poeta naõ só falla alguma vez , mas introduz pessoas , que fallem , como he a Eneada de Virgilio. Porẽm eu seguindo a doutrina do-insigne Patrizi , por me parecer a mais acertada , digo , que Aristoteles naõ definio bem a Poesia com o só termo generico de imitação , fazendo-a sujeita áquelles mesmos termos , que nas Escolas se chamaõ transcendententes , e analogos. A Poesia toda naõ he imitação , porque os 38. livros , ou Poemas de Orfeo nenhuma imitação tem , como tambem os 18. de Homero , exceptuando 7. e menos os 9. de Hesiodo , dos quaes muitos nem ainda contẽm em si Fabula. Antes que se pozesse no theatro a Tragedia , a Satyra , a Comedia , e outras cousas semelhantes , naõ havia imitação na Poesia , ou era esta rarissima. Diz Aristoteles , que o Poeta imita por meyo do fallar ; ao que digo,

digo, que tambem o Orador, e outros muitos, que não são Poetas, fazem essa mesma imitação de palavras; e se a imitação faz ser Poeta, Demosthenes, Cicero, Livio, e Sallustio o foram; porque imitaram igualmente por meyo de palavras. Quanto mais: se unicamente a imitação fizesse o Poeta ao menos mais perfeito do que não seria o Poetizante sem imitar, seria sem duvida alguma a Poesia Comica, a Mimica, e a Satyrica de mais valor, e preeminencia, que a Heroica, a qual nem sempre imita. Leia-se sobre este particular, porque não queremos ser prolixos, as Lições Poeticas de Angelo Segni, as de Varchi, e a Poetica de Vipera-
ni l. I. cap. 8.

Admittido pois, que a doutrina de Aristoteles, em que faz ser a imitação a unica essencia da Poesia, por ser hum termo muy generico, se não deve admit-
tir, como não admittiram gravissimos Criticos, resta de-
finirmos esta Arte. Definio-a Antonio Minturno, di-
zendo no I. liv. da sua Arte Poetica ser a Poesia *Hu-
ma imitação de varias classes de pessoas em diversos
modos, ou com palavras, ou com harmonia, ou com
tempos, separadamente, ou com todas estas cousas
juntas, ou com parte dellas.* O douto Luzan critica
esta tão diffusa definição, e justamente, dizendo, que
della excluire huma grande parte de objectos, que
pode imitar, e pintar a Poesia, como são os brutos,
e innumeraveis cousas inanimadas; pois só deu por
objecto desta Arte *Varias classes de pessoas.* Diome-
des fez outra definição da Poesia, dizendo ser *Fictæ,
veræve narrationis congruenti rhythmo, vel pede,
composita metricâ structurâ ad voluptatem, utilita-
temque accomodata*: porém a esta definição ainda
faltam cousas, como mostrarey na que eu seguir, que

logo direy. Paulo Beni Poetic. Aristot. partic. 2. pag. 49. e 55. e partic. 5. pag. 66. e partic. 33. pag. 183. diz assim : *Poesis est oratio non exiguae magnitudinis actionem imitans, quae non sine magna jucunditate ad virtutem excitentur, & ad bene, beatèque vivendum dirigantur mortales.* Porèm esta definição tambem não deve satisfazer a hum bom juizo critico; porque não ha razaõ (como aponta o douto Luzan pag 31.) para que a effencia da Poesia haja de depender *Da menor, ou mayor extensaõ*, nem para se dizer, que *Imita alguma acção*; pois com isto se exclue tudo o demais, que imita esta Arte distincto da acção; e sem fundamento degrada da honra de Poetas a muitos, principalmente Lyricos, que nas suas obras não imitaraõ acçoens humanas. Quem nesta materia dá muita luz he o Padre Donato Poetic. pag. 7. dizendo laconicamente, que a Poesia he *Imitatio facta carmine.* Nesta definição (diz elle) ha duas partes, huma como genero, outra como propriedade, ou differença; e a imitação he genero commum para tudo; porque as Artes de pintar, de fingir, e de esculpir &c. são imitações: pois com a semelhança de imagens imitaõ cousas verdadeiras. Nesta parte concorda a Poesia com estas, e outras Artes; porèm aquellas palavras *Facta carmine*, envolvem huma propriedade taõ particular, que separa a Poesia de todas as mais Artes. Deve-se advertir, que por *Carmine* se não ha de entender só aquella oração, que está ligada a numeros, mas tambem tudo o que concorre para se formar bem o verso; isto he, aquella liberdade de fingir, e de fallar junta com huma narração promiscua do falso, e do verdadeiro, além dos Tropos, figuras, frequente energia, ou evidencia, e finalmente com aquella locução, que diz Cicero de

Oratore: *Locutione alienæ cujusdam lingue.* Com esta expozição he muito boa a definição de Donato; porém como he muy laconica em si, e poderá não se fazer perceptivel, seguirey em parte a de Luzan, que tenho pela melhor de todas as que tenho lido, que rara he a que não diffira huma da outra; e não as transcrevo, por não ser mais prolixo do que tenho fido; sendo que para instruir principiantes tudo he preciso. Diz pois este crudito Author, que a Poesia he *Imitação da natureza no universal, ou no particular feita em versos para utilidade, e para deleite dos homens.* Diz em primeiro lugar *Imitação da natureza*, porque he o genero da Poesia. Toma-se aqui *Imitação* na sua analogia, e mayor extenção; porque tambem em sentido analogo quer comprehender na classe de Poetas a Hesiodo, Arato, Nicandro, Virgilio nas Georgicas, e outros muitos, ainda que nesta materia ha tanta opiniaõ, que se confunde o entendimento: porém Beni na Poetica; e no commento ao Tasso patrocina a causa destes Poetas com razoens, que convencem. Diz em segundo lugar *No universal, ou no particular*; porque a estas duas classes de *Icastica*, e *Fantastica* se pôde reduzir a imitação, pois ou as cousas se pintaõ, ou imitaõ como ellas em si saõ, e esta he a Icastica, e imitar o particular; ou como ellas saõ, segundo a idéa, e opiniaõ dos homens, e esta he a Fantastica, e imitar o universal. Diz mais *Feita em versos*, afinando o instrumento de que se serve a Poesia para a distinguir das outras Artes imitadoras, que não pôdem ter este instrumento. Esta doutrina he a mesma de Donato, como acima escrevemos, dizendo: *At illæ voces * facta carmine rectè explanatæ peculiarem involvunt proprietatem, quâ Poesis ab aliis artibus separatur.* Eis aqui que

que com esta distincão podemos reconciliar a doutrina de Patrizi no seu *Parecer a Bardi*, de que acima fizemos menção, e a de Escaligero *Poetic.* l. 6. pag. 2. *ibi: Imitatio est in omni sermone.* Finalmente diz *Para utilidade, e deleite dos homens*; porque estes são os fins, que póde ter hum Poeta; e o Capitulo, que se segue, servirá de illustração a estas palavras.

C A P I T U L O IV.

Do fim da Poesia.

NAõ póde entrar em duvida, que o principal fim da Poesia não seja o ensinar o povo, e servir-lhe de utilidade. Por isso os primeiros Poetas, Orfeo, Musco, Homero, e Hesiodo se empenharaõ em ser uteis, se houvermos de dar credito a Aristophanes na sua Comedia das *Rans*. Com tudo, ainda que todos os Poemas, regularmente fallando, devaõ encaminhar-se á utilidade de quem os ouve, ou lê; com tudo isso, alguns foram destinados pela Politica, ou Filosofia moral para instruir algumas determinadas pessoas. Os Poemas heroicos accendem os Capitães, e guerreiros ao amor da gloria, e das emprezas illustres, com o exemplo dos heroes, e homens famosos. Pelas Tragedias se refrea a soberba dos Principes, dos poderosos, e dos ricos, expondo-lhes os casos atrozes de outros da sua condição, sujeitos ás desgraças, e castigados pelo braço da justiça divina, ou humana. O vulgo, e tambem o povo igualmente aprende das Comedias a emendar os seus costumes, e a contentar-se com o seu proprio estado, vendo-nos defeitos alheios bem representados, e que

que promovem a riso , a correcção dos seus proprios. Finalmente da Poesia Lyrica , da Satyrica , e de outras semelhantes obras toda a gente pôde aprender a louvar a Deos , e aos homens bons , e não menos a vituperar os vicios , e os homens máos.

He pois evidente, que a Poesia em todas as suas especies se encaminha a aproveitar os povos , e que ella não he mais que huma Filosofia moral vestida com mais pompa , e galhardia. Diz Horacio na sua Poetic.

..... *Fuit hæc sapientia quondam
Publica privatis secernere , sacra profanis ,
Concubitu prohibere vago , dare jura maritis ,
Oppida moliri , leges incidere ligno.
Sic honor , & nomen divinis Vatibus , atque
Carminibus venit &c.*

Da allegoria destes versos se vem a conhecer , que os Poetas foraõ dos primeiros legisladores dos costumes , e os primeiros Sabios , e Filósofos da antiguidade , ensinando , e instruindo os povos com a Filosofia moral , explicada nos seus versos. Continuando porém a nossa materia do fim da Poesia , nos achamos em hum grande embaraço sobre se o fim primario dos Poetas he o delectar , ou o instruir. He esta huma questão (como quasi todas da Poesia) em que os mayores homens nesta Arte estaõ discordes. Diz Horacio Poetic.

*Aut prodesse volunt , aut delectare Poetæ ,
Aut simul , & jucunda , & idonea dicere vita.*

Não pôde agradar esta doutrina a hum bom juizo critico ; porque poz Horacio em duvida , e dividio em duas partes o que he certissimo , e hum só. Qualquer ordinario Filósofo sabe , que naturalmente qualquer amante sempre se encaminha ao fim da bemaventurança ; isto he , ao que elle imagina ser sua felicidade.

(Fallo

(Fallo mais como Filoſofo natural , que Chriſtaõ)
 Não ſe póde chegar a eſte fim ſómente pelo caminho
 do deleitavel , mas ſim do util ; porque naquelle pó-
 de ſer enganado , e neſte nunca póde haver engano.
 E ſe Plataõ nos Dialogos do amor 10. de Republ. diz,
 que a Poefia ſempre olha para o deleite , diz iſto para
 ſervir á ração da Dialectica , á da opiniaõ do povo , e
 não á ſua: e tanto he aſſim , que ſempre celebra os
 bons Poetas , e manda , que os máos ſejaõ degradados;
 o que não diria , ſe na Poefia preferiſſe o deleitavel ao
 util , e entendeffe , que podia haver bom Poeta unica-
 mente deleitando. Devemos pois aſſentar (e niſto con-
 corda a mayor parte dos votos dos melhores Authores)
 que o Poeta com a boa imitação ha de ſer util , e de-
 leitavel , como mais advertidamente aſſimou o meſmo
 Horacio , dizendo na ſua Poetic.

*Omne tulit punctum qui miſcuit utile dolci ,
 Lectorem delectando , pariterque monendo.*

Póde-ſe dizer , que a Poefia , ou a Poetica , em quan-
 to he Arte imitadora , e compositora de Poemas , tem
 por fim o delectar ; e que em quanto he Arte subordinada
 á Filoſofia moral , ou Politica , tem por fim o
 utilizar a alguém. Com eſta doutrina , que he do inſigne
 Muratori , ſe vê , que a meſma couſa considerada de
 differente maneira tem dous fins diverſos ; iſto he , a
 utilidade , e o deleite. A Poefia considerada em ſi
 meſma procura cauſar ſeu deleite , e considerada como
 Arte ſujeita á faculdade civil toda ſe emprega em cau-
 ſar utilidade. E como quer que eſta tal faculdade ſeja
 a que encaminha todas as Sciencias , e Artes á felici-
 dade eterna , á temporal , e ao bom governo dos pó-
 vos , por iſſo a verdadeira , e perfeita Poefia deveria
 ſempre igualmente delectar , que utilizar a huma Re-
 publica.

publica. Quem com a boa imitação Poetica não deleita, pecca propriamente contra huma intenção da Poesia; e quem imitando, e deleitando, não he igualmente causa de que o povo se aproveite, e se instrua, pecca gravemente contra outra precisa obrigação desta Arte; e por isso só disse bem Horacio, dizendo: *Lectorem delectando, pariterque monendo*; e não: *Aut prodesse volunt, aut delectare Poetae*. A' vista do que temos dito se segue tambem, que muito mal fundada he a opiniaõ (como infinitas outras) do Author Anonymo de huns livros modernos escritos em Portuguez, intitulados: *Verdadeiro methodo de estudar &c.* onde na Carta Poetica affirma, que o fim da Poesia he só o deleite

C A P I T U L O V.

Da imitação, e do objecto da Poesia.

COMO na definição se disse ser a Poesia imitação da natureza no universal, ou no particular, he justo, que com a clareza possivel expliquemos diffusamente esta parte da nossa definição para mayor intelligencia. Já dissemos, que a imitação he hum nome generico, na qual se comprehendem muitas especies diversas, ou pelo modo, ou pelos instrumentos com que imitaõ, representaõ, ou pintaõ; porém a circunstantia, pela qual a Poesia se distingue das outras Artes, he a qualidade da imitação, a qual segundo Paulo Beni he *Huma narraçaõ, com que hum representa a outro, ou por meyo das acçoens, ou pelo da voz*. Esta authoridade he fundada em outra de Plataõ.

Porém de qualquer modo, que entendamos este termo de *imitação*, he certo, que não ha cousa mais natural no homem do que a imitação, a qual até se observa nas crianças, brincando na sua primeira idade. Eu entendo por *imitar* poeticamente aquella acção, com que muitas vezes fallando de tal modo se veste huma cousa de imagens, e se exprime com pensamentos, ou bellos, sensíveis, claros, novos, ou evidentes, que o entendimento a percebe sem trabalho, especialmente por meyo da fantasia, e fica tendo hum gosto tão particular, que nos parece, que estamos vendo a tal cousa. Por esta razão chamo *pintar*, e *imitar*, aquella acção, com que hum Pintor veste de cores, e de sombras proporcionadas huma cousa de tal maneira, que aos olhos lhes parece, que estão vendo naquella imagem a mesma cousa verdadeira. Ora isto, que o Pintor faz com as suas cores aos olhos exteriores do corpo, póde tambem por meyo das imagens fazer o Poeta aos olhos internos da alma. Ambos pintaõ, e ambos imitaõ os objectos; porém com esta differença, que o Pintor quasi que não póde pintar mais do que aquillo, que se póde ver; mas o Poeta póde pintar tambem as cousas sujeitas ao sentido, como logo direy, tratando do objecto da Poesia. Esta pintura pois, e esta representação he a que se chama imitação Poetica, e que he a essencia da Poesia.

Sendo esta Arte (como se tem visto) huma imitação da natureza, resta agora dizer, que he dilatissimo o seu objecto, ou, para melhor nos explicarmos, que tem hum numero infinito de objectos, em que polla exercitar-se. Para mayor percepção se ha de suppor (como fez o insigne Muratori) que se podem dividir todos os entes creados, e increados em tres mundos,

mundos, tomando a voz de *Mundo* por huma uniaõ de muitos ornatos. O primeiro mundo he o *Celeste* o segundo o *Humano*, e o terceiro o *Material*. Por mundo material, que tambem se pôde chamar mundo *Inferior* se entende tudo o que he formado de materia, ou corpo, como v. g. os Elementos, o Sol, os corpos humanos, as flores, e fnalmente tudo o mais, que está sujeito aos nossos sentidos. O mundo celeste, ou *Superior* comprehende tudo o que naõ tem corpo, nem materia, como he Deos, os Anjos, e as Almas separadas dos corpos. O mundo humano, ao qual podemos chamar *Mundo do meyo*, participando do superior, e do inferior, comprehende, e abraça tudo o que he corpo, e juntamente alma racional; isto he, todos os homens, que se encerraõ no mundo material. Todos estes tres mundos, ou Reinos da natureza contém em si infinidade de varias, e diferentes verdades, as quaes saõ, ou pôdem ser o objecto, e o sujeito da Poesia. Verdade he, que tambem a Mathematica, a Theologia, e a Filosofia moral tem por objecto estas verdades; porém a Mathematica só busca as do mundo material, a Theologia as do celeste, e a Filosofia moral as do humano: mas a Poesia trata, e comprehende todas as verdades destes tres mundos. Esta vastidaõ de objectos concedida á Poesia he que a distingue das sciencias como tambem o seu fim. Estas consideraõ a verdade para a saber, e entender, e a Poesia a considera para a imitar, e pintar, como acima se disse. Aquellas procuraõ conhecer a verdade, esta só busca o representalla. Por isso algumas verdades, as quaes naõ he possivel imitar, ou pintar na fantasia alheya, naõ saõ proprias dos Poetas; como v. g. as verdades da Mathematica especulativa, da Metaphysica, e da Arith-

metica, as quaes são tão abstractas, que o Poeta não as pôde pintar, representar, ou imitar com imagens sensiveis, e palavras intelligiveis. Sim se podem communicar aos entendimentos alheios com palavras, e aos olhos com numeros, e linhas; mas não he possível pintallas, e vestillas daquellas cores, que fazem ver as cousas á fantasia do homem.

Dada esta differença, que ha entre o objecto das Sciencias, e o da Arte Poetica, brevemente diremos qual he tambem a que se dá entre a Poesia, a Oratoria, e a Historia. Ainda que estas duas nobres Artes representaõ a verdade, não menos que a Poesia, com tudo a Oratoria a pinta para a persuadir, e a Historia a pinta sempre como ella he, encaminhando-se ao fim de instruir. Pelo contrario a Poesia pinta, e representa de huma parte a verdade, ou como ella he, ou como poderia, e deveria ser; e de outra a pinta com o fim de imitar, e de causar instrucção, e deleite com esta imitação, enchendo a fantasia alheya de maravilhosas imagens. Por isso com expressiva metaphora communmente se chama a Poesia *Pintura, que falla*, e a pintura *Poesia muda*. Assim o deu a entender Horacio na sua Poetica. Thomé de Burguilhos (ou Lope de Vega, como he mais crível, disfarçado com este nome) em hum dos seus Sonetos chamou engenhosamente á Poesia pintura dos ouvidos, e á Pintura Poesia dos olhos, dizendo:

*Marino gran Pintor de los oidos,
Y Rubens gran Poeta de los ojos &c.*

Mas já antes Petrarca havia dito quasi o mesmo, louvando a Homero com o epitheto de *Pintor*; e verdadeiramente o foy insigne em descrever vivamente os objectos materiaes.

Primo Pittor delle memorie antiche &c.

Camoens ao mesmo intento cant.7. Est. 76.

*Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda Poesia alli descreve.*

E no cant. 8. Est. 41. diz:

*E como a seu contrario natural
A Pintura, que falla, querem mal,*

C A P I T U L O VI.

Da imitação do universal, e do particular.

ESta imitação explicação varios Authores com palavras, que só servem de augmentar a confusão. O insigne Vicente Gravina no seu Discurso Poetico l. 1. n. 4. a distingue, seguindo a Platao, em *Icastica*, e *Fantastica*. O mesmo segue Monsignani Imitat. Poetic. sec. 2. dizendo ambos, que a imitação *Icastica* corresponde á imitação do particular, e tem por objecto todas as acçoens, e cousas, que procedem da natureza, ou da Arte, e não menos da Historia, que da invenção de alguem. A *Fantastica* corresponde á imitação do universal, e tem por objecto tudo o que não existindo per si, tem novo ser, e vida, nascendo da fantasia do Poeta, quando entra a inventar novas cousas, ou acçoens semelhantes ás historias, que se bem não succederao, podiao succeder. O P. Donato, seguindo a mesma doutrina de Plátao, a explica de outro modo na sua Arte Poetica pag.5. Uzaremos das suas mesmas palavras: *Celebris verò est ex Platone imitationis divisio in Icasticam, & Phantasticam. Icastica, seu assimilatrix rei expressæ æqualem usquequa-*
que

que componit imaginem. Phantastica etsi non equat, certo tamen intervallo, aliisque de causis videtur æquare. Ut cum statua Principis ipso maior è fastigio fabricæ eidem apparet æqualis. Assim como pois a Icastica tem por objecto a verdade, assim a Fantastica tem a ficção por seu sujeito. Cicero de Invention. l. 2. fallando da admiravel pintura de Zeusis, que representava a imagem da famosa Helena dos Gregos, diz assim: *Neque enim putavit (Zeusis) omnia que quæreret ad venustatem, uno in corpore se reperire posse; ideo quod nihil simplici in genere omnibus ex partibus perfectum natura expolivit.* Quiz Zeusis pintar-a singular formosura de Helena, e não se contentou de copiar a imagem formosa de alguma particular mulher. Deu na idea de ajuntar todas as que eraõ mais bellas, e de cada huma foy tomando aquella parte, que lhe pareceo mais perfeita; e assim formou o retrato de Helena, ou para melhor dizer retratou nesta mulher a mesma formosura. Eis aqui nesta pintura hum exemplo da imitação fantastica, em que a ficção he objecto; porèm se Zeusis retratara a formosura de Helena como ella em si era, e não pela idéa, e capricho, segundo o verosimil, fazia entãõ huma imitação Icastica, pois tinha por objecto a verdade.

Este he o modo, que descubro mais claro para explicar, que cousa he a imitação do universal, e do particular, que nos Authores he cousa bastantemente confusa, e tanto, que alguns não fizeraõ della menção para não se embarçarem, e confundirem neste labyrintho. O Padre Donato, acima allegado, tratando desta materia quando poem a sua divisaõ, e a explica, acaba o Capitulo, dizendo: *Scio hæc suis implicita nodis aliter ab aliis explicari &c.*

Destá

Deſta imitação Icaſtica, e Fantaſtica nasce entre os Authores outra queſtaõ, e he, qual deſtas imitações ſe deve preferir na Poefia. Huns dizem, que a Icaſtica pertence aos Hiftoriadores, e a Fantaſtica aos Poetas. Não he debil o fundamento, em que ſe fundão os que particularizaõ a Fantaſtica para a Poefia. Na etymologia deſta Arte he que eſtabelecem a ſua opiniaõ ; pois, como diz Donato : *Poeſis à *faciendò nomen invenit* : e Eſcaligero igualmente com Voſſio, dizem : *Ninium (Poetæ) Dei inſtar res velut condant*. Soando pois a palavra Poefia, e Poeta o meſmo, que *Factura*, e *factor*, dizem muitos, que o Poeta fó he Poeta, quando cria com o ſeu engenho, e fantaſia novas fabulas, e não quando refere as couſas já inventadas por outros. Aſſim o affirmou Plataõ, dizendo no ſeu Phedon : *Que o Poeta para ſer tal, he preciſa, que componha fabulas, e não diſcurſos*. Eſta meſma doutrina ſe lê na Poetica de Ariſtoteles, como diz Voſſio Poetic. cap. 2. pag. 5. 6. &c. Outros Authores porèm ſaõ de parecer, que baſta a imitação Icaſtica para ſe lograr dignamente o nome de Poeta ; porque (ſegundo a ſua opiniaõ) ſe não pôde haver Poema ſem metro, e o pôde haver ſem imitação, diſto ſe ſegue ſer muy verofiſimil, que o Poeta toma o nome de tal por metrificar, e não por imitar. Aſſim o affirmo Eſcaligero na ſua Poetica, e na Declamação, que fez contra os calumniadores da Poefia, não receando eſcrever, que : *À Poeſi Hiftoriam nihil differre niſi modo dictionis*. Se iſto aſſim he, não pôde o Poeta deduzir o nome de *compor*, e *fingir fabulas*, como entre muitos quer Plataõ, e Ariſtoteles, ſegundo já diſſemos.

Entre eſtas duas encontradas opinioens ha outra, que

que degrada da Poesia toda a imitação Fantastica , pretendendo mostrar , que he inutil ; e que só a Icastica se deve admittir , pois he proveitosa , por ter a verdade por objecto. O que nós nesta materia seguimos he o que dissemos na definição desta Arte , dizendo , que admittre tanto huma , como outra imitação ; porque segundo o sabio Muratori , todas as cousas dos tres Mundos, Celeste , Material , e Humano pódem ser objecto da Poesia. Pódem-se estas considerar , ou como em si são , e em cada individuo , ou tambem como são naquella idéa universal , que formamos das cousas ; e esta vem a ser hum original de quem são copias os individuos , ou particulares. Lea-se a Luzan Poetic. pag. 42. onde com varias razoes , e reflexoens prova , que se deve usar , e admittir na Poesia huma , e outra imitação do universal , e do particular.

C A P I T U L O VII.

Do furor Poetico.

TRes são as causas efficientes da Poesia , Enthusiasmo , Natureza , e Arte. Poetas de Enthusiasmo são aquelles , que excitados por disposição divina cantão em versos cousas futuras , e mysteriosas : taes são os Profetas , e foraõ as Sybillas. Poetas de Natureza são os que poetizaõ mais por natural genio , que por estudo artificial ; como especialmente foraõ Lucrecio , e Ovidio. Poetas de Arte , chamaõ-se aquelles , que naõ tendo propicio o vento , que sópra a natureza , vaõ para navegar forcejando com os remos da arte. Destes tem havido muitos , entre os quaes contaõ os Criticos a Ef-

a Estacio, Lucano, e Persio. Do Enthusiasmo, ou furor poetico fazem os Poetas particular menção, suppondo-se quando poetizaõ, que se arrebatãõ, como dotados de virtude sobrenatural. Estacio no principio da Thebaida, diz: *Pierius menti calor incidit &c.* Ovidio de Ponto l. 3. Eleg. 4. *Ista Dei vox est: Deus est in pectore nostro. Hoc duce prædico, vaticinorque Deo.* O mesmo diz nos Fastos l. 6. de Arte amandi l. 3. e no 3. l. Amorum, Eleg. 4. Tambem Cornelio Severo in Æthna. . . . *Per insolitum Phæbo duce cautius itur.* e Hesiodo na Theogonia v. 94. *A Musis, & eminus feriente Apolline viri cantores sunt super terram . . . ille verò beatus quemcumque Musæ amant; suavis ei ab ore fluit vox.* Cicero em diversos lugares das suas obras trata do furor Poetico; como na Oração Pro Archia, no 1. l. Tuscul. de Divinat. l. 1. e no 2. de Orat. dizendo: *Sæpe audiivi Poetam bonum neminem (id quod à Democrito, & Platone in scriptis relictum esse dicunt) sine inflammatione animorum existere posse, & sine quodam afflatu quasi furoris.* Finalmente Aristoteles na Poetica 166. deixou escrito, *Poetica est hominis ingeniosi, aut furiosi: horum enim hi quidem facile formantur: hi autem facti sunt ad inquirendum:* e na sec. 30. dos Poble. n. 1. attribue a causa do Enthusiasmo á *atra bilis* esquentada, e como maniaca; e desta he que procediaõ os Bacchantes, e as Sybillas da antiguidade. Porém muitos, e graves Authores negaõ este furor Poetico, como he Castelvetro sobre a Poetica de Aristoteles pag. 65. 180. e 374 Paulo Beni Poetic. partic. 88. pag. 424. e Vdeno Nissely tom. 5. Progin. 21. E na verdade mais força me fazem as razoens destes, que as de Patrizi, que por capricho quiz seguir o contrario. Naõ se nega, que

no Poeta haja este furor ; nega-se fim , que seja dom de Deos , e hum caracter especial dos Poetas , como vindo ; e procedendo de causa sobrenatural ; porque he couza naturalissima o poderse conseguir com a Arte este Enthusiastico.

He certo que para o Poeta crear as imagens poeticas he preciso primeiro agitar a fantasia ; e nenhuma outra couza he o Estro , ou furor poetico , senão esta forte agitação , com que occupada a fantasia imagina couzas raras , estranhas , e maravilhosas sobre qualquer objecto ; que se propoem. Muitas são as causas deste movimento da fantasia , assim como são muitos , e diversos os seus effectos. Por obra divina pôde-se agitar a fantasia ; e daqui nascem os extasis , as visões , os sonhos , e as revelações sobrenaturaes ; porém eu restringindo-me ás couzas naturaes , digo , que estas procedem , ou por parte do corpo , ou tambem pela da alma. Por parte do corpo agita-se fortemente a fantasia , ou pelo demasiado comer , e vinho , ou por causa de febres , de frenezis , e especialmente de malancellia : e a experiencia todos os dias nos está mostrando o quanto nos embriagados , nos febricitantes , nos hypocondriacos , e nos freneticos he violenta a commoção das imagens internas da fantasia. Agita-se igualmente esta por parte da alma , pelas violentas paixões , como v. g. dor , ira , amor , e outras semelhantes ; como tambem a estimação , o desprezo , o pavor , o deleite , a compaixão , e outros movimentos internos. Quem bẽm reflectir , sentirá , que a principal força destes movimentos do animo se faz na fantasia , á qual quando elles reinaõ em nós , se representaõ mil imagens novas , estranhas , e maravilhosas. E taõ vulgar couza he a violência da fantasia movida pelos affectos ,

que

que muitas vezes fica o entendimento opprimido , sem poder exercitar o seu imperio , nem fazer hum recto juizo das cousas ; como ensina Aristoteles no 7. l. da Ethica.

Affentado isto assim ; para a fantasia se encher de furor , he preciso , que o Poeta em si mesmo acorde algum affecto sobre a materia , que se lhe propoem , considerando-a em fórma de bem , ou de mal , de nobre , ou de vil ; isto he quando a mesma materia per si mesma naõ tenha primeiro gerado no nosso animo algum destes differentes movimentos , como succede aos Poetas namorados. Depois deverá escolher da fantasia aquellas imagens, que lhe parecerem , ou mais bellas , ou mais magestosas , ou mais vís , ou mais ridiculas , ou mais terriveis , e em huma palavra , aquellas , que melhor poderem exprinir a qualidade da materia , de que quer tratar. Ora assim como he certo , que nós naturalmente podemos acordar em nós os affectos , e que qualquer objecto , que se nos propoem , se move, ou se pôde mover para amor , ou ira , ou medo &c. assim igualmente he certissimo ; que toda a materia pôde agitar de qualquer maneira a nossa fantasia ; e por consequencia inspirarnos o furor , e enriquecernos de huma grande abundancia de imagens. Tenha por tanto o Poeta cuidado em mover com a Arte algum affecto para a materia , que pretende tratar : introduza a alma na sua fantasia , e mande-lhe , que considere todas as qualidades , circumstancias , e adjunctos , que ella movendo-se com vehemencia , e por força por meyo do affecto , formará novas , e maravilhosas imagens , das quaes em seu lugar trataremos diffusamente , apontando exemplos , que fação capacitar melhor o leitor da verdade desta doutrina.

Eis aqui como o Enthusiasmo, ou furor poetico não procede de causa sobrenatural, mas sim natural, e como se prova, que este Estro se pôde adquirir com a Arte; e que considerado como os antigos Poetas o consideravaõ, fica sendo hum sonho procedido da vangloria para se exaltarem por entendimentos divinos, e por taes serem cridos na opiniaõ do povo. Nem obstaõ as palavras de Plataõ, dizendo em muitos lugares, especialmente, no *Jon*, que *todos os Poetas mais insignes, sabem fóra de si não por Arte, mas por divina inspiraçãõ, quando cantaõ os seus Poemas; e que os não pôdem cantar, se não estão fóra de si; arrebatados em extasi, e cheyos de divindade;* porque este Enthusiasmo de Plataõ, e de outros, que o seguiraõ, como Democrito, e Cicero, se deve tomar em sentido allegorico, o qual a cada passo se acha nas obras deste Filosofo; quando não queiramos dizer com a opiniaõ de Castelvetro na sua admiravel exposiçaõ á Poetica de Aristoteles; que Plataõ zombasse (como era seu costume) quando escreveo as palavras, que agora difemos. Lea-se o que diz pag. 65. 280. e 374. A doutrina de Aristoteles sobre esta mesma matéria he mais huma opiniaõ Etnica, que huma razaõ filosofica, como diz o celebre Nisiely tom. 5. Progin. 21. Tambem não faz força o exemplo das Sybillas, e das Bacchantès; porque estas não versificavaõ, ou profetizavaõ por natural intemperança de malancolia, mas por obra do demonio, o qual fazia com que vencestem, e excedestem o uso do saber de huma mulher, e mostravaõ isto com varias demonstraçoens. As Sybillas em quanto prégavaõ mysterios divinos eraõ inspiradas pela Sabedoria divina, que quiz houvesse alguma luz suas trevas da gentilidade. Deixo á parte o mais, que estas

estas mulheres profetizavaõ a respeito de outras cousas ; porque isto devidamente pertence aos Theologos, que trataõ do dom *gratis datum*. O certo he que nellas o espirito fatidico naõ era malancolia , mas huma potencia , ou sobrenatural , ou preternatural extrinseca.

C A P I T U L O VIII.

Os Poetas devem ter sua instrucçaõ de todas as Sciencias , e Artes.

ALguns Filozofos disseraõ , que todas as sciencias, exceptuando a Poesia , estavaõ sujeitas á sua faculdade ; porẽm o Poeta , para mayor excellencia da sua Arte , excede nesta parte a Filosofia ; porque comprehende a faculdade Poetica todas as Sciencias , e Artes. Em primeiro lugar , deve todo o Poeta naõ ignorar a *Astrologia* ; pois muitas vezes deve descrever o nascimento , e occaõ dos Signos celestes , exprimir o movimento das Estrellas , e narrar as tempestades &c. Assim o praticou Virgilio , dizendo :

*Hic canit errantem Lunam , Solisque labores ,
Unde hominũ genus, & pecudum, unde imber, & ignis,
Arcturum , pluviasque hyadas, geminosque triones ;
Quid tantum Oceano properent se tingere Soles
Hyberni , vel quæ tardis mora &c.*

Por estes versos nos consta , que antigamente os Poetas eraõ peritos na *Astrologia* ; o que mais claramente se vê , quando descreve a Estrella , ou Constellação *Orion* , no seu oriente , e no seu occaõ , e a *Venus* , ou Estrella d'alva. Porẽm onde Virgilio mostrou,

que

que tinha huma particular noticia das estrellas , he nestes versos :

*Anne novum tardis sydus te mensibus addas ,
Quâ locus Erigònem inter , chelasque sequentes
Scorpius , & Cœli justâ plus parte reliquit.*

Em outros Poetas se achão muitas descripçoens destas , pelas quaes se mostraõ quanto souberão desta sciencia , e principalmente Lucano ; porém he demasiadamente importuna a vaidade , com que ostenta saber a Astrologia , segundo o juizo , que delle faz o Padre Le Brun de Eloquent. Poetic. tom. i. pag. 22. Igualmente he necessaria no Poeta a noticia da *Geografia* : pois muitas vezes lhe he preciso descrever a grandeza das Regioens , a distancia de humas a outras , a situaçãõ das Cidades &c. Quanto o mesmo Virgilio soubesse desta faculdade , mostrou nos seguintes versos.

..... *Tum Tartarus ipse
Bis patet in præceps tantùm, tenditque sub umbras ,
Quantus ad æthereum Cœli suspectus Olympum.*

E tambem quando enigmaticamente disse :

*Dic quibus in terris , & eris mihi magnus Apollo ,
Tres pateat Cœli spatium non amplius ulnas.*

Da noticia , que tambem deve ter da *Musica* ; ninguem se atreverá a duvidar , sabendo , que Lyno , e Orfeo foraõ taõ excellentes Poetas , como Musicos ; e que antigamente se naõ sabia Poesia sem saber Musica ; pois a huma , e outra Arte eraõ communs os numeros harmonicos. O P. Donato na sua Poetic. pag. 3. diz ; *Ideo quidquid canitur musicis modis ferè carmen. est : & Poete scribentes carmina , aiunt non se scribere , sed canere.* Assim o praticou Homero , e igualmente Virgilio , escrevendo *Arma ; Virumque cãno &c.*

Ultimamente quem haverá , que naõ saiba , que os Poetas

Poetas Lyricos eraõ Muficos, que ao fõm da lyra compunhaõ, e cantavaõ tambem feus versos? Pois que diremos da *Historia*? Naõ ha coufa mais precisa a hum Poeta. Ella he como alma do Poema, e quem a ignorar, nem ainda mediocrementemente faberá compor. Muito necessita o Poeta de saber os costumes das naçoens, os principios, e augmentos das Cidades, quaes foraõ os feus fundadores, que acçoens illustres se tem obraõ, as geraçoens, as Religioens, os oraculos, e finalmente innumeraveis coufas. De tudo Virgilio nos deixou exemplos, tirando muito dos antigos annaes; principalmente quando declarou o côstumẽ antigo dos sacrificios, dizendo:

*Purpureo velare comas adapertus amictu,
Nequa inter sanctos ignes in honore Deorum
Hostibus occurrat facies, atque omnia turbet.*

Se Homero, ou Virgilio ignorassem a Historia, ou Geografia, nenhum descreveria as peregrinaçoens de Eneas, nem outro as de Ulysses; nem hum narraria a tornada para Itacha, nem outro a navegaçaõ para Italia; nem hum, e outro usariaõ de comparaçoens taõ proprias, se ignorassem a Historia natural. Nestes Poetas vemos comparada, ou a alegria com o cavallo, ou a fereza com o tigrẽ, ou a violencia com o leaõ, ou o impeto com hum rio caudaloso, ou a resistencia com o rochedo, ou o temor com o veaõ, ou o clamor da multidaõ com o canto das aves, ou a voracidade, e traiaõ com o lobo. Neste animal explicou engenhosamente Virgilio o delicto, e o medo do castigo, quando cantou:

*Qui prius à tergo quam tela inimica sequentur,
Contínuò in montes se se avius abdidit altos
Occiso Pastore lupus, magnoque juvenco*

Conf-

*Consciis audacis facti, caudamque remulgens
Subjecit pavitantem utero, sylvasque petivit.*

Igualmente o estudo das *Leys* não deve ser desconhecido do Poeta, por ser huma principal causa da vida civil, e como tal lhe pertence muito por ter por fim o instruir. O 6. l. da Eneada largamente trata de premios, de castigos, de Juizes, e de sentenças; e pelo discurso deste Poema se lem as determinaçoens dos Deoses, e dos Reys, e se apontaõ os modos de se administrar bem huma Cidade. Que representa Latino; e Eneas, senaõ a pessoa de hum Principe bom, e Mezcencio, e outros, senaõ a imagem de hum Tyranno? Ultimamente (segundo o Padre Le Brun acima allegado) não deve ignorar a *Arithmetica*, a *Optica*, a *Dialectica*, nem ainda a *Medicina*, de que tudo achamos exemplos nos dous Principes da Poesia Grega, e da Latina. Virgil. tratando da Medicina, disse:

*Dictanum genitrix cretaeã carpit ab Idã
Puberibus caulem foliis, & flore comantem
Purpureo; non illa feris incognita capris
Gramina, cum tergo volucres hæsere sagittæ.*

C A P I T U L O IX.

*Os Poetas não devem affectar, que são peritos
nas Sciencias, e Artes.*

HE digna não menos de consideração, que de ob-
servancia, aquella sentença de Horacio: *Tractant
fabrilia fabri*; porque se póde accommodar a mui-
tas especialidades da Arte; mas por ora só servirá
para mostrar, que o Poeta (o mesmo saõ tambem os
Orado-

Oradores, e Historiadores) não se deve engolfar em discorrer nas cousas por modo scientifico, por ser hum vicio muy tedioso aos leitores. Por isso Tucidides no principio da narraçãõ da peste, prevendo já este vicio, fugio delle, dizendo: *Dicat igitur de hoc ut quisque novit, & Medicus, & idiota, à quo verisimile sit illud extitisse, & causas &c. Ego autem cujusmodi fuerit explicabo.* Sobre estas palavras discorre doutissimamente Fabio Pagolini l. i. Prelect. 6. dos seus Commentarios sobre esta narraçãõ de Tucidides; censurando a Diodoro, a Paulo Orosio, e a Ammiano Marcellino, cujas doutrinas se pôdem applicar aos Poetas, ainda que só falla dos Historiadores. Porém ouçaõ os Poetas o que contra elles diz sobre este vicio o Bispo Jeronymo Vida no 2. l. da sua Poetica:

..... *Sunt qui, ut se plurima nosse
Ostentent, pateantque suarum opulentia rerum,
Quidquid opum congesserunt, sine more, sine Arte
Irrisi effundunt, & versibus omnia acervant.
Præcipuè siquid summotum, siquid opertum,
Atque parum vulgi notum auribus, aut radiantis
De Cæli arcanâ ratione, Deûmve remotâ
Natura, aut animæ obscuro impenetrabilis ortu, &c.*

Esta economia, e modestia Poetica mostrou Virgilio no seu Poema, tratando em muitas partes das sciencias, mas de modo, como diz A. Gellio l. 3. cap. 2. *ut hominem decuit poeticas res agentem.* O contrario observou Claudiano de Raptu Proserp. porque com huma longa, e importuna digressãõ faz discursos fysicos sobre a causa dos incendios do Etna: por isso delle diz Scaligero no l. 6. da Poetic. *Importunè causam querit incendiorum Ætnæ ex personâ suâ. Quid nempe nunc agat Fysicum? Siquem hæc narrantem introduxisset,*

pateremur: nunc excurrit ipse suo relicto argumento. Pelos mesmos passos de Claudiano foy Lucano, não seguindo os vestigios de Virgilio, que sempre com modestissima brevidade discorre de cousas astrologicas: por este motivo foy criticado por Minturn. Poetic. l. 2. pag. 88. dizendo: *Lucanus vel nimis in hoc est, atque in ostentatione quadam artis gloriam consequi conatur.* Excelente doutrina nos dá nesta materia Bulgarini na disputa, que teve com Mazoni partic. 1. dizendo: *Que como a Poetica não fora inventada para o uso de argumentar, e disputar, segundo affirmava Averroes na sua Paraphrase sobre a Poetica, por isso o bom Poeta deve fugir de tratar diffusamente as materias scientificas, e só as deve apontar, como faz Dante ex professo passando por todas com hum certomagnanimo desprezo.* Esta mesma doutrina se corrobora com a authoridade de Castelvetro Poetic. de Aristot. pag. 597. reprehendendo a Petrarca sobre aquelle verso do Soneto 9.

Quando il pianeta, che distingue l' ore &c.

Diz assim: *O Poeta não deve sem necessidade grande misturar nos seus Poemas cousas pertencentes á Astrologia, ou alguma Arte, de que o povo não possa ter alguma instrucção. Por isso Homero, e Virgilio nunca mostraõ o tempo do anno, ou do dia, por causa das Estrellas, das quaes muitas não são conbecidas do vulgo. Com pouco louvor se affastou Ovidio algumas vezes deste exemplo, e Lucano muitas &c.* Deste vicio dos Poetas nascem muitos inconvenientes: o primeiro he a escuridade, como aponta o mesmo Castelvetro, a qual *augmenta muito o verso*: o segundo he a affectação; e senão, lea-se a *Dorothea*, e sobre tudo a *Philomena* de Lope da Vega Carpio, onde diz:

Mef-

*Mescla con suavidad clarin sagrado
(Sin que puedas tomar paxaros viles)
Al genero Chromatico, y Diatonico
Con intervalo dulce el Enarmonico.*

*Haz puntos sustentados, haz intensos,
Haz semitonos, Diesis, y redobles &c.*

Outro exemplo semelhante se lê em Valdivieffo no Canto 3. de S. Joseph na Est. que prinpicia *Cessen las Vestas, Palas, Cythereas &c.* E em Montalvan na sua Comedia de *D. Florisel de Niquea*, jornada primeira, quando diz: *De traz de este jardin a breve espacio &c.* Naõ copiamos os versos destes Authores, e de outros infinitos, por naõ sermos prolixos em cousa, que he taõ pueril. O outro defeito, que traz consigo a affectaçãõ do Poeta em mostrar, que sabe muito das outras faculdades, he o perigo de errar; como alguns erraraõ, por naõ estarem plenamente instruidos na materia de que tratavaõ; do que nem ainda estaõ livres Homero, e Virgilio, como diz Turnebo examinando este Poeta, e aquelle Escaligero. Poetic. l. 5. cap. 3. Tambem nestes Poetas talvez poderemos comprehender a Camoens, lendo a primeira Est. do 2. Cant. da sua Lusitada.

*Fá neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo &c.*

E a razaõ podia ser; porque parece, que o Sol naõ he o que distingue as horas; antes estas he que o distinguem a elle. Tassoni he o que faz este reparo tambem ao verso do Soneto de Petrarca acima allegado: *Quando il pianeta, che distingue l' ore &c.* E assenta, que lhe parece ser o Sol, naõ o que distingue as horas, mas sim o dia, a noite, e as Estaçoens. Finalmente para o Poeta evitar as justas censuras dos Criti-

cos, lea o conselho, que nesta materia, de que tratamos, lhe dá o Padre Pontano na sua Poetica l. 1. cap. 5. e l. 2. cap. 7. dizendo: *Ne fabulis inferendis luxuriamus; rarae sint, nec ita abstrusae, ut mediocriter eruditus multum negotii facessant. Ne magnam antiquitatis cognitionem ostentemus, nec frequenter ad historias veteres, aut dicta egregia sapientium alludamus. Nam ut ista, opportunè si facias, vehementer placent; sic ipsa frequentia displicent, & tenebras gignunt.* Talvez que fundado nesta opiniaõ, e authoridade, censura alguem a Camoens o ser taõ frequente em usar de fabulas para qualquer cousa, ostentando mostrar, que sabia bem da Mythologia; motivo porque parece a alguns nesta parte, naõ só enfadonho, mas escuro. Lea-se a Garcez Ferreira nas Notas, que fez a este grande Poeta.

C A P I T U L O X.

Do deleite poetico, e dos seus dous principios, belleza, e doçura.

ENtremos agora em hum dilatado assumpto, havendo de tratar do deleite poetico, que he o que faz exceder a Poesia a todas as mais Sciencias, e Artes, como imã, que attrahe os coraçoes. Nenhuma outra cousa he este deleite poetico, senaõ aquelle prazer, e gosto, que recebe a nossa alma pela belleza, e doçura da Poesia. Muitos Authores confundem estas duas qualidades, tendo-as por huma mesma cousa, quando na verdade saõ entre si distinctas, como mostra Luzanna na sua Poetica, a quem seguimos, por ser excellente.

A bel-

A belleza consiste naquella luz, com que a verdade apparece brilhante, e ornada; e esta luz não he outra cousa senão a brevidade, ou clareza, a energia, utilidade, e outras circumstancias, que podem acompanhar, e fazer bella a verdade; porém a doçura não consiste propriamente em alguma destas qualidades, senão especialmente naquellas, que podem mover os affectos do nosso animo; como affirmou Horacio, quando disse, que os Poemas não só devem ser bellos, mas tambem doces.

Non satis est pulchra esse poemata, dulcia sunt,
accrecentou tambem:

Et quocumque volent, animum auditoris agunt;
No que mostrou, que a doçura poetica consiste propriamente em saber mover os affectos, e fazer-se senhora dos animos, de quem a ouve, ou lê.

Porém entremos mais profundamente neste ponto, e principiemos a dar algumas luzes, que claramente mostrem, em que consiste a belleza, e doçura poetica. Seguiremos os passos do celebradissimo Muratori; que magistralmente tratou desta ignorada materia, escrevendo os livros *Della perfetta Poesia Italiana*; no que faremos aos Poetas Portuguezes hum particular serviço para o bom gosto das suas Poesias.

C A P I T U L O XI.

Em que precisamente consiste a belleza poetica.

JA' dissemos, que o fim da Poesia, em quanto Arte fabricante, he deleitar com a imitação. De dous modos póde ser esta Arte deleitavel, ou com as
cou-

cousas, e verdades, que ella imita, ou com a maneira de a imitar: isto he; pódem causar deleite as verdades, e cousas, que o Poeta representa, ou porque são novas, e maravilhosas per si mesmas, ou porque o Poeta as faz ser taes com o seu artificio. Estas verdades maravilhosas he que são a alma da Poesia, e a origem do deleite; porque se huma cousa não he nova, por experiencia vemos, que não nos causa maravilha, e por consequencia não nos instrue; pois sempre tiramos nossa instrucção de ver alguma cousa, que seja nova. Porém como he muy difficil, ou para melhor dizer impossivel, que o Poeta sempre ache cousas novas, e verdades admiraveis, que imitar, deve-se advertir, que se dão tambem outras verdades, as quaes não são maravilhosas, e novas, mas o artificio do Poeta pelo modo de as representar as faz parecer taes, como acima dissemos; por quanto elle as reveste de tal maneira, e lhe dá hum tal colorido, que apparecem cheyas de novidade, e de belleza, por virtude do maravilhoso, e exquisito artificio, da vivacidade da pintura, e do novo ornato poetico, que lhe deu. Não ha verdade mais trivial, e conhecida do que esta de que *igualmente morrem os ricos, e os pobres*, nem esta proposição causa algum deleite a quem a ouve: mas se se vestir esta verdade com ornato poetico, dirse-ha com Horacio:

*Mors æquo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres.*

E ficará então nova, viva, e delectavel, por virtude do novo habito, com que se representou. Se dissermos tambem simplesmente, que *Chegára o tempo de fallecer ElRey D. Affonso Henriques*, nenhum deleite causará isto assim dito; porque não está revestido com

com belleza poetica: porém farnos-ha esta verdade huma grande novidade, e maravilha poetica, se a ler-mos em Camoens Cant. 3. Est. 83.

*De taman as victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
da larga, e muita idade foy vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagáraõ seus annos deste geito
A triste Libitina seu direito.*

Do mesmo modo talvez não foy maravilhosa a acção de Paris filho de Priamo, e roubador da celebrada Helena. Adquirio com tudo novidade, e pareceo rara pela industria dos antigos Poetas, os quaes fingindo ser Paris eleito juiz das tres Deosas, vestiraõ a verdade com hum tal ornato, que a fizeraõ ficar maravilhosa, e estranha. Em huma palavra, como diz Muratori, os Poetas ou achaõ viandas saborosas, e novas per si mesmas, ou com a novidade do tempero daõ particular sabor ás triviaes, e usadas, fazendo por ambos estes modos bellissimos os seus Poemas, e deleitando sumamente o gosto do entendimento.

A' vista do referido dizemos, que a belleza preciza da Poesia consiste na novidade, e no maravilhoso, que resulta das verdades, que o Poeta representa. Esta verdade, e este maravilhoso he huma suavissima luz, que nos póde deleitar, e arrebatat, empregada no nosso entendimento, e especialmente na fantasia. Dous modos pois, e dous meynos tem os bons Poetas, para fazerem bellas as suas composicoens, e com ellas causarem deleite. O primeiro he o de achar cousas, e verdades novas, estranhas, e maravilhosas, que per

fi

si-mefmas caufem admiração. O fe-gundo he o de pin-tar bem com vivas cores, e de ornar com pompa, no-vidade, e maravilhofos artificios as mefmas verdades, que per fi mefmas não são admiraveis, nem eſtra-nhas; e quem for dotado de huma, e outra virtude, póde fe-guramente dizer, que poſſue, e ſabe em que confiſte a verdadeira belleza poetica.

Segundo eſtes principios podemos igualmente di-vidir em duas eſpecies eſta belleza poetica; iſto he, em *materia*, e em *artificio*. Ou o Poeta ha de achar materia nova, admiravel, e eſtranha, ou quando eſta for trivial, reveſtilla com o artificio de novidade, e de cores maravilhofas. A *materia* comprehende todos os objectos doſtres mundos, ou Reinos da natureza, de que já tratámos no Capitulo *Do fim da Poesia*; e qualquer deſtes objectos póde ſervir de aſſumpto ao Poeta, e deſcobrir verdades novas, maravilhofas, e raras, que poſtas em verſo deleitarão grandemente. O *artificio*, que he a maneira de communicar as cou-ſas aos entendimentos alhejos, e de fazer, que eſtes comprehendaõ os noſſos affectos, as verdades abſtra-ctas, as acçoens humanas, e tudo o mais, de que ſe póde diſcorrer em hum Poema; o artificio, digo, ſe ex-tende tambem elle a todos eſtes objectos, podendo o Poeta por meyo delle representallos viviffimamente, e com ſua novidade, quando elles per fi meſmos não a tenhaõ; ou tambem póde unirſe o artificio com a materia nova, e admiravel per fi meſma, fazendo-a muito mais formoſa, e capaz de ſempre cauſar muito mais deleite. Para darmos hum exemplo de huma ver-dade rara por parte da materia, nos parecem muy pro-prios os dous verſos de Maggi, nos quaes de algum modo dá a conhecer a immenſidade de Deos, fonte de
toda

toda a formosura, que enche de si mesmo a todas as cousas :

Dell' ampio mondo in ogni parte è Dio ,

E ne son cinti e pieni i nostri cuori &c.

Esta grande verdade não considera a mayor parte das pessoas, as quaes ainda que saibão, que Deos está em toda a parte, com tudo não sentem, e não observão, que elle esteja nos nossos corações; e mais depressa o concebem como cousa, que assiste no Ceo, e de lá governa a terra. Daqui vem, que fica este conceito bellissimo, novo, e delectavel; isto he, bello per si mesmo, porque descobre huma admiravel verdade não observada, e muito rara. Daremos igualmente outro exemplo tirado da sagrada Escritura. Lemos no cap. 3. da Sabedoria divina estas palavras: *Iustorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis. Visi sunt oculis insipientium mori, & exstimata est afflictio exitus illorum, & quod à nobis est iter, exterminium. Illi autem sunt in pace.* Esta he huma das mais nobres verdades, que nos ensina a Fé Catholica, e sempre he nova, sempre maravilhosa. Parecia aos olhos dos ignorantes, que os SS. Martyres morressem com incrivel miseria: ensina-os pois a Sabedoria divina, fazendo-lhes saber, que os seus justos, nem ainda são tocados pela morte, e que loucamente se imagina ter acabado o curso das suas vidas: porque a morte delles não he outra cousa mais, que huma passagem do nosso desterro aos Reinos da paz, e aos gostos da immortalidade gloriosa. A verdade deste exemplo, como he inopinada, porque o contrario vem os nossos sentidos corporaes, causa hum admiravel delecte, conforta, e move a pasmo a todo o que a ouve.

Mas porque nem sempre o nosso entendimento póde descobrir verdades perigrinas, e maravilhosas na materia; antes muitas vezes por necessidade lhe convém descrever, e tratar das mais conhecidas, e vulgares, porá então todo o seu cuidado o Poeta em fazer bella a materia com o artificio. Muitas vezes succede atenuar esta as verdades com o demasiado uso, e por isso não ficar apta a produzir maravilhas; e então tem o engenhoso Poeta necessidade de fazer a esta materia por meyo do artificio poetico aquelle beneficio, que lhe não fez a natureza. Ora isto, como já temos dito, se consegue, vestindo a tal materia com hum novo, e vistoso ornato, o qual faz com que ella tome novo semblante; de maneira, que quando ella antes per si mesma não podia causar gosto, unida depois com o artificio facilmente o possa causar. Ora veja-se o quanto por causa da materia são nobres, e cheyos de hum suavissimo affecto estes seis versos de Tasso feitos á imitação de Virgilio. Veja-se quanto o artificio, bem que superficial de repetir as palavras, accrescentou notavelmente a graça; e a natural belleza:

*Noi canteremo i nostri versi a prova,
Qualunque paia il nostro modo, e l' arte;
È Corinna alzerem fino alle stelle,
Fino alle stelle in alzerem Corinna,
Ch' io non fui degno di vederla in Terra,
Ma spero forse di vederla in Cielo.*

Outra pintura com o mesmo colorido do artificio se achará no primeiro Tom. da Collecção dos versos Latinos da Arcadia em Roma, pag. 180. e 181. Chora hum Pastor desta Academia a morte do celebre João Baptista Zappi, chamado o Pastor *Thyrso Leucasio*, em

em humia admiravel Elegia, e diz assim:

*Dumque alii tibi dona ferent, dumque ossa piabunt,
Dicemus laudes, ó bone Thyrsi, tuas.*

*Sic tibi solemnes quoties statuemus honores,
Dicemus laudes, ó bone Thyrsi, tuas.*

*Turba frequens Thyrsin, Thyrsin nemo omne sonabit,
Thyrsin clamabunt littora, Thyrsin aquæ.*

Outra acção igualmente, que me parece bella por causa da materia, e que ao mesmo tempo deve grande obrigação ao artificio, se lê em Ovidio, representando vivissimamente a Ulysses, que expunha na praya do mar a Calypso os successos de Troya:

*Hæc Troie casus iterumque, iterumque rogabat:
Ille referre aliter sæpe solebat idem.*

*Littore constiterant: illic quoque pulchra Calypso
Exigit Odrysi facta cruenta Ducis.*

Ille levi virgã (virgam nam fortè tenebat)

Quod rogat, in spisso littore pingit opus.

Hæc, inquit, Troia est: (muros in littore fecit)

Hic tibi sit Simois: Hæc mea castra puta.

*Campus erat (campumque facit) quem cæde Dolonis
Sparsimus, Hemorios dum vigil optat equos.*

Ulic Sithonii fuerant tentoria Rhefi:

Hac ego sum captis nocte revectus equis.

Pluraque pingebat: subitus cum Pergama fluctus

Absulit, & Rhefi cum Duce castra suo.

O suavissimo Camoens nos deixou no seu grande Poema muitos retratos deste original. Bastará por ora mostrar dous, o primeiro do Cant. 8. Est. 28. e o segundo do Cant. 6. Est. 23.

Attenta n'um, que a fama tanto extende,

Que de nenhum passado se contenta,

*Que a Patria , que de hum fraco fio pende !
Sobre seus duros hombros a sustenta.*

* *Naõ o vês tinto de ira , que reprende
A vil desconfiança , inerte , e lenta
Do povo , e faz , que tome o doce freyo
De seu Rey natural , e naõ de alheyo ?*

Parece que estamos vendo com os olhos o animo , zelo , e ira do Condestavel Nuno Alvares Pereira , de quem trata esta Estancia; porém ainda he mais expressiva a pintura da que se segue , na qual parece que vemos ao menino Melicerta hir brincando pela praya , e pegar nelle. a Nereida Panopea , ou por hir cançado como menino , ou por evitarlhe as travessuras.

*Aquella , que das furias de Athamante
Fugindo , veyo a ter divino estado ,
Comsigo traz o filho , bello infante ,
No numero dos Deoses relatado.*

* *Pela praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas , que o salgado
Mar sempre cria , e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopea.*

De tudo quanto temos dito se conclue, que a Poesia , a qual naõ he outra cousa senaõ imitação , comprehende duas cousas ; isto he , a materia , ou seja o sujeito , e fundo da imitação , e a maneira de imitar ; e cada huma destas cousas póde conter belleza , e causar assim maravilha , como deleite. Para hum Poeta ser bom , basta que seja excellente na maneira de imitar , do mesmo modo , que basta ao Pintor o saber imitar o que quer exprimir com o pincel ; nem ha necessidade, que a materia ou sujeito seja sempre maravilhoso , novo , e bello per si mesmo ; porque se isto fosse necessario , já mais poderia o Poeta representar senaõ

coufas, acçoens, costumes, affectos, e sentimentos per si mesmos maravilhosos. Taõ bom mestre he aquelle; que pinta huma bella moça, como o que figura huma velha fea: nem fica inferior ao que pinta muitas figuras em hum painel, aquelle, que faz hum só retrato excellente.

C A P I T U L O XII.

Da belleza da materia, e como della se possaõ tirar verdades perigrinas.

NEnhuma outra coufa (segundo entendo) he o descobrir na materia, e extrahir della verdades perigrinas, senaõ o observar, e descobrir em qualquer materia, e objecto proposto ao Poeta as verdades, que outros observaõ mal, e que raras vezes, e nunca, as costuma representar a natureza, (se bem que possa,) aos sentidos, á fantasia, e ao engenho. Estas verdades descobre o Poeta, ainda que sejaõ pintadas com locuçoens, e palavras simples, com tudo sempre comsigo trazem maravilha, novidade, e por consequencia a virtude de nos deleitar, sem que o artificio se cance muito em fazer, com que appareçaõ maravilhosas: e como quer que as acçoens, os affectos, os costumes, e os conceitos dos homens sejaõ o principal sujeito da Poesia; nesta materia especialmente costuma descobrir o Poeta, e extrahir della verdades perigrinas. Estaõ descobrirá elle estas verdades, quando observar nos objectos, que se lhe propoem, aquellas qualidades, e acçoens, aquelles costumes, e affectos, que ordinariamente naõ produz
a na-

a natureza, nem costuma vir á comprehensão, e advertencia do povo. Para chegarmos pois com a materia a causar maravilha, e deleite, he preciso representar os objectos dos tres mundos, não como elles ordinariamente são, mas como verosimilmente podem, ou deverião ser na sua completa fórma. Quando o Poeta intenta descrever a hum homem máo, ou bom, huma acção louvavel, ou vituperavel, hum corpo proporcionado, ou disórme, e o discurso de hum Heroe, de hum servo, ou de hum Pastor, busca, descobre, e exprime toda a perfeição, ou defeito destes sujeitos, fazendo delles huma pintura, como os deveria produzir a natureza, ou plenamente perfeita, ou defeituosa. Deve por tanto o Poeta descobrir nas cousas, e na materia tudo o que he mais raro, e maravilhoso, representando os objectos, mais do que elles ordinariamente não são: e para neste particular me poder propriamente explicar, seja-me licito, poder dizer sem escandalo, que o Poeta deve completar, e aperfeiçoar a natureza.

Póde haver esta perfeição em todas as quatro partes mais essenciaes dos Poemas, observadas por Aristoteles: isto he, na *Fabula*, ou seja nas acçoens, nos *costumes*, na *sentença*, ou seja nos conceitos, e na *dicção*, ou seja nas palavras. O *sitio*, e a *tomada de Troya* não se conseguirão com tantas admiraveis operaçoens, assim de homens, como de Deoses, quantas representarão Homero, e Virgilio nos seus Poemas. Estes Poetas com o seu divino engenho, e fecundissima fantasia descreverão tal successo, imaginando-o como elle poderia, ou deveria verosimilmente succeder.

Igualmente descrevendo os *costumes* podemos aper-

aperfeiçoar a natureza. Se quizermos pintar os de hum magnanimo, ou covarde, de hum feroz, ou affeminado, de hum prudente, ou cruel, devemos pintar estes costumes, representando-os como verdadeiramente pôdem, ou verosimilmente devem ser no mais eminente, e completo gráo do tal costume, ou seja louvavel, ou vituperavel, ou indifferente. Assim o praticaraõ Virgilio com Eneas, e Sinaõ, Tasso com Gofredo, Homero com Achilles, e Camoens com Vasco da Gama, cujas pinturas de valor, astucia, piedade, ferocidade, e animo heroico causaõ maravilha, e deleite; por serem obras de excellentes mãos. Talvez que os costumes destes sujêitos naõ subissem a gráo taõ eminente, ou de perfeiçaõ, ou de defeito, mas verosimilmente podiaõ, ou deviaõ ser assim estes homens para merecerem o caracter de Heroes.

Na *sentença*, e na *dicçaõ* he certo, que infinitamente se pôde ainda augmentar a perfeiçaõ da natureza. Costumaõ os Poetas, quando fallaõ, ou introduzem alguem a fallar, naõ usar daquelles conceitos conhecidos, e triviaes, que ordinariamente nos lembraõ, e se ouvem nos discursos civis, ou familiares; mas escolhem os mais nobres, os mais engenhosos, os mais doces, os mais ridiculos, e facetos, que poderá dizer hum Heroe, hum homem douto, hum amante, e hum louco &c. Muitos exemplos poderamos mostrar para prova desta verdade, mas per fugimos á prolixidade, apontaremos só alguns, que bastaraõ para instruirem o Poeta. Em huma Tragedia, intitulada *Aspasia*, composta pelo celebre Poeta Cesareo Pedro Antonio Bernardoni, lemos hum passio, que dá humas grandes luzes ao que dizemos. Introduz elle a Dario, filho de El Rey da Persia, a fallar com Aspasia, dizendo lhe,

do-lhe, que a tinha perdido a feu pay para esposa, e elle lhe tinha deferido como o feu amor desejava. Diz elle a Aspasia:

Il Re dé Persi a me vi dona

Responde-lhe ella logo :

. Et io

*Cb' impero ho più del Re dé Persi in questa
Libertà, che m' avanza, a voi mi tolgo.*

Io del mio cor son donna, e sola posso

Di lui, qualor mi piaccia,

Farne all' altrui virtute o premio, o dono.

Igualmente Lucano no l. 4. da sua Farsalia imaginou os conceitos mais nobres, que deveria conceber Affrânio, homem animoso, mas vencido por Cesar, na occasião, em que se rendia ao vencedor :

Victoris stetit ante pedes. Servata precanti

Maiestas, non fracta malis; interque priorem

Fortunam, casusque novos, gerit omnia victi,

Sed Ducis; & veniam securo pectore poscit.

Si me degeneri stravissent fata sub hoste,

Non deerat fortis rapiendo dextera letho.

At nunc sola mihi est orandæ causa salutis,

Dignum donandâ, Cesar, te credere vitâ.

Naõ he justo, que deixemos tambem de apontar hum exemplo do grande Camoens no Cant. 7. Est. 69. introduzindo a fallar hum Mouro da nossa Religiaõ com termos, e sentimentos decentissimos, e adequados ainda segundo as leys do Alcoraõ. Ouçamos como o Poeta se mostrou a todas as luzes admiravel nesta representaçã pelas vozes taõ proprias, e perigrinas, de que usou :

Tem a Ley de hum Profêta, que gerado

Foy sem fazer na carne detrimento

Da Mãy , tal que por bafco está approvado

Do Deos , que tem do mundo o regimento.

O que entre meus antigos he vulgado

Delles , he que o valor sanguinolento

Das armas , no feu braço respandece ;

O que em noſſos paſſados ſe parece.

Diſſemos acima , que os partos da natureza ordinariamente não ſão per ſi meſmos maravilhoſos , e novos na ordem das couſas ; porque não ſão eminentes , e completos no feu genero. Póde com tudo algumas vezes ſucceder o contrario ; porque com effeito tem havido Capitães , Principes , e Heroes de hum ſummo valor , e admiravel fortuna , ſobre ſerem ornados das mayores virtudes ; e as ſuas emprezas chegaram com effeito áquella novidade , e perfeição , que o Poeta vay deſcobrindo na materia. Se eſtas taes emprezas , e perſonagens forem propoſtas para argumento de algum Poema , certo he , que não tem a fantaſia muito que ſe cançar em deſcobrir o admiravel da materia ; porque a natureza per ſi meſma o manifeſtou , fazendo logo bella , e poetica a eſta materia. E taes deverião certamente ſer as emprezas do Emperador Trajano na guerra contra os Dacios ; porque ſe alegra muito Plinio o moço com hum certo Caninio , que queria deſtas acçoens formar hum Poema ; pois tinha deſcoberto hum argumento de ſi meſmo poetico , diz aſſim na Epift. 4. l. 8. *Optimè facis, quod bellum Dacicum ſcribere paras. Nam quæ tam recens , tam copioſa , tam lata , quam denique tam poetica , & quamquam in veriffimis rebus tam fabuloſa materia?* Mas porque deſtes aſſumptos , e de materia tão eminente , e maravilhosa coſtuma a natureza ſer muito ayarenta , por iſſo a eſta póde o Poeta ,

como temos dito, accrescentar-lhé alguma perfeição, e novidade; e deste modo he, que elle póde aperfeiçoar a natureza.

CAPITULO XIII.

Como os Poetas buscão o verdadeiro: trata-se daquelle que he certo, do que he possível, do que he crível, e provavel, chamado por outro nome verosimil.

TEndo-se tantas vezes dito nestes Capitulos, e estabelecido *o verdadeiro* por primeiro principio, e fundamento da belleza poetica; e que o Poeta descobrindo na materia as verdades mais novas, maravilhosas, e perigrinas, então he que acha aquella belleza, que se busca nos Poemas, estou persuadido, que alguns entenderão, que he paradoxo esta proposição. Quem ha, que ignore, que o buscar a verdade não he proprio dos Poetas, mas sim o affastarem-se della quanto podem, fingindo, e inventando fabulas, e mentiras, que certamente contém o que he falso, e não o verdadeiro. Tanto he isto assim, que aquelle, que melhor sabe fingir, e mentir, esse he o melhor Poeta, segundo o proverbio, *Muitas mentiras dizem os Poetas*, como escreveo Aristoteles no livro da *Metaphysica*, e Plutarco no Tratado de aud. Poet. logo como se póde dizer, que a belleza da materia poetica está fundada no *verdadeiro*?

Cessará talvez esta grande duvida, e justissima admiração, quando se entender bem a divisação do *verdadeiro*, do qual já demos huma breve noticia, e agora

ra hiremos expondo com mayor clareza. De duas especies he o *verdadeiro* da natureza. Huma he aquelle *verdadeiro*, que com effeito he, ou foy: o outro he o que verosimilmente foy, e tambem podia, ou devia ser; segundo as forças da natureza. O primeiro *verdadeiro* buscaõ os Theologos, os Mathematicos, os Historiadores, e outras sciencias. O segundo pertence aos Poetas, que saõ os que principalmente o buscaõ. Do conhecimento do primeiro vem a *sciencia*, e do segundo a *opiniaõ*. Hum pode-se chamar verdadeiro, necessario, ou evidente, ou moralmente certo; como seria dizer: *Que Deos he Omnipotente, e Eterno; que a terra he redonda; que o Sol queima, e brilha; que Roma fora antigamente Republica, que conquistara muitas Provincias de Europa, e da Asia; e que os Christãos libertaraõ Jerusalem do poder dos Sarracenos, sendo Capitaõ Gofredo*. Outro póde-se chamar *verdadeiro*, possivel, provavel, e crível, que vulgarmente se diz *verosimil*, como v. g. *Que a Lua contém em si, como a terra, variedade de corpos; que ha fogo debaixo da esfêra da Lua; que huma loba criára a Romulo, e Remo; e que na conquista da Terra Santa, que fizera Gofredo, houvesse hum fortissimo Sarraceno chamado Argante, e huma valerosa donzella com o nome de Clorinda*. Porém como todos os dias estamos infelizmente experimentando, que he difficil de achar o *verdadeiro*, certo, e evidente; por isso o nosso entendimento, como o não póde conseguir, se contenta, e deleita com o *verosimil*, que até comprehende além dos Poetas tambem aos Theologos, aos Filosofos naturaes, aos Historiadores &c. como prova o nosso seguido Muratori tom. i. pag. 72.

Estabelecida esta doutrina, continuamos a dizer,

que sempre algum *verdadeiro* serve de fundamento ás invenções poeticas, e que estas não podem ser bellas, quando não nos fazem apprehender alguma verdade, ou certa, e evidente, ou tambem possível, e verosimil. Muitas são as verdades reaes, certas, e existentes, que se encontraõ nos Poemas. Na Epopea, nas Tragedias, e em infinitas composições lyricas costuma ordinariamente ser o sujeito dos versos alguma acção, successo, ou pessoa, que verdadeiramente foy, ou realmente he. Todos os dias nos mostra a Poesia mil pedaços de Historia, de Geografia, de Filosofia, e de outras Sciencias, e Artes; mil descripções de lugares, de rios, de animaes, e de outras cousas, que são verdadeiras; antes pela mayor parte os conceitos de que ella usa, contém a verdade evidente, e real. O resto das outras invenções, e descripções dos outros successos, e conceitos, que ella nos faz ver, e ouvir, e que industriosamente finge, contém, ou deve conter o *verdadeiro* possível, crível, e provavel. Onde o entendimento não descobrir na séria, e nobre Poesia, e em qualquer das suas partes, ou o primeiro verdadeiro, ou o segundo; he certo, que a tal composição não causará deleite, nem parecerá bella, ainda que se encontre o novo, e o maravilhoso; porque nos ha de causar o falso hum grande desagrado, como cousa impossível, incrível, ou inverosimil. Por isto o Poeta, que he nobre, e sério, sempre nos representa as cousas verdadeiramente succedidas, certas, e existentes; ou tambem finge com a sua fantasia as que verdadeiramente podem, ou podiaõ, devem, ou deviaõ ser, e succeder, causando deste modo, ou sciencia, ou opiniaõ em o nosso entendimento. Não se póde dizer, que estes successos possíveis sejam falsos; porque

porque ainda que seja evidente o não serem elles realmente verdadeiros, tambem he claro, que elles podião, ou pódem verdadeiramente succeder; e o Poeta com elles faz, que o entendimento alheyo apprehenda hum verdadeiro, não real, e succedido, mas fim possível, e verosimil, que antes não era conhecido. Estas cousas pois, que são criveis, possíveis, e prováveis, chamamos-lhe *verosimeis*; porque são semelhantes ao *verdadeiro* certo, evidente, e real; e tambem são certas na razaõ, e genero (digamos) de possibilidade, probabilidade, e credibilidade. Basta por ora deste assumpto; porque largamente discorreremos do verosimil, e inverosimil, pelo discurso desta Arte, e faciaremos (quanto nos for possível) os desejos do leitor.

CAPITULO XIV.

Da belleza do artificio, sua virtude, e seus exemplos &c.

TEndo nós até aqui tratado das bellezas da materia, convem igualmente agora, que passemos ás do artificio, e dizer neste assumpto algumas cousas geraes para instrucção do Poeta, que as ignora. O artificio, como já temos dito, consiste na maneria de representar, e exprimir as cousas, e com esta maneira recebe a mesma materia huma grande luz, novidade, e belleza. Não importa, que não seja de si mesma maravilhosa, e extraordinaria huma verdade, huma acção, e hum conceito; porque a maneira de a representar, e pintar com palavras, a fará extraordinaria,

ria, e maravilhosa; e também, que a que per si mesma já era tal, fique com o artificio mais perigrina, e delectavel, do que d'antes era. Soccorrendo deste modo o Poeta com o seu artificio novo, e admiravel á materia, que não tem estas duas circumstancias, dá huma nova alma ás coufas, e as veste de modo, que com a pompa poetica facilmente causa deleite. Huma viva metaphora, huma engenhosa parabola, e allegoria, huma bella figura, huma disposição de palavras, huma evidencia no pintar, huma affectuosa, nobre, e extraordinaria imagem (que he em que consiste principalmente o artificio) faz muitas vezes, que hum successo, hum costume, hum affecto, e hum conceito nos deleite, e nos arrebate; o que talvez não succederia sem o soccorro do artificio. Apontaremos alguns exemplos, e seja o primeiro do suavissimo Poeta Italiano Francisco de Lemene em huma Canção a Nossa Senhora; diz assim na segunda Estancia:

Chi fia costei più fra le belle Bella?

Chi fia costei più fra le saggie Saggia?

Chi fia costei più fra le Sante Santa;

Costei, che del suo lume il Sole ammantava,

Costei, sotto il cui piè Cintia s' irraggia,

Costei, cui fregia il crin più d' una Stella?

Costei, che al candor sembra

Dell' alma, e delle membra

La feconda Conchiglia, e Verginella?

Questa (ma pria ch' io 'l dica, oimè perdona

Al mio profano ardir, Vergin pudica)

Questa (ma pria ch' io 'l dica

Tu pensier puri, e puro stil mi dona)

Questa al fin, questa, il dirò pur (ma pria

Chino la fronte umil) questa è Maria,

Que

Que admiravel artificio ! Rarissimas copias se poderão entre nós mostrar deste precioso original , pelas bellas, suavissimas, e nobres expressoens, com que está pintado. Se este Poeta dissera sem outro artificio : *Que Maria entre todas as bellas he a mais bella ; que entre todas as sabias he a mais sabia ; que tem a Lua debaixo dos pés , e que de Estrellas se fórma a sua coroa &c.* seriaõ estes conceitos bellos, mas só por virtude da materia : porém sem comparação alguma ficaõ muito mais bellos pela maneira , e artificio , com que se exprimiraõ. Aquella interrogação unida ao pasmo , aquelle suspender a resposta , aquelle interrompella com imagens affectuosas , e insperados apostrofes dá hum tal ar de novidade, de ternura, e magestade á materia, que quasi nos vem a parecer outra cousa , e que infinitamente nos deleita mais, tudo por causa do ornato, que lhe accrescentou o artificio. O grande Camoens em muitas partes do seu Poema não nos deixa de dar excellentes exemplos. No Canto 2. introduz a Venus fallando a Jupiter a favor dos Portuguezes com admiraveis imagens ; porém na Estancia 41. diz assim :

Mas morra em fim nas mãos das brutas gentes ;

Que pois eu fuy E nisto , de mimosa ,

O rosto banha em lagrimas ardentes ,

Como co' orvalho fica a fresca rosa.

Callada hum pouco , como se entre os dentes

Se lhe impedira a falla piedosa ,

Torna a seguilla , e hindo por diante ,

Lhe atalha o poderoso , e graõ Tonante.

Muito deve esta Estancia ao artificio , que fez maravilhosa a materia, que de si o não era. Se este Principe da Epica Portugueza fizera continuar a Venus

na sua falla, pouca, ou nenhuma novidade sentiriamos: mas para a haver, e deleitar com ella aos leitores usou, á maneira de Virgilio, artificialmente da *reticentia*, ou *aposiopesis*, dizendo: *Que pois eu fuy:* queria continuar v. g. *desgraçada, infeliz &c.* Como melindrosa imaginou o Poeta, que havia chorar, e explicouse com hum particular artificio. Finalmente introduz esta Deosa a querer outra vez fallar, como he natural, em cousa, que importa muito; mas Jupiter compassivo lhe atalha as yozes; o que faz sobrefahir notavelmente o artificio, e exceder esta imagem a de Virgilio: *Quos ego &c.* tão trivial aos que são dados á Poesia. Igualmente engenhoso he o pensamento, que transcreve Luzan na sua Poetica do discretissimo D. Luiz de Ulhoa. Diz assim este Poeta em huma Decima:

*Mas quando al conocimiento
Se passa por los sentidos,
Ya quanto estan defendidos
Se niega el entendimiento.
Desvanece al pensamiento
Ver que en guerra tan trabada
Estè la fuerza assolada,
Y las potencias rendidas,
Quedando tan sin heridas
Los que guardaban la entrada.*

Observou este Poeta, que pelos sentidos he que nos vem o conhecimento das cousas, as quaes para o entendimento as comprehender, he preciso, que passem por estes orgãos; como he certo na doutrina antiga de Aristoteles, e na moderna. Fundado neste principio entra engenhosamente Ulhoa a diffcultar, como podessem as suas potencias internas

namorarse, ficando ao mesmo tempo os sentidos livres desta paixão amorosa. Este pensamento de si mesmo pela materia era delectavel, e ainda sem adorno, e com palavras sinceras podia conseguir este fim; porém elle com o artificio o fez muito mais maravilhoso, e novo, como vimos nos admiraveis versos, que apontámos.

Em todo o tempo, e em todo o lugar, onde (segundo a transmigração das sciencias) floreceraõ excellentes Poetas, e engenhos felices, sempre a Poesia se regulou pelos mesmos principios desta belleza poetica, de que tratamos, e já temos tratado. Sempre o verdadeiro servia de fundamento ás fabulas, ás acçoens, aos costumes, aos affectos, aos conceitos, e a todo o trabalho poetico; porém sempre o verdadeiro maravilhoso, e novo, ou por causa da materia, ou do artificio, como tambem a fantasia, e o engenho se empregavaõ em descobrir na natureza este novo modo, ou em dar novidade a este verdadeiro trivial, e usado. A mais pura, santa, e antiga Poesia foy sem duvida a dos Hebreos. Della ainda nos restaõ os Canticos de Moysés, e de outros Profetas, os Psalmos de David, o Livro de Job, os Proverbios, as Lamentações de Jeremias, e outras obras mais, que são Poemas feitos em huma rithma, e metro particular dos Judeos, como affirma Philo, e Joseph Hebreos, Origenes, Eusebio de Cesarea, S. Jeronymo, e outros; se bem que Escaligero, e alguns modernos são com pouco fundamento de contrario parecer. Nesta divina Poesia achão-se infinitas imagens, figuras, e expreçoens verdadeiramente admiraveis, e novas, as quaes, quando pelas traduçoens passaraõ a outros idiomas, necessariamente perderaõ muito da

I

sua

fua natural belleza, e força pela rusticidade das linguagens. Póde haver Poesia mais doce, e affectuosa do que os Cantares de Salamaõ, nos quaes se representaõ os ternissimos amores da alma com Deos? Para explicar a ira divina, e para mover a pranto, e a piedade, saõ admiraveis os Livros de Jeremias, cheyos de maravilhosos pensamentos. E que summa nobreza se naõ encontra nos Psalmos de David, cantando as grandezas, e misericordia de Deos, e o arrependimento de huma alma fiel? Observe-se com que sublime pensamento nos faz no Psalmo 103. conceber o grande poder de Deos, dizendo: *Qui respicit terram, & facit eam tremere.* Naõ se póde mais vivamente explicar a Magestade, e Omnipotencia Divina, senaõ com huma tal expressaõ, que he huma admiravel imagem. Naõ só os Hebreos, mas ainda aquellas naçoens, que temos por barbaras, cultivaõ a Poesia com aquella belleza, que insinuámos, e vamos insinuando. O que he bello, sempre o foy em todo o tempo, e lugar, porque sempre foy, e será huma só a natureza, que pintaõ os Poetas excellentes. Sómente a mayor, ou menor cultura dos estudos he que faz, com que mais em hum paiz, e menos em outro haja engenhos poeticos, mais, ou menos felices em compor Poemas; pois que as mesmas sementes do que he bello, saõ commuas a todos os homens.

Os Arabes, os Turcos, os Persianos, e os Gregos modernos, ainda que sejaõ gentês pelo ordinario, que estaõ muy affastados dos estudos amenos, e graves, e por isso pouco favorecidos das Musas; com tudo compozeraõ, e compoem muitos Poemas excellentes; aos quaes naõ sabemos dar a devida estimaçaõ, por ignorarmos a lingua, em que estaõ compostos.

postos. Justo será, que desta verdade apontemos algum exemplo. Entre os Poetas Persianos floreceo hum com grande reputação, chamado Suzeno, homem certamente dotado do mais faceto, e agudo engenho, como testifica Derbelot. Falleceo no anno de 1173. Na sua idade mais madura entrou a fazer penitencia dos seus peccados, e della deixou testemunhos em oito mil versos, que escreveo, nos quaes chora as culpas, que commettera. Fingiraõ cega, e supersticiosamente os Persianos, que este Poeta depois da sua morte apparecera a hum seu amigo, e lhe disse, que Deos lhe perdoara os seus peccados por hum Distico, que compozera. Traduzio-o Derbelot em Latin deste modo:

Quatuor tibi affero, ó Deus, quæ in Thesauro tuo non sunt:

- Nihilum, indigentiam, peccatum, & pœnitentiam:
Como esta composiçaõ para muitos será cousa nova, será tambem justo, que a traduzamos em Portuguez, por servirmos áquelles, que ignoraõ a lingua Latina:

Eu, Senhor, quatro cousas te offereço,

Que não ha no teu thesouro,

Ó Nada, e a Indigencia,

Como tambem a Culpa, e Penitencia.

Ainda que este conceito esteja vestido á Persiana, com tudo he nobilissimo, engenhoso, e novo. Primeiramente causa maravilha; e deleite, querer apresentar a Deos, Senhor de tudo, quatro cousas, que elle não tem no seu thesouro; e descobri-se depois, que nelle verdadeiramente não ha as ditas cousas. Em segundo lugar, com muita bellezã persuade o Poeta ao mesmo tempo a vileza, e miseria de homem, de

quem são proprias as quatro cousas, e a grandeza, e santidade de Deos, a qual dá a mostrar que he immensa, porque nos seus immensos thesouros faltaõ as taes cousas. Finalmente abraçando em poucas palavras as razoens de aplacar, e ter necessidade de Deos, e de arrependerse das culpas passadas, não podia o Poeta pedir perdaõ com mais engenhosa, e aguda brevidade.

Eis aqui como os Poetas ainda mais estranhos, estudando pela natureza, produzem tambem elles bellissimos conceitos, imagens muy vivas, e verdades peregrinas; ainda que por causa da differente lingua seja algumas vezes muy differente o artificio em as exprimir. Porém não quero acabar este Capitulo, nem deixar este ponto, sem dar outro exemplo igual ao Persiano, copiando huma cantiga, que Bernardino Tomitano confessou de ter ouvido na lingua Turca, e tambem Grega vulgar, e que elle a traduzira em Italiano. Contém os versos o sentimento de huma moça pela ausencia do seu amante, expondo os seus proprios affectos da maneira seguinte:

*Bassilisco ho piantato,
E Rose son nasciute;
Dentro delli cui rami
Cantan le Rondinelle:
Deb Rondinelle mie:
Pregovi, non cantate;
Poiche 'l mio dolce amante
Radice del cor mio,
Si fá da me lontano,
Fuggendo il dolce porto,
Per ritrovar fra l' onde
Tempestuosi travagli.*

*Deb Rondinelle mie,
Pregovi, non cantate:
Ma più tosto piagnete,
Se pietose voi siete.*

Todos estes exemplos apontados servem para mostrar, e fazer conhecer, que naturalmente qualquer homem, se não he de todo rustico, e falto de entendimento, póde achar, e gostar da *belleza poetica*, e discernir o mais do menos bello, ou este consista na *materia*, ou no *artificio*, ou em ambos estes principios. Porém já he tempo de entrarmos a distinguir melhor do engenho a fantasia, e a expor o como contribue para a Poesia huma, e outra potencia, descobrindo, ou materia admiravel, e nova, ou tambem fazendo-a tal por meyo do artificio.

C A P I T U L O XV.

Da-se huma geral noticia da fantasia; differença entre ella, e o entendimento, e commercio entre si; imagens fantasticas, e sua divisãõ &c.

HE a fantasia a fonte mais fecunda da maravilha, e belleza poetica, nem o engenho na Poesia cria conceitos mais agradaveis do que esta potencia; por isto he, que nella damos principio a este novo argumento tão desconhecido de muitos, ou quasi todos os que escreveraõ da Arte Poetica; como entre infinitos he hum delles o Padre Donato, e Vossio, que tratando de todos os segredos, e especies da Poesia, não nos deixaraõ instrucção alguma sobre a fantasia. Porém para caminharmos com mais luz neste tenebro-

so

so caminho, he preciso explicar, que cousa he *fantasia*. Todo o objecto, que se representa aos olhos, aos ouvidos, e aos outros sentidos, lança hum compendio, huma imagem, huma semelhança de si mesmo, a qual sendo recebida pelos sentidos, passa pelos nervos, e órgãos corporeos, até que chega a imprimir-se em o nosso cerebro. A potencia, ou faculdade da alma, que apprehende, e conhece estes objectos sensiveis, ou para melhor dizer, as suas imagens, he a fantasia, ou imaginativa, a qual porque está (segundo o nosso modo de entender) na parte inferior da alma, lhe poderemos chamar *aprehensiva inferior*. Tem a nossa alma outra apprehensiva das cousas, a que podemos dar o nome de *superior*; porque está collocada na parte superior, e racional da alma, e communmente lhe chamamos *entendimento*. O officio da fantasia não he propriamente o inquirir, e entender se as cousas são verdadeiras, ou falsas, mas sómente o apprehendellas. O officio do entendimento he inquirir, e entender-se estas são falsas, ou verdadeiras. Porém para meditar, e formar pensamentos, unem-se entre si estas duas potencias, administrando a inferior á superior as imagens dos objectos, que lhe communica sem se valer dos sentidos; porque já em si as tem. Tambem póde a potencia inferior per si mesma valer-se destes objectos para imaginar as cousas já apprehendidas, ou para fabricar outros objectos; porque tambem ella tem força para conceber novas imagens.

Depois desta geral noticia, he preciso entender mais precisamente o commercio, que ha entre o entendimento, e a fantasia, e em quantos modos formão estas duas potencias dentro de nós as imagens, e os pen-

pensamentos, de que se compoem os discursos, que fazem os homens. Em tres maneiras pois se fórmaõ as imagens. A primeira he formallas o entendimento com a sua racional, e penetrante virtude, sem que a fantasia lhe administre alguma cousa. A segunda he unindo-se o entendimento com a fantasia, concebendo-as juntamente. E a terceira he concebellas a fantasia só, sem se aconselhar com o entendimento. A primeira succede, quando o entendimento, depois de ter bem julgadas, e escolhidas as imagens, que a fantasia apprehendera antes, fórma sobre ellas, e cria novas imagens, que antes a fantasia não tinha apprehendido. Vê v. g. o nosso entendimento, que a fantasia apprehendera, e formara em si muitas imagens de homens; que faz? ajunta-as, e de tantas imagens particulares, que recolhera a apprehensiva inferior, tira elle, e fórma huma imagem, que antes não havia, concebendo, *Que todo o homem tem a potencia de rir; que os viciosos não devem ser louvados; que aquelle homem, que presume, que só elle he sabio, deve ser reputado por louco &c.* Estas imagens propriamente são intellectuaes, ou engenhosas; nem os sentidos as podem mandar á fantasia; mas só o entendimento as concebe. e depois faz, com que tambem a fantasia as apprehenda. A segunda maneira succede, quando a fantasia aconselhando-se com o entendimento, e valendo-se da sua luz, expoem aquellas imagens, que lhe vieraõ pelos sentidos: ou tambem quando unindo, ou separando estas, fórma outras novas, que antes não havia; porém nunca perdendo de vista o imperio do entendimento. A terceira maneira succede quando a fantasia domina absolutamente a alma, e pouco, ou nada attende para os conselhos do entendimento, como v. g.

nos sonhos, nas febres, nos effeitos melancolicos &c. Esta terceira classe de fantasia não tem lugar algum na faculdade poetica; porque a não regula o entendimento, e só a segunda he muy propria de Poeta, como diremos, considerando aquellas imagens, que se concebem quando a fantasia unindo-se com o entendimento pacificamente concebem, e expõem as cousas.

A fantasia pois unida com o entendimento (e por isso obrigada a procurar algum verdadeiro) póde, e costuma produzir imagens, que ou directamente são para ella *verdadeiras*, ou que tambem directamente parecem taes ao entendimento. Como v. g. quem descreve vivamente, e com palavras proprias o *Arco Iris, a batalha de dous guerreiros, hum generoso cavallo, hum tigre feroz, o movimento, que faz na agoa de hum lago pequeno huma pedrinha*, e outras cousas semelhantes. Estas imagens representaõ huma verdade vinda á fantasia pelo sentido, e que como tal a conhece tambem o entendimento. Pódem tambem estas imagens directamente serem só *verosimeis* á fantasia, e ao entendimento, como v. g. o imaginar a *Scena funesta da ruina de Troya, a chegada de Orestes a Tauro, a morte de Niso, e Eurialo*, e outras infinitas cousas imaginadas pela fantasia, as quaes parecem possiveis, e verosimeis tanto a ella, como ao entendimento. Pódem finalmente estas imagens serem directamente *verdadeiras*, ou *verosimeis* á fantasia, e indirectamente parecerem taes ao entendimento; como v. g. vê a fantasia hum rio, que faz mil gyros pela planicie de huma selva; imagina; e parece-lhe cousa verdadeira, ou verosimil, que elle esteja namorado daquelle florido lugar, e que não saia

ba, ou não queira buscar modo de o deixar. Esta imagem, não directamente (porque o sentido directo he falso) mas indirectamente faz, com que o entendimento conceba, que isto he verdade; isto he, a amenidade daquelle sitio, e os gyros deliciosos daquelle rio.

Ainda que todas estas diversas imagens reconheçam a fantasia por sua mãy, e se lhe poderiaõ chamar fantasticas, para as distinguir das intellectuaes, e engenhosas; com tudo, só ás ultimas daremos propriamente o nome de *fantasticas*; isto he, áquellas, que directamente contém o que he verdadeiro, ou verosímil; porque nestas, mais que nas outras, apparece a força da fantasia. As primeiras, e as segundas imagens são formadas pela fantasia, só com pintar as cousas, como ellas são, ou podem ser, e parecer naturalmente a ella, aos sentidos, e ao entendimento; e por isso em parte são intellectuaes, e lhes convém o nome de *simplices*, e *naturaes*. As terceiras porém, reconhecem com mais evidencia, que devem o seu ser á fantasia, a qual une duas, ou mais imagens verdadeiras, e naturaes, para formar huma nova, que nunca naturalmente houve, nem póde haver, e parecer tal ao entendimento, e por isso chamaremos a estas imagens *artificiaes fantasticas*. O voar v. g. he qualidade propria, e natural só do que he animado, e tem azas; porém a fantasia agitando as suas imagens, e unindo a do voar com a da fama, imagina, que a fama voa, falla, e opéra, como se tivesse alma. Igualmente o saudar he só proprio do homem; com tudo, a fantasia une esta imagem com a de hum passaro, e imagina; que os passarinhos saudaõ com o seu canto o nascimento da Aurora. Disto se compre-

hende, que esta casta de imagens são propriamente produzidas pela fantasia, que vay imaginando cousas maravilhosas, e novas, que aliás são falsas a quem só vay buscar o sentido directo. Mas porque indirectamente fazem estas perceber alguma cousa, que he verdadeira, ou verosimil ao entendimento, por isso a elle lhe agradaõ, e na formação dellas se une com a fantasia, permittindo-lhe hum taõ bello delirio, e entregando-lhe ás vezes imagens intellectuaes, para que ella as vista, e orne com as suas bellas, e admiraveis cores, se bem que mentirozas. Porém justo he, que expliquemos com alguns exemplos, em que consiste a força das imagens da fantasia, tanto as *simplices*, e *naturaes*, como as *artificiaes fantasticas*. Principiemos pelas primeiras.

C A P I T U L O XVI.

Mostra-se com exemplos, em que consiste a força das imagens simplices, e naturaes da fantasia.

JA' dissemos no Capitulo passado, dividindo as imagens da fantasia, que as *simplices*, e *naturaes* são aquellas, que descreve a mesma fantasia, ou seja imaginativa dos Poetas, as quaes naturalmente virião pelos sentidos, e que directamente tambem são verdadeiras, ou verosimeis ao entendimento. Igualmente já temos dito, que hum dos mayores cuidados, e perfeiçoens da Poesia consiste no descobrir cousas admiraveis, e no aperfeiçoar a natureza; isto he, em formar os seus partos mais perfeitos, e completos na sua especie, achando novas, e maravilhosas cousas, acçoens,

çoens, costumes, e conceitos. Consiste a outra perfeição, e cuidado da Poesia no modo de bem pintar, imitar, e representar os partos da mesma natureza. Esta perfeição (como já temos explicado) não pertence á *materia*, e cousas, que se haõ de representar, pertence especialmente ao *artificio*, e maneira, com que a poetica fantasia deve representar estas cousas. Agora neste Capitulo mostraremos, que outro não menor gosto experimenta a nossa alma, quando a fantasia alheya pinta; e representa á nossa as cousas fóra do lugar, ou do tempo, e de tal modo, que vivamente as vemos com os olhos internos do entendimento, como se usassemos da vista, e dos sentidos externos. Nesta viva pintura consiste huma das principaes delicadezas da Arte poetica; e ainda que possa dizer-se, que o Poeta sempre imita, e pinta, com tudo, mais precisa, e propriamente faz elle este officio, quando entra a colorir, e a pôr diante dos olhos internos da alma com evidencia, e com força os successos, os costumes, os conceitos, e todos os mais objectos, que elle pinta, e imita. Assim he o Pintor, o qual geralmente sempre imita, e he imitador, ainda quando sem usar de cores, e só com a penna, ou com o lapis debuxa as figuras simplesmente a claro, e escuro: porém muito mais precisamente imita, e pinta, quando a estas figuras ajunta o trabalho de lhe fazer as cores, e as sombras; porque no primeiro modo mais depressa mostra a sua tenção, do que as cousas, que intenta pintar; e no segndo não só mostra a sua tenção, mas faz ver as mesmas cousas, que intentara. Desta pois vivissima imitação das cousas, feita pelos Poetas tiramos nós hum grande deleite pela razaõ fundamental, de que a todos he delectavel o maravilhar-se, e ao mei-

mo tempo instruirse. Grande obrigação devemos áquelle Poeta, e Pintor, que com as suas Artes nos conduzem a ver, como se fosse com os próprios olhos. v. g. a famosa ruina de Troya, as acçoens de Achilles, ou de Eneas, e os trabalhos de Ulysses gyrando pelo mar. A pezar do tempo passado, e de lugares taõ distantes, vemos presentes aquellas cousas, e aquellas acçoens; ouvimos as suas palavras, e os seus conceitos quasi do mesmo modo, que no las fariaõ ver, e ouvir os sentidos externos.

Maravilhoso he certamente Ovidio nesta casta de imagens, e pinturas, expondo ordinariamente as cousas, como se as vira, e pintando-as com tal viveza, que tambem os leitores entendem, que as estaõ vendo. Veja-se como elle representa aõ velho Sileno, que vinha das Indias em companhia de Baccho. Descreve-o embriagado, sobre hum jumento, pegandose-lhe ás crinas para naõ cahir; mas porque se lhe turba a vista em seguir, e olhar para as Bacchantes, que o vaõ cercando, e porque vay obrigando ao animal a apressar os passos, cahe em terra, donde os Satyros logo o levantaõ. Mas ouçamos a viva expressaõ do Poeta, no qual naõ ha palavra, que naõ seja huma excellente cor, que aviva a Poesia:

Ebrius ecce senex pando Silenus asello

Vix sedet, & pressas continet arte jubar.

Dum sequitur Bacchas, Bacchæ fugiunt que petiit que,

Quadrupedem ferulá dum malus urget eques;

In caput aurito cecidit delapsus asello.

Clamarunt Satyri: surge, age, surge, Pater &c.

Continúa o Poeta a descrever a chegada de Baccho á presenca de Ariadna, que se queixava pelo desamparo, em que a deixara o desleal Theseo; e diz assim:

Jam

*Jam Deus è curru , quem summum cinxerat uvis ,
Tigribus adjunctis aurea lora dabat.*

Et color , & Theseus , & vox abiere puellæ :

Terque fugam petiit : terque retenta metu.

Horruit , ut steriles , agitat quas ventus ; arista :

Ut levis in madidâ canna palude tremit.

Cui Deus : En adsum tibi cura fidelior , inquit.

Pone metum ; Bacchi , Gnoſſias , uxor eris.

Dixit , & è curru , ne tigres illa timeret ,

Defilit : imposito cessit arena pede.

Ora vejaõ os leitores se se podiaõ mais vivamente exprimir as imagens daquella acção da fantasia do Poeta, e fazer conceber aquelle caso com cores mais proprias, e vivas. Naõ he menos admiravel a imagem, com que D. Luiz de Ulhoa pintou a turbação, sobrefalto, e medo da formosa Judia Rachel, quando entraraõ os conjurados em sua casa para a matar; diz assim:

Traidores fue a decirles , y turbada

Viendo ciería de el pecho las cuchillas ,

Mudò la voz , y dixo : Cavalleros ,

Porque infamais los inclitos aceros ?

O famoso Petrarca he cheyo destas bellas imagens; e por naõ copiarmos infinitos lugares seus, daremos só a ler hum, em que elle nobremente imagina o acto, em que lhe pareceo, que a sua Laura entrava no Ceo:

Gli Angeli eletti , e l' Anime beate

Cittadine del Cielo , il primo giorno

Che Madonna passò , le furo intorno ,

Piene di meraviglia , e di pietate.

Che luce è questa ? e qual nuova beltate ?

(Dicean tra lor) perch' abito si adorno

Dal Mondo errante a quest' alto soggiorno

Non salì mai in tutta questa etate &c.

Porém entre todos os Poetas modernos entendo , segundo o meu juizo , que não houve algum tão maravilhoso nas suas imagens , como o Padre Thomaz Ceva no seu Poema Latino , intitulado *Puer Jesus*. Descreve elle hum conductor de camellos , que tornando de Nazareth , o cercaõ os póvos , e todos lhe pedem , que lhe dem novas de Maria , refugiada no Egipto. Narra este homem muitas cousas ; mas apenas acaba de fallar , logo entraõ os outros de novo a fazerlhe mais perguntas. Esta pintura certamente não póde ser mais viva ; porém , eu por fugir á prolixidade , só apontarey huma naturalissima circumstancia , com que o Poeta dá mais alma á sua obra :

*Nunc sequar (hospes ait) siccis permittite labris ,
(Nam crudis capis vox aspera faucibus hæsit)*

Tantisper liquido verba irrorare lyæo.

Sic ait , appositoque mero , ut gens prisca solebat ,

Implevit pateram , manibusque utrinque prehensam

(Quod felix , socii , faustumque sit omnibus) hausit ,

Bisque interrupit sinceris laudibus haustum ,

Inversaque manu barbam , atque ora hispida ter sit.

Veja-se como este excellente Poeta tendo fixos os olhos da fantasia para o costume , e caracter de hum homem rustico , o exprimio todo com palavras admiravelmente significantes. Aquelle pedir vinho para (como nós ainda vulgarmente dizemos) molhar a palavra ; por ter a voz áspera , e seca pelas cebollas cruas , que comera : aquelle pegar na taça com ambas as mãos , beber á saude de todos , e interromper duas vezes a bebida para louvar o vinho , e com louvores *sinceros* : aquelle enxugar a barba com as costas da mão , são tudo humas bellissimas , e vivissimas imagens , que pintaõ , e fazem ver as cousas com evidencia. Não posso pro-

profeguir aos exemplos de outros Poetas, sem trazer outro deste admiravel Pintor dos costumes, e da natureza. Veja-se como elle narra, que estando huns meninos brincando, veyo Maria, e interrompeo-lhes o brinco, dizendo-lhes, que lhe levassẽ hum recado, para o que a cada hum deu sua fruta. Arrebata certamente esta imagem a quem tem bom gosto poetico, pelas admiraveis cores, com que pinta o character, ou costume, e acção de taes pelloas;

..... *Summo speculati in vertice nidum
Luscinia, jactis glebis, saxisque per auras
Dejicere instabant.*

*Huc, ait. Et positis saxis accedere coram
Improbulos, cænoque manus abstergere jussit;
Eduxitque sinu tria persica, & oscula ritè
Ferre prius manibus docuit; primumque Menassi;
Tum Fonathæ, Phineique dedit. Dein jam fugientes,
Acceptis donis, cupidosque ostendere, rursum
Ad sese revocat, prohibens ea ledere morsu,
Ferre intacta jubet. Vestris & matribus, inquit,
Si vos forte rogent, Maria hæc Jesseia nobis,
Dicite, dona dedit, gravibus jam libera curis
Huc reditura brevi. Memores hoc deinde tenetè:
Dicite, Juditham mihi servant, quam meus Infans
Vult castis thalamis jam nunc sibi nubere Jesus.
Audistis? Juditha meo desponsa Puella est:
Hic meus, hanc, inquam, sibi nuptam destinat Infans.
Sic instat, nomenque iterum, & mandata reposcit,
Ut memores servant, recitentque fideliter omne;
Et blasas voces, semesaque dicta reformat.
Tantaque simplicitas erat, ut jam ferre docentem
Præcupidi haud possent. Ite ocyus, ite, Puelli.*

*Ocyus exiguos per culta virentia gressus
Accelerant leti; procul & clamoribus altis*

Dona manu essentant: Maria hæc pulcherrima donat.

Observe o leitor este verdadeiro costume, ou caracter pueril; admire estas propriissimas imagens: aquelle depor das pedras, e fazer com que estes meninos limpassem as mãos sujas da terra; aquelle ensinarlhes a beijar a mão primeiro, que recebessem a fruta; aquelle querer elles fugir logo, para mostrarem o que lhe deraõ, e serem chamados a voltar a traz; aquelle repetirlhes tres vezes, e inculcarlhes a mesma couza, para que se lhe imprimisse bem na sua fraca memoria; aquelle fazerlhes repetir o que se lhes tinha dito, e ajudallos a pronunciar bem as palavras; aquella impaciencia delles; depois a pressa, com que foraõ para casa, começando de longe a levantar as mãos, para mostrar a fruta, que lhe deraõ &c. Toda esta viva pintura he filha de huma vivissima fantasia poetica, a qual, depois de ter bem concebido com miudeza as partes, e as verdades mais vivas do costume pueril, felizmente o colorio depois com palavras proporcionadas. Estas mesmas virtudes acharemos em muitas partes do Poema, e Rithmas do grande Camoens, insignie Pintor de imagens fantasticas; mas por fugirmos á extensaõ de demasiados exemplos, que a muitos parecerã prolixos, daremos hum só, que pertence, como o de cima, á *particularidade*, ou expressã individual de qualquer objecto, reduzido do universal ao particular. Abramos o Canto 6. da Lusíada, e admiraremos a Estancia 16. e as seguintes:

*Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rey, e da Salacia veneranda,*

Era

Era mancebo negro, forte, e feyo
 Trombeta de seu pay, e seu correyo.
 Os cabellos da barba, e os que decem
 Da cabeça nos hombros, todos eraõ
 Huns limos prembes de agoa, e bem parecem,
 Que nunca brando pentem conbeceraõ:
 Nas pontas pendurados naõ fallecem
 Os negros mixilhoens, que alli se geraõ:
 Na cabeça por gorra tinba posta
 Huma muy grande casca de lagosta.
 O corpo nu, e os membros genitæes
 Por naõ ter ao nadar impedimento;
 Mas porém de pequenos animaes
 Do mar, todos cubertos cento, e cento:
 Camaroens, e cranguejos, e outros mais,
 Que recebem de Phebo crescimento;
 Ostras, e bribigoens de musco sujos,
 A's costas com a casca os caramujes &c.

A quem naõ parecerá com esta vivissima descripção,
 e imagem poetica, que está vendo com os seus pro-
 prios olhos a este monstro dos Poetas? Quanto me-
 lhor he esta hipotiposi feita em estylo Asiatico, do
 que a que nos deixou Virgilio do mesmo monstro,
 retratando-o com idea Attica na popa de huma náõ,
 dizendo na Eneada l. 10.

*Hunc vehit immanis Triton, & cerula conchâ
 Exterrens freta, cui laterum tenuis hispida nani
 Frons hominem præfert, in pristin desinit albus.*

Ignacio Garcez Ferreira nas Notas, que fez a este
 Poema, judiciosamente diz destas Estancias: *Entra o
 Poeta a fazer huma admiravel hipotiposi do Tritaõ,
 em que se observa huma singular fecundidade de ima-
 gens poeticas, todas propriissimas, e (a meu ver)*

todas originaes do seu raro engenho. Não nos esqueceremos igualmente de huma vivíssima imagem, que lemos em Pedro Jacome Martelli na sua *Arte d' amar a Dio*, na qual pinta vivissimamente hum raro costume, mas natural, de hum Pastor cego. Pergunta a este Nicoláo Pepoli, porque está tão triste em hum Paiz tão delicioso; responde-lhe o cego entre outras cousas:

Se vuoi saper, con che ragione io piango,

Vè in alto là; quella è la mia Capanna:

Quì accenava il buon Cieco, alzando il dito,

Ed accendò tutto contrario al sito.

Temos dito o que basta, para perceber por meyo de exemplos em que consiste a força das imagens simples, e naturaes da fantasia; resta por ora só advertirmos; que na classe destas imagens se não comprehendem (como erradamente quizerão alguns pouco verificados nesta materia) as *amplificaçoens*; isto he, o extender com muitas palavras huma verdade, que de si he breve; descrevendo os antecedentes, os consequentes, os concomitantes, as causas, os effeitos, os relativos, e outros semelhantes modos, com que melhor se vem os objectos, segundo ensinao os Mestres da eloquencia. Se o Poeta der em amplificar as cousas, nem por isso poderá justamente dizer, que as pintou, antes muitas vezes causará tédio aos leitores; porque a amplificaçoão não he propriamente aquella viva pintura, e evidencia, que se fórma pela fantasia poetica. Porém sobre este particular fallaremos largamente pelo discurso deste Livro, e o provaremos com evidentes exemplos de alguns Authores, que usarao de amplificaçoens pouco nobres, engenhosas, e agradaveis.

CAPITULO XVII.

Das imagens fantasticas artificiaes ; sua excellencia ; imagens verdadeiras á fantasia por causa dos sentidos ; outras verdadeiras , ou verosimeis por causa do affecto ; como se fórma o engano da fantasia &c.

ENtramos agora a fallar das imagens *fantasticas artificiaes* , que são as que mais propriamente, do que as *simplices* , e *naturaes* , reconhecem a fantasia por sua máy. Tem esta outra maneira, e outro artificio, para pintar bein as cousas, e augmentar á materia a novidade, e belleza. Consiste pois este artificio em explicar as cousas com translaçoens, expressoens, e imagens, que sim são falsas a quem observa o sentido directo, mas com toda a sua falsidade são tão vivas, que imprimem mais fortemente na fantasia, e entendimento alheyo alguma verdade, o que se não conseguiria com palavras proprias, e com imagens simplices, e directamente verdadeiras. Se dissermos v. g. *Que o mar está em tempestade ; que hum Heroe sempre he victorioso ; que a belleza do semblante em toda a parte atrahе os coraçõens &c.* não poderemos com estas expressoens causar aquelle deleite, e novidade, que causaríamos, dizendo: *Que o mar irado faz guerra ás prayas ; que sempre a victoria fielmente segue todos os passos daquelle Heroe ; que o formoso semblante he hum poderoso imã , que atrahе os coraçõens em toda a parte.* He certo, que semelhantes expressoens admiravelmente explicaõ, e representaõ com viveza huma verdade, ainda que directamente sejaõ falsas ao

entendimento; pois não he verdadeiro, que a belleza seja imã, que o mar tenha colera &c. mas dizemo-lo deste modo, para poder imprimir com deleite estas mesmas cousas na fantasia alheya; o que não conseguiriámos, se usassemos de palavras proprias, e de expressões, que logo parecêsem verdadeiras. São por tanto summamente estimaveis estas imagens, e tanto mais o serão na Poesia, quanto mais forem vivas, maravilhosas, novas, insperadas, nobres, e delicadas; isto he, quanto mais fortemente fizerem conceber a qualidade dos affectos, e das cousas, que quizermos representar. Para darmos logo ao principio hum exemplo destas imagens, recorramos ao insigne Mestre o Padre Ceva no l. 2. do seu aureo Poema do *Puer Jesus*:

*Nox erat. In nidis volucres, in frondibus aure,
Ipsa etiam ripis stagna acclinata quierant;
Et dormire putes, pictasque in gurgite stellas
Esse quiescentis nitidissima somnia lymphæ.
Cum levis in nimbo delapsa volucris alis
Letitia in terras stellato ex æthere venit:
Cui comes ille ciens animos, & pectora versans
Spiritus à capreis montanis nomen adeptus,
Ignotum Latio nomen; pictoribus ille
Interdum assistens operi, nec segnius instans
Vatibus ante alios, Musis gratissimus hospes &c.*

Veja-se quanto são delicadas estas imagens artificiaes da fantasia poetica, e com quanta novidade, e deleite pinta o Poeta na nossa algumas verdades. Observe-se aquelle parecer ao Poeta, que durmaõ as agoas das alagoas; que as estrellas apparentes por causa do reflecto nas mesmas alagoas sejaõ resplandecentes somnos da agoa adormecida; cujo conceito tambem foy do suavissimo Maggi, dizendo:

L'onda

*L'onda dorme, e scintillante
 Con riverbero di stelle,
 Par che sogni luci belle,
 Fantasia di Cielo amante.*

Parece tambem ao Poeta, que a alegria, como coufa animada, desça do Ceo á Terra, e que traga consigo o *capricho*, espirito amicissimo dos Poetas, e dos Pintores. Outra imagem destas igualmente admiravel achamos em Gabriel Pereira de Castro na sua *Ulyssæa* C. 3. Estanc. 2. Concebeo elle na sua fantasia, que hia hum rio lentamente correndo pela planicie de hum sitio delicioso de plantas, flores &c. Pareceo-lhe, que era verdadeiro, ou verosimil, que á vista de tanta delicia ficasse o rio namorado do lugar, e que por esta causa, ou não quer partir dalli, ou não sabe o caminho para o seu curso, e diz assim este Poeta:

*Corre por entre os bosques divertido,
 Com curso tão quieto, e socegado,
 Que nas ondas se mostra arrependido,
 De levar agoa doce ao mar salgado:
 Deixava o arvoredado ao Ceo subido,
 Dentro no espelho d'agoa seu traslado;
 E em suavissima sombra lhe pagava
 O ser, e a vida, que a seus troncos dava.*

Estas imagens fantasticas humas vezes consistem em huma só palayra, como v. g. as metáforas &c. outras em hum sentido, e periodo, como os hyperboles, as allegorias &c. e outras vezes em parabolâs, e outras semelhantes imagens, de que se formão composições inteiras. Imagem fantastica artificial he a metáfora, com que o mesmo Gabriel Pereira descreveo no seu Poema a amenidade de hum prado, dizendo:

Mostra

*Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça, e alegria,
De mais finas, e mais suaves cores,
Que estarse rindo o prado parecia.*

Com igual conceito, e imagem descreveo huma manhá Luiz Allamani, celebre Poeta Italiano:

*E i dipinti augelletti a lei d'intorno
Salutavan cantando il nuovo giorno.*

Com a mesma imagem ideou por boca de Camoens Vasco da Gama a EIRey de Melinde a grande estatura do gigante Adamastor, dizendo:

*Taõ grande era de membros, que bem posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo.*

Porém não he este o lugar muy próprio para estes exemplos, sem primeiro expormos as imagens, que naturalmente parecem verdadeiras á fantasia por causa dos sentidos. São estas aquellas, que o sentido naturalmente introduz na fantasia como verdadeiras, ainda que o entendimento facilmente as descubra logo por falsas. Quem v. g. no fim da tarde está no alto mar, e não vê mais que Ceo, e agoa, quando o Sol se poem, parece-lhe, que entra no mar; o que certamente jurariaõ os olhos. Esta imagem, que de si não he verdadeira, mas só o parece á fantasia por causa do sentido, he admiravel para o Poeta, usando della para causar gosto, e maravilha; porque parece cousa estranha, e maravilhosa o ver, que este ardente Planeta sem detrimento seu se recolha nas agoas, e que na manhã seguinte se levante dellas mais resplandecente: por isso os Poetas para exprimir o occaso do Sol, disseraõ com liberdade: *Que se mete no mar; que vay a dormir nas agoas;*

agoas ; e que se lava nas ondas &c. Do mesmo modo differaõ , que as figuras de huma pintura bem feita *fallaõ , e são animadas* , porque assim parece aos olhos ; por isso Tasso descreveo em dous bellissimos versos as figuras de relevo , que estavaõ no palacio de Armida , dizendo :

Manca il parlar , di vivo altro non chiedi ;

Ne manca questo ancor , se a gli occhi credi.

Sendo pois certo , que os nossos olhos verdadeiramente vem taõ estranhas cousas , naõ podemos dizer , que o engano provêm delles , mas sim do entendimento ; quando este queira cegamente crer o que lhe propoem os sentidos ; por isso dizemos , que taes imagens saõ verdadeiras á fantasia , ainda que directamente o naõ sejaõ ao entendimento. Assim saõ estas , que agora propozemos com o exemplo do occaso do Sol , ao qual podemos ajuntar o de nos parecer tambem , *que as Estrellas cahem do Ceo em huma noite serena de veraõ ; que diversas cores andaõ como ondeando no pescoco das pombas ; e que as prayas , e terras fogem , quando os navegantes se partem dellas &c.* como fantasiou Virgilio , dizendo no 3. l. da Eneada :

Provehimur portu , terraque , urbesque recedunt.

Este estranho effeito , ainda que falsissimo , parece com tudo verdadeiro aos olhos dos navegantes ; e o confirmou Lucrecio com estes versos do livro 4.

Quã vehimur , navis fertur , quum stare videtur ;

Que manet in statione , ea præter creditur ire ;

Et fugere ad puppim colles , campique videntur.

Ha outras imagens fantasticas , as quaes por causa dos effeitos saõ directamente verdadeiras , ou verosimeis á fantasia ; e destas he que na verdade deve estar muy rico o thesouro poetico : por isso será util , que digamos qual

qual he a sua natureza, e em que consiste a sua belleza. Formão-se semelhantes imagens pela fantasia, quando ella por algum affecto movida une duas diversas imagens simples, e naturaes, e da-lhes hum sei differente de quanto lhe representa o sentido. Deste modo ordinariamente dá a fantasia em imaginar, que são animadas as cousas, que não tem alma. São infinitos os exemplos para prova do que dizemos. Diz Virgilio na primeira Ecloga, que as fontes, e as arvores chamavao por Tiro, que se tinha ausentado dos seus campos:

*Ipsæ te, Tityre, pinus,
Ipsi te fontes, ipsa hæc arbusta vocabant.*

E na Ecloga 10. diz que as arvores, e as pedras chorarao, onvindo o pranto, e o lamento de Gallo:

*Illum etiam lauri, illum etiam flevere myricæ;
Pinifer illum etiam solâ sub rupe canentem
Menacus, & gelidi fleverunt antra lycæi.*

Igualmente na Ecloga 5. imitando, como na 10. a Theocrito, finge que os leões, os campos, e os bosques chorarao a morte de Daphne:

*Daphni, tuum Penos etiam ingemuisse leones
Interitum, montesque feri, sylvæque loquuntur.*

Hum dos Poetas mais admiraveis, e felices nestas imagens foy o celebre Petrarca. Descreve elle a sua Laura passeando pelo campo, e diz assim:

*L'erbetta verde, e i fior di color mille
Sparsi sotto quell' elce antica, e negra,
Pregan pur, che 'l bel piè li preme, o tocchi.*

Muy semelhante a esta imagem he outra do mesmo Poeta posta no Soneto 12. da 2. p. onde diz:

*L'acque parlan d' amore, e l' ora, e i rami
E gli augelletti, e i pesci, e i fiori, e l' erba,
Tutti insieme pregando, ch' io sempre amai.*

Certamente todas estas imagens não podião vir á fantasia por meyo dos olhos, ou dos ouvidos; porque não se vê, nem se ouve, que as fontes, as arvores, os campos, e as feras chorem, nem que as flores, as aves, e os peixes roguem a alguém alguma cousa, como fazem os homens. Por isso a fantasia agitada do affecto, e movendo as imagens simples, ajunta v. g. a de huma flor com as acçoens, que se costumão ver nos homens; e com este artificio dá alma a humas imagens tão bellas, como são estas. Eis aqui como as paixoens v. g. da ira, do temor, dos zelos, da esperança, e da gloria recebem na fantasia de hum Poeta alma, corpo, e tambem movimento. Porém de todos os affectos, e paixoens nenhuma he tão querida, e frequente nos Poetas, como a do amor, ou seja por uso, e abuso, ou talvez porque he á paixão mais agradavel, e confôrme á nossa natureza. Continuemos a recrear o leitor com exemplos destas imagens, e sirva-nos de prova a paixão amorosa. Ouçamos o que em huma das suas Eclogas disse o Principe de Esquilache:

Que puedo hazer, Pastores?

Aconsejalme fuentes, selvas, prados;

He de morir de amores?

Mas que podeis decir, si enamorados,

Quando Filida os pisa,

Verteis las flores, y doblais la risa?

Ouçamos igualmente a Camoens aquella vivissima, e summamente expressiva imagem do Canto 9. Est. 31. tratando da fragoa do amor:

Nas fragoas immortaes, onde forjavão

Para as settas as pontas penetrantes,

Por lenha coraçoes ardendo estavaõ,

Vivas entranhas inda palpitantes:

*As agoas , onde os ferros temperavaõ
Lgrimas são de miseros amantes :
A vivá chamma , o nunca morto lume ,
Desejo he só que queima , e não consume.*

Veja-se como por causa do affecto he artificiosa esta imagem fantastica , vestida de huma taõ bella galla de novas , e originaes cores poeticas. Taes saõ (como diz Garcez Ferreira) as da exquisita parabola de *corações por lenha* , e do *desejo por lume*. Até na dicção he admiravel esta Estancia , para em tudo ser optima ; pois os versos não pódem ser mais numerosos , nem os periodos mais bem compassados. He , como dizem os Pintores , huma pincellada de mestre , se bem que não em tudo original ; porque tambem figurou a mesma imagem Scipião Herrico na sua *Babylonia Distrutta* C. 5. p. 30. e Mario de Leo nas *Oitavas do Amor preso*. Passemos do Canto 9. ao 3. Est. 135. do mesmo Camoens , onde não se contentando só de usar desta casta de imagens , adiantou tambem a imitação dos antigos Poetas ; pois não só introduzio as Nynfas do Mondego a chorar a morte de Dona Ignez de Castro , mas até quiz imitar as metamorphoses dos mesmos Gentios , inventando com feliz fantasia huma transformação das lagrimas daquellas Nynfas em fontes :

*As filhas do Mondego a morte escura ,
Longo tempo chorando , memoraraõ ;
E por memoria eterna em fonte pura ,
As lagrimas choradas transformarãõ :
O nome lhe puzeraõ , que inda dura ,
Dos amores de Ignez , que alli passaraõ :
Vede , que fresca fonte rega as flores ,
Que lagrimas são agoa , e o nome amores.*

Esta Estancia he huma das mais sublimes da Lusíada pela estranha imagem fantastica, de que usou o Poeta por causa da paixão, fingindo a bellissima, e propriíssima metamorphose em allusão á *fonte dos amores*, que ainda hoje existe em Coimbra em huma quinta, que fora jardim do palacio, em que vivera esta infeliz Princeza. Não se contentou de dizer aqui o Poeta, como já tinha dito tambem patheticamente no mesmo Canto, Est.84. fallando da morte de ElRey D. Affonso I. com huma imagem das que tratamos, e de que já apontámos alguns exemplos:

*Os altos Promontorios o choraraõ,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagaraõ,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaraõ
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarãõ
Affonso, Affonso os eccos, mas em vaõ.*

Em hum amante sempre a fantasia está cheya destas imagens, que provêm do objecto amado. O affecto violento lhe faz v. g. conceber como rara, e invejada fortuna o estar perto da cousa, que ama. Daqui vem imaginar verdadeira, e naturalmente a fantasia, que todas as outras cousas, como hervas, flores, (segundo os exemplos, que trouxemos) desejem, e suspirem por esta mesma felicidade. Não se pôde com razão duvidar, que esta imagem não pareça á fantasia verdadeira, ou ao menos verosimil: e por isso tem o Poeta sufficiente fundamento para a abraçar, e usar della na Poesia; a qual especialmente requer a pompa de humas proposições maravilhosas, e novas; como no nosso caso he ver-fazer acções proprias de cousas

animadas ás que não tem alma. He isto hum engano da fantasia namorada ; mas o Poeta o representa a outrem do modo que lhe nasceu na sua imaginação , para lhe fazer comprehender vivamente a violencia do affecto , e paixão interna.

Que verdadeiramente haja este engano , e se forme na fantasia huma tal imagem , os mesmos Poetas o confessão algumas vezes , affirmando , que lhes passa pela fantasia aquella imagem , mas não accrescentando , que a crêm. Gabriel Pereira na sua Ulyssæa C. 7. disse:

*Mostrava a terra verde as bellas flores ,
Vestidas com tal graça , e alegria ;
De mais finas , e mais suaves cores ,
Que'estarse rindo o prado parecia.*

Eis aqui como o Poeta descreve , següendo lhe passava pela fantasia , esta imagem , que já copiámos , se bem que para outro fim. Diz elle , que lhe parecia , que o prado se estava rindo : como se dissera : á minha fantasia parecia isto assim ; mas não digo , que seja verdade. Igualmente Petrarca no Soneto 132. part. 1. vendo passar a sua Laura por hum prado , diz , que á sua fantasia lhe parecia , que dos pés desta dama sahia huma virtude tal , que dava vida ás flores :

*Come il candido piè per l'erba fresca
I dolci passi onestamente move ;
Virtù , che intorno i fiori apra , e rinove ,
Dalle tenere sue piante par ch' esca.*

Tão naturaes são estas imagens , que ainda os mesmos Oradores usão dellas , quando achão lugar proprio , se bem que a sua obrigação he de usar de estylo modesto. Veja-se como huma destas vivas imagens passava pela fantasia de Cicero , quando em publico agradecia a Julio Cesar a graça de ter chamado do dester-

ro a Marco Marcello : *Parietes (diz elle) medius fidius , C. Cesar , ut mihi videtur , hujus Curia tibi gratias agere gestiunt , quod brevi tempore futura sit illa auctoritas in his maiorum suorum , & suis sedibus.* Que as paredes do Senado Romano dessem os agradecimentos a Cesar , por querer em breve tempo restituir á Republica a sua antiga dignidade , he certo , que he huma imagem directamente falsa ; mas como verdadeira a concebeo a fantasia de Cicero , fazendo , com que os ouvintes percebessem a grandeza do gosto , que haveria em todos pela acção generosa de Cesar. Não quiz porém usar livremente desta imagem , sem pôr aquella limitação *ut mihi videtur* , para mostrar , que era opiniaão , e imagem da sua fantasia , e que como tal he que se animava a usar della. Esta liberdade , que com moderação póde alguma vez entrar na Oratoria , não tem lugar algum na Historia , cuja modesta magestade não soffre algum ornato , senão o da pura verdade ; por isso me parece fóra de proposito huma imagem , de que usa Solis na sua Historia de Mexico l. i. cap. 8. dizendo : *Llegaron à un promontorio , ò punta de tierra introducida en la jurisdiccion de el mar , que al parecer se enfurecia con ella sobre cobrar lo usurpado , y estaba en continua inquietud , porfiando con la resistencia de los peñascos.*

Esta liberdade , que não lograão os Historiadores , e tem com muita sobriedade os Oradores , só nos Poetas tem toda a sua jurisdicção ; porque podem livremente expor quantas bellezas vem á sua fantasia ; nem estaão obrigados á limitação , dizendo-nos , que *lhes parece* ; porque deixaão isso aos leitores. Por isso Horacio não disse , que parecera á sua fantasia ver a Baccho

cho pelas montanhas ensinando versos ás Nynfas ; mas para logo disse , que o vira. Igualmente Virgilio descrevendo a navegação de Eneas com seus companheiros pelo Tibre , disse resolutamente , que as ondas daquelle rio , e os bosques se admiravaõ de ver aquella gente armada , e aquellas náos pintadas :

. *Mirantur & unde ,*

Miratur nemus insuetum fulgentia longe

Scuta virúm fluvio , pictasque innare carinas.

Com o exemplo de Virgilio disse Ovidio , que as agoas se admiraraõ , quando no mar appareceo a primeira não :

Prima males docuit , mirantibus æquoris undas ,

Peliaco pinus vertice cæsa vias.

E Estacio fallando do rio Ismeno no l. 9. da Thebaida , diz :

. *Stupet hospita belli*

Unda viros , claráque armorum incenditur umbrá.

Tambem não sey , que Author discorrendo da alegria do Tejo por passar por elle huma grande Personagem , disse resolutamente como Horacio , quando vio a Baccho :

Vidi ego , Neptunus vidit , nutuque probavit ,

In mare jam verti ; quod modo flumen erat.

Finalmente daremos fim a este Capitulo , mostrando hum admiravel exemplo de Camoens no Cant. 10. Est. 12. da sua Lusíada ; onde dando alma ás cousas inanimadas , usa de huma imagem artificiosamente fantastica , sem dizer que a sua fantasia se engana no que diz ; mas affirmando resolutamente , que a não , e o mar sentiriaõ o pezo de Duarte Pacheco , e que por esta causa gemeriaõ tambem os troncos dentro da agoa &c.

E canta

*E canta como lá se embarcaria
 Em Bellem o remedio deste damno,
 (Sem saber o que em si o mar trazia)
 O graõ Pacheco, Aquilles Lusitano.
 O pezo sentirão, quando entraria,
 O curvo lenbo, e o fervido Oceano,
 Quando mais n'agoa os troncos, que gemerem,
 Contra sua natureza se metterem.*

Veja-se quanto mais melhorada está a imagem, do que a de Virgilio, quando disse no l. 6,

*Simul accipit alveo
 Ingentem Æneam, gemuit sub pondere cymba,
 Sutilis, & múltam accipit rimosa paludem.*

Mas entre estes bellos enganõs da fantasia não ha talvez algum, que seja mais conhecido, e usado dos Poetas, como aquelle, que faz animado ao amor. Considerava a fantasia dos antiquissimos Poetas gentios quanta fosse a virtude, e força do amor, e pareceo-lhe, que elle tinha hum não sey que de divino; e cresceo tanto este idolo fantastico, que imaginaraõ ser verdadeiramente hum Deos. Este erro, que tiveraõ os Poetas antigos, e ainda os mesmos Filozofos, não tem o entendimento dos Christãos, os quaes bem sabem pelas luzes da nossa verdadeira Religiaõ, que o amor não he divindade, como se fingio, mas sim unicamente hum paixaõ do nosso animo. Com tudo quando os nossos Poetas trataõ de algum sujeito namorado, ou elles tambem o estaõ, parece-lhes na sua fantasia, que estaõ vendo o amor como pessoa animada, e que fallaõ com elle, attribuindo-lhe todas as açcoens, não só de pessoa animada, mas ainda dotada de hum poder divino. Destas determinadas imagens, com que a fantasia se deixa enganar, foy fecundissimo o engenho de Camoens.

Lea-

Leão-se as suas Rithmas, que se encontrarão para exemplos muitos Sonetos. Admiravel he o 20. da 1. part. dizendo:

*N'um bosque, que das Ninfas se habitava,
Sibella, linda Ninfa, andava hum dia,
E subida em huma arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.*

*Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sesta á sombra fria,
Em hum ramo arco, e settas, que trazia,
Antes, que dormeçesse, pendurava.*

*A Ninfa, como idoneo tempo vira
Para tamanha empreza, não dilata;
Mas co' as armas foge ao moço esquivo:
As settas traz nos olhos, com que atira;
Ob Pastores fugi; que a todos mata,
Senão a mim, que de matarme vivo.*

Igualmente no Soneto 8. da 1. part. pareceo á fantasia poetica do nosso Poeta, que vira ao amor, que lhe mostrava vivas faiscas &c. diz assim:

*Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro cristal se derretia,
Por entre vivas rosas, e alva neve &c.*

Seria hum nunca acabar, se quizeffemos buscar neste Poeta semelhantes imagens, para authorisar o que dizemos. Passe o leitor pelos olhos as suas Rithmas, e fará com que não sejamos prolixos, vicio, em que cuidamos muito não cahir, para que se não diga, que queremos ostentar erudição. Porém antes que acabemos este Capitulo, parece-nos justo apontar alguns exemplos de Petrarca, que verdadeiramente foy o mais delicado Pintor destas imagens. Pareceo á fantasia des-

te Poeta, que o amor, isto he, aquella imaginada divindade para se vingar hum dia de tantas offensas, que elle lhe fizera, occultamente o ferira com huma setta, e diz assim:

Per far' una leggiadra sua vendetta,

E punir' in un dì ben mille offese,

Celatamente Amor l' arco riprese,

com' uom, che a nuocer luogo, e tempo aspetta &c.

No Soneto 28. part. 1. claramente diz, que diante da sua fantasia tinha a imagem animada do Amor: e depois de ter dito, que andava cuidadosamente pelos lugares solitarios, para que ninguem soubesse, que elle tinha taõ violenta paixãõ amorosa, accrescenta estes tres versos; que na Pintura poetica merecem particular estimaçãõ:

Ma pur si aspre vie, nè si selvagge

Cercar non sò, che amor non venga sempre

Ragionando con meco; ed io con lui.

O que tornou a repetir no Soneto 25. da 2. part. dizendo com esta bellissima imagem, que entre as dos Poetas bons he como hum quadro de Rafael:

Amor, ch'è meco; al buon tempo ti stavi

Fra queste rive a' pensier nostri amiche,

E per saldar le ragion nostre antiche,

Meco, e col fiume ragionando andavi.

Eis aqui como os bons mestres concebendo com arte os affectos, e paixoens proprias do seu assumpto, voaõ com a fantasia á mais alta regiaõ sem o risco de cahir; porque sempre levaõ por guia o juizo, a arte, e a prudencia. Pelo contrario os máos Poetas entregando-se totalmente ao arbitrio da sua desordenada imaginaçãõ, e correndo á redea solta, porque naõ buiçaõ a guia da Arte, facilmente cahem naquelles precipicios,

cipicios, que já he tempo advertir, e os mostraremos no Capitulo, que se segue.

C A P I T U L O XVIII.

Da proporção, relação, e semelhança, com que o juizo regula as imagens da fantasia.

SE as imagens fantasticas bem pintadas daõ alma á Poesia, as que são formadas sem juizo, e sem arte lhe tiraõ toda a viveza, e os bons intelligentes as reputaõ por cadáveres. Na proporção, na ordem, e na unidade he que consiste a belleza poetica; de sorte, que as cousas, que directamente se lhe oppoem são a desordem, a impropriedade, a desproporção, e a desuniaõ. He sentença de Horacio na sua Poetica, dizendo, que todos se ririaõ, se hum Pintor fizesse hum painel, no qual pintasse huma cabeça de mulher com pescoço de cavallo, e rematasse esta figura com huma cauda de peixe:

*Humano capiti cervicem Pictor equinam
Fungere si velit, & varias inducere formas,
Undique collatis membris, ut turpiter atrum
Desinat in piscem mulier formosa superne,
Spectatum admissi risum teneatis amici?
Credite, Pisones, isti tabulae fore librum
Per similem, cujus, velut ægri somnia vana
Fingentur species, ut nec pes, nec caput uni
Reddatur formæ.*

Naõ seria esta figura mais ridicula, e disforme, que a de huma imagem da fantasia estragada, sem connexaõ, sem juizo, e (como se costuma dizer) sem pés, nem cabe-

cabeça. He a fantasia poetica como hum cavallo muy fogoso, o qual para não ser defenfreado, he preciso, que se sujeite ás regras da Arte. A mesma defordem, que ha, saltando esta ao bruto, se experimenta na fantasia, quando as suas imagens, por não serem dirigidas pelo entendimento, não tem a sua devida proporção, e fundamênto, para não serem tidas por excessivas, por atrevidas, ou por improprias. Estas circumstancias faltaõ certamente em muitas obras de Poetas, que tem conseguido grande nome; porque floreceraõ em seculo, em que reinava hum gosto estragado, não só em Portugal, e Hespanha, mas ainda por Italia, e França. Para mostrar, que não havendo proporção nas imagens fantasticas da Poesia, necessariamente haõ de ser estas monstruosas, usaremos de huma justa critica, apontando alguns exemplos, entre infinitos, que se poderiaõ transcrever. Principiemos por hum delirio de Luiz Peres de Montalvaõ na sua Comedia do *Marechal de Biron* Diz elle assim, descrevendo o merecimento de hum Principe:

*Aquel, de cuyo coraçõ valiente
 El Sol es Coronista solamente,
 Porque a sus hechos solos
 Aun estrechos le vienem ambos polos.
 Y assi el Ciel, que sabe,
 Que en solo su papel su nombre cabe,
 Deve ya detener sin duda alguna
 Descombrada la esfera de la Luna,
 Para que en su distancia
 Vaya escriviendo sus Anales Francia.*

Ainda que esta imagem per si mesma fosse bem formada, com tudo não devia (como diremos em seu lugar) entrar em huma Comedia (ou seja Tragedia)

onde a fantasia de quem falla , imitando a natureza , e o costume , se regula severamente pelo entendimento. Porém deixando á parte esta observação , e considerando esta imagem em si mesma , não podemos deixar de dizer , que seu Author a não formou , segundo a natureza das cousas , nem traz consigo hum tal fundamento , que a possa fazer parecer verosimil á fantasia , e merecer por isto a approvação do entendimento. Supponhamos muito embora , que o Ceo seja animado , e que conheça , como imaginou a fantasia , o merecimento daquelle Principe ; pede sempre a razão , que se attribuaõ acçoens proprias , e verosimeis a este Ceo animado. Ora não só he pouco verosimil , mas totalmente cousa desproporcionada a acção , que o Poeta lhe attribue. O Ceo se tivesse alma , nunca entenderia , que sómente nos seus immensos espacios (que tanto quer significar com a metaphora pouco bem considerada do *papel*) he que poderia caber o nome daquelle Heroe ; e menos lhe viria já mais ao pensamento de fazer á Lua tal prejuizo , para que na sua esfera se podessem escrever as acçoens deste Principe. Fazendo-se esta mesma consideração sobre huma imagem de Marino , póde ser que não a approve o bom juizo critico , ou seja como nascida do entendimento , ou da fantasia. Falla elle da citara de Orpheo morto , e diz , que se vio hirem as abelhas chupar mel das cordas :

Dalle stemprate corde

Raccontasi che furo

Sugger dolcezze Iblee vedute l' api.

Ainda que as abelhas tivessem alma racional (como póde imaginar a fantasia de hum Poeta) e percebessem a virtude de Orpheo , e da sua cithara , com tudo nunca seria verosimil , e proprio da sua natureza o chupar

par mel daquellas cordas, as quaes sem duvida não tñhaõ a propriedade das flores, nem a natureza do poder dar mel; isto he, fazer ridiculas, e nescias ás que são taõ engenhosas, e astutas, não tendo alma racional. Igualmente deveriamos reputar ridiculo o Ceo, quando sendo animado obrasse como pertende o talento, e boa idéa de Montalvaõ. Nem se me diga, que fahindo da cithara de Orpheo em quanto vivo huma maravilhosaf doçura, se podia tambem dizer, que della fahia mel, como já disseraõ Homero da lingua de Nestor, e Ovidio da de Pifaõ, no verso:

Inclita Nestorei cedit tibi gratia mellis,

Por quanto demos de barato, que se possa dizer, que de huma cithara, ou da boca de hum homem sahe mel (o que não disse Homero, mas só que da boca de Nestor fahiaõ palavras mais doces, que o mel) com tudo como o entendimento sabe, que este mel he só imaginado pela fantasia poetica, e não verdadeiro, não póde elle, ou não deve approvar a outra imagem fundada na primeira; porque nem ainda á imaginação he verosimil, que as abelhas queiraõ chupar este mel sonhado. Este modo de conceituar he o mesmo, que fazer huma fabrica sem fundamento algum, que vem logo a baixo com qualquer impulso do vento. Continuemos o nosso assumpto. Não seria proposição paradoxaf, e muy rara, se se podesse provar, que nem por isso está ausente huma pessoa, ainda que esteja muy distante? He certo, que sim: pois Lope da Vega no Soneto 94. pertende provar este paradoxo, formando huma falsa illação do Sol verdadeiro a hum metaforico:

Si de mi vida con su luz reparte

Tu Sol los dias quando verte intente,

Que importa, que me acerque, ò que me aparte?

Dou-

*Donde quiera se ve su hermoso oriente ,
Pues si se ve desde qualquiera parte ,
Quien es mi Sol no puede estar ausente.*

Veja-se quanto he fraco o fundamento deste conceito , e a base desta imagem ; pois attribue o Poeta ao Sol metaforico de huma dama as mesmas qualidades , e attributos , que tem o verdadeiro. O mesmo Poeta em outro Soneto tirou huma conclusaõ tal como a passada ; dizendo :

Dentro de el Sol sin abrasarme anduve.

Como se naõ fosse cousa muito facil , e natural , que naõ abrafasse hum Sol metaforico. Estes castellos armados no ar saõ fabricas. que agradaraõ a Calderon , dizendo tambem este conceito em huma Copla :

*Ardo , y lloro sin sociago ,
Llorando , y ardiendo tanto ,
Que ni al fuego apaga el llanto ,
Ni al llanto consume el fuego.*

Naõ advertio este grande Comico do seculo passado , que só o fogo real se apaga com a agoa , e naõ o que he imaginario , como o do amor. O mesmo passou por alto a Gongora , dizendo em hum Soneto a Santo Ignacio :

Ardiendo en aguas muertas llamas vivas.

Como se fora milagre (segundo diz judiciosamente Luzan) que ardaõ chammas vivas em hum lugar chamado *Aguas mortas* , e mayormente se fossem estas chammas metaforicas do amor divino. Porém leamos deste mesmo Poeta huma imagem bem disforme , que traz no seu Polifemo , Est. 53. introduzindo a este gigante a fallar com Galatea , a quem diz , como em hum dia sereno se vira nas aguas de huma praya :

Miré-

*Miréme, y luzir vi un Sol en mi frente,
Quando en el Cielo un ojo se veía,
Neutra el agua dudava, a qual se preste,
Al Cielo humano, ò al Ciclope celeste.*

Naõ ha conceito mais falso, nem imagem mais inverosímil. Em que conyem o Ceo com Polifemo, e Polifemo com o Ceo, para o Ceo ser hum celeste Polifemo, e Polifemo hum humano Ceo? Tirou o Poeta esta illaçãõ, porque na linguagem das metáforas chama-se ao Sol *Olho do Ceo*, e ao olho *Sol da cara*. E isaqui como por falta dos fundamentos, que temos allegado, se esfraga a fantasia poetica; e neste exemplo se vê quanto fica escura, e remota toda a translaçãõ, que nasceo de outra. Neste mesmo vicio, e sobre este mesmo sujeito de Polifemo cahio Thomaz Stigliani no seu Poema pastoral intitulado: *Polifemo*, quando disse no liv. 2.

*Chi più bello del Ciel, da cui si suole;
Ogni bellezza dirivar frà noi?
E pur' hà un' occhio in faccia, io dico il Sole,
Con cui mira dá Mori a' liti Eoi;
Egli nel mar, io nel mio scoglio il celo,
Egli gran Polifemo, io picciol' Cielo.*

Naõ consiste nisto a belleza poetica, ainda que a muitos pareça o contrario, por serem como os meninos, ou hum simples rustico, que estimaõ o lataõ como o ouro, e o crystal como o diamante. Como estes leitores naõ penetraõ o fundo das cousas, ficaõ na superficie. A belleza poetica está fundada na verdade, e compoem-se de perfeiçoens reaes, naõ de desconcertos, ou illusoens aerias. Nunca ao entendimento póde directa, ou indirectamente parecer verdadeiro o que he falso, porque foy creado para conhecer a verdade,

dade, excepto se elle está depravado, pelo desconcerto dos órgãos. Semelhantes fofismas só em dous casos se podem permittir. O primeiro he no estylo jocoso, no qual o fim como he promover o riso, muito bem se consegue com estes conceitos falsos no sentido metaforico, ou equivoco, segundo todos os Autores. Por isso devemos louvar semelhantes imagens no *Polifemo* de Jacintho Freire de Andrade por escrever esta fabula em tal estylo, e nas obras de outros Poetas, que escolheraõ o mesmo, como saõ as do famoso Cego Joseph de Sousa, que modernamente se imprimiraõ. O segundo caso he, quando o Poeta mostra, que está delirante, e frenetico por causa da paixãõ, que o violenta. Entãõ pede a natureza, que hum homem como louco não atine a discorrer formalmente, e a formar conceitos verdadeiros. He natural, que o que só he imaginaçaõ, o crea como realidade. Assim o observou o nosso Diogo Bernardes excellentes Poeta Bucolico, quando disse na *Ecloga* 3:

*A viva chamma, aquelle intenso ardor,
 Que brando sinto já pelo costume;
 De noite de si dá tal resplendor,
 Que mil Pastores vem a buscar lume.*

Finge o Poeta, que tem a imaginaçaõ estragada á violencia do seu amor; e por isso allenta, que do fogo, em que se abraça o seu peito, sahe hum tal resplendor, que os Pastores podem accender lume neste fogo metaforico. Imitou Bernardes neste conceito falso a Porcio Licinio Poeta antigo, o qual em hum elegante Epigramma, disse tambem:

*Custodes ovium, teneræque propaginis agnũm,
 Queritis ignem? ite huc: queritis? ignis homo est.*
Si

*Si digito attigerò, incendam sylvam simul omnem,
Omne pecus flamma est, omnia quæ video.*

Igualmente fingio este Poeta Latino, que por causa do amor estava frenetico, e o delirio lhe fez imaginar, que era verdadeiro fogo o que nascia da sua paixão amorosa; e por isso capaz de abraçar quanto tocasse com o dedo. Bastem estes poucos exemplos, entre innumeraveis, que se poderiaõ transcrever, para mostrar, que sem a *Relação*, *Proporção*, e *Semelhança* não póde o entendimento regular as imagens da fantasia.

C A P I T U L O X I X .

Dos raptos, e extasis da fantasia.

Q Uanto mais forte for a paixão reinante da fantasia do Poeta, tanto mais vivas, e atrevidas podem fahir as imagens. Nem por isso deixarão de ser mais bellas; porque explicaõ maravilhosamente a violencia do affecto; e esta serve de fundamento á fantasia, para crer estas imagens como verdadeiras, ou verosimeis. Quando melhor se conhece esta verdade, he naquelles delirios poeticos, a que nós damos o nome de *raptos*, e *extasis* da fantasia, que são o ultimo, e glorioso excessõ desta potencia. São, torno a dizer, bellissimas estas imagens, porque nunca perdem de vista a natureza. Quando os Poetas em honra de Baccho entravaõ a compor versos Dithirambicos, fingiaõ, que estavaõ embriagados. Como quem assim está, naturalmente fórma na fantasia humas imagens muy estranhas, irregulares, e inverosimeis, por isso estes Poetas costumavaõ usar destes raptos, a fim de fingirem, e representarem,

sentarem, que estavaõ embriagados. Ninguem duvidará, que elles niſto imitavaõ a natureza, representando naõ só o que he verosimil, mas ainda verdadeiro nas operaçoens de quem tem bebido muito; e o mesmo succede, quando ha outra paixãõ tambem forte, que occupa a fantasia do Poeta, como já apontamos no Capitulo antecedente. Hum admiravel extasis he o que lemos no liv. 2. Od. 20. do Principe dos Lyricos Latinos. Desejava, e esperava Horacio, ou para melhor dizer, cria como certa a eternidade do seu nome por causa dos versos, que fizera, os quaes elle muito bem conhecia, que eraõ dignos de immortalidade. Com esta taõ justa ambiçaõ começou a agitar-se a sua fantasia; motivo porque lhe veyo a parecer, que já naõ era homem daquella baixa condiçaõ, de que a fortuna o fez nascer, mas que se havia transformado em hum candido Cisne, e que livremente voava, deslocrendo pela terra, segundo lhe parecia. Brada depois este Poeta, e quer, que lhe poupem as lagrimas, e a pompa da sepultura; porque elle já naõ ha de morrer mais, nem tem necessidade de sepulchro. Ouçamo-lo, como falla a Mecenas:

*Non usitatâ, nec tenui ferar
Pennâ, biformis per liquidum æthera
Vates; neque in terris morabor
Longius, invidiâque maior.*

Urbes relinquam &c.

*Jam jam residunt cruribus aspera
Pelles, & album mutor in alitem
Superna: nascunturque leves
Per digitos, humerosque plumæ.*

Eu persuado-me, que Horacio neste extasi, que fingio, imitou a Ennio, o qual, segundo A. Gellio, tambem se

se fez passaro no Epitafio, que compoz para si, dizendo, que ainda depois de morto voava vivo nas bocas dos homens:

Nemo me lacrymis decoret, nec funera flectu

Faxit; cur? volito vivu' per ora virum.

Naõ se pôde negar, que estas, e outras imagens fantasticas usadas por Horacio naõ sejaõ muito estranhas. Com tudo considerando-se este delirio como hum raptado da fantasia, agitada de hum intimo desejo da gloria, e do conhecimento do proprio merecimento, facilmente o reputamos bello, e judicioso, exprimindo com admiravel força o conceito do Poeta. Além deste fogo da paixãõ, tem a imaginativa esquentada outro fundamento para ter por verosimil a transformaçãõ de hum Poeta em hum Cisne. Muitas vezes tem ella ouvido dizer, que aos Poetas se dá o nome de Cisne, e que estes cantaõ com a mesma suavidade, com que o vulgo crê, que cantaõ os Cisnes; e tanto assim, que o mesmo Horacio, sem se suppor arrebatado, usou desta mesma imagem no Panegyrico a Pindaro, liv. 4. Od. 2. No mesmo Poeta se pôde observar outro extasi, que lhe causou Baccho, para que cantasse os louvores de Augusto. Principia assim a Ode:

Quo me, Bacche, rapis tui

Plenum? Quæ in nemora, aut quas agor in specus? &c.

Mas passemos dos antigos aos modernos Poetas, nos quaes naõ faltaõ exemplos, com que provemos os raptos poeticos. Celebrou o Padre Antonio Vieira em verso a delicadeza, e perfeiçãõ de huma Custodia feita de cortiça, e finge a sua fantasia arrebatada, ou elle mesmo pela Musa, dizendo deste modo a respeito de ter já deixado a Poesia havia muitos annos:

*Quò me Musa rapit? longumque relictus Apollo
 Extinctos iterum, juvenes, quos lusimus, ignes,
 Frigentemque ætate jubet recalescere flammam?
 Corticis est quæ forma senem pulcherrima Vatem
 Concipere. Aonios effatâ mente furores,
 Suspensamque lyram, fractumque resumere plectrum
 Cogit, & oblitos reminisci cærmine fontes.*

Porém como não he sempre possível, que haja huma paixão tão violenta, nem he licito aos Poetas usár a miudo destes taes extasis da fantasia, ha outra especie de movimentos internos, que são os chamados *Voos poeticos*, dos quaes usaráõ mais os Poetas. Ainda que elles não finjaõ, que se vem voando pelo ar, como parece á sua fantasia, com tudo sempre he poeticamente verdade, que voaõ, ou tem virtude de voar. Isto succede quando elles tendo a fantasia cheya de algum forte affecto, e agitando-a com vehemencia, discorrem com o pensamento por diversas, e estranhas imagens, sem observar ordem, nem uniaõ, que ordinariamente costuma haver, quando a fantasia quieta se regula pelo entendimento. Confirma esta sentença hum lugar de Lucrecio, que diz:

*Avia Pieridum peragro loca, nullius ante
 Trita solo; juvat integros accedere fontes,
 Atque haurire; juvatque novos decerpere flores,
 Insignemque meo capiti petere inde coronam;
 Unde prius nulli velarint tempora Muse.*

Igualmente me parece admiravel outro rapto, ou voo poetico, que li em hum Poema, que anda com outros mais em huma Collecção intitlada: *Applausos da Universidade de Coimbra a ElRey Nosso Senbor Dom Joaõ IV.* feitos na Acclamação deste Principe. Veja-se a pag. 34. v.

Quid

*Quid tamen aspicio? Densam per compita turmam
Ire equitum video? Mediâ sub nocte refulget
Germano sine Sole dies? Quàm læta paratu
Pompa animos, avidosque oculos prædatur! Olympi
Quantùm sydereos rapiunt spectacula Cives!*

Outra imagem semelhante de voo fantástico lemos no livro *Carmina selecta* do nosso celebre P. Macedo, descrevendo a coroação de Alexandre VII. e principia assim:

*Quas ego conspicio per nubila rupta cohortes
Aligeram properare viam? stellasque sequentes
Inclinare polum (tanta est ea turba) Furventus
Quò Romana ruit stimulis agitata videndi,
Quæ vetus exhibuit nunquàm spectacula Roma? &c.*

Porém quando fazem melhor effeito na Poesia estes voos, que perturbaõ a ordẽm, e uniaõ ordinaria da fantasia, he quando o Poeta ora falla com hum objecto, que está muy distante, e que tambem o suppoem animado a sua imaginaçãõ, ora falla consigo mesmo, ora se entristece, ora se alegra, ora se encoleriza, e em huma palavra, voa por mil differentes paixoens, e imagens. Foy Petrarca taõ divino nestes voos, que he preciso recorrer a elle, primeiro que a outros Poetas. Chegou-lhe á noticia, que morrera a sua Laura: e para explicar as duas paixoens de sentimento, e de amor, que vivamente batalhavaõ no seu coraçãõ, falla ao Amor com esta bellissima imagem:

*Che debb' io far? Che mi consigli, Amore?
Tempo è ben di morire,
Ed ho tardato più, ch' io non vorrei.
Madonna è morta, ed ha seco il mio core,
E volendol seguire
Interromper convien questi anni rei &c.*

Continua a discorrer com o Amor nesta Canção, e logo irado se volta a fallar com o mundo, porque não chora com elle.

Ahi! Orbo mondo ingrato,

Gran cagion' hai di dover pianger meco,

Che quel Bel, ch' era in te, perduto hai seco.

Deixa de discorrer com o mundo, e passa a fallar consigo mesmo, e a considerar a belleza, e predicados da sua Laura, com a qual falla tambem depois, e logo com as mulheres, rogando-lhes, que tenham piedade delle. Finalmente diz, que já a si mesmo se teria morto, se o Amor lho não impedira, fallando-lhe no coração; e passa a narrar as mesmas palavras, que lhe parecia ser ditas pelo Amor. Admiravel he certamente esta Canção para provar quaes são os voos poeticos, que podem arrebatá a quem conhece, em que consiste a belleza, e bom gosto da Poesia. Por observar brevidade a não copiamos toda, mas rogamos ao leitor, que a lea para se recrear. He a primeira da 2. parte. Igualmente insigne na delicadeza de formar os voos poeticos foy Virgilio. Diz elle na Ecloga 3. por boca de Dametas:

Oh quoties, & que nobis Galatea loquuta est!

Voa a fantasia namorada deste Pastor a formar huma imagem de ternura, que ninguem esperasse, e continua, dizendo:

Partem aliquam; venti, Divum referatis ad aures.

Não se podia descobrir cousa, que moveffe mais a ternura, do que rogar aos ventos; que queiraõ levar alguma parte daquellas suas doces palavras aos ouvidos dos Deoses; quasi imaginando, que ellas não só eraõ dignas de que elles as ouvissem, mas ainda poderosas de accrescentar ás Divindades a sua bemaventurada felici-

felicidade. Tanta doçura acha este Pastor nas palayras daquella Nynfa! Não he menos bello outro voo do mesmo Poeta na Ecloga 8. onde depois de dizer o mesmo Dametas, que a formosa Nisa, a quem elle amara muito, casara com Mopso Pastor muy feyo, voa com enfase a dizer:

Mopso Nisa datur. Quid non speremus amantes?
Entre todos estes voos enfaticos da Poesia merece hum particular louvor o de *Efigenia* na Tragedia de Monsieur *Racine*. Finge o Poeta a esta donzella amante, e amada de Achilles, já destinada a ser victima no altar por determinação do Oraculo, que assim o disputara. Oppondo-se Achilles a hum taõ barbaro sacrificio, manda Agamenon a sua filha, que não falle mais com Achilles, mas antes o aborreça. Narra Efigenia este preceito, e voa depois em hum instante com o pensamento aos Deoses, dizendo: *O' Deoses mais benignos! Vós não pedistes mais, que a minha vida.*

Dieux plus doux! Vous n'avez demandé que ma vie.
Não se podia mais viva, e engenhosamente explicar a violencia do amor, que Efigenia tinha a Achilles, nem dizerse com mais belleza, que ella reputava por partido muito mais duro o não dever amar a Achilles, que o dever ficar sem vida, mostrando ao mesmo tempo ser mayor a crueldade de seu pay, que a dos Deoses, que a queria sacrificada. Na mesma Tragedia Agamenon, que quer obedecer ao Oraculo sacrificando sua filha, e enternecendo-se, ouvindo as queixas de Clitemnestra, volta-se a fallar com os Deoses lembrado de que era pay, e diz-lhes: *Como deviaõ deyxar-lhe hum coração de pay, impondo-lhe huma ley taõ violenta?*

Helas!

*Helas! En m' imposant une loy si severe ,
Grands Dieux, me deviez-vous laisser un coeur de Pere?*

Porém quanto tem de attractivos estes voos poeticos , tanto tem de difficultosos. Deve o Poeta advertir , que está obrigado a medir as qualidades do sujeito , e observar , se elle póde natural , e verosimilmente mover tanto a fantasia , que racionalmente se possaõ usar estes voos poeticos. Se se propuzerem á sua Musa objectos grandes , magestosos , e naõ ordinarios , ou seja por belleza , ou por virtude , ou por vicio , ou por outra qualquer causa , poderá agitar-se muito a fantasia quasi sempre com verosimilidade ; e seraõ por isto naturaes os voos , e igualmente convenientes as figuras sublimes , e as imagens magestosas. Pelo contrario as cousas humildes , e aquellas , que naõ tem , ou naõ pódem ter força para excitar huma paixãõ vehemente na nossa fantasia , pedem aquella moderaçaõ , e aquella ordem de discorrer , que em tal caso costuma ter a fantasia , que naõ está esquentada. Aos objectos , v. g. pastoris , como saõ humildes , naõ se concede facilmente a liberdade , e uso dos voos sublimes. Naõ podemos negar , que tambem nestes sujeitos se move , e esquentã a fantasia , porém naõ de modo , que queira subir ao ar , e bater as azas com força : *In parvis rebus* (dizia Cicero no 2. liv. de Orat.) *non sunt adhibenda dicendi faces.*

CAPITULO XX.

Do engenho, e das imagens intellectuaes, ou engenbozas; imagens de semelhança; varios modos de usar dellas; formação das metaforas.

DEpois de termos discorrido com a brevidade, que nos foy possível, da *fantasia*, a qual mostrámos ser (digamo-lo assim) como hum toucador, em que se encontraõ todos os enfeites para ornarse a belleza poetica; resta agora fallar alguma cousa sobre o *engenbo*, o qual he outro thesouro das Musas não menos importante. Nenhuma outra cousa he o engenho, se não aquella virtude, e força activa, com que o entendimento recolhe, une, e acha as semelhanças, as relações, e as razoens das cousas. Para melhor se entender esta tal qual definição, he preciso observar, que de dous modos pôde especialmente o entendimento exercitar a sua força, e virtude, que nós chamamos *engenbo*. O primeiro modo he penetrando o interior das cousas, e comprehendendo a sua razaõ, qualidade, e natureza. O segundo he voando velozmente sobre mil objectos differentes, e distantes, e depois recolhendo as semelhanças, as correspondencias, e os laços, que prendem a estes diversos objectos. O que souber obrar com o seu entendimento do primeiro modo, he dotado de engenho penetrante, e agudo; e o que tiver mais actividade para discorrer do segundo, he ornado de engenho vasto: e de ambas estas operaçoens do entendimento nascem, como de duas abundantissimas fontes; conceitos bellos, e nobres para adorno da Poesia. Começemos pelas semelhanças, mostrando como o entendimento possa fazer isto. P Qual-

Qualquer que puzer fixamente os olhos do entendimento nos objectos, de que se compoem a grande Republica dos tres mundos, de que já tratámos, facilmente verá, que todos estes objectos, ainda que estejaõ, ou pareçaõ distantes, diversos, e ainda muitas vezes entre si contrarios, com tudo concordaõ, e saõ em alguma parte semelhantes por alguma sua qualidade, e razaõ. De sua natureza he entre si cousa bem diversa hum *rochedo*, e huma *mulher*; com tudo se esta for dotada de humia severa honestidade, e resistir fortemente aos assaltos de quem a ama, ella ahi semelhante a hum rochedo, que com igual resistencia não faz caso dos assaltos das ondas. O mesmo se pôde dizer de todas as cousas, de que se compoem este mundo. Ora esta, e outras semelhanças, que o entendimento achou, e recolheo, saõ as que chamamos *imagens intellectuales*, ou *engenhosas*, para que se não confundaõ com as da fantasia: não já porque a fantasia não sirva ao entendimento no achar, e unir as semelhanças; mas porque parece esta operação mais propria do entendimento, parecendo-lhe estas imagens directamente verdadeiras, ou verosimeis. A fantasia lhe representa os objectos entre si diversissimos, e distantes; elle fixando a vista recolhe quanto verdadeiramente ha de semelhança entre elles. Tanto mais serãõ bellas estas imagens, quanto mais se forem buscar as semelhanças a objectos entre si remotos, e nobres, e quanto mais novas, e insperadas forem; porque da novidade he que nasce a maravilha, e o deleite. Com esta sentença não se persuada alguém, que he pouco abundante esta fonte de imagens engenhosas, e que o Poeta usando muitas vezes dellas correria no perigo de causar tédio ao leitor. Saõ tantos, e taõ varios os modos,

modos, com que se póde, e costuma usar das semelhantes, que he facil aos Poetas extrahir innumeraveis conceitos sem o temor de enfastiar. De dous modos porém he que pela mayor parte se usa dellas na Poesia. O primeiro he quando se trazem unicamente por ornato, a fim de explicar melhor huma cousa, ou pintalla, e exprimilla com mais valentia. Chamaõ-se entaõ a estas semelhantes *comparaçoens*, fazendo-se paralelo entre huma cousa, e outra. Nellas foy verdadeiramente admiravel o nosso Camoens. Lea-se a Est. 38. do Cant. 2. que diz, fallando de Venus:

*E mostrando no angelico semblante
Co' riso huma tristeza misturada,
Como Dama, que foy do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada;
Que se queixa, e se ri n'um mesmo instante,
E se torna, entre alegre, magoada,
Desta arte a Deosa, a quem nenbuma igualla,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.*

Igual viveza, e propriedade se conhece em outra comparação, de que usou este Poeta no mesmo Canto 2. Est. 43. tratando do mimo, com que Jupiter consolou a Venus chorosa:

*E co' seu apertando o rosto amado,
Que os soluços, e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem o affaga, o choro lhe accrescenta &c.*

Mereçe Estacio, que neste lugar façamos tambem memoria de huma sua felicissima comparação, que traz no liv. 10. da sua Thebaida nestes versos:

*Ut lea, quam sevo fetam pressere cubili
Venantes Numide, natos erecta superstat
Mente sub incertâ, torvum, ac miserabile srendens.*

*Ille quidem turbare globos, & frangere morsu
Tela queat; sed prolis amor crudelia vincit
Pectora; & in mediâ catulos circumspicit irâ.*

Cuja comparação felizmente imitou o Ariosto no Canto 19. do seu *Orlando Furioso*, mudando de leoa para urã, com a qual compara a Medoro, que queria defender a sua vida dos inimigos, mas ao mesmo tempo não queria apartar-se do amado cadaver do seu Rey. Igual, ou mayor estimação merecem as comparaçoens de Virgilio, principalmente a das formigas do liv. 4. da Eneada:

*Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cum populant, hyemis memores, tectoque reponunt;
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas
Contrectant calle angusto.*

O que tambem imitou Camoens na sua *Lusiada*, como quem quasi sempre seguia os vestigios de Virgilio, tratando no Canto 2. Est. 23. das Nynfas, que estorvavao aos Portuguezes a sua viagem:

*Quaes para a coza as prôvidas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitaõ, de inimigas
Do inimigo inverno congelado:
Alli saõ seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostraõ vigor nunca esperado:
Taes andavaõ as Nynfas estorvando
A gente Portugueza o fim nefando.*

Quem desejar ler mais comparaçoens deste nosso grande Poeta todas bellissimas, e naturalissimas, lea no Canto 1. a Est. 35. descrevendo o tumulto dos Deoses; no Canto 2. a Est. 27. descrevendo o medo dos Mouros, e comparando os ás rans: a Est. 49. do Cant. 3. comparando a açção de tomar apressadamente as ar-

mas

mas sem tino, com a pressa dos Pastores atemorizados, quando os desperta o incendio, que se ateou no campo: a Est. 106. do mesmo Can o, em que compara a Rainha Dona Maria de Castella, pedindo a seu Pay soccorro a favor de seu Marido, com Venus fazendo a mesma supplica a Jupiter para seu filho Eneas. Finalmente lea o curioso este Poema, que nelle achará outras muitas comparaçoens feitas com particular artificio, e grande naturalidade, no que verdadeiramente foy divino este Poeta. Tem depois d'elle hum distincto lugar, a respeito destas imagens, Antonio da Fonseca Soares na sua *Filis*. Compara este Poeta ao gado errante, e sem Pastor, o povo Troyano, dizendo no Canto 1. Est. 19. *De las ruinas*:

*No assi ganado sin Pastor errante
Se esparce, y vaga por el verde suelo,
Quando a golpes se vé del gran Tonante
Caer en fuego el ayre, en lluvia el Cielo:
Como el pueblo de Troya, a cada instante,
Attonito en su daño, y en su recelo,
Vaga confuso, viendo en sus desmayos
Caer la muertes, y llover los rayos.*

Mais exemplos deste Poeta poderamos allegar; porém por fugirmos á extensaõ, apontaremos só os lugares. Veja-se do mesmo Poema no Canto 3. *Los affectos* a Est. 6. comparando gentilmente a formosura de *Filis* com a rosa; no Canto 9. *Los extremos* a Est. 80. comparando a firmeza de huma alma á de huma enziadeira, e de huma rocha; no mesmo Canto a Est. 56. comparando ao cháos a confusaõ, e o horror de huma batalha; e ultimamente lendo-se outras muitas Estancias, se acharáo diversas, e propriíssimas comparaçoens.

Este he o primeiro modo, de que usaõ os Poetas para pintar, e exprimir vivamente huma cousa, ajudando-se da outra. O segundo modo de usar das semelhanças he quando se usa dellas, naõ como comparaçoens puras, e discretas, que se poderiaõ tirar do discurso, sem lhe causar prejuizo, mas indirectamente como coisa intrinseca daquelle conceito, que se propoem. Tem estas o seu uso, quando v. g. para explicarmos, e provarmos huma cousa, nos valemos da semelhança de outra. O Cardeal Pallavicino no Capit. 9. do seu *Tratado do Estylo*, mostrando a utilidade, que se tira do bom uso das comparaçoens, faz, que o seu mesmo conselho nos sirva de louvavel exemplo. Diz elle assim: *Non dee il Filosofo usarle senza utilità di maggior chiarezza, e solo per lusso d'ingegno: adirandosi il lettore, * che la Guida gli faccia allungar la via, non a fin di condurlo per la più piana, ma solo per fargli veder le ricchezze delle sue possessioni.* Eis aqui como este Author prova admiravelmente com huma semelhança, e explica com ella o conceito proposto, dizendo, que o Filosofo naõ deve usar das semelhanças só por ostentar engenho, mas para dar mayor clareza ao que diz; a fim de que o leitor se naõ enfade de que o guia o leve por caminho mais longe, naõ para o conduzir pelo melhor, mas para lhe mostrar as terras, que possui. Usou igualmente Petrarca de huma imagem quanto póde ser nobre neste genero. Dá elle a razão porque começou a amar tanto a Laura, e vay descrevendo a formosura, que nella observou da primeira vez, que a vio, com esta bella imagem, que formou na sua fantasia:

*Non era l'andar suo cosa mortale,
Ma d'angelica forma; e le parole
Sonavan' altro, che pur voce umana.*

Em outra parte dá o mesmo Poeta a razão porque á sua Dama se lhe não dava de morrer, estando na flor dos seus annos, e diz:

*Che gentil pianta in arido terreno
Par che si disconvenga; e però lieta
Naturalmente quindi si diparte.*

Maravilhosa he tambem a belleza de huma imagem de Tasso, descreyendo laconicamente com duas semelhanças magestosas a gentileza, e o valor de Rinaldo:

*Se l'miri fulminar tra l' armi avvolto,
Marte il diresti, Amor, se scopre il volto.*

Não falta igualmente esta casta de semelhanças no nosso Camoens, e entre muitos exemplos apontarey só alguns. Diz elle no Soneto 45. da 1. part. imitando a Petrarca no Soneto 49. acima allegado, e tratando de huma Dama isenta em amar:

*Gentil planta disposta em seca terra,
Lindo fruto de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor, e fé perjura.*

Não he imagem menos nobre, e bella outra semelhança do mesmo Poeta, que lemos no Soneto 38. da 1. part. principiando-o assim, á imitação tambem de Petrarca, nos versos de que acima fizemos menção: *Non era l' andar suo &c.*

*Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhay-me a mim, que sou feitura vossa &c.*

Veja-se igualmente a semelhança, com que principia o Soneto 90. da 1. part. em que com primoroso pincel pinta a formosura da sua Dama:

A per-

*A perfeição, a graça, o doce geito,
A Primavera cheia de frescura,
-Que sempre em vós floresce, a que a ventura,
É a razão entregaraõ este peito.*

Como tratamos destas semelhanças, devemos precisamente tratar alguma cousa tambem das metáforas, que tem nellas o seu fundamento. Nesta imagem v. g. de Camoens, em que diz, que a Primavera floresce sempre na sua Dama, tem a fantasia a sua parte por causa da metáfora; e assim dizemos, que se costumaõ usar das semelhanças tambem nesta fórma; isto he, transportando o nome do objecto semelhante em outro objecto. A estas transposições communmente se dá o nome de metáforas; e com effeito estas não são outra cousa, senão humas semelhanças, e comparações compendiadas: e todos sabem, que das semelhanças até aqui descriptas passaõ os Poetas sem trabalho a formar translações. Quem v. g. diz, que *Filis he na figura bella como a mesma Primavera*, usa da semelhança puramente, e a faz servir só por comparação. Mas quem paila a dizer, *Filis na formosura he huma Primavera*, usa da mesma semelhança, mas transportando o nome do objecto semelhante em outro objecto. Não devem estas translações ter o nome de imagens do entendimento, mas sim da fantasia; pois não contém directamente o que he verdadeiro proprio do entendimento. Porque he verdadeiro, segundo o entendimento, que Filis he semelhante á Primavera, por isso propriamente attribuímos ao entendimento a primeira imagem. Porém a segunda sómente á fantasia parece verdadeira, e por este motivo lhe chamamos fantástica. Pertence por tanto primeiro ao entendimento, ou seja engenho, o descobrir semelhança entre

tre os objectos , e depois sobre este fundamento he que entra a fantasia a levantar as suas imagens. O entendimento v. g. sabe , que o *luxo* , e o *ladraõ* são entre si semelhantes , porque ambos roubaõ ; e assim com verdade se pôde affirmar , que o *luxo* he como o *ladraõ* : porém a fantasia naõ se contenta com este conceito , e diz , que com effeito o *luxo he hum ladraõ* O Padre Sidronio Hoskio na sua primeira Elegia nos dá hum exemplo para provar o que dizemos :

Vita mare est ; res plena metu , res plena tumultu

Utraque ; mortales , credite ; vita mare est.

Tambem o confirma Dante em hum Terceto do II. liv. do seu Purgatorio , onde para descrever a Fama , descobre tambem a semelhança , que ha entre ella , e o vento , exprimindo-a em fórma de metafora :

Non è il mondan rumore altro che un fiato ,

Di vento , ch' or vien quinci , ed or vien quindi ,

E muta nome , perche muta lato.

Destas cousas cada vez podemos mais hir aprendendo a differença , que ha entre as imagens fantasticas , e as intellectuaes. Estas são directamente verdadeiras , e taes parecem ao nosso entendimento ; e aquellas directamente são falsas ao entendimento , ainda que indirectamente elle as conheça por verdadeiras. Poderse-hia compor hum volume completo sómente sobre as metáforas , porque he assumpto muy copioso ; porém a nós basta-nos o ter apontado esta taõ ampla , e usada maneira de nos servirmos das semelhanças , e remetemos o leitor ao que escreveraõ nos seus livros os Mestres da eloquencia. Unicamente nos parece necessario dizer aqui alguma cousa aos principiantes , a respeito das comparaçoens , e das metáforas. A respeito destas dizemos , que deve haver grande cautella

nas regras, e exemplos, que sobre ellas dá o Conde Manoel Thefauro no seu *Cannocchiale Aristotelico*; porque talvez foy o que tratou peyor deste assumpto, sendo o que delle escreveo com mais extensaõ. Eu persuado-me, que quem souber, que cousa seja bom gosto, ha de reprovar muitas metáforas, que elle approva; como v. g. que as neves saõ *lyrios frios dos Alpes*, e os lyrios *neves animadas dos jardins*: que as gottas de fangue, que Christo suou no Horto, foraõ outros tantos *globos, ou mundos, debaixo de cujo pezo gemia o divino Atlante*: Que a abelha he *huma Amazona com azas, huma Maga volante, e huma aljava com settas*. Que o alambre he *huma luz viscosa, e hum ouro fragil*: Que o rouxinol he *hum orgaõ sem canudos*, e o orgaõ *hum rouxinol sem penas*: e outras muitas semelhantes a estas, em que naõ ha proporçaõ por falta de semelhança de figura, de ministerio, e de acçaõ; o que sempre deve haver, para serem bem fundadas as translaçoens. Este Author era homem de grande doutrina, e de hum engenho vivo, ainda que daquelles a que os Francezes chamaõ *brilhantes*; porém a destemperada ambiçaõ de novidade lho depravou: por isso quiz enganar o mundo com o nome de Aristoteles, e o encheo de conceitinhos, e de argucias frivolas, ridiculas, pueris, infulsas, e irreverentes, como saõ as metáforas apontadas; o que tudo diz o insigne Salvini nas Notas a *Muratori* tom. 1. pag. 249. Muito ajudou a Thefauro em estabelecer o pessimo gosto Lourenço Gracian na sua *Arte, y Agudeza de Ingenio*, infestando ainda mais a Hespanha, como o outro a Italia, e ambos o mundo; porém entendo, que em parte nenhuma foraõ taõ bem recebidos, como em Portugal, como se vê pela experiencia.

perencia. Sobre este uso das metáforas lea-se a Leitaõ Ferreira na sua *Arte de Conceitos*. p. 1. lic. §. 4. n. 20.

A respeito das comparaçoens temos tambem, que advertir, que deve haver grande decóro na proporçaõ, e verosimilidade da cousa, que se compára com a comparada. Contra esta regra infallivel peccou Barbuda nõ seu *Virginidos*, comparando no Canto 1. Est. 118. a Adaõ, por comer o pomo prohibido, com hum cavallo, que tomou o freyo entre os dentes, e sem tino corre a despenhar-se.

*Vay-se Eva atravessando o Paraíso,
A levar da maçã parte ao esposo;
Que por lhe converter o pranto em riso,
Lhe vay dar hum bocado venenoso:
De Adaõ quer penetrar o alto juizo,
Pelo tornar, qual bruto, que furioso,
O bocado entre dentes em tomando,
Se despenha, da redea não curando.*

Outro vicio igual a este commetteo o mesmo Author no Canto 1. Est. 65. descrevendo a batalha de S. Miguel com Lucifer. Indecorosamente compara este Archanjo a hum leão feroz, que com unhas, e rugidos vence os outros brutos. Estas *armas* proprias do leão são indecorosamente imprópriissimas em S. Miguel, porque falta a proporçaõ, e semelhança:

*Oppoemse-lhe Miguel vibrando a lança;
D'armas brancas vestido o corpo ethereo,
E co' as aladas hostes, com que avança
Lá no Impyrio, de Deos defende o Imperio:
E valor fulminando, á semelhança
De leão, que rugindo, em vituperio*

*Do bruto opposto, vibra lingua, e garra,
Que c' huma atemorisa, e outra agarra.*

Para se não cahir neste vicio, he preciso, que o Poeta tenha sempre diante dos olhos do juizo se a comparação, que intenta fazer, he evidente na proporção, verosimil, modesta, decorosa, e sem affectação, nem humildade, excepto se esta for necessaria para bem pintar a imagem, segundo o objecto, de que se tratar; por isso entre outras he muy propria a comparação, que no Canto 5. Est. 21. fez Camoens do vápor com a sanguesfuga. Porém em outro lugar trataremos deste assumpto com mais individuação.

C A P I T U L O XXI.

Das imagens intellectuaes de relação, e das engenhosas de reflexão; seus exemplos.

JA se tem visto como as semelhanças, que o entendimento descobrio em cousas entre si remotissimas, e diversas, daõ o ser a varios conceitos, ou sejaõ imagens engenhosas: agora he necessario observar mais miudamente, que além das semelhanças, ha outras infinitas dependencias, e unioens entre as cousas do Universo, sobre as quaes se fundaõ outras innumeraveis imagens do entendimento. Algumas destas unioens, ou prizoens, ás quaes chamamos *relaçoens*, são tão claras, e manifestas, que qualquer pessoa rustica as poderá perceber; outras porém são muy occultas, e pouco observadas pelo artificio, e idéa, que encerraõ. Quem discorre de hum Principe grande, e valeroso, facilmente sabe, que lhe dizem respeito, e relação

os magestosos palacios, as riquezas, os povos seus subditos, as Cidades, os soldados, os inimigos, os antepassados gloriosos, e outros semelhantes objectos. Porém não saberá v. g. tão facilmente, que tenhaõ connexão com aquelle Principe o Ceo, as Musas, os montes, os Heroes da antiguidade, e outros taes sujeitos, ainda mais diversos, e remotos. Querendo pois hum Poeta louvar a hum Principe excellente, poderá lembrarse, *que nos palacios magnificos, e nos seus riquissimos ornatos se póde ler a magestade de tal Rey; que os povos sujeitos gozaõ com effeito da idade de ouro, que sonharaõ os antigos; que debaixo da sua conducta não ha empresa marcial, em que seja difficil alcançar a victoria, tendo soldados taõ valerosos; que os mesmos inimigos confessão temerosos a gloria, e o valor de taõ grande Principe &c.* Outras semelhantes imagens filhas do entendimento se poderãõ extrahir, para as quaes concorrerã tambem a fantasia com algum ornato, observando as connexoens de outros tantos objectos com o tal Principe: razãõ porque affirmamos, que o conhecer bem as reflexoens, que ha entre todas as cousas, e o respeito, que dizem humas ás outras, he huma abundantissima fonte, da qual se costumãõ extrahir muitos novos, e excellentes sentimentos sobre qualquer materia. E verdadeiramente o nosso entendimento he huma potencia grande, e universal, que se póde extender com linhas infinitas por infinitos objectos, assim passados, e presentes, como futuros. Póde examinar, e recolher todas as relaçoens, e connexoens mais accommodadas, que ha entre aquelles objectos, e aquelle, que se tomou por assumpto para discorrer. Quem for dotado de hum engenho vasto, descobrirã as cousas de mais longe, e acharã entre ellas

las connexoens nobres, e nunca observadas por outros entendimentos; motivo porque formará imagens maravilhosas, e agradaveis, visto serem novas, e não esperadas. Não sómente he util, mas ainda necessário, que o entendimento se empregue nestes descobrimentos, porque só assim se discorre bem em hum assumpto. Ordinariamente qualquer argumento não he per si mesmo tão rico, e fecundo, que possa soccorrer com muitos conceitos o entendimento do Poeta; e por isso convém, que elle comece por necessidade a fahir (digamo-lo assim) das entranhas, e centro da materia, e a descobrir aquellas connexoens, que com elle tem as outras cousas.

Como nós tratando dos voos poeticos dissemos, que nelles as imagens humas vezes são propriamente concebidas pela fantasia, e outras pelo entendimento, he preciso agora neste lugar dizer alguma cousa sobre o modo, com que o entendimento só per si recolhe as relaçãoens, e connexoens, mostrando ao mesmo tempo, como a fantasia unida com elle cause utilidade. Quando os Poetas, especialmente os lyricos, entraõ a tratar de algum assumpto, costumão considerallo de dous modos: ou em si mesmo, ou com as relaçãoens, que tem com elle infinitas cousas. No primeiro modo buscaõ a belleza interior da materia, no segundo a belleza exterior, e tanto de hum, como de outro se valem para ornar as suas composicoens. Consiste esta belleza externa em descobrir as connexoens, e relaçãoens, que tem os objectos exteriores com o sujeito, que se tomou por argumento. Destas ou se serve o entendimento, que as descobrio, ou tambem a fantasia, para formar suas imagens, humas vezes intellectuaes, outras fantasticas, como mostraremos com exemplos.

Seja

Seja o primeiro o do insigne Hespanhol Lupercio Leonardo de Argenfola ; escrevendo huma Canção em louvor de ElRey Filippe II. na occasião das festas da Canonizaçãõ de S. Diogo. Inflammada a fantasia deste Poeta com a grandeza do assumpto , reinonta-se , como em extasi , a imaginar na santidade daquelle Monarcha , e nos seus futuros milagres :

*En estas sacras ceremonias pias ,
 Donde tu gran piedad , Philipo Augusto ,
 Con admirables rayos resplandece
 Verás como dexando el cetro justo ,
 Despues de largos , y felices dias ,
 Al nuevo tronco , que à tu sombra cresce ;
 Nuestra Madre santissima te ofrece
 Los mismos cultos , y la misma palma ,
 Que ya nos muestra como en cierta idea ,
 Que tal quiere , que sea
 La gloria entonces de tu cuerpo , y alma ,
 Y que al immenso Templo , que edificas
 Al gran Levita , que en ardiente llama
 Examinò la de su amor divino ,
 Ha de venir gozoso el perigrino
 No solo convidada de su fama
 Por contemplar las aras de oro ricas ,
 Sino por ver si à su dolencia aplicas
 Saludable remedio desde el Cielo
 Como lo dàs à todos en el suelo ,*

Voa depois este suavissimo Poeta com a mesma fantasia a especificar as virtudes particulares daquelle Monarcha , como a justiça , a clemencia , o valor , a prudencia , a politica ; e confusa entre tantas virtudes a sua imaginaçãõ , duvida por qual dellas será elle invocado dos homens. Naõ copiamos este lugar , por ser muy extenso ,

tenso, e o leitor o poderá ler na Poetica de Luzan pag. 161. Ora nesta Canção certamente, que parecia serem objectos muy remotos, e muy alheyos do assumpto *o applicar remedio ás doencas, o ser invocado &c.* e depois passar a discorrer com as imagens *de espada rigorosa, de trombetas, de exercitos, de ballas, de victorias, de tempestades, de sementeiras, e colheitas &c.* de que tudo uza na passagem, que não copiamos. Porém o engenho do Poeta soube descobrir as relaçoens, e connexoens, que todos estes objectos podiaõ ter com o seu principal assumpto, e achou meyo de as enlaçar, e unir. Passemos desta Canção a huma de Alexandre Guidi, que lemos na Collecção da Poesia vulgar dos Arcades. Quer este Poeta provar, que he preciso á Arcadia ter leys para se dirigir bem, e entra a discorrer da idade de ouro. He certo, que muitos engenhos não poderãõ facilmente descobrir a connexão, ou ao menos aquella bella correspondencia, que elle achou entre estes dous objectos. Eis aqui como elle discorre:

Io non adombro il vero

Con lusinghieri accenti:

La bella età dell' oro unqua non venne.

Nacque da nostre menti

Entro il vago pensiero,

E nel nostro desio chiara divenne.

Costumaõ os outros Poetas contar entre as suas historias a da idade de ouro; porém este insperadamente começa a dizer, que nunca se vio no mundo esta feliz idade, e que só os nossos desejos he que a fizeraõ famosa. Dá depois engenhosamente a razão disto, dizendo, que em todo o tempo viverãõ homens máos, os quaes pelos seus vicios mereceraõ o castigo do Ceo; e accrescenta:

Or,

Or, se del Fato infra i tesor felixi
 Il secol d'or si serba,
 Certo so ben, che non apparve ancora
 Un lampo Sol della sua prima Aurora.

Do que se segue, segundo a mente deste engenhoso Poeta, que em todo o tempo houve necessidade de reffrear com as leys a perversa inclinação dos homens. Esta he a insperada connexão, e o respeito, que diz o assumpto, que tomou, com a idade de ouro. Do mesmo modo Nero, e Romulo parecem, e são na verdade dous objectos bem remotos para provar a necessidade das leys, e por isso não dizem respeito algum com o sujeito proposto; com tudo lembrando-se o mesmo Poeta, que o primeiro depois de ter governado cinco annos, praticando excellentes virtudes em utilidade dos povos, se fez hum dos tyrannos mais crueis, de que ha memoria; e que o segundo, ainda que professasse a vida de Pastor, que he o mesmo, que dizer, que tinha costumes innocentes, e coração brando, com tudo arrastado da ambição, chegou a matar a seu irmão; daqui toma assumpto o entendimento para provar quanto são precisas as leys em todo o estado; para que não entendaõ v. g. os Pastores da Arcadia, que podem sem leys viver com innocencia, e pureza. Temos dito o que basta, para se vir no conhecimento do que são as imagens intellectuaes de relação, e provado isto com os exemplos apontados; e se estes não bastarem a alguns entendimentos, lea-se a Horacio, que he Mestre tão insigne na Theorica, como na Practica. Elle melhor, que outro algum Poeta, poderá ensinar este modo de descobrir as relações remotas de hum objecto, e a sua connexão. Observe-se entre outras Odes a 13. do liv. 2. que principia: *Ulum, ó ne-*

fasto te posuit die &c. em que o seu assumpto he tratar de huma arvore, que cahio improvissamente perto delle, e com grave perigo da sua vida. Nella usa de objectos bem diversos, e que pareciaõ muy remotos para haverem de convir a huma arvore; como saõ os parricidas, os traidores aos hospedes, os feiticeiros, os marinheiros Carthaginenses, o Bosforo Thracio, os Soldados Romanos, os Parthos, os Reinos de Proserpina, o Juiz Eaco, os Campos Elysius, o Poeta Alceo, a Poetiza Sapho, Tantalo, Orion, Prometheo &c. Porém o seu engenho ornou assumpto taõ esteril, descobrindo razaõ de convir, e connexaõ entre estas cousas com o argumento proposto.

Passemos agora a dizer alguma cousa sobre as imagens engenhosas de reflexaõ. Já acima dissemos, que (segundo a nossa opiniaõ) nenhuma outra cousa he o engenho humano, senaõ aquella virtude, e força activa, com que o entendimento descobre, e recolhe ou as *semelhanças*, ou as *relações*, ou as *razoens internas das cousas*. Já discorreremos, como soubemos, das primeiras virtudes do entendimento; entremõs agora a tratar da terceira, isto he, do recolher, e descobrir as razoens; donde (se nos naõ enganamos) se argumenta a penetraçãõ, e agudeza do engenho de cada hum. A este descobrimento das razoens internas, e á consideraçãõ, ou contemplaçãõ, que faz o entendimento sobre as cousas, chamamos nós *reflexaõ*, vocabulo, que ignoraraõ os antigos, e percebem presentemente os modernos, por ser muy proprio, e accommodado para explicar estas contemplaçoens do entendimento. Para se saber pois, que cousa sejaõ estas reflexoens, deve-se primeiramente dizer, que os Poetas nem sempre sabem, ou querem, ou pôdem revestir

tir as suas composições de imagens fantasticas, de semelhanças, e de relações; e muitas vezes será preciso não usar dellas. Por isso recorrem elles a outra fonte, que he a das reflexoens, e observaçoens. Fôrma estas o nosso entendimento, quando elle medindo, e penetrando com a sua agudeza o interior, e natureza das acçoens, dos costumes, e em huma palavra de todas as cousas, descobrimos verdade nellas, a qual não descobriam facilmente outros engenhos, ou não a esperariam os ouvintes, e leitores. Ora esta verdade por causa da consideração, e reflexão do entendimento, toma o mesmo nome, e chama-se *reflexão*. Semelhantes imagens são tão commuas aos Oradores, como aos Poetas; porém como não ha Author, que busque mais que o Poeta o que he maravilhoso, por isso a elle, mais que a qualquer outro, lhe he necessario, e util o uso dellas. Aclaremos esta doutrina com alguns exemplos, que mostrem o fino de huma engenhosa reflexão. Principiemos por Camoens, que foy certamente nesta materia tão admiravel na Poesia Bucolica, que lhe podemos dar o nome de Teócrito Portuguez. Na sua Ecloga 2. introduz ao Pastor Almeno, queixoso do rigor da sua Nynfa, e diz assim:

O' Nynfa delicada!

Honra da natureza!

Como póde isto ser,

Que de tão perigrino parecer,

Podesse proceder tanta crueza?

Não vem de nenhum geito,

De causa divinal contrario effeito.

Pois como pena tanta

He contra a causa della?

Fóra he de natural minha tristeza.

*Mas a mim, que me espanta?
 Não basta (ó Nynfa bella)
 Que pôdes perverter a natureza?
 Não he a gentileza
 De teu gesto celeste
 Fóra do natural?
 Não pôde a natureza fazer tal.
 Tu mesmo, ó bella Nynfa, te fizeste;
 Porém porque tomaste
 Taõ dura condição, se te formaste?*

Veja-se, que admiraveis imagens reflexivas se incluem nestes versos; sempre nelles está o Poeta a reflectir, e com observaçoens taõ perigrinas, novas, e elevadas, que bastaria este exemplo para prova da nossa doutrina. Iguaes virtudes poeticas descobrimos no primeiro ramo da Canção I. dizendo:

*Fermosa, e gentil Dama, quando vejo
 A testa de ouro, e neve, o lindo aspeito,
 A boca graciosa, o riso honesto,
 O collo de crystal, o branco peito;
 De meu não quero mais, que o meu desejo,
 Nem mais de vós, que ver o lindo gesto.
 Alli me manifesto
 Por vosso a Deos, e ao mundo; alli me inflamo
 Nas lagrimas, que choro;
 E de mim, que vos amo,
 Em ver, que soube amarvos, me namoro:
 E fico por mim só perdido, de arte,
 Que hey ciumes de mim por vossa parte.*

Repare-se na reflexão conceituosa destes versos; onde diz o Author da *Arte de Conceitos*, ponderando esta imagem reflexiva, que merece Camoens ser chamado o nosso Anacreonte; e com justo fundamento, porque

não

naõ ha cousa mais nobre, que reflectir este Poeta, dizendo, que tinha tal satisfação de saber amar, e de-sejar a sua Dama, que por esta fineza se namorava de si proprio; e que com tal extremo estava por si perdido, que estes amores de si mesmo lhe causão ciumes pela parte della, que a contemplação unio a si; isto he, os que elle de si lhe causaria, se amara outra fermosura, e aspirara a outra dita. Passemos de Camoens a Euripedes. Introduz este Poeta Tragico a Andromaca reflectindo sobre a morte de seu filho Astianates, mandada executar pelos Gregos. Naõ attribue ella a causa desta morte á crueldade dos vencedores, mas descobre outro motivo, para causar mais ternura, e maravilha aos ouvintes, e diz deste modo, fallando com seu filho: *O' amado filho, tu deixando-me aqui em pranto, morrerás ás mãos do cruel inimigo; porém o que mais me peza he considerar, que quem te mata he o valor de teu pay, que a tantos servio de escudo, e defesa.* Parece cousa estranha, e nova, que o valor de Heitor fosse o que dêsse a morte a seu filho Astianates; porém, se bem se considera, a causa porque foy morto este menino, foy justamente a que deu sua mãy; porque temendo os Gregos, que no filho resuscitasse o valor do pay, quizerão com a sua morte livrar-se deste receyo. Eis aqui como esta verdade se faz nova, e admiravel ao auditorio, que talvez entendia, ou attendia para o contrario. Naõ menor novidade descobrimos igualmente em hum verso de Publio Mimo, o qual fazendo reflexão sobre os avarentos, deduz engenhosamente esta verdade:

Tam deest Avara quod habet, quàm quod non habet.

Como os avarentos naõ usão do que possuem, antes o tem enterrado, pode-se dizer com verdade, que tan-

to lhes falta o que possuem, como o que não possuem. He quanto póde ser engenhosa esta reflexão, e poucos com o seu engenho chegariaõ a reflectir nesta verdade. Naõ he menos engenhoso outro pensamento reflexivo do Conde de Villamediana, dizendo sobre os effeitos do amor profano, e da belleza:

Amor no guarda ley: que la hermosa

Es licita violencia, y tirania,

Que obliga con lo mismo, que maltrata.

De semelhantes imagens de reflexão usaraõ com economia os melhores Poetas. Digo com economia; porque os prudentes sabem, que ellas mais convém ao Filosofo moral, que ao Poeta, e que saõ pedras preciosas para ornar com parcimonia, e naõ com prodigalidade o corpo das composições poeticas. Se o Poeta tomasse por allumpto a Filosofia dos costumes, naõ duvidamos, que entaõ poderia usar mais livremente destas imagens, importando isto muito á gravidade do sujeito. Assim o praticaraõ os Poetas mais insignes da Grecia, como se vê do Poema de Hesiodo, intitulado *As obras, e Os dias*, das composições de Theognides, Phocilides, Tirteo, Solon, Simonides, e outros muitos. O mesmo fez Maggi em Italia, e entre nós Francisco de Sá de Miranda, ambos copias de Seneca, tratando em verso de materias moraes. Naõ nos extendemos a mais exemplos; porque he cousa facil achallos entre os que poetizaõ com bom-gosto, e com engenho penetrante, e agudo. Porém he preciso advertir, que nem todas as imagens do entendimento saõ sempre bellas, e bellas em tudo. Por este motivo he necessario saber em que defeitos costumaõ cahir as ditas imagens, e como podem ficar improprias, por naõ se seguir os passos da natureza, a qual devemos por meyo da

Arte Poetica melhorar, e não offender. Duas (segundo nos parece) podem ser as causas principaes, que injuriem a natureza, por serem defeituosas as taes imagens. A primeira he o não conterem estas o que real, e internamente he verdadeiro; o que succede quando são fundadas em algum sofisma, ou principio falso. A segunda he o não serem verosimeis ás pessoas, que o Poeta introduz a fallar. A estes dous defeitos das imagens podemos tambem acrescentar terceiro, que he a affectação, a qual consiste em fazer as ditas imagens demasiadamente engenhosas, consideradas, e subtis; de que he causa o muito estudo de dizer cousas novas para ostentar engenho com a novidade. Será pois justo, que digamos alguma cousa sobre estes tres defeitos, em cujo exame certamente seremos util ao leitor. Principiemos pelo primeiro.

C A P I T U L O XXII.

Das imagens verdadeiras, e das falsas; examinaõ-se os conceitos do Conde Manoel Thezauro.

Não será a primeira vez, que temos dito, que o nosso entendimento naturalmente busca o que he verdadeiro, e que este, ou o verosimil he o principal fundamento da belleza poetica. Por tanto, para que as imagens de reflexão contenhaõ sempre esta belleza, convém muito, que sejaõ fundadas sobre o que he verdadeiro. Porém como as imagens da fantasia não deixoõ de ser bellas, ainda que se conheça serem falsas, dissemos tambem já, que até as mesmas imagens fantasticas tem a obrigação de ensinarem ao nosso entendimento

mento alguma coufa , que feja verdadeira , ou verofimil , revestida com o que he falso. As imagens intellectuaes , e engenhofas pelo contrario não só representaõ o que he verdadeiro , ou verofimil real , mas tambem o exprimem por meyo do que he verdadeiro , fazendo com que as palavras fejaõ externamente hum puro , e vivo retrato daquellas verdades , e razoens internas , que directamente argumentando descobrio , e concebeo o noſſo entendimento. Veleio Paterculo no liv. I. das fuas Historias, fallando de Codro Rey dos Athenienses , o qual disfarçando-se de proposito para não fer conhecido , voluntariamente se deixou matar pela faude da Republica , escreveu desta maneira: *Codrum cum morte aterna gloria , Athenienses sequuta victoria est. Quis eum non miretur , qui illis artibus mortem quaesierit , quibus ab ignavis vita quaeri solet?* Eis aqui por exemplo huma imagem intellectual de semelhança , na qual se descobre o que interna , e realmente he verdadeiro , e este explicado com palavras verofimeis. Todas as vezes , que se fugir desta regra taõ confôrme á razaõ , qualquer parto será monstruoſo : seraõ fofifimas as reflexoens , e imagens intellectuaes , e engenhofas , quando não forem fundadas no que he verdadeiro. Na apparencia contém verdade estes argumentos fofifiticos ; porém internamente os descobre com facilidade por falsos o engenho , que he penetrante , e agudo. Saõ á maneira daquelles vidros , ou crystaes , que vulgarmente chamamos *pedras falsas* , as quaes aparentemente parecem diamantes , rubins , e esmeraldas , mas não tem a virtude interna destas pedras preciosas.

Por desgraça noſſa , assim como não ha coufa taõ bella , que não defagrade a alguem , assim igualmente
 não

naõ ha cousa taõ fea , que naõ tenha no mundo a al-
 guem que a ame , e estime. Começáraõ estes falsos
 conceitos a reinar , ainda quando florescia o Imperio
 Romano , tendo seus apaixonados , huns com mais ,
 outros com menos tenacidade. Marcial , Poeta de tan-
 ta graça , como agudeza , teve por verdadeira , mais
 que todos os seus antecessores , a esta moeda falsa. Hou-
 ve innumeraveis , que o seguirãõ , principalmente ha
 perto de hum seculo , e foy dos principaes o Conde
 Manoel Thesauro , que naõ só seguiu a Marcial , mas
 até escreveu o seu decantado *Cannocchiale Aristote-
 telico* , para que todos adoecessem como elle deste
 achaque literario. Ainda que já temos dito , que a
 falsidade destes conceitos logo se descobre , tanto que
 se medirem pelas regras da Logica , e da razaõ , com
 tudo he justo , que agora , por fallarmos deste Author,
 descubramos de todo a chaga , e mostremos aosapai-
 xonados de tal estylo quanto he falso , e debil o funda-
 mento , com que formãõ as suas agudezas. Fundaõ-se
 estes em imagens fantasticas , e tomaõ por verdadeiro
 intellectual , e real ao que sómente he verdadeiro , ou
 verosimil á fantasia , misturando , e confundindo os par-
 tos de huma , e de outra potencia. Daqui nascem mil
 antitefis , mil agudezas , e conceitos falsos , que , se-
 gundo Thesauro , causaõ singular maravilha , e deleite
 a quem os ouve ; quando , segundo os de bom gosto ,
 só causaõ motivo de riso. Expliquemos melhor isto
 com hum exemplo , e vejamos como este infeliz Mes-
 tre de conceitos conceitua sobre esta proposiçaõ : *Ma-
 gdalena Christum amat , ejusque pedes lacrymis ri-
 gat*. Começa elle a observar , que o amor se chama fo-
 go , e as lagrimas agua , e diz assim : *Quid hoc prodi-
 gii ? Aqua , & flamma discordes olim rivales , so-
 cordes*

*cordes modò contubernales in Magdalene oculis convivunt? Apage te flebilis amatrix Magdalena, pedes istos nè vel aduras, vel mergas. Fallor, jam merferat, ni flammis undas exsicasset; adufferat, nisi unda temperasset incendium. Fontem anibelas, viator? Ad Magdalene oculos diverte: frigidam propinant. Pastor, ignem queris? Ad eosdem oculos diverte: ferulam inflammabis. Unis in oculis fontem habes, & facem; ac ne desit utilitati miraculum ex aqua ignem elicies, aquam ex igne. Audieram Ætnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere. Fidem astruit fabuloso monti Magdalene oculus. Hæc defuit portentis appendix, ut rivuli flammis, flamma rivulis aleretur &c. Bastaõ estas poucas regras para exemplo, e recreaçã do leitor, que se naõ seguir os mesmos passos, certamente naõ poderã soffrer o riso, lendo conceitos taõ pueris, e imagens taõ loucas. Toda esta machina se funda em duas imagens da fantasia, isto he, sobre duas metáforas. Em muitas cousas he semelhante ao fogo a paixã amorosa, pois ás vezes conforme aos amantes, porque os enche de espiritos inquietos, e porque lhes parece, que internamente trazem hum fogo, que os abraza: este he o fundamento, que tem a fantasia, para dizer, que *o Amor he hum fogo*. Sabendo nós igualmente, que entre os olhos de quem chora, e humma fonte de agua, ha grande semelhança, diz tambem a fantasia, que *os olhos sãõ fontes de lagrimas, e de agua*. Estas duas imagens sãõ verdadeiras, ou verosimeis á fantasia, e basta este fundamento para serem bellas; porém naõ sãõ verdadeiras, nem verosimeis ao entendimento, quando elle attende para o sentido directo. A' vista desta doutrina tantas vezes ponderada, bem se pôde contentar a razaõ de que a fantasia*

fantasia chame *fogo* ao *Amor*, e aos *olhos* huma fonte: porém não já, que se tomem estas imagens como directamente verdadeiras, segundo o entendimento, e que sobre ellas se fórme hum sillogismo, que he coufa, em que a fantasia não póde ter parte, mas sim o entendimento: Mas aquelles, que andaõ buscando conceitos, ordinariamente cahem neste erro, pondo as imagens da fantasia como fundamento das do entendimento. Este mesmo discurso de Thesauro nos dará a prova. Diz elle:

O Amor he hum fogo, e os olhos chorosos são duas fontes. He proprio do fogo o abraçar, e das fontes o lançar agua. Logo a Magdalena, que nos olhos tem o amor, e o pranto, lavando os pés a Christo, poderá abraçallos, e submergillos: *Pedes istos nè vel aduras, vel mergas*. Todo o maravilhoso desta imagem, ou de huma tal consequencia, está fundado sobre a proposição, que concebeo a fantasia, e sobre huma imagem, que sómente a esta potencia he verdadeira. Não póde o entendimento valer-se della para fundamento de algum seu raciocinio; pois he causa evidente, que se val de hum fundamento falsissimo, e que d'isto nasce hum sophisma, que facilmente se desfaz deste modo. O amor he hum fogo: *distingo*, natural, he falso, imaginado da fantasia, he verdadeiro. He proprio do fogo o queimar: *distingo*, do fogo natural, he verdade: do fogo imaginado sómente pela fantasia, he falso. Logo o amor da Magdalena chorosa poderá abraçar os pés de Christo: he falsissima esta consequencia; porque o amor da Magdalena he fogo só imaginado da fantasia, e não natural. Concedamos a Thesauro, que a sua fantasia imaginasse ao amor como fogo, e o chame tal; mas como póde elle suppor argumentando,

que he proposição verdadeira, segundo o entendimento a que só he verdadeira, ou verosimil á fantasia? Porém ainda cresce mais o imprudente atrevimento de alguns, que muitas vezes usão de proposições, que nem ainda á fantasia são verdadeiras, ou verosímeis; e isto para o fim de serem premissas de alguma maravilhosa consequencia. Taes são os que se empenhaõ em amplificar com demasia as imagens fantasticas, e formar metáforas sobre metáforas. Parece verosimilmente á fantasia, que as lagrimas sejaõ agua: mas se se amplifica esta translação, e se se faz este argumento: *As lagrimas são agua, a neve tambem he agua, logo as lagrimas são neve*, fica a proposição, que antes era verdadeira, ou verosimil á fantasia, sendo inverosimil ainda á mesma fantasia; porque já a esta potencia não he verosimil, *que as lagrimas sejaõ neve*. Isto assim estabelecido, seria cousa maravilhosa, e estranha dizerse, que a neve conversava familiarmente com o fogo; porque esta proposição não sómente he falsa, segundo o entendimento, mas tambem segundo a fantasia, á qual não póde parecer cousa verdadeira, ou verosimil, que as lagrimas sejaõ neve, pois não se descobre alguma boa semelhança, entre estes dous objectos. Não discorria com esta filosofia tão natural o bom Thesauro, porque disse: *Audieram Etnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere: fidem asiruit fabuloso monti Magdaleneæ oculus*. Não contente este Author de ter feito duas fontes dos olhos da Magdalena, passa a dizer, que são banhos, e entra a convidar os doentes para recuperar a faude: *Vos ergo, debiles, morbidique ad ista vaporaria Leucadio fonte salubriora balneator Amor accersit*. Eu persuadome, que não se póde ouvir conceito mais desordenado

do que este, em que faz ao Amor enfermeiro de banhos; porém contende sobre a primazia esta imagem com aquella, em que convida ao Pastor, que vá accender luz nos olhos da Magdalena: *Pastor, ignem queris? Ad eosdem oculos diverte; ferulam inflammabis.* Esta imagem só podia ter lugar (como já dissemos) na boca de quem imaginasse, que estava louco por causa de alguma paixão: e deste modo he que podemos admittir como engenhoso o Epigramma de Porcio Licinio, reputando-o como delirio de hum entendimento namorado. Veja-se (segundo já apontámos) a Aulo Gellio nas suas Noites Atticas liv. 19. cap. 9.

Seria muy prolixo, se quizera fazer menção de todos os conceitos pueris, e estranhos, de que estão quasi cheyas as obras deste infeliz Mestre, e Expositor dos preceitos Aristotelicos, a quem tantos seguirão, e seguem, ou por pertinacia, ou por ignorancia. Não quero contar neste numero ao Conde de Villamediana; mas só direy, que tambem muitas vezes adoeceo deste achaque. Louva elle a huma Dama, que se estava penteando posta ao Sol, e diz, que ella com hum dourado baixel de candido metal surcava bellos golfos; que a sua mão envergonhava a prata, e os seus cabellos os rayos do Sol:

Al Sol Nise surcava golfos bellos,

Con dorado baxel de metal cano:

Afrenta de la prata era su mano,

Y afrenta de los rayos sus cabellos.

Acaba depois este Soneto, dizendo, que aquelles cabellos eraõ cadeas, e redes, que prendiaõ a quem queria fugir; e que tambem eraõ tremulas ondas de tempestuoso ouro, e Ceos navegados:

En

*En red , que prende mas al que se escapa ,
Cadenas son , y de oro proceloso
Tremulas ondas , navegados Cielos.*

Acabemos este Capitulo com hum Epigramma de Hugo Grocio , homem aliàs de hum sublime engenho , feito em louvor da famosa Joanna d' Arc , chamada vulgarmente a *Pucelle d'Orleans* , a qual foy condemnada pelos Inglezes a morrer queimada :

*Gallica non unquam peritura laudis Amazon ,
Virgo intacta viris , sed metuenda viris.
Cujus non oculis sedet Venus , atque Cupido ,
Sed Mars , atque horror sanguineaque vices.
Hæc est , cui Salicæ leges , cui Patria sese
Debet , & in veras reddita scèptra manus.
Nec fas est de morte queri ; namque ignea tota ,
Aut nunquam , aut solo debuit igne mori.*

A razão , que descobrio este Poeta , pela qual não parecesse cruel a morte , a que foy destinada esta valerosa Donzella , he esta. Ella era toda fogo ; logo ou nunca devia morrer , ou a morrer , devia ser sómente no fogo. Na verdade era huma couza maravilhosa descobrir hum fundamento , que parecia impossivel achar-se , pelo qual se provasse , que não fora barbara , mas natural a morte desta Donzella , quando nós a temos por muito inhumana , e desmerecida. Porém o entendimento facilmente conhece ser falsa , e soffistica a razão , e fundamento com que Grossio conceituou , e deu fim ao Epigramma ; pois ó ser *toda fogo* , nenhuma outra couza quer dizer , senão que aquella Donzella tinha hum animo cheyo de espiritos valerosos. Ora que tem isto , para daqui se deduzir a reflexão de dizer , que não deve parecer tyranna a morte desta mulher ? Ou ella morresse no fogo , ou em agua , ou em

em hum patibulo, he certo, que sempre o entendimento havia fundamentalmente abominar esta morte, e julgalla por cruel. A' vista disto, onde está aquella maravilha, que o Poeta queria causar, descobrindo huma razaõ taõ occulta? Onde está aquelle deleite, que tem o entendimento bem regulado em saber huma cousa, que ignorava, e aquella verdade, que tanto lhe agrada, se nenhuma cousa de novo pôde apprehender com a reflexaõ deste Poeta?

C A P I T U L O XXIII.

Do verosimil, e inverosimil das imagens; duas especies de verosimil.

J A' temos dito, que a principal base, em que se funda a belleza das imagens intellectuaes, he ou a verdade, ou a verosimilidade interna; porém não basta só isto, para que as reflexoens, e conceitos sejaõ completamente bellos. He tambem necessario, que estes continhão outra especie de verosimil, que chamaremos *relativo*, porque diz relaçaõ a quem falla. Este pode-se considerar de doüs modos; ou como verosimil, que convém á qualidade, condiçaõ, e grão da pessoa, que falla, ou como verosimil, que convém ao affecto, e paixoens, que ha, ou se suppoem em quem falla. Pelo que respeita aos conceitos verosimeis á condiçaõ de quem falla, quem não sabe, que as reflexoens, e imagens, que viráõ ao entendimento de hum Pastor sempre creado nos bosques, e apartado das Cidades, haõ de ser differentes das que conceberá, ou poderá conceber hum Cidadãõ, hum Guerreiro,

reiro, hum Heroe, e hum Principe? Saõ neste particular bem solidos os versos de Horacio, ensinando-nos que diversamente ha de fallar o servo, que o senhor, e o moço, que o velho. Pelo que pertence ao verosimil, que convém ás paixoens da pessoa, que falla, todos igualmente sabem, que as imagens, que saõ proprias a quem falla sem paixão alguma, ficarão improprias a quem discorre movido de algum affecto violento. Humas devem ser as imagens para aquelle, que se introduz a fallar com pensamentos meditados, e outras as que convém áquelle, que se finge discorrer de repente, e com discurso continuado, como succede na conversação civil. Largamente trataremos desta materia, quando fallarmos da Tragedia, e da Epopea; por ora contentamo-nos com apontar alguns exemplos, para que facilmente se comprehenda esta doutrina. Para mayor clareza he preciso saber, que em tres modos se costuma representar a Poesia. O primeiro he quando o Poeta mostra, que não falla, mas introduz pessoas, que fallem sempre, como se pratica na Tragedia, na Comedia, e em algumas Eclogas, onde sómente os interlocutores he que fallaõ, sem que o Poeta falle, e se descubra. O segundo modo he quando só o Poeta he o que falla, sem introduzir outras pessoas a fallar, como succede nas Satyras, nos Dithirambos, e nas mais Composições lyricas, em que elle sómente he que discorre. O terceiro he o que participa dos dous modos antecedentes; e he quando o Poeta ou falla como historico, ou finge, que fallaõ outras pessoas, como ordinariamente se pratica nos Poemas Heroicos, e algumas vezes nas Eclogas, e em outros Poemas lyricos. Quando falla o Poeta mesmo, sem introduzir pessoa alguma, he certo, que os
seus

seus conceitos, ainda que muito estudados, e engenhosos, facilmente nelle seráo verosimeis, com tanto que estas imagens, que elle formar, sejaõ internamente verdadeiras; e não tenhaõ escuridade, desordem, e outros defeitos, que costumaõ affear a belleza poetica. Quando porém o Poeta introduz pessoas, que fallaõ, como v. g. nas Comedias, muitas vezes nos Poemas Heroicos, e algumas vezes nos lyricos, entaõ os seus conceitos postos na boca daquellas pessoas facilmente poderáo ser inverosimeis, senaõ refrear a fantasia, e os impetos do engenho, e se com prudencia se não revestir do caracter daquellas pessoas, considerando a natureza, as circumstancias, e as paixoes dellas. Dizemos considerando a natureza; porque ella he em toda a occasiaõ a que julga o que he verosimil; mas com isto não queremos dizer, que basta ao Poeta imitar a natureza imperfeita, e fallar como ordinariamente fallaõ os homens: dizemos, que elle deve aperfeiçãoalla, e fallar como melhor deveriaõ, ou poderiaõ as gentes. De duas maneiras se faz isto: a primeira he fingindo o Poeta as pessoas introduzidas a fallar em verso serem as mais perfeitas, que naturalmente no seu genero possaõ dar-se; e entaõ conceber, e escolher os pensamentos mais bellos, e nobres, que verosimilmente poderiaõ vir ao entendimento daquellas pessoas. A segunda maneira he, revestindo com cores poeticas, e ornando com bellas frases todos aquelles conceitos, que elle imaginou serem proprios daquellas pessoas. Se se introduz hum Pastor, hum Soldado, hum Principe, hum servo, hum valeroso, hum fraco &c. a cada hum destes deve o Poeta suppor, que he excelente, e perfeito no seu genero, e que tem hum optimo engenho para poder exprimir a sua paixãõ proporcionalmente,

cionalmente, segundo o seu genio. Isto presuppuesto, deverá depois attender para a natureza de quem falla, e ás suas paixoens, considerando bem, se naquella pessoa supposta perfeita no seu genero seraõ verosimeis as imagens engenhosas, se lhe convém os delirios da fantasia, e se o que falla he demasiadamente estudado, considerado, e engenhoso.

Os delirios, que Lucano poz na boca de Cesar no liv. 5. da Farsalia, certamente não são falsos, antes esta imagem está pintada com vivissimas cores. Introduz este Poeta a Cesar entrando de noite em huma barca com animo de passar o mar; e porque o pobre barqueiro Amyclas temia a tempestade, que já principiava a sentir-se, finge Lucano, que este Capitaõ lhe falla assim:

*... . Italiam si Cælo auctore recusas;
 Me pete. Sola tibi causa hæc est justa timoris,
 Vectorem non nosse tuum; quem Numina nunquam
 Destituunt, de quo malè tunc Fortuna meretur,
 Quum post vota venit. Medias perrumpe procellas.
 Tutelâ secure meâ. Cæli iste, fretique,
 Non puppis nostræ, labor est. Hanc Cæsare pressam
 A fluctu defendet onus, nec longa furori
 Ventorum sevo dabitur mora: proderit undis
 Ista ratis &c. ... Quid tantâ strage paratur,
 Ignoras? Querit pelagi, Cælique tumultu
 Quid præstet fortuna mihi &c.*

A quem pareceraõ maravilhosos estes pensamentos, e com effeito são quanto podem ser engenhosos; porém a mim parece-me, que não são muito verosimeis na boca de Cesar. Tenho para mim, que aqui ha hum não sey que de Roldaõ, e de Ferrabraz; porque não me sey persuadir, que Cesar, homem ainda que muito afortunado, todavia prudente, houvesse de fallar des-

te modo com conceitos tão hyperbolicos, e estudados. Não me parece provavel, que elle dissesse: *Anda homem, se o Ceo o prohibe, eu to mando. Tu justamente temes, porque não conheces quem te manda. Sabe que os Deoses nunca me desampararaõ, e que me dou por offendido da fortuna, quando ella para me favorecer, espera, que eu primeiro mostre, que desejo os seus favores. Esta agitação não he de nossa barca, he dos ares, e do mar. Contra estes, e não contra ella, he que os ventos combatem. O pezo de Cesar a defenderá das ondas, ou esta mesma barca livrará as ondas da tyrannia dos ventos &c. Queres tu saber, porque se levantou tão grande tormenta? Quer a fortuna com hum tal tumulto dos ares, e do mar acreditar-se mais comigo, fazendo-me beneficios, quando me podia causar damnos. Certamente (segundo a nossa opinaõ) a mayor parte destes conceitos saõ pouco verosimeis em Cesar, o qual naquella occasiã, conforme dizem os Historicos', naturalmente, e tambem com muito engenho disse: *Anda, bom homem; segue animosamente a tua viagem, e não temas, porque levas contigo a Cesar, e a fortuna de Cesar.* Se Lucano quando compunha estes versos perguntasse de quando em quando a si mesmo, se era verosimil, que este prudente Heroe podesse, ou devesse fallar naquella occasiã com tanto estudo, e temeridade, certamente deixaria este Poeta de conceber conceitos tão declamatorios, e buscallosia mais naturaes, como sempre observou Virgilio, admiravel na contemplação da natureza. A respeito deste sublime Poeta não sey, que bom fundamento teve o Padre Bouhours para lhe reprovar aquelle lugar, em que introduz a Mezencio fallando com o seu cavallo, antes de morrer. Eu pelo*

contrario tenho este discurso por muito verosimil em tal occasiaõ. Era este cavallo muy amado de Mezencio, ou para melhor dizer, a coufa que mais amasse depois da morte de seu filho. Manda pois que lho tragaõ á sua presença, e cheyo de raiva, de dor, e de desesperaçãõ lhe falla, como se o tal bruto o podesse entender:

. . . . *Equum duci jubet. Hoc decus illi,
Hoc solamen erat: bellis hoc victor abibat
Omnibus. Alloquitur mœrentem, & talibus infit:
Rhebe diu (res siqua diu mortalibus ulla est)
Viximus &c.*

Todos os dias vemos gentes fallarem aos seus caens, cavallos, e outros animaes, como se tivessem entendimento para perceberem: quanto mais naturalmente o podia fazer Mezencio movido da paixãõ, e com hum cavallo, que elle tanto amava? Na força das paixoens violentas até se falla com coufas, que nem tem alma sensitiva: quem v. g. desgraçadamente tivesse morto com huma espada a hum seu amigo, era natural, que deitasse fóra a espada, e fallasse com ella, dizendo: *Vay-te embora, cruel espada, pois foste causa do mais horroroso attentado, que já mais se commetteo &c.* Poderia desafogar com ella a sua ira, e dor, como se aquelle ferro inanimado tivesse culpa, e entendesse o que se lhe dizia. Por isso huma das mais bellas imagens, que tem o mesmo Virgilio sempre foy aquella, em que Dido rompe ternissimamente na Apóstrophe:

Dulces exuviae, dum fata, Deusque sinebant &c.
Por tanto se consultarmos a natureza, veremos, que totalmente he verosimil a falla de Mezencio ao seu cavallo, e a de Rugeiro ao seu Frontino, como se lê em
Ariosto

Ariosto no Canto 45. do seu *Orlando furioso*; e sómente se lhe podia censurar o fazer ao seu Heroe taõ erudito nesta parte. Mayor liberdade do que estes Poetas tomou Homero, porque naõ se contentando de introduzir a Achilles fallando com os seus cavallos, faz tambem com que estes no liv. 19. da *Iliada* fallem, e lhe respondeão. Porém nem ainda nesta parte póde entrar a Critica justa, porque o Poeta vence a difficuldade, dizendo, que Juno lhes dera voz; e deste modo, como elle cria, que os Deoses podiaõ tudo, fica o que era incrivel sendo crivel, e verosimil, principalmente ornado com as cores poeticas. Baste por agora de discurrer mais nesta materia, que em seu lugar expenderemos melhor, e passemos a dizer algumas cousa sobre a affectação; como promettemos.

C A P I T U L O XXIV.

Da affectação dos conceitos muy refinados, e esquadrinhados; vicio da escuridade.

ENtre as imagens, que chamamos inverosimeis, alguma haverá, que naõ mereça ser usada dos Poetas, ainda quando fallaõ sem introduzir pessoa alguma a fallar. O fundamento porque se naõ devem admittir taes imagens, he por serem muy refinadas, e esquadrinhadas. Este he o terceiro defeito principal, que já observámos nas reflexoens, ou imagens intellectuaes, e tambem algumas vezes succederá o mesmo nas fantasticas. Chamamos conceito refinado, e rebuscado áquelle, que custou grande estudo ao engenho, ou á fantasia para se descobrir, mostrando estas duas po-
tencias

tencias huma como ambição de achar razoens extraordinarias, e remotas da commua idea dos homens. Muitos entendem ser indicio de hum entendimento vasto, e penetrante, ou ao menos de hum feliz engenho o descobrir as mais bellas verdades internas, e as menos conhecidas razoens das cousas. He certo, que não se enganaõ em crer esta doutrina; porque deste modo se consegue o deleitar com a novidade os animos dos leitores; porém igualmente he certo, que muitos Poetas abusaõ deste conselho, e enganados com a apparencia do que he bom, cahem, por fugir do trivial, no extremo contrario, que he fazerem, com que os seus conceitos fiquem muito engenhosos, e subtis, tudo procedido de affectarem novidade no dizer. Escrupulizaõ de dizer hum sentimento, e razaõ, que possa vir á imaginação de outros Poetas, e como se não fosse bello, senaõ aquillo, que está remoto da commua idea, que os homens fazem das cousas, formaõ com subtilidade de engenho razoens, e imagens taõ estranhas, como desconhecidas dos verdadeiros Poetas. Como estes pensamentos dos engenhos desenfreados não contém seriedade, por serem demasiadamente subtis, e metafisicos, por isso a natureza, digamos, padece, e se offende muito com elles, vendo, que os homens, desprezando as verdades internas, que ella subministra, só abraçaõ as razoens inverosimeis, sofisticas, e falsas. Eis aqui em que consiste a *affectação*; em ornar com hum estudo forçado as cousas mais do que he licito, e formar conceitos fóra dos limites do verosimil. Passemos para mayor clareza a dar alguns exemplos destas taes imagens. Lembraõ-nos huns versos, não sabemos de que Author Hespanhol, que confirmaõ bem a razaõ da nossa Critica:

*Ven muerte tan escondida,
 Que no te sienta venir;
 Porque el placer de el morir
 No me torne a dar la vida.*

Eis aqui como este Poeta para rogar á morte, que lhe tirasse a vida, usou da subtileza de hum pensamento taõ refinado, e inverosimil; pois todos sabem, que o gosto, que hum infeliz experimenta em morrer, naõ lhe póde conservar a vida, e muito menos resuscitalo. Ouçamos a Quevedo, grande Mestre destes conceitos, louvando as virtudes do seu Monarcha, e tratando da grandeza do seu Imperio:

*Aquella frente augusta, que corona
 Quanto el mar cerca, quanto el Sol abriga;
 Pues lo que no gobierna, lo castiga
 Dios, con nõ sugetarlo a su persona.*

Alguns defenderaõ esta imagem como boa, outros soffrella-haõ; mas tambem naõ ha de faltar quem a julgue muito affectada, suppondo o Poeta, que Deos castiga aquelles póvos, que naõ saõ vassallos de tal Principe, com os naõ fazer seus subditos. Passamos por esta affectaçãõ, mas naõ podemos fazer o mesmo a outra do mesmo Author. Louva elle a hum Principe montado a cavallo; e depois de ter engenhosamente dito, que aquelle generoso bruto em lugar de obedecer ao vento, que jactava de ter por pay, o desafia na carreira:

*Al viento, que por padre blasonaba,
 En vez de obedecerle, desafia.*

Continua a dizer, que o bruto mostrava, que estava ferrado com azogue, ou tambem com os Talaes de Mercurio, e que ameaçava a terra, mostrando querella ferir, ou pisalla com os pés, mas que
 com

com effeito a não feria; porque vendo-se carregado da magestade daquelle Principe, persuadio-se ser a terra indigna de que elle a pisasse:

*Herrado de Mercurios se mostraba,
Si amenazaba el suelo, no le heria;
Porque de tanta magestad cargado
Aun indigno le vio de ser pizado.*

Na mayor parte das obras do nosso suavissimo Antonio da Fonseca Soares sempre lemos algum conceito destes; o que não faz maravilha neste Poeta, nem em outros muitos do seculo passado; porque viverão no tempo, em que Portugal se vio infestado do pessimo gosto da Poesia, vindo de Hespanha, e protegido por Gongora, Villamediana, Lope da Vega, Quevedo, e outros muitos infinitos, exceptuando Garcilasso de la Vega, que foy Poeta de hum optimo gosto, sobre hum juizo exquisito. Alguns exemplos poderamos allegar do nosso Soares; porém bastará por todos aquelle celebrado conceito, com que dá fim a hum Soneto, em que louva a hum Cavalhero por matar de huma cutilada a hum touro:

*Em fim cabio o bruto, e parecia,
Que o som do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar exequias lhe fazia:
Pois foy tal desse braço a força dura,
Que inda a terra parece, que lhe abria
Nos sobejos do golpe a sepultura.*

Na aceitação do bom discurso perde este pensamento todo o assenso, por ser cousa muy affectada, e fóra da possibilidade, e verosimilidade engenhosa dizer, que o som da cutilada atroasse os valles, e durasse nelles, para no ar fazer exequias ao touro; e que a força do braço lhe abrisse na terra sepultura com os sobejos

bejos do golpe. Verdade he que com o *parece* dirão alguns, que quiz vencer a inverosimilidade; mas o certo he, que se a venceo com esta limitação, sempre este conceito pecca em ser muy refinado, e esquadriñado entre as idéas, que não são commuas nos homens, mas singulares. Estas imagens engenhosas tão refinadas lá de algum tal, e qual modo se poderão soffrer no Poeta, quando elle immediatamente he o que falla, sem introduzir pessoa alguma a fallar; porém são totalmente insoffríveis no theatro, porque então, mais que nunca, são precisos os conceitos naturaes; por fallar o Poeta por meyo de pessoas, que introduz a discorrer. Quando tratarmos da Comedia, então he que com exemplos confirmaremos esta doutrina; e passemos a dar alguma instrucção sobre o estylo poetico, e em que mais vicios póde cahir fóra da affectação.

C A P I T U L O XXV.

Divisão do estylo em maduro, e florido; sua origem, e sequazes.

A Inda que a mayor parte da nossa doutrina até aqui se tenha empregado em mostrar o modo, com que fallaõ os Poetas, quaes sejaõ os seus conceitos, e em que se distinguem dos Profadores, com tudo seguindo a necessidade de alguns, ainda não teremos satisfeito ao nosso assumpto, quanto deveriamos. He pois necessario discorrer expressamente do estylo poetico, já que nelle consite grande parte do artificio, com que os Poetas causaõ maravilha, e deleite. Divide-se o estylo poetico em *maduro*, e em *florido*: este pertence

ce á Primavera, aquelle ao Outono. Propende o florido para aquillo que he fogoso, pueril, e picante; e o maduro para o que he temperado, adulto, e natural. O primeiro pinta as acçoens, os costumes, e as cousas com agudeza de pensamentos, com viveza de reflexoens, e sentenças; e restringindo os conceitos em poucas palavras, fere á primeira vista com a pompa da sua luz o entendimento alheyo, descobrindo muy claramente a Arte. O segundo estylo naõ tem tanto resplendor na sua superficie; porém tem mais substancia, e seriedade; usa de palavras mais accommodadas ao fujeito; e naõ descobre o seu estudo, e arte, ainda que nella seja mais, ou menos insigne, que o florido. Estes dous estylos, se bem que saõ diversos, quasi em todas as idades tiveraõ parciaes, ou para melhor dizer obstinados adoradores. Quem gosta da quinta essencia de Tacito, e dos pensamentos fogosos de Plinio o moço, deseja em Livio, e em Cicero menos quantidade de palavras, e mayor novidade, e agudeza nos seus conceitos. Pelo contrario os que saõ devotos de Tullio, parece-lhes, que Plinio, e Tacito em lugar de melhorar a natureza com verdadeiros ornatos, a enfeitaraõ de modo, que as suas composicoens mais parecem donzellas levianas, que sérias matronas. Chegou a tanto esta parcialidade, que nos lembraremos do que fazia André Navagero, celebre Poeta Italiano do seculo decimo sexto. Convocava todos os annos aos seus amigos no dia em que celebrava o seu nascimento, e depois de os banquetear, accendia huma fogueira, e queimava nella todos os exemplares de Marcial, que tinha comprado naquella anno, dizendo quando os queimava, que naquella acção fazia *hum sacrificio ás Musas*. A causa disto era o immoderado, e cego affecto,

cto, que tinha a Catullo, não soffrendo, que houvesse quem o pospozesse a Marcial, que está cheyo de conceitos tão estudados. Da mesma opiniaõ de Navagero foy Mureto, homem de subtilissimo engenho. Estava este tão namorado daquella aurea pureza, e simplicidade de Catullo, que na sua Prefacçaõ ás obras deste Poeta chegou a chamar ridiculo a Marcial, e a afirmar, que se houvesse de não seguir a Virgilio, antes seguiria a Ennio, e a Furio, que a Lucano, ainda que mais erudito, porém muito mais inchado, e menos natural, que estes antigos Poetas.

He de saber, que a Poesia, e a Eloquencia nos seus principios usavaõ de huma grande simplicidade de pensamentos, e pouco se affastavaõ da commua, e natural linguagem dos homens. Aquelles mesmos conceitos, que ordinariamente costumaõ nascer no juizo do povo, elles mesmos formavaõ tanto a prosa, como o verso, com huma rustica, mas delectavel naturalidade. Cresceo depois pouco a pouco o estudo, e começaraõ os entendimentos mais nobres a conhecer, que a Poesia não causava muita novidade contentando-se sómente de cousas triviaes: Entraraõ pois a cantar aquellas acçoens, e a usar daquelles conceitos, que a natureza perfeita costuma conceber, ou deveria, e poderia conceber, obrando perfeitamente. Este era todo o seu estudo; expunhaõ estas bellezas da natureza, mas ainda com estylo natural; porém sempre accommodando-se aos assumptos; isto he, apparecendo sublimes nas cousas grandes, e agradaveis nas humildes. Não se contentaraõ com esta boa pratica alguns ambiciosos engenhos; porque buscando a novidade mais do que deveraõ, e vendo, que o povo, ainda que ignorante, gostava muito de ditos engenhosos, e de reflexoens

agudas, introduziraõ nas suas obras este estylo , com que se fizeraõ celebrados. Até o tempo de Tiberio esteve em grande reputaçãõ o estylo maduro ; porque estava a Republica Romana bem provida de engenhos férios , e severos : porém depois que faltaraõ Cicero , Livio , Catullo , Horacio , e Virgilio , reliquias da magestade Latina , fim entraraõ a florecer engenhos excellentes , mas naõ taõ severos , como os de seus antecessores , fazendo-os affeminados assim o ocio , como a servidaõ. Naõ erraremos , se dissermos , que esta mudança teve sua origem nos Declamadores , os quaes propriamente estabeleceraõ o seu throno no tempo de Tiberio , segundo diz Quintiliano no liv. 2. cap. 11. com estas palavras : *Inter precipuas , quæ corrumpent. eloquentiam , causas licentia , atque inscitia Declamatorum fuit.* Reduzida pois a melhor parte dos eloquentes ao ocio , e exercicio particular de declamar nas escólas , aqui perdeo o engenho o rumo , e entregou-se a mostrar a sua agudeza , e a corromper a utilissima Arte Oratoria , dando em huma defenfreada liberdade de ornar ridicularias , e de conceituar demasiadamente sobre os assumptos sublimes. Este pessimo gosto naõ comprehendendo sómente aos Oradores , passou tambem aos Poetas ; e tanto , que Ovidio applicou-se muito a declamar nas Escólas , como testifica Seneca o velho ; e o provaõ as duas Oraçoens de Ajax , e de Ulysses , que se lem nos seus Metamorphoses , as quaes naõ saõ outra cousa , mais que duas Declamaçoens nobremente deduzidas até o fim. Daqui vem , que logo facilmente se conhece a grande differença , que vay entre os Poetas , que floreceraõ depois de Ovidio , e os seus antecessores , como Virgilio , Horacio , &c. Nestes tudo saõ frutos fazonados , e na mayor parte

parte dos outros, ou tudo são flores, ou se ha frutos, não são agradaveis ao paladar, por estarem cheyos estes Poetas daquellas engenhosas, e demasiadamente estudadas reflexoens, de que usavaõ os Declamadores. Taes são Marcial, Lucano, Estacio, Seneca, Claudiano, e outros, se bem que este ultimo não adoeceo tanto como os outros desta geral enfermidade.

Como no principio deste Capitulo fizemos confisfir tambem a differença dos dous estylos na differença do artificio, justo será, que expendamos este ponto com mais clareza. De dous artificios póde usar o engenho poetico; ou de hum, que he *occulto*, ou de outro, que he *descuberto*. O primeiro he proprio do estylo maduro, o segundo só pertence ao florido. Se attendermos bem para os conceitos, e imagens, de que usaõ os Authores do primeiro estylo, veremos, que todos parecem naturaes, dotados de huma luz, e ornato não pomposo, mas simplez, e puro, e que todos produzidos sem trabalho nasceraõ per si mesmos do assumpto, que se empredeo. Não penetraõ estes com a vivacidade das cores, mas deleitaõ com a sua natural belleza á força de hum modesto, e delicadissimo artificio. Pelo contrario o segundo artificio, a que chamamos *descuberto*, sim diz as mesmas cousas, que decreve o estylo maduro, porém com cores tão vivas, com tal brevidade, subtileza, e quinta essencia de conceitos, que logo á primeira vista penetra, e arrebatã a muitos leitores, ou ouvintes. Estes sentimentos, a quem fez maravilhosos o artificio descuberto, costumã ter o nome de *agudezas*, e *conceitos*, e os antigos Rhetoricos lhes chamavaõ *sentenças*, e *luzes*. Destas fallou Quintiliano liv. 12. cap. 10. dizendo, que *feriunt animum, & uno ictu frequenter in cellum & ipsa*

ipsa brevitate magis herent, & dictione persuadent.
 E no liv. 8. cap. 5. affirmou, que os antigos pouco usavaõ destas sentenças, e que no seu tempo eraõ muy vulgares nas Oraçoens: *Consuetudo jam tenuit, ut * lumina, præcipueque in clausulis posita, sententias vocaremus, que minus crebra apud antiquos, nostris temporibus modo carent.* Daqui vem, que ao estylo florido se chamou depois *conceituoso*, porque a cada passo usava destas agudezas, e conceitos, nos quaes claramente se dá a conhecer o estudo, e artificio do Escrior. Pelo contrario obra o artificio occulto conduzido pela modestia do estylo maduro; e está entre os bons intelligentes em mayor reputação, assim porque principalmente se encaminha a descobrir o que he mais ravelhofo na matéria, como porque tem a virtude de se occultar a si mesmo, quando o outro nenhuma outra cousa deseja mais, que o descobrirse, e manifestar o agudo engenho com que discorre. Entenderão alguns, que no estylo maduro não ha muito artificio, porque considerando, que elle se compoem de palavras proprias, de reflexoens, e luzes naturaes, de huma pura connexão, e simplez expressão das cousas, entendem, que não he difficil compor deste modo, e não faltará quem imagine de si poder fazer outro tanto. Porém estou certo, que muitos quando forem á prova, se haõ de achar muy confusos, e que talvez defenganados confessarão com Cicero: *Id esse optimum, quod quim tu facile credideris consequi imitatione, non possis.*

Com effeito tome-se hum pensamento de Virgilio, e considere-se se nelle se achaõ as circumstancias do estylo florido, ou as qualidades do maduro. Deffrece elle divinamente mais que em outro lugar no 4.

da *Georgica* os successos de Aristeo, e a descida de Orpheo ao Inferno para tornar a ver sua mulher Euridice. Em premio da suavissima melodia do seu canto, foy-lhe esta concedida, e que a levasse para o mundo; mas com a condiçao de que para a ver nao olharia para traz: diz pois o Poeta, que ja Orpheo vinha com ella para o mundo:

*Quum subita incautum dementia cepit amantem,
Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes.*

*Restitit, Euridicemque suam jam luce sub ipsa
Immemor, heu, victusque animi respexit*

Nestes versos nao ha pompa conhecida, e talvez, que os pensamentos, que elles incluem, nao sejao dignos no tribunal de alguém de merecerem o nome de conceitos, porque o artificio nao usou de agudezas, mas sim de palavras naturaes, e de expressoens puras; e simplez. Com tudo he quanto póde ser maravilhosa a delicadeza do artificio occulto, com que estao feitos estes versos; nem todos a poderao perceber, ainda que todos possaõ sentir os effeitos. Por ventura podia-se explicar com mais ternura, e representarse o costume, a paixao, e o erro de Orpheo, do que com estas palavras: *Immemor, heu, victusque animi respexit?* Igualmente admiravel, e cheya de affecto he aquella insperada reflexao sobre a loucura do descautelado amante, chamando-a digna de perdaõ, se os Deoses infernaes foubessem perdoar:

Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes.

De semelhantes bellezas, que pouco, ou nada percebem os entendimentos ordinarios, estao cheyos os Poemas de Virgilio, em humas partes mais, em outras menos, segundo a qualidade da materia. Com outro gyro de palavras, ou talvez com algum conceito sub-

til

til exprimiria outro Poeta este successo de Orpheo, mas não conseguiria certamente com o seu agudo engenho o chegar á belleza incomparavel daquellas poucas palavras do Poeta Latino, que tanto penetraõ o interior de quem as lê. Igualmente poderia outro Poeta talvez com mais agudeza, porém não com mais brevidade, e magestade, descrever a occulta partida dos principaes de Tyro para Carthago, a fim de alli edificarem hum novo Reino, guiados pela Rainha Dido. Porém Virgilio em tres unicas palavras faz huma admiravel observação, que não parecerá tal a alguns juizos, dizendo:

. *Dux fœmina facti.*

Do mesmo modo he admiravel, mas sem pompa, a descripção de Troya destruida, quando disse o mesmo Poeta:

Et campos, ubi Troia fuit.

Não podia dar-se huma idéa mais grande, e magestosa, bem que tão breve, daquella arruinada Cidade: e cada vez me parece melhor este pensamento todas as vezes, que o comparo com o de Monf. Racine descrevendo no Acto 1. scena 2. da sua *Andromaca* o mesmo objecto com mais palavras, porém com menor força. Diz elle: *Eu não vejo senão humas torres cubertas de cinza, hum rio tinto de sangue, e hums campos desertos.* Deste modo não nos faz este Poeta bastantemente conceber a grande desgraça de Troya, dizendo que as torres estavaõ cubertas de cinza; porque se estas estavaõ ainda em pé, como se collige das suas palavras, fazem crer, que ainda Troya não estava de todo arruinada; e se estas torres já estavaõ cahidas, não lhes devia chamar torres, mas sim ao menos hum monte de pedras; e deste modo veja-se quanto in-

incomparavelmente Virgilio pintou com estylo laconico, e artificio occulto a extrema ruina daquella Cidade, dizendo: *Et campos, ubi Troia fuit.*

Naõ he da nossa intençãõ condemnar o estylo florido, nem totalmente distinguillo do maduro, como se ambos se naõ podessem unir, e com effeito algumas vezes se naõ víssem unidos. Dizemos por tanto, que louvavelmente se pódem unir as bellezas de hum, e outro estylo; pois ainda os mesmos parciaes do maduro naõ desprezaõ alguma vez de temperar as suas composçoens com o agradavel fabor do florido. Huns o usaõ mais, outros menos; e he certo, que o nosso Camoens teve em todas as suas obras huma particular arte de os unir com a economia, que lhe dictava o seu entendimento sublime. O mesmo fizeraõ em Italia Petrarca, e Tasso, em França Corneille, e Racine, e em Hespanha Garcilasso, e outros, se bem que poucos, porque muito mais se namoraraõ do estylo florido, que do maduro. He de advertir, que quando approvamos a uniaõ, e liga destes dous estylos, sempre a nossa tençaõ he dizer, que se use do florido com muita temperança, e parcimonia, e que appareça modesto naõ só na quantidade, mas tambem na qualidade. Aquelles conceitos, que demasiadamente saõ agudos, e mostraõ sem algum rebuço a pompa, e fuor do engenho, seraõ louvaveis em composçoens feitas em annos pueris, e naõ em idade adulta. Além de que, humas Poesias soffrem mais, outras menos a viveza destas cores; e nestas mesmas Poesias humas vezes ha mais lugar, outras menos para os ornatos, e artificios do estylo florido. Ha muitas reflexoens (como já dissemos) engenhosas, e agudas, mas ao mesmo tempo modestissimas, com as quaes he que se póde (digamos) pulveri-

far o estylo maduro. Sempre porém julgamos por melhor conselho o encoftar a este estylo, como mais adulto, e internamente de mais valor, que o outro. Ultimamente sim póde o florido mostrar huma mayor superficie de belleza, que logo fira os olhos; mas direy com Quintiliano no liv. 6. cap. 4. *An ego fundum cultiorem putem, in quo mihi quis ostenderit, lilia, violas, & amenos fontes surgentes, quàm ubi plena messis, aut graves fructu vites erunt? Sterilem platanum, tonsasve myrtos, quàm maritam ulnum, uberesque oleas praoptaverim?*

C A P I T U L O XXVI.

Extremos viciosos dos estylos, contrapostos, equivoccos, paranomias, allusoens, e outras pestes condemnadas.

Justo será, que depois de termos tratado dos dous estylos poeticos, passemos a notar os extremos, e vicios, em que está collocada a belleza delles. Póde peccar o estylo florido por parte do *muito*, e o maduro por parte do *pouco*. Ao primeiro vicio chamamos *afectação*, de que já tratámos, ao segundo damos o nome de *secura*. Hum he excessso, outro he falta daquella maravilha, e novidade da Materia, ou do Artificio, em que consiste a belleza poetica. Facilmente cahe no primeiro defeito quem quer dizer tudo com substancial brevidade, e agudeza, espalhando em tudo flores, e aromas; ou se empenha a discorrer com engenhosa escuridade, para que os seus conceitos não sejaõ logo entendidos, ou tambem para que quem lê
ima-

imagine nelles o que não ha , ou muito mais do que ha. Já Quintiliano se queixava destes escritos , dizendo no liv. 8. cap. 2. *Pervasit jam multos ista persuasio , ut id jam demum eleganter , atque exquisite dictum putent , quod interpretandum sit.* Nesta escuridade tão considerada , e nestes conceitos , e abstracçoens tão frequentes , bem se lê logo a ambição do engenho de quem quer á semelhança do pavaõ mostrar todo o thesouro , que tem , e com esta descarada industria hir adquirindo louvor , e applauso de quem ouve , ou lê taes conceitos. Ora naturalmente aborrecendo nós a soberba alheya , porque ninguem ama a quem o quer exceder , especialmente com o engenho ; e vendo-se , que estes taes engenhos , de que tratamos , nos insultaõ com tanta pompa , e vaidade de riquezas conceituosas , com que ornaraõ as suas obras , em lugar de sentirmos deleite , experimentamos desgosto. Como isto assim seja , segue-se , como já temos dito , que não ha cousa , que corrompa mais a verdadeira belleza poetica , e passe dos confins do gosto exquisito desta arte , como o querer ornar muito as cousas a demasiada sede da novidade , e o desejo de causar admiração. He verdade , que *grata est novitas , & magis inopinata delectant* , como escreveo Quintiliano , e nós tantas vezes temos persuadido ; porém igualmente he certo , que a todas as cousas he necessaria a medida , que lhes he proporcionada , e que o *muito* he o mayor inimigo , que tem a belleza da Poesia. A Justo Lypsio acerrimo parcial do estylo florido , conciso , e agudo pareciaõ as Tragedias de Seneca huns maravilhosos , e incomparaveis Poemas. Particularmente sobre a *Thebaide* escreveo elle deste modo: *Eximie pulchra est , & quoties lego , veneratio me habet , vel potius stupor. Nemo Va-*

tum visus mihi tam altè, & tam feliciter volasse. Elevou-se este grande homem destas Tragedias, porque cada hum ama o seu semelhante. Seguia Lypsio o mesmo estylo, e não reparava, que naquellas obras muitas vezes se encontra com o defeito da affectação, querendo Seneca dizer tudo com agudeza tão demasiada, que ainda enche de argucias as paixoens, e affectos mais fortes, mostrando nelles, que se deixava arrastar do gosto Declamatorio, e do estylo, que se pratica nas Escólas.

Porém onde mais claramente se conhece a affectação, he quando o Poeta vay anciosamente buscando *antithesis*, ou contrapostos, que tambem chamamos metáforas de opposição. Não se póde negar, que esta figura póde causar maravilha, quando o engenho especulando descobre, e faz ver, que em hum mesmo sujeito se verificaõ dous contrarios, e predicados oppostos. Pódem sem duvida estes cõtrapostos contér o que na Poesia he verdade, e belleza, com tanto que naturalmente nasção da Materia, e não se conheça trabalho, e ambição de engenho; que por força os introduz. Isto mesmo recommenda Aristoteles com estes exemplos: *Boa cousa he morrer, antes que se mereça o morrer. Sendo tu pessoa mortal, não convém, que seja immortal a tua ira.* Igualmente Publio Siro disse com engenho: *A vida he longa para o infeliz, curta para o feliz,* e Cicero fallando de Cesar, e Pompeo, disse tambem: *Quizeffe Deos, que elles, ou nunca entre si tivessem contrahido, ou nunca desfeito o parentesco.* Porém assim como ha alguns compostos fundados no que he verdadeiro, assim ha infinitos, que se estribaõ no que he falso, e mostraõ claramente o pueril trabalho de quem os formou; como saõ em Hespanha

panha os de Gongora, e outros muitos, e em Italia os de Marino, que teve innumeraveis sequazes. Hum dos mayores foy Thefauro, o qual chegou a escrever, que a figura *antithetis*, era *douta figura*, pois assim lhe chamou Persio. Muito affastado da mente desse Poeta estava este Escriitor, quando lhe interpretou aquelles versos da Satyra 1.

Fur es, ait Pedio. Pedius quid? Crimina rasis

Librat in antithetis. Doctas posuisse figuras

Laudatur. Bellum hoc. Hoc Bellum? &c.

Com maneira mordaz satyrisa Persio neste lugar tanto o meyo, que tomou aquelle homem, o qual em vez de se defender do delicto, que se lhe imputara, começa a fazer antithesis, como a loucura do povo ignorante, que dizia destas ridicularias. O' *bellamente, bellamente!* E quanto mais, que Persio só quiz significar com o nome de *antithetis* aquelles periodos, que se compoem de membros correspondentes alternadamente, e contrarios hum ao outro; e entre os Rhetoricos são estas antithesis figuras chamadas *verborum*, e não *sententiarum*.

Naõ se póde negar, que esta peste de contrapostos, equivocos de vozes &c. veyo de Italia no principio do seculo decimo sexto, segundo a authoridade de Mons. Boileau insigne Critico Francez, quando disse no 1. Cant. da sua Poetica:

Laissons à l'Italie

De tous ces faux brillans l'éclatante folie.

Sim se oppoz a esta opiniaõ o celebre Muratori, a quem tanto temos seguido, dizendo na sua obra *Della perfetta Poesia Italiana* liv. 2. cap. 3. que este pessimo gosto nascera em Hespanha, e naõ em Italia, porque Lope de Vega usara muito delle, antes que nascesse

cesse em Italia Marino. Porém se consultarmos a Chronologia, he muito mal fundada a impugnação, que Muratori faz a Boileau; porque Lope de Vega nasceu em 25. de Novembro de 1562. e morreu em Madrid em 28. de Agosto de 1635. e Marino nasceu em 18. de Outubro de 1569. e morreu em Napoles em 26. de Março de 1625. Não nos importa discutir este ponto; o que nos serve he dizer, que muitos nossos Poetas principaes adoeceirão deste contagio, viesse donde viesse. Quem ler o *Virginidos* de Barbuda, o *Ulyssipo* de Macedo, o *Macabeo* de Sylveira, o *Condestable* de Lobo, e a *Ulysssea* de Gabriel Pereira, ha de achar muitas destas argucias, conceitos falsos, antithesis, paranomias, equivocos de vozes &c. Seria materia infinita se para exemplos allegassemos versos destes Poetas, e baste, que os eruditos saibão, que fallamos verdade no que dizemos. O mais he, que até Camoens não escapou deste mal, porque tambem abraçou este modo de dizer, sendo aliás hum Poeta de exquisito gosto em muitas cousas. Apontaremos deste alguns exemplos para sermos crido, pois fallamos de hum Epico de tão grande merecimento. A respeito dos equivocos de vozes, eu não sey, que haja quem possa goftar da Estancia 91. do Canto 3. em que diz, fallando de ElRey D. Sancho II.

*De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos * Privados foy privado.*

E menos se póde goftar em estylo heroico (se bem que em outro se poderia permittir) do fim da Estancia 14. do Canto 6. tratando da hida de Baccho ao mar, e dizendo, que as Nynfas *se estão maravilhando*:

*De ver, que commettendo tal caminho,
Entra no Reino * d' agoa o Rey do vinho.*

Porém

Porém ainda este não he o mayor defeito dos versos deste insigne Poeta: mayor he o vicio dos continuados contrapostos, que a cada passo se póde dizer, que se encontraõ no seu Poema; e ainda que muitos, no sentir de Garcez, sejaõ naturalissimos, com tudo outros são muy affectados, e triviaes. Lea-se a Estancia 56. do Canto 3. onde diz, fallando da Villa de Cintra:

Cintra onde as Nayades, escondidas

Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,

Onde amor as enreda brandamente

** Nas aguas accendendo fogo ardente.*

Não fallemos na metaphora viciosa, e conceito falso, suppondo material a hum fogo, que só he metaforico, porque este lugar aqui tem sua defensa; veja-se sim quanto parece pueril esta antithesi de *agua*, e *fogo*, a qual quando muito se poderia louvar em hum principiante. Do mesmo theor he outra, que se lê na Est. 82. do mesmo Canto 3.

Logo todo o restante se partio

De Lusitania, postos em fugida:

O Miralmonim só não fugio,

*Porque antes * de fugir, lhe fogue a vida.*

Outros muitos lugares poderamos trazer, mas não queremos encher papel inutilmente. Não faltará quem nesta parte queira defender a Camoens, que elle fizera o mesmo, que praticaraõ Poetas mayores da antiguidade, entre os quaes tem Virgilio o primeiro lugar. He verdade, que na *Eneada* se achaõ alguns lugares, que poderiaõ defender a Camoens; porém he motivo para rir (como diz Muratori) dizer se, que Virgilio usasse advertidamente destas agudezas, que ou não eraõ conhecidas, ou eraõ desprezadas. naquelle bom seculo. Virgilio no liv. I. do seu Poema sim escreveo:

creveo : *Puppæque tuæ , pubesque tuorum* : no liv. 4. *Viri virtus* : no liv. 9. *Sperate parati* , e tambem *Vellere vallum*. Naõ só nos Poetas , mas igualmente nos Historiadores , e Oradores se achará algum lugar para esta defenfa. T. Livio escreveu : *Campanos campos , vellerent vallum* ; e Cicero disse : *Commentariis commentitiis , decem duces &c.* Naõ cuidaraõ certamente (como diz o citado Muratori , e Salvini liv. 1. pag. 443.) estes insignes homens em fazer trocadilhos ; por acaso lembraraõ taes palavras , como sempre está succedendo a quem escreve ; e o mais he pertender sem fundamento solido fazer meninos a estes Authores taõ graves. O mesmo se pôde dizer daquelle lugar de Virgilio do liv. 10. da Eneada :

*Interea Genitor Tiberini ad fluminis undam
Vulnera siccabat lymphis.*

Faz a estes versos huma observação o Padre Lacerda , e diz : *Vide acumen. Aquæ , quæ verè rigant , hic siccant.* Nunca Virgilio sonhou em fazer semelhante agudeza taõ impropria do seu estylo. Ao que só attendeo , foy a expor naturalmente o effeito da agua fria , que suspende o fluxo do sangue , e por isso he que usou do verbo *siccare* , para exprimir bem o seu pensamento ; e de nenhum modo por agudeza ; pois em hum Poema heroico , e em materia grave naõ havia usar de huma cousa de que só se poderia contentar quem principia a fazerve os. Verdade he , que Quintiliano no liv. 9. cap. 3. traz por exemplo de figura , das chamadas *Verborum* , o lugar apontado de Virgilio : *Puppæque tuæ , pubesque tuorum* ; porém difficulosamente me poderey persuadir , de que esta fosse a intenção daquelle Poeta , no que sigo a gravissimos Authores , como Escaligero na Poetica , Salvini , e Muratori já allegados. Quan-

to mais, que Quintiliano aponta semelhantes exemplos, não para que se imitem, mas para que totalmente se fuja delles, como cousa pueril.

Semelhantes agudezas sómente se podem guardar para o estylo jocoso, que serve de promover o riso, e esta he toda a sua virtude, como ensinaraõ os melhores Mestres. Neste estylo tem hum particular lugar os equivocos, os quaes nos agradaõ muito, e movem a rir, tanto que descobrimos o em que consiste a galantaria. Deve-se porém observar sempre, que o uso delles seja moderado, e guiado pelas regras, que nos deixaraõ gravissimos Escriitores; e quando sem grande cautella, e juizo se usa de paranomias, e outros jôgos de palavras, he certo, que se dizem cousas ridiculas, e não galantarias engenhosas. Se nestas allusoens, e equivocos se descobre taõ claramente hum estudo de engenho superficial, quanto mais se observará este em outros jôgos, que ha taõ affectados, insulsos, e que foraõ sería occupaçaõ de tantos seculos, a quem fez ignorantes este gosto depravado? Taes são os *acrosticos*, os *acromonosyllabicos*, os *isolecticos*, os *correlativos*, os *alfabeticos*, os *anastrosos*, ou *cancrinos*, e *retroçados*; os *serpentinicos*, os *palindromos*, os *cronosticos*, os *sinfoniacos*, os *concordantes*, os *protheos*, os *logogrifos*, os *parallellos*, os *filomelismos*, os *tautogrammaticos*, e outros mil, todos nomes Gregos, que quando agora os ouvimos, parecem palavras nigromanticas; e eu confesso ingenuamente, que não sey o que significa a mayor parte delles, do que não tenho pezar, por ser cousa bem inutil, e abórtos de engenhos infelices, que querendo deleitar com a novidade, se perderaõ a traz destes modos artificiosos, e novas invençoens de versos, que

naõ conheceo a fabia antiguidade, e desprezaraõ os melhores Authores modernos. Na mefina claffe deſtes entraõ aquelles verſos, que ſe formaõ, e ſe diſpoem em diverſas figuras, como oval, pyramidal, cubica &c. Eu vi alguns, que representavaõ *altares*, *azas*, *lanças*, *thronos*, *eſféras*, *cruzes*, *columnas*, *torres*, e outras mais figuras, que só por brinco, e galantaria he, que alguma vez as formaraõ os antigos, e naõ por ſeriedade, como fez a ignorancia dos ſeculos barbaros. Nem faõ mais eſtimaveis, aſſim os *anagrammas* numericos, ou literaes, como os *enigmas*, os quaes naõ tem outra excellencia, ſenaõ ſerem entre as cuſtoſas ridicularias do engenho as mais engenhofas; ſe bem que confeſſaremos, que pódem os enigmas merecer algum louvor, naõ ſendo literaes, mas ſim contendo aquelle juizo, e bom fabor, com que naõ só os Gregos, mas ainda os Hebreos os faziaõ naõ menos agradaveis, que inſtructivos. Ora naõ he a noſſa Critica taõ ſevera, que alguma vez naõ admitta ſemelhantes compoſiçoens, naõ para ſervirem á Eloquencia, e Poefia, mas para lançarem fóra a ocioſidade, máy de todos os vicios, com hum exorcifmo taõ innocente.

A naõ ſer por eſte fim de lançar fóra o ocio, digaõ-me, que goſto, e deleite pódem ter engenhos aliã grandes, e penetrantes em formar eſtes jogos de palavras, conſiſtindo toda a ſua belleza, e maravilha em huma apparencia, e ſuperfície? Naõ ha couſa (tornamos outra vez a dizer) que moſtre mais a pobreza de hum engenho, do que eſtas ridicularias, tanto naquelles, que as publicaõ, como nos que as approvaõ. A vaſtidaõ do engenho conhece-ſe no deſcubrir, e unir as ſemelhanças, e relaçoens mais remotas dos objectos; e quem faz alluſoens, paranomafias &c. como ſõmente ſe

Se applica a recolher as semelhanças, e relações, que são muy proximas, nenhum progresso faz no assumpto, que empredeo. Quando queremos discorrer de alguma materia, o primeiro objecto, que se nos representa, são os nomes das cousas. Com muy pouco trabalho, que tenhamos, logo nos occorrem outros nomes semelhantes: v. g. se fallarmos de *Marte* facilmente nos occorre *Morte*; de *Imperio Impireo*; de *Augusto Augusto &c.* A quem falla de huma *vide*, não ha cousa mais fácil, querendo formar estes conceitinhos, que lembrar-se de *vida*, como fez Marino, dizendo:

Stringe il marito, e gli s' appogia appresso

La vite, onde la vita è sostenuta.

E fallando da *calamidade*, usa da palavra *calamita*, que he o imã em Italiano:

D' ogni calamità sia calamita.

Quem pertendeo conseguir com estes inspidos pensamentos grande applauso entre os sabios, foy o Conde Manoel Thefauro, tantas vezes allegado; e se não veja-se como conceituou na mayor parte dos seus Elogios, e traremos por exemplo huma inscripção feita sobre hum elevado assumpto. Diz elle: *Frigida ipsa bruma in rogali flammâ Regalem ardorem sentit. Adamas es, non adamans, Heroum heres felicissime, regalis domûs columen, & culmen, tam omnibus clarus, quàm carus. Alicubi nascere, ubique nosceris. Tot tibi perpetes annos annuit, quot præpetes fulgurum fulgores isto ex monte coruscabunt. Cerne; viator, rerum omnium rerum omen, non lethalia, sed leta, omnia deferre &c.* Temos mostrado o que são semelhantes conceitos, os quaes á maneira de huma teya de aranha, com qualquer assopro se reduzem

a nada : temos igualmente discorrido quanto basta das imagens verdadeiras, e falsas, ou da fantasia, ou do entendimento, do verosimil, e inverosimil; e finalmente de tudo o em que consiste a belleza poetica, materia discorrida por muy raros Authores: resta agora tratar das especies da Poesia, e dizer nellas o que temos lido, e observado nos Escritores mais classicos, que trataraõ da Poetica; no que serviremos muito á mocidade Portugueza, para quem escrevemos.

A R T E P O E T I C A . L I V R O II.

C A P I T U L O I.

Da origem, progressos, e definição da Tragedia.

PRincipiamos a tratar das especies mais nobres da Poesia por huma das mais importantes, que se comprehendem nesta Arte, qual he a Tragedia; no que seguimos a ordem de insignes Mestres, como Vossio, Donato, Luzan, e outros muitos. Divide-se a Poesia em *Dramatica*, *Epica*, e *Lyrical*, como tantas vezes temos insinuado; e o fundamento, que houve para esta divisaõ, foraõ os tres modos, com que o Poeta imita: pois ou elle imita occultando-se a si, e introduzindo pessoas a fallar, e entaõ se chama a esta imitaçaõ Poesia *Dramatica*, ou *representativa*; ou tambem imita, humas vezes narrando elle mesmo, outras introduzindo sujeitos a narrar, e entaõ he, que a esta Poesia damos o nome de *Epica*. A *Lyrical* he aquella, em que o Poeta he só o que narra sem introducçaõ de pessoa alguma, discorrendo das virtudes, ou dos vicios, do louvor, ou do vituperio, e finalmente de todos os infinitos objectos, que se offe-

offerecem á natureza universal. Como desta ultima especie temos já tratado taõ diffusamente no Livro antecedente, discorrendo da Poesia em geral, entraremos agora na Dramatica, da qual procedem duas especies taõ notaveis, como saõ a Tragedia, e a Comedia; e dellas exporemos as regras, qualidades, e differenças com aquella clareza, que puder o nosso estylo, e com aquella doutrina, que souber a nossa tal qual erudição.

Parece-nos, que será coufa muy conveniente, e util ao principiante, primeiro que entremos no exame das regras da Tragedia, darlhe huma breve instrucção da origem, e progressos desta nobre especie da Poesia. Como nesta materia, por causa dos seculos taõ remotos; saõ muitas as trevas, que impedem as luzes da verdade, não podemos saber com certeza qual foy a origem da Tragedia. A opiniaõ, que os melho- res Authores abraçaraõ por mais provavel, he, que a Tragedia, e a Comedia tiveraõ principio nas coufas divinas, isto he, nos Hymnos, que annualmente se cantavaõ em Athenas em louvor de Baccho. Assim o prova Donato nos Prologomenos a Terencio. Offereciaõ aquelles antigos homens sacrificios a esta sua Divinidade, e accendendo o altar, offertavaõ hum bode, cantando certos versos á hora de Baccho. A' quelle, que melhor se desempenhava neste canto, destinavase-lhe por premio ao tal animal, ou hum odre (como querem outros) feito da pelle delle, e cheyo de vinho. Assim o affirma Diomedes no liv. 3. cap. de *Poemat. generibus*, dizendo: *Tragedia est heroicæ fortunæ in adversis comprehensio. Dicitur à trago, & ode: quoniam olim actibus tragicis tragos, id est, hircus præmium cantus proponebatur, qui liberalibus, die festo libero patri*

patri, ob hunc ipsum immolabatur, quia, ut ait Varro, depascunt vitem. Da mesma opinião foy Horacio, dizendo na sua Arte Poetica:

*Carminē qui tragico vitem certavit ob hircum,
Mox etiam agrestes satyros nudavit.*

Virgilio na Georgica 2. com mais clareza, do que Horacio, especifica este genero de sacrificio, e dá a causa desta offerta, dizendo:

*Non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris
Ceditur, & veteres ineunt proscenia ludi:
Præmiaque ingentes pagos, & compita circum
Theseide posuere, atque inter pocula læti
Mollibus in pratis unctos saliere per utres.*

Outros Authores ha, que imaginaraõ, que a Tragedia deduzira o nome das fezes do vinho, a que os Gregos chamavaõ *tryga*, mudando-se o *y* em *a*; porque no principio costumavaõ aquelles rusticos do campo untar a cara com estas fezes, a que chamamos borras, e punhaõ-se deste modo a cantar, e a bailar ao redor da victima. Assim o dá a entender o mesmo Diomedes no lugar apontado, confirmando-o com os versos de Horacio:

*Ignotum tragicae genus invenisse Camenæ
Dicitur, & plaustris vexisse poemata Thespis,
Quæ canerent, agerentque peruncti facibus ora.*

Deixadas outras opiniões por menos provaveis, continuamos a dizer, que a Tragedia, e a Comedia concordão no seu principio, e origem; e que a differença, que ha entre huma, e outra he, que a Tragedia trata (segundo Donato nos Prologomenos a Terencio) de personagens grandes, e de acçoens horrorosas, e lastimosas, e a Comedia de acçoens, e pelloas particulares, sem que se introduzaõ cousas lamentaveis.

Este

Este mesmo Author dá outra razão de differença, dizendo: *Postremò quod omnis Comedia de fictis est argumentis; Tragedia sepe ab historicâ fide petitur.* Não podemos estar por esta razão de Donato; porque se implica na sua doutrina. Nos mesmos Prologomenos decide elle, que o argumento da antiga Comedia são *res gestæ à civibus*; logo fica sendo falsa a sua asserção de dizer *Omnis Comedia &c.* Demais, diz absolutamente, que a antiga Tragedia contém algumas vezes sujeito historico; o que he falso, porque absolutamente os argumentos das antigas Tragedias não dependem simplesmente de alguma historia, como mostra Niseli tom. 5. *Proginnasm.* 14. Sobre a differença da Tragedia á Comedia ouçamos a decisaõ de Aristoteles na sua Poetica, que diz, segundo Vossio: *Nempe cum antiquitus in sacris Bacchi dithyrambicè foret, & phallica: ex dithyrambicis quidem aucta est Tragedia; ex phallicis autem Comedia.* Eraõ os *Dithyrambos* (como já dissemos) huns versos, ou Hymnos sérios, e os *Phallicos* huns versos, que promoviaõ o riso, segundo explica Minturno na sua Poetica pag. 243. *Deinde ille idem chorus cum per utres vini plenos, lubricosque saliens luderet, convitia, & ridicula quedam fundebat versibus, que Phallica dicebantur.*

Tratando nós da origem da Tragedia parece ser necessario, para mayor instrucção do leitor, mostrar se esta foy anterior á Comedia. Diversas opiniões tem havido sobre esta materia. Escaligero no liv. 1. da sua Poetica cap. 5. segue, que a Tragedia fora posterior. Porém Evanthio, allegado por Vossio, diz: *Ut ab incultis, & feris moribus, paulatim perventum est ad mansuetudinem; urbesque sunt conditæ, & vita mitior, atque otiosior processit: ita res tragicae longè ante*

ante comicas inventæ. Entre estas tão contrarias opiniões a mais seguida he , que a Tragedia foy a primeira em se polir , e augmentar , e a Comedia a primeira na origem. Assim o seguirão Quintiliano , e Bullengero de Theat. liv. 1. cap. 3. e 4. dizendo: *Quamquam Comedia videtur antiquior tragico dramate , prius tamen hoc excultum est , quam Comedia.* Da mesma opiniaõ foy Vossio crevendo nas suas Instituições Poeticas , liv. 2. cap. 12. *Origo Tragædiæ , an Comediæ , antiquior sit , non convenit. Videtur autem Comedia quidem prius cæpisse ; sed Tragædia prius exculta.*

Nascida pois a Tragedia no campo entre rusticos , quando celebravaõ a festa de Baccho , depois de fazerem as suas vindimas , passou esta celebridade ao povoado , e depois ás Cidades , principalmente de Athenas , onde se fazia com grande pompa. Nesta Poesia se empregaraõ engenhos felicissimos da Grecia , e a foraõ polindo , e augmentando , introduzindo coros de musica , bailes , e composições de Hymnos , tudo dirigido com a arte , e ornado com o engenho. Assim durou muitos annos a Tragedia , até que floreceo Thespis Atheniense , que viveo no tempo de Solon , e foy Mestre de Phrinicho , famoso Tragico daquelle seculo. Introduzio este hum representante , para que o coro podesse descansar : assim o affirma Diogenes Laercio na vida de Plataõ , dizendo: *Ut olim Tragædiam prius quidem chorus solus agebat ; postmodum verò Thespis unum invenit histrionem , ut chorus interdum requiesceret.* A esta interpolada representaçã , e intervallo , para descanso do coro , chamouse Épifodio , por ser como huma digressã do caminho , ou huma cousa , que vinha antes de principiar a musica. Quasi cincoen-

ta annos esteve assim a Tragedia , até que floreceo Eschylo , o qual introduzio dous representantes no Epi-
 todio. Assim o affirma Aristoteles na sua Poética cap.4. *Histrionum numerum , ex uno videlicet in duos , Æschylus primus duxit ; & ea , quæ circa chorum sunt , imminuit , sermonemque primarum partium instituit.* Desta authoridade nos consta igualmente , que este Tragico , além de introduzir outra pessoa , minorou o coro , e fez com que entre os representantes houvesse hum primeiro papel. Pedro Victori , Paulo Beni , e alguns outros fim tomaraõ em outro sentido estas palavras do Filosofo , dizendo , que se devem entender pelo *Prologo* , o qual tambem inventou Eschylo : porẽm nós seguimos a Pacci , Robertello , e Dacier , que entendem as palavras *Sermonemque primarum partium* pelo primeiro papel , ou primeiro representante , principalmente Monf. Dacier , que o prova com evidentes fundamentos no seu *Tratado Poet. remarq. sur le chap. 4. n. 37.* Este mesmo Author entende tambem pelas palavras de Aristoteles *Et ea , quæ circa chorum sunt , imminuit* , que Eschylo minorasse sómente o canto , e não o numero das pessoas , como affirmaõ outros. A opiniaõ destes parece-me mais bem fundada ; porque não ha duvida , que Eschylo diminuiu o numero das pessoas , se bem que contra sua vontade , pois foy por ordem do Magistrado ; e o motivo , que houve para esta mudança , foy a sua Tragedia intitulada *Eumenides*. Compunha-se o coro della (como entaõ era costume) de cincoenta pessoas , e representaraõ estas as Furias tanto ao vivo , que se espantou o auditorio , morreraõ muitos meninos , e abortaraõ diversas mulheres ; e por esta razãõ reduzio-se a quinze o numero de cincoenta pessoas , que compunhaõ o coro. A Eschylo seguiu-se Sopho-

Sophocles famoso Tragico, o qual introduzio tambem outro representante; e como já eraõ tres as figuras, entrou-se a representar em fôrma de Dialogo, fazendo-se principal o que era accessorio; isto he, que o coro, que antes era a principal cousa da Tragedia, servia depois sômente de intervallo para descanso dos que representavaõ. Muito deve a Tragedia a Sophocles, porque além de lhe introduzir o terceiro representante, inventou tambem a *Scenographia*, que he o ornato, e pintura das scenas, como nos diz Aristoteles: *Sophocles unâ cum scenæ ornatu &c.* e por este fundamento he que Diogenes Laercio diz na vida de Plataõ, que a Tragedia tivera principio em Thespis, augmento em Eschylo, e perfeição em Sophocles. Assim he; porque Thespis talvez não introduzio mais, que hum representante, Eschylo inventou, além da introducção de outra figura, o uso das máscaras, de vestidos, de côthurnos, e dos tablados pequenos, pois no tempo de Thespis só se representava em carros, como diz Horacio. Veyo depois Sophocles, e introduzio as machinas, tramoyas, e scenas, figurando humas vezes bosques, grutas, e cabanas, e outras vezes altares, palacios, sepulturas &c. Mudavaõ-se as scenas, segundo convinha ao argumento da Tragedia, o que se não fazia no tempo de Eschylo, porque servia huma scena para todas as representaçoens. Assim como a Sophocles devemos o ornato do theatro do mesmo modo, que ainda hoje se conserva, assim lhe devemos tambem a perfeição da locução Tragica, se bem que Eschylo foy o que a inventou, porque no tempo de Thespis (como diz Luzan) ou não tinha a Tragedia outros assumptos, senão os louyores de Baccho, galantarias satyricas, e apódos obscenos, que

diziaõ huns a outros do coro, bailando descompostamente á maneira de Satyros, ou se acaso se representava nos Epifodios outro assumpto, era misturado com graciosidades grosseiras, e plebeas. Tudo isto evitou Eschylo, introduzindo assumptos grandes, e sérios, narrados no estylo elevado, e sublime, que lhes pertencia, como nos ensina Horacio na Poetica:

*Post hunc personæ, pallesque repertor honestæ
Æschylus, & modicis instravit pulpita tignis;
Et docuit, magnumque loqui, nitique coturno.*

Quintiliano no liv. 10. cap. 1. fazendo hum juizo critico das Tragedias deste Poeta, diz: *Tragedias primus in lucem Æschylus protulit, sublimis, & gravis, & grandiloquus, sæpe usque ad vitium: sed rudis in plerisque, & incompositus: propter quod correctas ejus fabulas in certamen deferre posterioribus Poetis Athenienses permisere: suntque eo modo multi coronati.* Estas imperfeicoens de Eschylo, emendou Sophocles, merecendo na antiguidade o primeiro applauso, como tambem Euripedes, ainda que delle diz Aristoteles: *Euripides, licet alioqui non bene disponat fabulam, maximè tamen tragicus est in sui generis poetis.* A esta censura se oppoem o allegado Quintiliano no mesmo lugar, dizendo, que Sophocles sim fora mais grave, e sublime; porém que Euripedes fora mais admiravel nos affectos, principalmente nos que movem á commiseraçãõ; e que tivera mais abundancia de sentenças, se bem que nesta parte he culpado, por seguir o estylo de Orador, e huma demasiada erudiçãõ.

Temos discorrido da origem, e progressos da Tragedia com a extensãõ precisa, naõ querendo sobre esta materia referir mais algumas cousas, que escreveraõ

creveraõ diversos Authores , porque as julgamos não só prolixas , mas inuteis. Entremos agora a tratar das partes desta Poesia , e assentar em primeiro lugar na sua definição. Principiemos pela de Aristoteles , Author de grande authoridade , especialmente neste assumpto. Define elle a Tragedia , dizendo : *Tragedia est imitatio actionis illustris , perfectæ , magnitudinem habentis , sermone suavi , separatim singulis generibus per partes agentibus : non per enarrationem , per misericordiam verò , atque terrorem , efficiens hujusmodi perturbationum purgationem.* Diz : *Imitatio actionis illustris* ; isto he , de acção severa , e grave , como ensina Robertello , feita por pessoa illustre. Prosegue dizendo : *Perfectæ , magnitudinem habentis* ; porque só he perfeita a acção , que consta de principio , e fim , e só he grande , se não for nem muy breve , nem muy extensa. Continua : *Sermone suavi* ; porque a Tragedia , além do metro , tem o baile , e a harmonia , que vinhaõ depois da recitação ; e isto he o que significaõ as palavras *Separatim singulis generibus per partes agentibus* ; isto he , quando o pede o uso , e o lugar. Ultimamente diz *Non per enarrationem &c.* porque não ha de ser segundo o modo narrativo , de que se usa na Poesia Epica , e Lyrica , mas sim na Dramatica , em que o Poeta sempre está calladõ , e só introduz pessoas a fallar. Deste modo excitando a Tragedia o temor , e a misericordia , modera estes affectos , e paixoens. A' vista desta explicação fica sendo clara a definição do Filosofo , que antes estava escura , defeito , que lhe daõ muitos Authores ; e podemos dizer , que a *Tragedia he a imitação de huma acção Dramatica , feita por pessoas illustres ; que seja perfeita , e grande , separando do metro a harmonia , e baile , e temperando*

rando as paixoens de temor, e misericordia por hum fim miseravel, e terrivel. Não se póde negar, que esta definição de Aristoteles fica sendo agora muito clara, e mais para se admittir, que a de muitos Escritores, dizendo confusamente, que a Tragedia he *fortune in adversis comprehensio*. E muito menos caso se deve fazer da definição de Escaligero, que diz ser *imitatio per actiones illustris fortunæ, exitu infelici, oratione gravi metrica*. Perte de este Author apartarse de Aristoteles, e commette hum erro; porque com a sua definição não separa a Tragedia dos outros Poemas; pois fica quadrando muito bem a hum Poema, em que por exposição se tratar em verso Epico da morte de algum Rey; quando este tal Poema feito por modo narrativo não póde ser Tragedia; no que com muitos Authores concorda o Padre Donato na sua Poetica, liv. 2. pag. 105. Aceitaremos esta definição de Aristoteles, se em alguma parte não fora diminuta, e não fallasse este Filosofo da Tragedia antiga, da qual, ou seja por uso, ou por abuso, se aparta em alguma cousa, a moderna. Abraçaremos pois a definição de Luzan, como mais adaptada para os Dramas, que presente-mente se compoem. Diz elle na sua Poetica liv. 3. pag. 277. que a *Tragedia he huma representação Dramatica de huma grande mudança de fortuna, succedida a Reys, Principes, e Personagens de grande qualidade, e dignidade, cujas decadencias, mortes, desgraças, e perigos excitem terror, e compaixão nos animos do auditorio, e os curem, e purguem destas, e outras paixoens, servindo de exemplo a todos, mas especialmente aos Reys, e pessoas da mayor authoridade, e poder*. Poderá parecer muy dilatada esta definição, porém nesta parte não o he menos a de Aristoteles, se bem

beim que ainda diminuta em algumas circumstancias ; pois diz , que a Tragedia serve para emendar sómente as paixoens do medo , e da compaixão , quando ella na commua opiniaõ serve tambem para purgar outros muitos affectos. Judiciosamente diz Luzan , que a Tragedia he a representaçãõ Dramatica de huma grande mudança de fortuna ; porque toca (como elle mesmo aponta) o que he essencial no argumento Tragico , e evita todas as disputas , e escuridadès , que puder haver ; pois todos convém , em que esta fabula ha de conter huma grande mudança de fortuna. Com igual juizo diz tambem *decadencias* , *mortes* , *desgraças* , e *perigos* ; pois deste modo vem a comprehender todo o genero de constituiçoens de Tragedias , assim aquellas , em que morre a principal pessoa , como naquellas , em que sómente periga , ou he abatida da felicidade á miseria ; e tambem nesta parte se pódem comprehender as que tem fim ditoso , como algumas vezes succede. Definida assim a Tragedia , segue-se dividilla em partes de qualidade , e de quantidade. As de qualidade são seis : *Fabula* , *costumes* , *sentença* , *locuçaõ* , *musica* , e *apparato*. As de quantidade são quatro *Prologo* , *episodio* , *exodo* , e *coro*. As primeiras quatro partes de qualidade são commuas á Comedia , e á Epopeia , e tambem á Lyrica , ainda que rara vez. O apparato , e musica tambem se communica á Comedia , e esta ultima parte convem muito á Lyrica ; motivo porque os Poetas são na lingua Latina chamados *Melici*. Eis aqui como se divide a Tragedia ; á maneira do homem , que se attendemos para a sua natureza , consta de alma , e corpo , e se olhamos para a sua grandeza , compoem-se de membros , e de huma proporcionada altura. Muy proprio lugar era este para profeguir os Capitulos , tratando

tando destas partes da Tragedia ; porém , seguindo o methodo do Padre Donato , discorreremos primeiro sobre outros pontos precisos , e depois passaremos a tratar das ditas partes.

C A P I T U L O II.

Se a Tragedia deve constar de materia verdadeira , ou falsa.

ENtramos em hum ponto dos mais difficultosos da Poetica ; porque são infinitos os Authores , que seguem huma , e outra opiniaõ. Donato tratando da Tragedia , e Comedia , diz : *Omnis Comedia de fictis est argumentis. Tragedia sepe ab historica fide petitur.* Escaligero no liv. 3. cap. 97. da Poetica segue a doutrina de dizer : *Differt autem Comedia à Tragedia in eo quoque. Illa enim accipit ex historia & rem, & nomina primaria , ut Agamenonis , Herculis , Hecubæ ; aliqua affingit. At Comedia fingit omnia atque personis , maxima ex parte , pro re imponit nomina.* O Padre Delrio de Tragæd. cap. 2. affirma mais , porque diz : *Comedia fingit res , quas exhibet ; Tragedia rerum gestarum veris utitur argumentis. Hinc tantò humane vitæ utilior ita , quantò vera fictis præstant.* O mesmo seguem Antifanes Poeta no principio do liv. 6. *in Atheneo* ; Casaubono liv. 6. cap. 1. pag. 248 ; Buonamici nos seus *Discursos Poeticos* cap. 7. e outros muitos. Entre taõ diversas opinioens , humas que dizem pertencer á Tragedia assumptos sempre historicos , outras algumas vezes fabulosos , expenderemos nós a que nos parece mais provavel , e o faremos com
aquel-

aquella clareza , que nos for possível , para que se entenda este ponto , que não deixa na mayor parte dos Authores de ser tratado com escuridade. Dizemos portanto , que como a Tragedia he huma imitação , deve quem imita , se quer deleitar , e mover os affectos , afsemelhar vivamente os objectos , e fazellos com a sua arte presentes á fantasia dos outros , como faria a mesma natureza. Quanto mais forte , é viva for esta imitação , e semelhança , tanto mais nos deleitará , ferindo vivamente a nossa fantasia , e fazendo com mais efficacia conhecer ao entendimento as cousas imitadas ; o que faz acordar muitas vezes aquelles mesmos affectos , que sentiriamos em nós , se víssemos os mesmos originaes. Para isto se consegue , ha de mostrar o imitador , que representa cousas realmente verdadeiras , ainda que a sua intenção não seja , que sejam cridas como taes. Qualquer representante não he tão louco , que pertenda , fazendo v. g. a parte de Hercules , ou Belifario , que o auditorio o tenha por algum destes Heroes ; com tudo elle , quanto puder , ha de fingir , que he tal ; porque se na acção fingida não fizer o mesmo , que fariam as verdadeiras personagens , não moverá os affectos dos que o ouvem , e por consequencia facilmente defagradará a sua representação. Do mesmo modo ha de mostrar o Poeta , quanto puder , que diz as cousas certas , e verdadeiramente succedidas ; ainda que não seja da sua intenção fazer com que ellas sejam cridas por taes : è não seguindo esta regra , esteja certo , que não moverá as paixoens alheyas , nem causará algum deleite.

Affentada esta doutrina como certa , dizemos , que para deleitar não he absolutamente necessario na Tragedia , nem na Epopeia , que o Poeta se valha do fun-

damento de buscar pessoas , e acçoens tomadas em parte da historia. A razão he , porque tanto com fingir totalmente o assumpto , quanto com o fingir sobre a verdade historica , se confegue o intento do Poeta , que he o de deleitar a fantasia , e de fazer ao mesmo tempo , com que o entendimento apprehenda cousas possiveis , criveis , e verosimeis a elle. Igualmente ou ao menos com pouca diversidade nos poderá causar deleite v. g. o *Torrismondo* de Tasso , sujeito fingido , que a *Rodoguna* de Corneille , argumento verdadeiro , porque tanto hum , como outro assumpto parecem novos , e ao mesmo tempo verosimeis. O povo , que he sempre a mayor parte , não considera , nem póde saber quando ouve semelhantes Tragedias , se os argumentos são certos , ou se se fizerão taes acçoens , e existiraõ aquellas pessoas ; e basta-lhe para se deleitar , conhecer , que são possiveis , e verosimeis as ditas acçoens. Por esta razão estavamos quasi para dizer , que bem podiaõ alguns Poetas modernos deixar de trabalhar taõ obstinadamente por ver se descobrem em alguma parte da Historia antiga hum sujeito novo para as suas Tragedias. He certo , que o povo do nosso tempo não faz differença alguma entre os argumentos , que são remotos , e desconhecidos , e aquelles , que totalmente são fingidos ; e talvez , que em todo o auditorio não haverá senão duas , ou tres pessoas , e póde ser que nenhuma , que saiba v. g. que verdadeiramente houve *Rodoguna* , e os casos , que lhe succederaõ. Bem desconhecidos , e totalmente estranhos haviaõ ser a primeira vez , que se ouviraõ no theatro os nomes de *Aristodemmo* , *Corradino* , *Poliuto* , *Nicomedes* , *Marianne* , *Pertarito* , *Belisario* , e outros muitos. Com tudo causaraõ estas Tragedias hum grande deleite , sem que
para

para este influisse, e concorresse em alguma cousa a precedente noticia, de que a Historia fallava nestas pessoas.

Segundo pois esta doutrina, que estabelece Muratori, se segue não ser absolutamente necessário, que o argumento da Tragedia, e da Epopeia seja realmente verdadeiro para conter belleza, e poder deleitar ao auditorio. Com tudo sempre devemos confessar, que mais agradaveis, bellas, e estimaveis seraõ as Tragedias, e Epopeias fundadas na Historia, que as imaginadas inteiramente pela fantasia poetica. Por este motivo costumavaõ os antigos buscar assumptos conhecidos para urdir semelhantes Poemas. Que seja mais louvavel huma Tragedia, ou huma Epopeia fundada em argumento verdadeiro, se prova com razoens convincentes. Primeiramente, mais difficil he (segundo mostra Castelvetro no seu Commento á Poetica de Aristoteles) fingir sobre hum sujeito verdadeiro, que sobre hum feito de novo pela fantasia. Em segundo lugar assim o affirma Aristoteles, dizendo, que mais nos agradaõ os successos conhecidos: *Porque o possivel he verosimil, e crível; e he claro, que as cousas succedidas são possiveis, pois, se fossem impossiveis, não teriaõ succedido.* Quer dizer o Filosofo, que se tomem nomes, e accoens verdadeiras, conhecidas do povo, ou pela historia, ou pela fama, para que fiquem sendo mais provaveis, possiveis, e maravilhosos os successos, que se ajuntaõ pela Tragedia, e Epopeia ao facto historico. He cousa evidente, que o povo mais facilmente ha de crer por possivel tudo o que se lhe representa no Poema, depois que confusamente crê, e sabe, que succedera o caso, que nelle se expoem, do que se o ignorara. Sabe v. g. não pouca gente, que a Rainha Ma-

ria Stuarda morrera degollada por ordeni da tyranna Isabel de Inglaterra. Se sobre este assumpto se ordenar huma Tragedia, he certo, que ficará sendo muito mais provável, e possível o enredo da acção Tragica, que tecer o Poeta; porque já muitos sabião confusamente, e em compendio esta historia, e assim crem, que ella succedera do mesmo modo, que a lem, ou vem representar. Mas nem por isso deve ser a intenção do Poeta o fazer crer, que a tal historia succedera, como elle conta; basta-lhe unicamente para conseguir o seu fim, que a tenhaõ por possível, e verosimil. Em terceiro lugar, melhor he tomar nas Tragedias nomes, e successos verdadeiros, do que absolutamente fingidos, porque daqui nasce mayor commodidade ao povo, o qual mais facilmente comprehende as cousas, quando já antes dellas tem alguma noticia. Além desta utilidade ainda ha outra, que he pouparse-lhe o trabalho de estar aprendendo nomes novos, e distinguindo no Drama humas pessoas das outras. Do mesmo modo, que nós experimentamos hum grande gosto, vendo huma pintura, em cujas figuras, ainda que para nós desconhecidas, conhecemos, que a natureza está bem imitada; porém mayor o sentimos, quando estas figuras taõ bem pintadas nos são individualmente conhecidas, como v. g. a morte dos Innocentes, a de Cleopatra, e outras muitas cousas. Assim do mesmo modo, mayor deleite causa a Tragedia, quando nella se representaõ pessoas, e cousas conhecidas em parte, do que quando estas são totalmente desconhecidas. Disse *conhecidas em parte*; porque a informação precedente, que o povo ha de ter do sujeito, e das pessoas da Tragedia, ou Epopeia, não ha de ser tanta, que não lhe pareça novo em parte quanto propoem o Poeta.; e tam-

tambem não ha de ser tão pouca , que custe á gente capacitar-se de todos os nomes , e circumstancias estranhas , como succede nos assumptos , que inteiramente são fingidos. Desta maneira he que os Poemas ficam sendo novos , e ao mesmo tempo muy faccis em se comprehenderem ; e esta perfeição falta naquelles argumentos , os quaes , ainda que extrahidos de historias antigas , com tudo são totalmente desconhecidos , e estranhos ao nosso povo ; e por este motivo pouca injustiça lhes faria quem os puzesse na classe daquelles , que de todo são fingidos.

C A P I T U L O III.

Das condiçoens , que deve ter a primeira pessoa da Tragedia.

Chamamos principal pessoa da Tragedia áquella , que por nos representar em si huma desgraça , que padece , faz nella a primeira parte , e os Gregos a explicavaõ com a palavra *Protagonista*. Os melhores Mestres da Poetica nos dizem , que esta pessoa deve ter cinco condiçoens , as quaes são (conforme Castelvetro p. 13. p. 3. Riccoboni cap. 16. e Donato liv. 2. pag. 112. que foraõ os que as explicaraõ com mais clareza) primeiramente , *que se deve escolher pessoa illustre , e sublime por dominio , e riquezas* : em segundo lugar , *que não seja muy virtuosa , nem tambem dada a vicios ; mas que tenha o seu lugar entre os que são bons , e os más* : em terceiro , *que cabisse em huma tal culpa , que se faça digna de perdaõ* : em quarto , *que por causa do tal erro commettido passasse de feliz a des-*

desgraçada, e palecesse grandes infortunios: e ultimamente, que esta tal pessoa ha de ser huma só, e não muitas.

Em quanto á primeira condição de dever ser pessoa illustre, se procede com bom fundamento; porque hum caso succedido a hum homem ordinario não se faz tão miseravel, e horroroso, como ao que he illustre. Mayor horror, e compaixão nos causa v. g. a desgraça de Manoel de Sousa de Sepuveda, Fidalgo Portuguez, padecendo aquelle tão sabido naufragio, que o que padeceraõ outras pessoas ordinarias nos mesmos mares. Quanto mais, que aquelles homens, que medem a felicidade humana pelo poder, e riquezas, não julgaõ nunca por feliz ao homem, que nasceo da plebe. Por esta razão a mudança da felicidade desta pessoa causa não só huma grande compaixão, mas hum igual terror; porque qualquer, que for inferior, deve temer, considerando, que até são desgraçados os que nascerão tão favorecidos da fortuna. Devemos aqui advertir, que pelo esplendor da pessoa não entendemos sómente o herdado, mas tambem comprehendemos o adquirido por acçoens illustres. Ninguem duvidará, que no Consul Mario não faltou esplendor tragico, ainda que nasceo de pays humildes; pois as suas acçoens de desbaratar os povos Cimbrós, e Teutonicos bastante materia lhe deraõ para ser hum illustre Heroe. Passemos a ponderar a segunda condição, que deve ter a figura fatal da Tragedia, a qual consiste, como dissemos, em ser esta nem muy virtuosa, nem dada a vicios. Diz Aristoteles: *Talis est autem, qui nec virtute, nec justitia excellens, neque per vitium, & pravitatem lapsus in infelicitatem.* Fundouse o Filosofo na razão, e fundamento de que para se excitarem co-n

vehemencia os affectos de terror, e compaixão, se devem pôr de parte outras cousas, que pôdem em nós mover diversos affectos, como v. g. de ira, de indignação, de odio &c. Certamente então se distrahiria o animo, não se applicando todo ao temor, e commiserção, e perderia o sentido a estes affectos pela vehemente commoção de outras paixoens. A tres classes podemos reduzir os que de felices passaõ a infelices: ou de bons, ou de máos, ou dos que verdadeiramente na commua opiniaõ nem saõ huma, nem outra cousa. Os bons quando cahem em desgraça, pela mayor parte máis nos movem a ira, e indignação contra quem lha motivou, do que a compaixão; e os infortunios dos máos não nos pôdem causar commiserção, porque os mereceraõ pelas suas maldades; e por este motivo he que Aristoteles nos deixou escrito, que sómente se fazem dignos de serem assumpto de Tragedia os que nem saõ excellentes em virtudes, nem depravados em vicios; porque tendo este caracter, não daõ lugar a que no auditorio se movaõ outros affectos, senaõ o do medo, e o da compaixão. Esta doutrina faz lembrar huma duvida, e he, se a Tragedia exclue os sujeitos, a quem os vicios não manchaõ? Dizemos, que não; porque absolutamente não se pôde dizer, que o homem bom, por ter esta qualidade, não faça mover as paixoens de temor, e compaixão, mas só as de ira, e de indignação contra quem foy a causa, de que elle padeceffe hum tal infortunio. O mesmo Filosofo não se oppoem a esta doutrina, antes d'elle se vem a colligir, que os bons pôdem ser sujeitos da Tragedia. Diz Aristoteles, que a principal pessoa Tragica sim deve ser de mediocre caracter; mas accrescenta, que a não ser desta qualidade, e a haver de propender para alguma das partes,

tes, antes propenda para a virtude, que para o vicio: *Vel melioris potius, quàm deterioris*. Deste lugar tiramos a doutrina de que os bons pôdem ser principal assumpto da Tragedia, visto que Aristoteles nestas palavras os não exclue absolutamente. Do mesmo parecer he Castelvetro pag. 277. e Lelio Bisciola *Hor. subseciv.* liv. 10. cap. 8. tom. 1. Confirma-se isto com exemplos; pois ha muitas Tragedias da antiguidade Grega, e algumas da Romana, nas quaes a principal pessoa se representa innocente, como são Polissena, Polidoro, e Astianates na Tragedia de Euripedes intitulada *Hecuba*; Antigono no *Ciclope*, Esigenia in *Aulide*, e outras muitas pessoas. Assentemos pois, segundo o Filosofo, que na falta das pessoas de mediocre qualidade pôdem as que são boas elegerse para assumpto da Tragedia, se bem que Nisieli no tom. 3. *Progin.* 50. se enfurece grandemente contra Aristoteles por esta doutrina, dizendo, que se a Tragedia motora de horror, e piedade se pôde inventar sobre aquelles, que tem huma bondade ordinaria, que razaõ racional poderá haver para se não formarem Tragedias primeiro sobre pessoas santissimas, quando a morte injusta de hum Santo nos deve mover mais ao horror, e piedade, que a de hum homem, que não tem o caracter de conhecida virtude? Não mostra aqui o Apatista aquella sua Critica tão justa, que se conhece nos outros seus *Proginasmas*. As paixoens principaes, que a Tragedia deve mover, são o terror, e a compaixão; e a morte v. g. de hum Martyr não nos move muito estes affectos, mas sim os de ira, e indignação contra os que são a causa daquelle tormento, que os Martyres não temião; e por isso não chamavaõ desgraça, mas felicidade á sua morte. Sim pôde o Martyr como varaõ virtuoso servir

de

de assumpto á Tragedia , o que absolutamente não exclue Aristoteles ; mas não ha fundamento solido nas regras da Poesia Tragica , para que o bom prefira ao que he de mediocre bondade , como pertende Nisieli. Discutido este ponto , será justo tratar de outro , e he , se os máos podem entrar a ser a principal pessoa Tragica. Rigorosamente fallando , dizemos que não ; porque a fortuna adversa destes não movem a temor , nem a commiseração : não a temor ; porque o auditorio não teme o castigo , que se dá ao que he perverso , senão se elle conhece em si , que tem commettido a mesma culpa : não a commiseração ; porque aquelles , que commetterão algum delicto , elles mesmos forão a causa do seu castigo ; e ainda que estes naturalmente movão em nós algum affecto , não he , como affirma o Filosofo , de commiseração , mas sim de humanidade. Etribãdos neste fundamento he que Varchi nas suas Lições Poeticas pag.682.reprovou totalmente aTragedia de Martelli composta sobre Tullia , mulher impia , e cruelissima contra seu pay ; e o Zoilo de Speroni censurou a este Author tomar por argumento tragico duas pessoas tão perversas , como forão Canace , e Macareo. Os Escritores destas Tragedias talvez se fundarão em hum lugar de Aristoteles , no qual approva por sujeito tragico o caso de Thiestes ; porém não repararão , que o Filosofo nesta parte se implicava com o que tantas vezes tinha dito pelo contrario ; pois segundo a sua doutrina , não podia Thiestes excitar compaixão , nem terror ; porque fora digno do castigo , que tivera , por haver commettido incesto , e furto contra seu irmão Atreo , conforme este seu lugar no 2. de Rhetor. *Nec quisquam vir probus dolorem concipiet , cum parricidas , aut sicarios extremum pati supplicium intellexerit.*

nerit. Decet namque in rebus ejusmodi gaudere. Baste isto por instrucção, e passemos a examinar a terceira condição da primeira pessoa tragica, que he a qualidade da sua culpa. Deve este principal sujeito representar a sua desgraça; porém esta ha de ser tal, que se saiba, que cahio nella a tal pessoa por ser infeliz, e não perversa; isto he, ha de esta infelicidade nascer, não de máos habitos antecedentes, mas de huma allucinação, e engano: *Per errorem aliquem.* A palavra *error* na lingua Latina não só significa peccado, e maldade, mas tambem hum apartamento do recto caminho por causa de allucinação, e engano. Prova-se isto com muitos exemplos, principalmente com hum lugar de Cicero, que diz: *Et si aliquâ culpâ tenemur erroris humani, à scelere certe liberati sumus*: com os versos de Ovidio, dizendo:

Nec scelus invenies; quod enim scelus error habebat?
E tambem:

Errorem jussæ non scelus esse fugæ.

Deve ser pois o erro tragico tal, que não constitua perverso a quem o commette; isto he, que se fique entendendo, que a culpa procedera de depravação, e não de algum impeto natural, que fez, com que o homem enganado commettesse o tal crime. Dissemos de algum impeto natural; porque póde ser argumento da Tragedia hum homem, que perturbado fortemente da ira, do odio, ou do amor, cahio em alguma culpa, sem reflectir no que fazia, por ser a perturbação repentina. Esta subita deliberação o livra de ser reputado por perverso, e por ella se faz digno do perdaõ. Porém a culpa mais propria da Tragedia he aquella, que se commette ou contra vontade, ou por medo de mayor mal, ou por ignorancia das cousas. O que obra por medo

al-

alguma maldade , fim se faz reo do castigo , porque commetteo culpa , sabendo que era tal , porém pela circumstancia merece o perdão. Supponhamos, que hum tyranno manda a hum filho , que mate a seu pay , com a pena de que se o não fizer, ha de ser morto. Repugna o filho a esta acção movido do amor , e considerando na barbara culpa de parricida : por outra parte insta o natural desejo de viver , e prevalecendo este , commette o deliçto , que não fizera , se não perdera a vida. Esta acção he má ; porém muito menos tyranno he este filho , do que aquelle , que espontaneamente desembainhou a espada , e matou a seu pay. Pelo contrario ha tambem outros casos , em que se commette huma culpa propria da Tragedia , e digna de perdão , e commiserção ; v. g. a de transgredir huma Ley , que prohibe fazerse huma cousa justa , e louvavel ; como foy o Decreto de Creon Rey de Thebas , que impoz pena de morte a quem sepultasse o cadaver de Polynices ; porém sua irmã Antigone transgredio esta Ley ; porque movida do amor lhe deu sepultura. Todas estas culpas , que temos referido , pódem constituir a quem as commette sujeito principal da Tragedia ; mas nenhuma he tão propria della , como aquella , em que se cahe por causa de ignorancia. Póde esta ser de dous modos : ou não se saber o que he bom , e o que mandão as Leys , ou ignorarse o que se faz , entendendo , que a tal cousa he boa. Esta he ignorancia de facto , e aquella he de direito. Sabia v. g Edipo , que matar o filho seu pay era parricidio ; com tudo matou-o : porém não sabia , que Laio era seu pay , e esta ignorancia o livrou de ser parricida. Estas acçoens de ignorancia he que são a melhor materia da Tragedia , e estas culpas as que mais convém á principal pessoa della ; prin-

principalmente se esta repugna commetter o delicto , e v. g. foge para não cahir nelle , como fez Edipo ; porque desta acção se lhe seguem calamidades , pelas quaes se faz digno de compaixão , vendo-se , que injustamente padece.

Devemos ultimamente advertir neste lugar por ser proprio , que para a Tragedia basta , que a principal pessoa fatal commettesse a culpa antes , e não he preciso , que ella seja o argumento da fabula , como cousa entãõ existente , basta , que tenha precedido. Temos o exemplo em *Thiestes* , que na Tragedia foy castigado pör culpa , que antes commettera ; e na *Electra* de Sophocles , em que mataõ a Clytemnestra pelo que antes havia feito ; e a razãõ , que tiverãõ os Poetas para tomarem estes argumentos , foy para que o auditorio soubesse a culpa , porque aquella personagem era castigada. Veja-se o que sobre esta materia escreve o Padre Donato na sua Poetica pag. 127. que nós por não sermos prolixos omittimos , e passamos a dizer alguma cousa sobre a quarta condiçãõ , que deveter a pessoa tragica. He esta a de passar o tal sujeito principal da felicidade para a miseria : *Ex felicitate in miseriam*. Consiste esta felicidade nos bens corporaes , na fortuna , e nos predicados do animo ; como v. g. a saude , as riquezas , os dominios , os filhos , os parentes , a liberdade , a vida , e o mesmo uso da razãõ ; e he grande desgraça , e tormento padecer estas cousas , principalmente se não se merecem. Não ha de succeder o catastrophe da felicidade por acaso , mas de causas , que entre si tenhaõ connexãõ , e se deduzãõ do erro , ou culpa tragica , como fonte , donde devem proceder. Por isso , como ensina Aristoteles , a estatua de Micio , que cahindo matou ao que tinha tirado a vida ao mesmo

Mi-

Micio, não póde ser argumento da Tragedia; porque foy intempestiva esta morte, não havendo agente, que de proposito concorresse para ella. Regeitados pois semelhantes assumptos, deve-se attender muito na mudança da fortuna para as causas, que atormentaõ a pessoa infeliz, e para os sujeitos, que motivaõ a mesma desgraça; porque assim se segue mayor, ou menor horror, e compaixaõ. Tres castas de pessoas pódem atormentar, e perseguir ao sujeito tragico; ou amigos, ou inimigos, ou nem huma, e outra. Se forem os inimigos os causadores da infelicidade, pouco aptos saõ estes para moverem o auditorio á compaixaõ; porque matar hum inimigo a outro tal, he cousa, que não faz especie. Já nos que não saõ nem amigos, nem inimigos, daõ mais algum lugar os affectos para haver perturbação; porém onde estes tem toda a sua força, e vigor, he quando os amigos, ou parentes saõ a causa da infelicidade da pessoa tragica; v. g. quando o pay mata a hum filho, e hum irmaõ a outro. Desta classe saõ algumas Tragedias de Sophocles, como a *Electra*, o *Edipo tyranno*, a *Antigone &c.* e as de Euripides, como a *Medea*, o *Hipolito*, o *Alcestides*, a *Efigenia*, as *Bacchantes*, o *Hercules furioso &c.* Entaõ he que concorrem todos os affectos a formar a Tragedia mais admiravel, segundo nos ensina Aristoteles, dizendo: *Quotiescumque autem in necessitudinibus extiterint hæc mala; seu vel frater fratrem, vel filius patrem, vel mater filium, vel filius matrem interfecerit, aut interfecturus fuerit, aut hujuscemodi aliquid aliud facit, hæc querendum est.*

Já que estamos neste assumpto, parece-nos, que será util responder a huma pergunta, que se poderá fazer; e he, se a Tragedia póde algumas vezes admitir

fim alegre, e feliz? Nesta materia variaõ bem os Au-
 thores da Poetica. Huns nimiamente escrupulosos, co-
 mo o Padre Delrio de *Tragedia* cap. 2. não se affastaõ
 da doutrina do Filosofo, e assentaõ, que a terminaçaõ
 da Tragedia sempre ha de ser triste, e a da Comedia
 alegre. A mesma opiniaõ segue o Apatista em muitos
 lugares dos seus Proginnaſmas, principalmente *Pro-
 gynnasm.* 14. tom. 3. dizendo com Aristoteles: *Neceſ-
 ſe eſt bene compositam fabulam non mutari in felici-
 tatem ex infelicitate; ſed contra ex felicitate in infeli-
 citatem*: no Progin. 118. do mesmo tomo affirmando
 com os versos de Horaciõ, que o contrario he como se
*Turpiter atrum deſinat in piſcem mulier formoſa ſu-
 perne*; ou como se hum chorasse ao principio muitas
 lagrimas sobre o cadaver de hum seu amigo, e no fim
 começaſſe loucamente a rir, e a alegrarse. Porém ha
 outros Authores, que não ſaõ taõ ſevéros, como Pon-
 tano Poet. l. 2. cap. 19. e Voffio liv. 2. pag. 69. em que
 diz, que póde a Tragedia acabar alegre, e affastarse
 deſte modo da Arte, para se captar a benevolencia do
 povo, que mais quer retirarſe alegre, do que triste.
 O mesmo segue Eſcaligero liv. 3. cap. 97. apontando
 muitas Tragedias antigas com terminaçaõ feliz. E na
 verdade, que lemos muitas deſtas como a *Electra* tanto
 de Sophocles, como de Euripides; a *Philoctetes in
 Lemno* de Sophocles; a *Eſigenia in Aulide*, e tam-
 bem *in Tauris* de Euripides; e a *Eumenides* de Eſ-
 chylo, além de outras mais, que omitimos. A noſſa
 opiniaõ pois he, que póde a Tragedia acabar com fim
 alegre; porém não nos esqueceremos de dizer com
 Piccolomini na ſua Poetica partic. 71. pag. 201. que
 mais tragica ſerá aquella Tragedia, que der fim com
 terminaçaõ triste, que alegre; porque entaõ ſe con-
 fórma

fórma mais com a sua definição, que nos recommenda o excitar-se a compaixão, e temor; e he certo, que mais devemos dizer, que se excitaõ estes affectos quando o fim he miseravel, e triste, do que quando he agradável, e alegre. Aclararemos mais esta doutrina com a authoridade de Buonamico nas suas Lições Poeticas da Tragedia pag. 129. Se na Tragedia considerarmos o deleite, he certo, que este he diverso na mudança, em terminação feliz, ou desgraçada. Quanto a mim parece-me mais perfeita a primeira terminação, porque segue mais a natureza, e o bom costume, que he alegrar-nos mais com o bem, que entristecermos-nos com o mal. Porém se considerarmos o fim proprio da Tragedia, que consiste em purificar o animo pelo meyo da compaixão, movendo mais a infelicidade existente, que aquella, que está proxima a succeder, fica entãõ sendo Tragedia mais perfeita aquella, que se encaminha a hum fim desgraçado, que outra, que quer acabar em terminação feliz. Este primeiro fim induz mais immediatamente o deleite conveniente á natureza, e o segundo com mayor movimento o reduz ao estado natural; de tal modo, que comparando o effeito de hum, e outro fim, parece-me, que tem mais perfeição o effeito do primeiro, se bem com menor trabalho, e o segundo mayor movimento; porém com menor effeito. Se v. g. hum remedio leve fosse conducente para se adquirir huma saude perfeita, e outro mais grave fizesse quasi o mesmo, ficaria a saude com o primeiro remedio sendo perfeita, e com pouco trabalho da medicina; o que talvez não succederia com os remedios graves. A' vista do que dizemos se segue, que a primeira terminação da Tragedia he mais perfeita, e a da segunda mais efficaz: de modo, que con-

siderando

siderando a Tragedia em quanto á virtude , e efficacia, deve-se antepor a de fim desgraçado, e em quanto a causar hum gosto mais perfeito , a de terminaçaõ feliz. Resta-nos ultimamente dizer alguma cousa sobre a ultima condiçaõ da principal pessoa tragica, que he ser huma só. Esta unidade porém servirá de assumpto a hum Capitulo separado, que poremos, quando o lugar o pedir; e basta de discurso sobre a materia da Tragedia, para passar a discorrer de sua fórma, e machina, que a compoem. Princípios pelas partes da qualidade.

C A P I T U L O IV.

Da fabula, e suas propriedades.

P Rincipiaremos este Capitulo tratando da fabula, como voz, que se applica a diversas significaçoens, v. g. quando se entende por hum successo fingido, como as transformaçoens de Ovidio, e tudo o mais, que dos seus Deoses, e Heroes escreveu a liberdade dos antigos Poetas. Cornificio no liv. I. tratando da fabula, diz: *Fabula est, quæ neque veras, neque verosimiles continet res; ut hæ, quæ tragædiis traditæ sunt.* Do mesmo modo Cicero no liv. I. de Invent. escreve: *Fabula est, in quâ nec veræ, nec verosimiles res continentur; ejusmodi est angues ingentes alites juncti jugo.* Porém a definiçaõ de Aristoteles he, que a fabula nenhuma outra cousa he, senaõ *rerum compositio*; porque o Poeta, ou seja como heroico, ou tragico, ou comico, antes que entre a escrever, concebe, e finge aquellas cousas, que depois ha de expor em verso; e a esta imagem, ou imitaçaõ da verdadeira acçaõ, com

com que se compoem as cousas inventadas, he que se dá o nome de fabula. Nesta imitação differe muito o Poeta do Historiador, como tantas vezes temos insinuado; porque este tudo quanto escreve he fundado sobre o que outros disserão, ou obraraõ; o Poeta porém (salvo do que he optimo, para não haver implicaçoens nas doutrinas desta Arte) ou finge tudo, ou se val de algumas cousas succedidas, ou altera outras como melhor lhe parece. Deste modo sendo toda a machina de qualq̃uer Poema argumento do engenho, e lição do Poeta, em nenhuma cousa mostra tanto estas qualidades, e a sua sciencia, como na fabula, por ser a cousa mais propria do engenho, e o partõ mais nobre da invenção. Quatro circumstancias aponta o Filosofo na sua Poetica, que deve ter a fabula para ser perfeita. A primeira he *Principium, ac velut anima Tragedie*; porque a fabula he a primeira cousa, e a que serve de base, em que as outras se sustentão. He verdadeiramente a alma; pois assim como esta he a fórma do homem, assim a fabula he a fórma do Poema, definindo, e aperfeiçoando a sua natureza; porque havida, que seja a fabula, logo se conhece se o Poema he Tragedia, se Comedia, ou Epopeia. A segunda circumstancia he *Imitatio actionis*; porque na fabula narraõ-se as cousas, não como foraõ, mas como verosimilmente podiaõ succeder. A terceira he *Finis Tragedie*; porque assim como a acção he o fim nas cousas humanas; pois os homes para obrarem bem, se encaminhaõ a alguma acção; assim a fabula, como imagem, e imitação de alguma acção humana, he o fim, a que se encaminha o resto da Tragedia. A ultima circumstancia, que aponta Aristoteles, he *Sine actione, & fabula Tragedia esse non potest, sine moribus potest*;

test: e a razão he clara; porque não póde haver Tragedia sem haver alguma acção, que fabulosamente se exponha nella; o que se considera como menos importante he, se esta acção ha de ser morata, ou abundante de sentenças &c. e ainda que nestas partes não seja completa, com tudo sempre se deve louvar: *Habens fabulam, & coagmentationem rerum*, como ensina o mesmo Filosofo. Basta de discurso nesta materia, que trataraõ largamente infinitos Authores, discorrendo (quasi inutilmente para o assumpto) da fabula em geral, que comprehende todas as cousas, que podem servir na Poesia de alguma instrucção, ou sejaõ moraes, ou fysicas, ou theologicas. Resta agora discorrermos sobre as propriedades da fabula, em que saõ poucos os Escritores da Poetica, que deraõ as luzes precisas, e só nos parece, que o Padre Donato, a quem seguimos, foy o que se explicou com mais clareza, e extensaõ, que não seja fastidiosa: porém como isto nos ha de occupar algumas paginas, para fugirmos á prolixidade, hiremos explicando-nos em Capitulos separados; e neste só diremos, que saõ oito as propriedades da fabula, como nos ensina Aristoteles, e expoem os seus interpretes, e vem a ser *Implexio, Verisimilitudo, Integritas, Magnitudo, Unitas, Episoádium, Admirabilitas, Perpeffio*.

CAPITULO V.

Do enredo da fabula.

CHama-se enredo da fabula ao que se oppoem á simplicidade ; isto hé áquella fabula simples , que principia , e acaba do mesmo theor , sem haver mudança alguma ; como v. g. Mezencio , que peleijando com Eneas foy trespassado com huma lança. Tambem se chama simples á que se oppoem á fabula duplicada , que contém duas pessoas com diversas fortunas , o que he pouco approvedo. A fabula chamada *Implexa* , de que tratamos , he a que se explica enredando-se com varias mudanças ou prosperas , ou adversas. Tem esta tres partes , a que os Latinos chamaraõ *Peripetia* , *Agnitio* , *Passio*. Segundo Aristoteles , *Peripetia* he a mudança , que faz a cousa , de que se trata , para contrario , ou seja adverso , ou feliz ; como v. g. na Odyssæa de Homero a mudança de Penelope em felicidade , e em desgraça a daquelles Principes atrevidos , e injustos , que destruíãõ os bens de Ulysses , entendendo , que elle não havia de voltar. Sempre saõ excellentes estas mudanças ; mas , como testifica o Filosofo , quando saõ mais agradaveis , e fazem mayor effeito , he quando a mudança he grande , e repentina , nascendo de cousas antecedentes. *Agnitio* he o conhecimento de huma , ou muitas pessoas , que antes por largo tempo eraõ desconhecidas , e deste conhecimento se originou amizade , ou inimizade entre aquelles , que saõ felices , ou infelices. Duas castas ha desta agnição : huma he simples , como se vê na Odyssæa , em que Ulysses he conhecido da sua Ama , que o criara , a qual elle não conhece.

A outra he composta, como a Tragedia de Euripides *Iphigenia in Tauris*, em que Orestes, e Efigenia mutuamente se conhecem. Assim como a ignorancia humas vezes he de pessoa, outras de alguma cousa, o mesmo succede com a agnição, ou conhecimento. Já acima apontámos exemplos da agnição de alguma pessoa; os de cousas são v. g. como Edipo, que soube ter sido matador de seu pay, o que antes ignorava; Theseo, que veyo a saber, que seu filho não fizera o que elle imaginava &c. Cinco generos ha, que apontaõ os Authores, de que nasce a agnição. O primeiro, e o mais trivial são sinaes, ou sejaõ no corpo, ou na lança, ou em outras muitas partes; v. g. Egeo veyo a conhecer a seu filho Theseo por hum punhal, que lhe conheceo, e Ulysses foy conhecido pela sua Ama Euryclea por hũa cicatriz, que lhe vio. O segundo modo he aquelle, que não se deduz do contexto das cousas, nem da fonte da fabula, mas de alguns indicios, e argumentos excogitados pelo arbitrio do Poeta: como Orestes, que conhecendo a sua irmã Efigenia, lhe pediu, que para a tornar a conhecer outra vez pozesse nõ seu vestido hum certo final. O terceiro modo he quando ha lembrança em alguem do seu antigo estado, por ouvir, e ver alguma cousa; e por este motivo entra repentinamente ou a chorar, ou a alegrar-se, manifestando-se deste modo aos circunstantes. Assim foy Ulysses conhecido por El Rey Alcinoõ, não podendo reprimir as lagrimas, por ouvir a hum musico, que ao som da cithara cantava as acçoens d'elle Ulysses, e dos Gregos seus companheiros. O quarto modo se faz por syllogismo, v. g. quando por alguns sinaes, que entre si correspondem, vimos no conhecimento de alguma cousa, como praticou Orestes para livrar a seu amigo Pylades. O ultimo modo he tambem
por

por meyo de fyllogifmo , porém falso , e só na apparencia verdadeiro , a que se chama paralogifmo ; e servirá de exemplo o caso succedido a Penelope , que não crendo a falsa noticia , que hum mensageiro lhe deu da morte de Ulysses , este para a capacitar , lhe mostra hum arco , dizendo-lhe , que bem havia conhecer ter sido de seu marido , e ella capacitando-se , veyo a chorar a morte com muitas lagrimas . A terceira parte da fabula implexa he o que os antigos chamaraõ *Pathos* , que val o mesmo , que *Perturbação* . He esta parte taõ propria da Tragedia , como alheya da Comedia , e della usa tambem a Epopeia para diversos usos , e fins . Nenhuma outra cousa he esta circumstancia da fabula , se não aquella acção horrorosa , que nos causa dor , e sentimento , vendo claramente succederem no theatro mortes , tormentos , feridas &c . Diz Horacio na sua Poetica :

*Si vis me flere , dolendum est
Primum ipsi tibi , tunc tua me infortunia ledent.*

Ha huma grande questaõ entre os Criticos , se se devem representar na scena estas mortes , ou se se devem narrar como já succedidas . Aristoteles segue a primeira opiniaõ , dizendo : *In aperto fiunt mortes , & ejaculatus , & vulnerationes , & quæcumque hujuscemodi ;* se bem que Rubertello , e Castelvetro se empenhaõ inutilmente a interpretar este texto taõ claro do Filosofo . Riccoboni , Jason de Noris na Exposiçaõ a Horacio , Ricci no liv. I. e outros muitos saõ de diverso parecer , inclinando-se ao uso dos Romanos nas suas Tragedias . Nós o que seguimos , he a sentença de Aristoteles , que propoem na Tragedia , como cousa necessaria para initar , o que he horroroso . Quanto a cousa he mais notavel , mais digna de memoria se faz : e quanto a cousa he
mais

mais tragica, e mais atrozmente representada, tanto he mais notavel, e se consegue o fim de causar horror, e instrucção. Algumas cousas ha, que não se podem representar ao vivo, ou por deshonestas, como os actos carnaes, ou por nauseantes, como o parir, ou por impossiveis, como as transformaçoes dos homens em animaes. Esta nossa opiniaõ preferimos a qualquer outra, assentando, que com mais vehemencia se excita o horror, quando ocularmente se vê no theatro a acção tragica. Com tudo não podemos deixar de dizer, que tambem ha outros modos (se bem que menos fortes) para mover a perturbação no auditorio. O primeiro he quando se representa em publico a cousa horrorosa como já effeituada: o segundo quando esta se narra; e o terceiro quando se ouve no fim da scena, que se effeituou. De tudo nos deixou exemplos a antiguidade. No *Edipo tyranno* lemos, que Iocasta fora enforcada, e que a Edipo lhe tiraraõ os olhos fóra; castigos, que não se representaraõ no theatro, mas só se deu delles noticia por meyo de narraçáo. Na *Electra* depois da scena he que se sabe, que Clitnestra está mortalmente ferida; e na mesma Tragedia se não vê a morte de Egisto, mas se suppoem morto pelas antecedencias. Outros muitos exemplos poderamos dar; mas por não confundirmos ao leitor, os deixamos, e o remettemos ao 3. tomo *dos Proginasmi Poetici*: Progin. 118.

CAPITULO VI.

Do verosimil, segunda propriedade da fabula.

BAstantemente temos já discorrido do verosimil; porém como este he huma das propriedades principaes da fabula, continuaremos tambem aqui a dar mais alguma instrucção, e a fazer algumas observaçoens nesta materia. O verosimil da fabula consiste, em que seja crível a contextura della. Não ha de repugnar á natureza, á fortuna, á idade, ao costume, e á fama, ou historia. Não se póde inverter a ordem das cousas, fingindo o que repugna á natureza, como diz Horacio na Poetica:

*Qui variare cupit rem prodigialiter unam,
Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.*

Do mesmo modo se deve attender muito ao que convem á condicção, e idade, e assim representar nella o que he verosimil. Não poderemos fingir a hum moço mais prudente do que hum velho, e a hum Príncipe mais avarento do que hum vassallo particular; porque ainda que ambas estas cousas se possaõ dar, com tudo o Poeta só deve pintar o que geralmente convem ao estado das cousas; nem se lhe deve perdoar, como afirma Horacio:

Si dicentis erunt fortunis absona dicta.

Em quanto ao costume, deve haver a mesma reflexão, fazendo-se, com que a pessoa sustente sempre até o fim aquelle mesmo character, ou de virtuoso, ou de máo; o que tambem Horacio nos deixou encommendado, dizendo:

Qualis ab incepto processerit, & sibi constet.

E ain-

E ainda que são mudaveis as vontades dos homens, e costumão muitas vezes passar dos vícios para as virtudes, com tudo em huma acção tragica, ou comica, que dura muy pouco espaço de tempo, não he verosimil, que tão promptamente se mudem os habitos voluntarios. Nem ainda na Epopeia os costuma mudar o Poeta; porque os sujeitos quasi todos são alli conhecidos pela historia, ou por fama, como na Tragedia. Ultimamente não devemos com probabilidade alterar a fama das cousas, e as historias succedidas: v. g. dizer, que Cesar matara a Bruto, e Heitor a Achilles, o que poderemos fazer he, accrescentar, ou diminuir alguma cousa á historia, sendo conveniente, e verosimil. Por ultima conclusão, a regra do verosimil pede, que as fabulas poeticas não se opponhaõ á opiniaõ, que com fundamento se concebeo das cousas. A fama, a historia, e muitas vezes os nossos olhos nos fazem ver a verdadeira situaçaõ dos montes, dos rios, dos Reinos, dos mares &c. Assim sabemos v. g. que Constantino floresceu mais de 350. annos depois de Julio Cesar, e que a Julio Cesar sobreviveo sua mulher Calpurnia. Ora quem fingisse o contrario destas taes cousas, que nós já sabemos, ou facilmente podemos saber, he certo, que não nolas poderia fazer verosimeis, e possiveis; porque sabemos, que a natureza determinou de outro modo a sua potencia. Não he possivel, direy eu, e dirão quasi todos, v. g. que o Tejo passe por Pariz, e que Constantino reinasse antes de Augusto; porque da historia me consta o contrario. Reflectindo nestas razoes devem os Poetas de bom juizo fugir de certos anacronismos, que facilmente se podem conhecer por inverosimeis, e atrevidos; de que temos não poucos exemplos nos melhores Epicos, e Tragicos antigos, e modernos.

dermos. Se ouvirmos porém representadas as acçoens de Clorinda, e Torrismondo, de Niso, de Eurialo, e de outras semelhantes pessoas totalmente fingidas, devernos-haõ parecer possiveis, e verosimeis; porque naõ temos cousa, que se opponha a esta nova opiniaõ, e que nos convença do contrario. As historias naõ dizem v. g. que Argante, e Clorinda naõ fossem a Jerusalem, e lá pelejassem contra os Christãos, como disse Tasso; naõ dizem, que Niso, e Eurialo naõ obrassem aquella generosa acção no tempo de Eneas, como escreveu Virgilio; nem contradizem com expressas palavras o modo, com que o Poeta representa succedida a morte de Mitridates, a desgraça de Belifario, ou a fortuna de Vasco da Gama. Este silencio basta para fundamento da ficção, a qual naõ tem obstaculo para parecer possível, e verosimil. Daqui vimos tambem a saber a razão (como escreve Muratori no liv. I. pag. 85) porque o Poeta usa na Comedia de argumentos, e nomes de pessoas inteiramente fingidos. Nem a historia, nem a fama costuma fazer menção dos homens particulares, e de baixa esfera, como cousas de pouco momento; e por esta razão a fabula da Comedia, que sempre se fórma de pessoas ordinarias, e de argumentos populares, póde, ainda que em tudo, e por tudo seja fingida, parecer verosimil, e possível em succeder, porque nem a fama, nem a historia se oppoem á sua verosimilidade, e possibilidade. Como a nossa opiniaõ (segundo já dissemos) naõ prohibe, que a Tragedia se possa formar de argumento, e de nomes totalmente imaginados; assim tambem somos de parecer, que possa a Comedia alguma vez formar-se sobre objecto, e acção fabrida, e verdadeira, e com effeito algumas Comedias temos lido formadas sobre algumas Novellas

de Bocaccio, que não contém successos fabulosos; o que se não deve criticar com bom fundamento, segundo prova hum discurso de Gravina, feito sobre esta materia. Porém como he empreza mais louvavel formar estes Dramas sobre idéa propria, sem plantar em terreno alheyo, por isso sempre será melhor conselho inventar todo o argumento das Comedias, já que o verosimil, que nellas se requer, não se expoem a algum perigo, como succede nas Tragedias. Ora, como dizemos, tanto a Tragedia, como a Comedia, e a Epopeia não pertendem mais, senão que quanto nellas se finge, se crea possivel em succeder, ou em ter succedido. Tem nisto tanto cuidado, que quando alguma cousa real, e verdadeiramente acontecida póde representada, ou narrada parecer inverosimil, e impossivel em succeder, estudaõ muito os Poetas em a temperar, e fazer verosimil, quanto póde ser, o seu maravilhoso. Dizem, e formaõ os Poetas innumeraveis mentiras, e fabulas; mas nem por isso querem enganar o entendimento de quem lê, ou ouve, fazendo-lhe crer o falso, como verdadeiro. He falso, que nunca succedeo o que elles fingem; mas tambem he verdade, que a tal cousa podia, ou devia assim succeder. Isto he o que elles pertendem persuadir, buscando por meyo de huma mentira o modo para fazer apprehender huma verdade, a qual apprehendida que seja, não só nos causa deleite, mas tambem utilidade.

Com a sua costumada, e sublime agudeza observou Santo Agostinho no liv. 2. cap. 9. dos Soliloquios, que os Poemas, ainda que pareçaõ cheyos de mentiras, com tudo não nos pertendem enganar; e que os Poetas sim poderãõ ter o nome de mentirosos, mas não o de enganadores. Diz assim o Santo Doutor: *Mentientes,*

tientes, aut mendaces hoc differunt à fallacibus, quod omnis fallax appetit fallere; non autem omnis vult fallere qui mentitur. Nam & Mimi, & Comædiæ, & multa poemata mendaciorum plena sunt, dilectandi potius, quàm fallendi voluntate: & omnes ferè, qui jocantur, mentiuntur. Sed fallax, vel fallens is re-
 ãte dicitur, cujus negotium est, ut quisque fallatur. E logo definindo a fabula, diz ser huma mentira composta para utilidade, ou deleite de alguem: *Est fabula compositum ad utilitatem, dilectionemque mendacium.* Nem esta utilidade, e deleite provém de outra causa, que do apprehender alguma verdãde maravilhosa, ou já succedida, ou possivel em succeder. Finalmente remataremos este Capitulo com hum axioma de Vossio do liv. 2. das suas Instituiçoens Poeticas p. 57. que diz: *Tragicum vel maximè attendere oportet, quod verorissimile sit; quia in Dramate res non solum narratur, ut in Epopeia, sed etiam agitur; si tamen aliquid adferendum rationi minus consentaneum; id extra fabulam, hoc est, in Episodio, esto.* Confirma-se esta doutrina com hum texto de Aristoteles Poet. cap.4. em que diz: *Ne constet oratio ex iis, quæ ratione carent. Sed omnino non ponendum, quod ratione caret: vel si caveri id non possit, extra fabulam ponendum.*

C A P I T U L O VII.

Da integridade, terceira condiçaõ da fabula.

A Ssim como ao corpo humano para ser inteiro, não ha de faltar algum membro, do mesmo modo não deve faltar á fabula para ser perfeita, a sua integridade;

gridade; isto he , ter principio , meyo , e fim. O *Principio* , como nos deixou definido o Filosofo no Cap. 5. da sua Poetica , *he aquillo , que necessariamente precede a tudo o mais , e que deixa as dependencias , que depois de si se seguem. Principium illud esse dicimus , quod non necessario post aliud est : cetera autem illo posteriora vel sunt , vel fiunt.* Como do principio depende tudo o mais , não se pôdem estabelecer , e deduzir as cousas , sem primeiro o constituir ; e bem sabido he , que sem se saber o antecedente , se não pôde vir no conhecimento do subsequente : O *fim he aquillo , que necessaria , ou regularmente se segue depois de outra cousa , que lhe precede , e que depois de si não deixa cousa alguma , que se lhe siga. Finis post se nihil habet* , diz o Padre Donato na sua Poetica : porque finda , que seja a acção , ou Tragica , ou Epica , e exposto o que se propoz ao principio , se acaba o Poema. O *Meyo* , como todos sabem , *he o que fica entre o principio , e o fim* ; isto he , *aquillo , que se segue depois de outra cousa , que precede , e deixa depois de si outra cousa , que se lhe segue.* Devemos aqui advertir por conselho do Padre Donato , e de todos os Authores Poeticos , que como os Poetas , principalmente Epicos , costumão muitas vezes começar a sua obra , não pelo principio da fabula , mas antes pelo meyo , se não deve tomar por principio della o que primeiro se narra , senão a cousa , que he principal em toda a acção , que se propoz por assumpto , ainda que se principie pelo meyo , que he posterior ao principio ; porque o principio não he o que primeiro se propoem ; mas *quod primo est , aut fit* , como ensina Aristoteles. O principio da fabula de Virgilio he a partida , que Eneas fez de Troya , a qual narra o Poeta no liv. 3. e começa

ça o primeiro , narrando a partida , que fez de Sicilia , que succedeo depois de passarem sete annes : pelo que se o principio da fabula fosse o mesmo , que o principio da obra , deveria Virgilio começar a narração do seu Poema pelos versos , com que principiou o liv. 3. dizendo :

*Postquam res Asiae, Priamique evertere gentem
Immeritam visum superis.*

Esta doutrina nasce huma grande questaõ entre os Criticos , que trataraõ da Poetica , e he , se se ha de começar pelo principio , seguindo-se depois delle o meyo , e fim , segundo a ordem *natural* , ou se se ha de principiar pelo meyo , pondo depois deste o principio , segundo a ordem chamada *artificial*. Porém como esta diversidade mais pertence ao Poema Epico, que ao Tragico, e Comico , diremos o que sentimos neste ponto, quando tratarmos da Epopeia , e das suas regras.

C A P I T U L O VIII.

Da grandeza , quarta condiçaõ da fabula.

D Iz Aristoteles , que a formosura consiste na grandeza , e ordem : *Pulchritudo enim in magnitudine , & ordine est.* Todas as cousas devem ter a grandeza , que convem á sua natureza ; e assim deve ser a grandeza da fabula. Naõ tratamos da sua grandeza material , nem da sua material duraçaõ , que pende de mayor , ou menor numero de versos , e de mayor , ou menor espaço de tempo , que gastaõ os representantes ; mas sim daquella justa grandeza , que pertence ao Poeta , a qual consiste no justo numero , e proporcionada

nada extensaõ das acçoens, que saõ como partes da fabula, e constituem o seu todo. Qualquer animal para ser perfeito deve ter a justa grandeza, que se requiere, para logo perfeitamente o vemos de huma vista de olhos, alias, como diz o Filosofo: *Confunditur contemplatio, quæ momento temporis fit.* Assim deve ser a grandeza congruente da fabula, de modo, que a memoria facilmente a comprehenda. Aristoteles determina esta grandeza da acçaõ tragica ao espaço de hum dia: *Intra unam periodum Solis, sive unam intra diem compellitur.* O mesmo tempo dá á fabula Comica, e só diz da Epopeia, que *indefinita est tempore*, como em seu lugar mais largamente expenderemos: e he esta determinação muy confôrme á razaõ; porque assim como a grandeza de hum palacio he diversa da de huma casa particular, assim igualmente a grandeza de hum Poema Epico deve differir muito da de huma Tragedia, ou Comedia. Não se segue com tudo desta doutrina, que seja muy dilatada a duração da Epopeia; porque como esta deve ter unidade, que lhe dá a acçaõ, não pôde durar muito tempo huma acçaõ de algum homem, ainda que se fórme de outras muitas. Huma guerrá v.g. compoem-se de muitas acçoens, e nem por isso costuma ter larga duração. Por isso Homero se fez recommendavel, quando tomou para argumento da sua Iliada huma pequena parte da guerra Troyana, desprezando a nimia prolixidade dos dez annos, que ella durou. Porém a Tragedia além do termo, que lhe prescreveo a natureza do Poema, ainda entre os Gregos tinha outra ley mais estreita; porque punhaõ estes hum relógio de agua, e acabada que fosse, se dava fim á Tragedia, ou Comedia; o que depois os Romanos faziaõ aos Oradores; hoje porém não se excede o tempo de quatro horas, que

que he o que basta , para se observar a regra de Aristoteles , segundo a intelligência , que lhe dá Gonzales de Salas , que diz , ser a propria grandeza da fabula aquella , que for , ou forçosa , ou verosilmente necessaria , para que procedendo a sua acção com huma bem ordenada constituição de suas partes , chegue esta mesma acção a mudar-se de infelicidade em felicidade , ou pelo contrario de desgraça em fortuna. Por isso Virgilio deu fim ao seu Poema com a morte de Turno , pela qual se muda a fortuna de Eneas , ficando sem amante oppositor , que lhe dispute Lavinia para esposa , e o Reino de Italia : e diga o que quizer Donato com a sua ridicula opiniaõ na vida deste Poeta , na qual diz , que se Virgilio vivesse mais tempo , havia formar o seu Poema de vinte e quatro livros , até chegar ao tempo de Augusto. Finalmente por ultimo preceito sobre a grandeza da fabula transcreveremos hum axioma de Vossio Poetic. liv. I. cap. 10. *Ne verò pars aliqua justo brevior , aut longior sit , tum in fabula , tum in episodis , videndum quæ illustria , graviorque sint ; quæ levia , ac minuta ; quæ medii generis. Illustribus inhærendum ; media percurremus , levicula nutu potius , quàm oratione , significabimus.*

C A P I T U L O IX.

Da unidade , quinta condição da fabula.

A Unidade da fabula he aquella , em que a acção principal não fica deteriorada com outros accidentes diversos de sujeito , ou ordidos de partes , que não são integraes. Deve a fabula ter esta unidade , isto he ,

he , deve ser huma só acção de huma só pessoa ; porque a arte deve imitar a natureza , que nas suas formaçoens se encaminha toda á unidade , ou seja simples , como a luz , ou composta , como o corpo humano. Contra este preceito se póde peccar de tres modos : o primeiro, tomando por assumpto huma só acção , em que para ella concorraõ muitas pessoas principaes : o segundo, fabulando sobre muitas acçoens de hum só , e indiviso operante : e o terceiro , escrevendo diversas cousas de diversas pessoas. Naõ discorreremos deste ultimo erro ; porque todos o conhecem , e sabem , que fica sendo monstruoso o tal corpo , como nos ensina o Filosofo Poetic. cap. 7. O mesmo Author tratando do segundo erro , nos faz menção dos Authores da *Thesida* , ou *Herculeida* , dizendo , que erraraõ ; porque tomaraõ por argumento dos seus Poemas as acçoens de Theseo , ou de Hercules. O mesmo fez entre os Gregos Paniases , que em quatorze livros descreveo a vida de Alcides , que depois tambem foy assumpto de Carlo , antigo Poeta Romano. Os que cahiraõ no primeiro erro , saõ entre outros , Valerio Flacco na *Argonauta* , Estacio na *Thebaida* , Cornelio Severo escrevendo as batalhas de Sicilia , Archia a guerra dos Cimbros , e outros muitos , em que o nosso Camoens naõ deixa de ter lugar , como diremos , quando o pedir melhor occasiaõ. Quiz Castelvetro na sua Exposiçaõ á Poetica de Aristoteles defender aquelles , que cantaraõ de hum sujeito diversas acçoens , e diz , que estes foraõ os que melhor se conformaraõ com a Poesia , que he huma semelhança da historia , da qual segue todos os vestigios ; e que por esta razãõ póde usar de todos os privilegios permittidos á historia , que saõ de narrar em huma obra todas as acçoens de huma pessoa. E logo abaixo affirma ,
que

que se a Tragedia, e Comedia usa de huma só acção, provém isto do pouco tempo de duraçãõ, que lhes he concedida, como fabulas Dramaticas. Do mesmo modo affirma, que a multiplicidade, e variedade das acçoens causaõ mais deleite, e grandeza; e que a singularidade de huma só mostra admiravelmente o engenho, e arte do Poeta: *Operando egli* (saõ palavras suas) *quello con una azione, d' una persona, che altri apena possono operare con molte azioni, e di molte persone.* A variedade causa deleite, esta compoem-se de multiplicidade de cousas: logo o Poeta formando a fabula de muitas, e varias acçoens, encherá os animos de muito mayor deleite. Este he o argumento de Castelvetro, o qual he falso, como mostraremos, argumentando assim: A variedade, que participa de cousas, que correspondem entre si, fica sendo mais bella, e delectavel, que aquillo, que em si mesmo he unico, e só. O homem v. g. pela variedade dos seus muitos membros he hum individuo mais admiravel, do que se fosse huma massa de carne animada, e quasi indistincta. Porém os seus membros naõ o fazem consideravel simplesmente, por serem muitos, e varios, mas porque além de serem varios, e muitos, saõ confórmes ao homem: que se elles fossem ferinos, ou monstruosos (ainda que fossem varios, e muitos) fariaõ ao homem disforme, e ridiculo. O mesmo succede á fabula: ficará esta mais perfeita, e causará mais maravilha, e deleite, se o Poeta a unir de varios episodios todos dependentes da acção primaria, encaminhados a hum só alvo da mesma acção, e unidos com ella de modo, que se forem transpostos, e alterados pervertaõ a devida disposiçãõ da fabula. Na Eneada certamente se podem desmembrar muitos dos seus episodios, como v. g. o

Ee

amor

amor de Dido , a descida ao inferno , as festas funeraes , e outras semelhantes incidencias ; mas porque todas estas cousas seguem , ajudaõ , e aperfeiçoãõ o objecto primario , por isso saõ necessarias : do mesmo modo , que hum homem viveria , mas seria imperfeito , se lhe faltasse algum membro integrante. Parece que temos impugnado a opiniaõ de Castelvetro em quanto a dizer , que a multiplicidade , e variedade das acçoens causaõ mais deleite , e grandeza ; que a singularidade de huma só acçaõ ; resta agora dizermos brevemente tambem alguma cousa sobre a clausula de afirmar , que a Poesia he semelhante á historia , para provar a multiplicidade das acçoens. Ouçamos a Aristoteles o que diz na partic. 51. *Decet igitur , quemadmodum una unius imitatio est in aliis imitatricibus artibus , ita & fabulam , videlicet , quæ actionis , imitatio sit , unius &c.* Aclaremos a doutrina de Aristoteles com este argumento : As artes , que saõ imitadoras , seguem no obrar o costume da natureza : o costume da natureza he de obrar a algum fim : logo as artes , que imitaõ devem obrar a algum fim. A Poetica he arte , que imita : logo a Poetica deve obrar a algum fim. Obrar a Poetica a hum fim ; quer dizer imitar poeticamente huma só acçaõ ; logo a Poetica deve imitar poeticamente huma só acçaõ. Eisaqui como a alma da fabula Poetica he a unidade ; por se conformar com a natureza , e naõ com a historia ; e se com esta tem semelhança , he em outros casos , como em muitas partes dos seus *Proginnasmi Poetici* prova o eruditissimo Apatista. Porém a esta nosa doutrina , que tanto recommenda na fabula a unidade , poderá haver quem se opponha , dizendo , que algumas Tragedias , e Comedias antigas ha , nas quaes naõ ha esta unidade. No *Hercules furioso* v. g. he mor-

to Lyco, e os filhos de Hercules por varias causas, e sem haver hũa unica coufa, que as ate, e entede. Na *Andria* de Terencio Pamphilo pede por mulher a Pasibula, e Charino a Philomena, e he certo, que aqui, como diz o Padre Donato pag. 158. não ha unidade de acção. Porém, segundo o mesmo Author, facilmente se dissolvem estas duvidas, reflectindo quantas variedades ha de unidade. Póde esta nascer de tres principios, como ensina o Filosofo, ou de huma só pessoa, ou de coufas succedidas a hum mesmo tempo, ou de huma unica acção. Se a fabula nascer do primeiro principio, não póde ser huma só; porque não podemos fazer, que seja unica huma coufa, procedendo de outras, que succederão a huma pessoa só em todo o espaço da sua vida, as quaes entre si sempre são muy repugnantes pela variedade de causas, de tempos, de lugares, e de acçoens. Se nascer a fabula do segundo principio, tambem não póde ter perfeita unidade; porque não são poeticas as coufas, que assentaõ na unidade do tempo, e só he proprio do Historiador referir na historia do mesmo tempo as acçoens de diversos Principes, e naçoens. Se v. g. a hum mesmò tempo Solimaõ pelejasse contra os Persas, e Carlos V. em Africa expugnasse a Tunes, que unidade poderiamos tirar destas acçoens? Só o terceiro modo, que he a unidade da acção, póde fazer a perfeita unidade da fabula, como em muitos lugares deixou escrito Aristoteles; e consiste esta na unidade do fim: v. g. a guerra Troyana foy huma só; porque foy huma só Troya, a quem os Gregos sitiaraõ; e como o fim a que todos se encaminhavaõ, era tomar esta Cidade, por isso esta acção tem a sua devida unidade. Fallamos do fim primario, que o secundario seria a cubiça da glória, a occasiaõ da vingança, o interesse das riquezas &c.

CAPITULO X.

Do episodio , sexta condiçãõ da fabula.

NEnhuma outra cousa são os episodios senão as partes necessarias da acção extendidas com circumstancias verosimeis : assim o diz o Padre Le-Bossu no seu tratado de Poem. Epic. liv. 2 cap. 6. Porém como esta definição poderá a alguns parecer escura , usaremos de outra , dizendo , que o episodio he aquillo , que sobrevem á acção fabulosa , mas de tal modo , que tirado elle , fique inteira a fabula ; da mesma sorte , que hum Templo sempre ficará perfeito , ainda que se lhe tire hum altar. A fabula da Odyssæa são as viagens de Ulysses ausente por muitos annos da sua patria , á qual torna , vencidos todos os embarços , e castiga logo a insolencia dos amantes de Penelope sua esposa : porém os casos de Scyla , e Carybdis , os successos de Polifemo , dos Pheacos , de Circe , das Sereas &c. são tudo episodios , e partes necessarias da fabula , as quaes tiradas , ficará esta sempre inteira. O mesmo he o liv. 2. da Eneada , como cousa , que o Poeta descreve succedida antes da partida de Eneas : a mayor parte do liv. 4. a descida ao inferno , as festas funeraes a Anchises , os louvores dos Romanos no 6. e no 8. livro &c. O episodio pois deve considerar-se em dous modos , ou como necessario , ou como inutil. O primeiro modo comprehende as partes integrantes do sujeito , as quaes com esta introdução constituem ao Poema a sua justa grandeza , e causaõ pela variedade das cousas hum notavel , e continuo deleite ao leitor. O segundo modo se entende por aquellas digressões , que viciosamente se introduzem

duzem pelo Poema, sem as quaes póde estar o todo sem imperfeição alguma do seu composto: e são estes taes episodios semelhantes aos filhos naturaes, e bastardos, ou verdadeiramente aos membros, que não convem ao corpo. Sobre os episodios do primeiro modo devemos fazer huma observação, e he, que podem ser viciosos, se não por natureza, ao menos pela materia, e modo; isto he, ou por demasiada extensão, ou por pouca importancia. Da primeira especie (segundo o Apatista tom. 4. *Proginn.* 15.) parece em Virgilio o amor da Rainha Dido, o qual por si mesmo, e por accidente leva parte do 1. liv. da Eneada, e todo o segundo, terceiro, e quarto. Da segunda especie parece tambem ser no mesmo Poema a caça dos veados, a preparação das viandas, e outros ministerios da cozinha, de que trata com individuação o liv. 1. Escaligero Poetic. liv. 3. cap. 97. não he tão escrupuloso, approvando em Catullo a descripção do vestido de Ariadna; em Virgilio o nascimento de Camilla, e a escultura do escudo; em Horacio a fabula de Europa, e Hypermestra &c. Porém Aristoteles no liv. 5. da Politica nos dá huma semelhança muy propria para este discurso. Diz elle: *Sicut corpus ex partibus suis constat, & oportet eas simul pro modo quamque suo crescere, ut commensurationis maneat harmonia; ac nisi hoc fiat, corrumpitur; seu quando pes quatuor cubitorum sit, cæterum verò corpus duorum palmorum longitudinem habeat; interdum etiam in alterius animalis figuram transire queat, si non solum quantitate, verum etiam qualitate immoderatum fieret incrementum.* Appliquemos ao Poema esta semelhança do corpo. A proporção he a formosura, e perfeição do corpo; e em tanto a terá, em quanto todos os membros correspondem em quan-

quantidade, e qualidade á natureza do corpo. O mesmo que convem ao corpo com os seus membros, convem á Poesia, e ainda á Prosa com os seus episodios, e digressões, ficando estes viciosos, quando, ou em quanto á quantidade são muy extensos, ou em quanto á qualidade são desproporcionados. Pelo que respeita á quantidade, já apontámos exemplos neste Capitulo, e pelo que toca á qualidade, não nos esqueceremos das Novellas do Orlando Furioso, as quaes, além de não terem cousa alguma com o argumento, são pela sua má qualidade muito improprias de hum Poema, principalmente heroico, manchando-as de muitas impudicicias; e assim bem se pode dizer deste Poeta nesta parte o que já disse Horacio: *Non erat hic locus*. Ouçamos o que doutamente sobre estas palavras escreve Joáo Bautista Pigna allegado por Udeno Nisieli: *Oportet itaque digressiones, esse ex re, & ad rem. Erunt autem coherentia quoties aut necessaria, aut verisimilia.* * *Erit vitiosa digressio, si in materia gravi, & magnifica Poesi in rerum humilium descriptione moratus fuerim: ut si milites ad Rhenum deducam, & in ipsius fluvii explicatione me nimis occupem.* Não observou Homero muito esta doutrina tão conforme á razão; porque no liv. 24. da Odyssêa gasta duzentos versos em narrar os progressos das almas dos Procos no inferno. Tem o Apatista a este excellô por grande, e grave; porque primeiramente se desvia muito do seu assumpto; e em segundo lugar aquella tal particularidade não tem connexão, nem diz relação alguma com a acção primaria; pois aquelles Principes depois de morrerem, não intervem em cousa alguma nas empresas de Ulysses; e por esta causa cessão de ter lugar em hum Poema, de que Ulysses he a unica idéa, e forma.

Devia

Devia o Poeta usar deste episodio no liv. I I. quando Ulysses vê, e reconhecê os espiritos condemnados de tantas pessoas; porque entãõ não padeceria algum embaraço o curso do Poema, sendo Ulysses a cabeça de todas as acçoens. Na Iliada gasta igualmente Homero duzentos versos acerca de Juno, e Jupiter; cuja acção nada tem de memoravel, nem merece livros inteiros, não comprehendendo mais que enganoso, somno, e sensualidades. Advirta o leitor, que nós não negamos, que esta tal incidencia não esteja enredada com a fabula, nascendo daqui accidentes notaveis entre Gregos, e Troyanos; mas a determinamos viciosamente episodica; porque se gastaõ tantos, e tantos versos em huma cousa cheya de vaidade, inutil em quanto aos affectos, e damnosa em quanto ao exemplo. Para darmos fim a este Capitulo, copiaremos humas doutrinas de Aristoteles sobre os episodios; reservando-nos para dizermos mais alguma cousa delles, quando tratarmos da Epopeia. Recommenda pois o Filosofo, que o episodio, como inventado para exornar, e augmentar a fabula, e para não enfastiar o leitor, ou ouvirte com os successos da acção primaria, seja breve na Tragedia, e Comedia, e na Epopeia mais dilatado, por ser edificio de mayor machina: que as fabulas de nenhum modo sejaõ episodicas; isto he, muy abundantes de episodios: que estes tenhaõ huma clara connexão com as cousas, de que trata a fabula; e que primeiro se deve formar esta, e depois o episodio como cousa accessoria. Destas doutrinas se collie o que na sua Poetica pag. 160. diz o Padre Donato: *Ad locupletandam poesim episodica domestica, & cognata quidem, sed extrinsecus advenientia, & inter se valde conjuncta constituta jam fabule non plus nimio adjungitq; pauciora in dramatis, plura in Epopeia.*

Da

CAPITULO XI.

Da admirabilidade, e perturbação da fabula, setima, e oitava propriedade.

DEfine o Padre Donato a admiração deste modo: *Admiratio est quedam pars timoris ex aliquá re, sensu, animove percepta, quæ nostram facultatem excedat*; e a razão desta definição he, como diz o mesmo Author, porque tememos de fazer juizo sobre o que excede a nossa faculdade. Pòde nascer a *admiração*, ou de cousas inanimadas, como v. g. a imagem de Mytio, que cahio sobre o seu inimigo; ou dos brutos, considerando muitas suas acçoens admiraveis, v. g. o que dos caens, cavallos &c. nos conta Plinio, Eliano, e outros Authores; ou de homens, quando estes se não pòdem de modo algum livrar de perigo, que esteja imminente; e quanto o mal, que se receya, for mais horrivel, tanto mayor será a admiração, v. g. o caso de Edipo. Em conclusão tudo o que for grande, e deduzido do mesmo contexto da fabula, imaginando-se, que não poderá succeder o contrario por causa da estreitissima uniaõ, e apertado enredo das cousas, causará admiração, vendo-se, que inopinadamente succede a tal cousa contraria, que não se podia esperar, como muitas vezes admiramos nas Tragedias, e Comedias por força de lances excellentes, e repentinos; e se nellas não houver estes, e outras cousas, que movão a admiração, perde a fabula huma das suas importantes condiçoens. Outra propriedade não menos precisa he a *perturbação*, ou *paixaõ*, que efficazmente serve para mover no auditorio os affectos de terror, e de commiseração;

ao que Aristoteles chama *Pathos*, como já dissemos em seu lugar, e a elle nos remettemos; pois alli satisfizemos as duvidas, que podiaõ nascer desta ultima condiçãõ da fabula.

C A P I T U L O XII.

Da soluçãõ da fabula.

A Soluçaõ da fabula já todos sabem, que consiste, em que acabada ella, se saiba, que fim teve aquelle enredo de cousas, e aquella mudança de fortuna, que antes estava, ou duvidosa, ou inclinada para alguma parte, ou a risco de acabar. Naõ se póde chamar á soluçaõ catastrophe da Tragedia; porque o catastrophe começa com a declinaçaõ da fortuna, e a soluçaõ serve para se saber, que fim teve a tal infelicidade. O modo mais admiravel da soluçaõ da fabula he o que procede das mesmas cousas, e pessoas, que a enredaraõ, como frequentemente succede nas Comedias; ou de algum successo, que sobrevem, principalmente se houver agniçaõ. As *machinas* na soluçaõ saõ reprovadas, sendo Aristoteles hum dos que naõ approva muito, que se faça á *machina*, *vel aliquo artificio*; isto he, sendo algum dos Deoses o que por seu poder dê fim á acçaõ, e aclare todo o enredo della, ou sobrenaturalmente vença as difficuldades, que havia para dar fim á fabula; e o mesmo reprova Plataõ no seu *Cratylõ*, e Cicero no seu tratado de *Natur. Deor.* Alguns exemplos temos da antiguidade, pelos quacs se mostra ter havido nas Tragedias algumas soluçoens por meyo de machinas, como no *Jon* de Euripides, em que Minerva fallando

he a que dissolve a fabula. Mas quem duvida, que muito mais louvavel he a agnição de *Merope*, nascendo do mesmo contexto da fabula, do que se viesse algum Deos em huma nuvem, que lhe mostrasse seu filho, a quem ella não conhecia. Esta reprovação das machinas não só se entende na soluçãõ, mas tambem ainda no contexto da fabula, fazendo-se apparecer divindades a defatar algum lance, sem haver necessidade alguma; por isso diz Horácio:

*Nec Deus interfit, nisi dignus vindice nodus
Inciderit.*

O que Servio entendeu muito mal, commentando o vers.8. do liv.1 da Eneada, applicando-o á invocação das Musas, como prova Lelio Bilciola: *Hor. subsec. liv.14. cap. 16. tom. 2.* Deve por tanto o Poeta, ou seja Epico, ou Tragico, ou Comico fugir de semelhante defeito; porque senão dar-se-ha a conhecer aos intelligentes por engenho de pouca invenção, restringindo-se voluntariamente entre Scyla, e Carybdis. Digo *voluntariamente*, porque tendo muito espaçoso o campo da fabula, não deve imprudentemente prender por si mesmo o seu engenho, valendo-se de forças divinas, ou magicas para se desembaraçar de alguma difficuldade, a que não sabe dar sahida; como fez Ariosto, enchendo o seu Poema de tantas machinas, que justamente merece a douda critica de Paulo Beni na sua *Comparazione* pag.250. e 269. Bastem por ora estas doutrinas, que mais largamente expendemos tratando da Epopeia; e já he tempo de passarmos a tratar dos costumes, e mais partes da Tragedia chamadas de qualidade, das quaes a fabula, como já temos dito, he a primeira.

CAPITULO XIII.

Dos costumes, e oração chamada morata.

ENtre todas as considerações mais principaes, e necessarias na Poesia, nenhuma he tão precisa como a perfeita imitação das acções, e palavras; e consiste esta perfeição em huma forma tão natural, e artificiosa, que a pessoa não pareça ser imitada, antes sim feita pela natureza, e não fingida pela arte. Antonio Lullo de Orat. liv. 3. cap. 37. diz assim: *Mores habitus sunt animi, tam naturales, quam ex consuetudine contracti. Talis est in juvene audacia; in senemorocitas, & parsimonia; in nobili arrogantia; in avaro tristitia; in amante zelus.* * *Quibus cognitis, & inspectis, ad causam, & personam simul est accommodanda omnis nostra actio.* * *Atque eà de causa Platon scientiam de anima desiderat in Oratore, ut sciat quot species animus habeat.* * *Nam tales animi talibus sermonibus certis persuadentur, alii contra &c.* Aristoteles tratando do costume, diz assim no liv. 3. cap. 604. de Rhet. *Oratio morata comitatur quæ congruit unicuique generi, atque habitui:* e sobre estas palavras do Filosofo diz o seu Interprete Maioragio, que os homens se distinguem por tres cousas: pela idade, pelo sexo, e pela nação: outros accrescentaõ, que tambem pela fortuna, condição, e ordem; porque o fallar do rico ha de ser differente do do pobre, e o soldado do negociante, e do lavrador &c. por isso Horacio na sua Poetica nos deixou dito:

*Intererit multum Davus ne loquatur, Eros ne,
Maturus ne Senex, an adhuc florente juventâ*

*Fervidus , an matrona potens , an sedula nutrix ,
 Mercator ne vagus , cultor ne virentis agelli ,
 Colchus , an Assirius , Thebis nutritus , an Argis .*

Para que os costumes sejaõ bem formados , quatro cousas se requerem , conforme o Filosofo cap. 12. *Que sejaõ bons , que convenhaõ , e que sejaõ semelhantes , e iguaes .* Chamamos *bons* costumes áquelle caracter dos agentes em huma acção honesta , e que procede de virtude , ou tambem áquelle caracter de alguma pessoa , seja bom , ou máo ; porque no seu genero todo o costume poetico pòde ser perfeito. Esta primeira propriedade quadra muito bem nas primeiras pessoas tragicas , que devem ser ao menos mediocrementemente virtuosas , para se fazerem dignas de compaixão na sua miseria. He verdade , que a Tragedia não exclue os máos costumes de alguns , como v. g. a crueldade dos tyrannos , a infelicidade das mulheres , a astucia dos criados &c. A Comedia não attende para que sejaõ virtuosos os costumes dos seus representantes ; antes se emprega em imitar os costumes máos , e ridiculos ; e só a Epopeia he a que cuida muito em caracterisar bem os seus Heroes , e personagens. A' vista disto , se o Poeta formar bons os costumes , v. g. de hum criado , ou de huma mulher , deve-se lembrar , que sim ha em qualquer genero de pessoas hum certo gráo de bondade ; porém , que o menino , e a mulher he mais fraca , que o homem , o Capitão mais generoso , que o soldado , o servo menos brioso , que o livre , e que em hum Rey será vicio o que em algum do povo seria virtude. A segunda condição he *que convenhaõ* ; porque o que he proprio de hum sujeito , em outro he improprio ; como v. g. se formarmos a hum homem de Corte com os costumes de hum rustico do campo. O valor he hum costume muito proprio

prio para se fingir em hum homem ; e este mesmo não convem á mulher ; por isso Virgilio disse por enfase no liv. 7. da Eneada :

Bellatrix , audetque viris concurrere virgo.

Como se o valor não conviesse ás mulheres. A terceira propriedade he a *semelhança* ; porque he necessario , que os costumes sejaõ semelhantes ; isto he , que correspondaõ á opinaõ , e fama das pessoas. Horacio na Poetica.

Scriptor honoratum si forte reponis Achillem ,

Impiger , iracundus , inexorabilis , acer ;

Fura neget sibi nata , nihil non arroget armis.

Sit Medea ferox , invictaque flebilis Ino &c.

Por esta doutrina entenderãõ muitos , que o mesmo faõ os costumes convenientes , e os semelhantes , e que entre huma , e outra cousa não haja differença ; porém enganaraõ-se , porque os costumes convenientes attendem , como universaes , geralmente a huma mulher ; a hum homem , a hum escravo , a hum livre &c. e os semelhantes dizem respeito a hum homem só , v. g. a Pedro , Joaõ &c. de quem fallaõ as historias , divulgando as suas acçoens. A quarta condiçaõ dos costumes , he que sejaõ *iguales* ; isto he , que aquelle , que for iracundo , e atrevido conserve sempre a mesma ira , e audacia ; porque como as operaçoens pela mayor parte provém do habito , este não costuma facilmente arrancar-se do animo , sem haver huma grande mudança de vida ; por isso Horacio diz :

Servetur ad inum

Qualis ab incæpto processerit , & sibi constet.

Tem esta regra huma excepçaõ , v. g. nos meninos , mulheres , e algumas outras pessoas , que tem por caracter a mudança , como antigamente Catilina , Alcibiades ;

e ou-

e outros. Quando assim succeder, conserve o Poeta sempre esta desigualdade, porque nella consiste, e se verifica a regra da igualdade nos costumes; amem, aborreação, enfureção-se, perdoem &c. Bastem estas regras a respeito do costume poetico, e reservamos para melhor occasião algumas observaçoens, que temos feito sobre costumes não observados nos Poemas de maior authoridade.

CAPITULO XIV.

Da sentença, e da dicção.

SÃO muy importantes na Poesia estas partes de qualidade da Tragedia, de que agora tratamos, e como já dellas tratámos tanto no liv. I. desta Obra, pouco nos resta, que advertir, e só por satisfazermos á ordem das cousas, diremos algumas doutrinas geraes. Assim como o caracter, e oração *morata* descobre as virtudes, ou vicios de alguma pessoa, assim a sentença diz respeito á faculdade intelligente, declarando os desejos, e commoçoens do animo, que são os affectos, de que tanto escreverão os Rhetoricos. Aristoteles define-a deste modo: *Sententia in his versatur, quae demonstrant quomodo aliquid est, vel quomodo non est, vel cum universè enunciant.* Deste lugar se colhe, que ha dous generos de sentença; hum, que diz respeito ás cousas geralmente, outro, em que em lugar da cousa se declara o animo de alguém, augmentando, ou diminuindo, mostrando, ou dissolvendo alguma cousa; e igualmente persuadindo, commovendo, ou aquietando; por isso recommenda Aristoteles, que na sentença

ça convem muito *preparare affectus*. Assim como os pensamentos haõ de corresponder aos costumes, assim o mesmo deve ser com o modo de os exprimir. Os pensamentos, e expressoens v. g. de hum General he certo, que devem ser mais sentenciosas, e elegantes, do que as de hum soldado: hum homem ordinario naõ deve fallar do mesmo modo, que o Principe, nem hum rustico como hum Filosofo. Por isso a Tragedia como só admite pessoas illustres, e grandes deve usar de estylo alto, grave, e sentencioso; e esta he a intelligencia dos versos de Horacio, dizendo, que a sublimidade da Tragedia naõ soffria a baixeza dos versos Comicos:

Indignatur item privatis, ac prope socco,

Dignis carminibus narrari cæna Thiestis.

Devemos porém advertir, que esta elevação do estylo tragico naõ deve ser de modo, que degenere no extremo de ficar inchado. Tudo se evita, havendo proporção com a materia: se esta for grande, seja o estylo sublime, se mediana, mediano, e se humilde, facil, e natural. Naõ podemos duvidar, que os textos poeticos nos recommendaõ, que a Tragedia deve sempre ser alta, e elegante; mas a esta doutrina responderemos com o Padrê Donato, Luzan; e outros, que se ella naõ admite baixezas, admite algumas vezes estylo natural, e sincero em alguns sujeitos; do mesmo modo; que a Comedia ás vezes póde ter sua elevação, como diz Horacio:

Interdum tamen & vocem Comedia tollit,

Iratusque chremes tumido delitigat ore,

Et tragicus plerumque dolet sermone pedestri.

Dissemos, que ás vezes admite em algumas pessoas o estylo natural, e sincero; porque a regra geral, e o

axioma incontestavel he, segundo o mesmo Poeta, que a locução se deve conformar com as pessoas :

*Ne quicumque Deus, quicumque adhibebitur heros,
Regali conspectus in auro nuper, & ostro,
Migret in obscuras humili sermone tabernas:
Aut dum vitat humum, nubes, & inania captet,
Esfutire leves indigna Tragedia versus.*

Não o entenderão assim muitos Autores antigos, e especialmente modernos, os quaes porque leraõ em Ovidio os versos:

Venit & ingenti violenta Tragedia passu:

Fronte comæ torvâ palla jacebat humi,

e reparando, que o *ingenti passu* denota o estylo sublime, e o *palla* pessoas de alto character, formaraõ as suas Tragedias de modo, que as personagens grandes, e medianas todas fallaõ da mesma sorte; cahindo deste modo na affectação, que quer dizer muito, não concluindo nada, como exquisitamente diz Quintiliano liv. 2. cap. 3. *Tumidos, & corruptos, & tinnulos, & quocumque alio cacozeliæ genere peccantes, certum habeo non virium, sed infirmitatis vitio laborare; ut corpora non robore, sed valetudine instantur, & recto itinere lapsi plerumque divertunt.* Como tratamos da dicção, devemos dizer, que he doutrina recebida, que a Tragedia se deve fazer em verso, e refervamos para melhor occasião discutir este ponto, que não deixa de ter seus impugnadores. A' cerca da Comedia he que pòde ser mais bem fundada a opiniaõ; porque como esta pede hum estylo proprio, e natural, e o verso assim pela sua harmonia, como pelas frases, e licenças poeticas sempre traz consigo alguma elevação, e elegancia mais que natural, lá parece para isto ser mais propria a prosa, tratando-se na Comedia de ac-

çoens populares, e humildes, ás quaes só convem o estylo mediano, e sincéro. Assim o praticaraõ excellentes Authores Comicos, como Nicoláo Amenta, Joáo Bautista Porta, Octavio Disa, Moliere em algumas Comedias, Lope de Vega, e outros muitos Escritores Italianos, Francezes, e Hespanhoes. Porém como por huma, e outra parte se encontraõ exemplos, naõ nos atrevemos absolutamente a reprovar os versos; mas só diremos, que havendo-se de usar destes, sejaõ ornados de tal clareza, e naturalidade, que pouco defdigaõ da prosa mais propria, e pura. Admittidos os versos na Comedia, e recommendados na Tragedia, nasce outra duvida sobre a rhythmia, de que nelles se deve usar. Alguns ha, como Alexandre Piccolomini, Giralaldi, Annibal Caro, e quasi todos os Dramaticos modernos de Italia, que tem por inverosimeis aos consoantes; outros, como Hespanhoes, e Francezes, naõ fazem tanto escrupulo nesta materia, na qual o nosso parecer he, que se poderãõ usar de consoantes algumas vezes; e que os mais versos sejaõ soltos; porque deste modo naõ fica havendo inverosimilidade, pois estamos ouvindo, que nas mesmas conversaçõens familiares inadvertidamente se formaõ versos com consoantes. Esta he a pratica dos bons modernos, entre os quaes he sem duvida o melhor o Abbade Pedro Metastacio, que nos seus Dramas usa de consoantes, mas com tal moderaçaõ, e juizo, que só se val delles, quando naturalmente lhe cahem, e cahiriaõ em huma pratica familiar. Deste modo ficaõ naõ sendo inverosimeis, como o saõ os de que usou Trissino na sua Tragedia intitulada *Sisonisba*, e Meza na sua chamada *Pompeio*, valendo-se o primeiro de consoantes artificialmente enlaçados, como se servissem para huma composiçaõ lyrica, e o

segundo com mayor liberdade, de tercetos, oitavas, coplas, decimas, e outros generos de rhythmas, que tanto se oppoem á verosimilidade. O metro mais usado nas Tragedias he o de onze, e de sete syllabas; que corresponde (principalmente sendo esdruxulo) aos jambos dos antigos. Os Hespanhoes usão de versos muy curtos, como romances, quintilhas, decimas &c. e o mesmo praticaraõ Italianos, e Francezes, como se póde ver nas Tragedias de Gravina, e Corneille, ainda que o fizeraõ com grande economia.

C A P I T U L O X V.

Do apparato, e melodia.

E Stas são as ultimas duas partes de qualidade da Tragedia, em que temos de dar alguma noticia com aquella brevidade, que costumamos, por não sermos prolixos. Aristoteles lhe chamou *ornatus*, *visus*, *sive spectaculum*, & *apparatus*; isto he, tudo o que no theatro se offerece aos olhos do auditorio, como antigamente era o *proscenio*, a *orchesta*, a *cavea*, o *chorago*, *mesochoro*, *flautas iguaes*, ou *desiguaes*, *direitas*, ou *esquerdas*, *mascaras*, *cothurnos*, *soccas*, &c. de que trataõ largamente, e das suas significaçoes muitos Authores, como Diomedes, Rossino, Donato, Tarquinio Gallucci, e Gonzales de Salas na sua Illustraçãõ á Poetica de Aristoteles sec. 5. Presentemente pode-se reduzir o apparato da Poesia dramatica a tres cousas, se bem que em rigor não pertencem ao Poeta, nem são proprias da Tragedia; ainda que de algum modo contribuem para a sua perfeiçãõ. A primeira he
a dif-

a disposição, e adorno das scenas; a segunda as pessoas, que representaõ, e a terceira os vestidos, de que devem usar. Em quanto á disposição, quasi tudo depende da Architectura, e Pintura: esta, e principalmente a Perspectiva, figurando as scenas com a viva, e natural imitação do sitio, ou lugar, em que se devem representar; e a Architectura, formando o theatro com hum tal idéa, que tanto os olhos, como os ouvidos gozem igualmente da representação, em qualquer parte d'elle, em que estejamos. Consta-nos da antiguidade, que os Gregos se esmeraraõ muito neste apparatus, e sabemos, que Agathareo pintara em Athenas as scenas para as Tragedias de Eschylo com huma grande perfeição. Igual, ou mayor era a dos Romanos, sendo Claudio Pulchro o primeiro, que introduzio este adorno no theatro, em cuja arte foy insigne, como referem as memorias daquella idade. Porém para virmos no conhecimento da extraordinaria pompa, e magnificencia; com que os Romanos formavaõ, e ornavaõ os seus theatros, bastará ler a descripção dos dous celebres, que fizeraõ Marco Scauro Edil, e Cayo Curiaõ. Em quanto aos representantes, desejaríamos, que fossem pessoas instruidas na Rhetorica, e em algumas boas artes, para representarem mais vivamente os seus papeis, e entenderem-nos com a energia precisa; porém como isto he quasi impossivel conseguir-se, principalmente em Hespanha, quizeramos ao menõs, que cada hum representasse a parte mais propria ao seu genio, á sua idade, ao seu engenho, e á sua estatura, como praticão os Francezes; e deste modo se evitavaõ no theatro papeis indignos, porque não são proprios ao genio de quem os representa; o que a cada passo se encontra entre os Hespanhoes. Em quanto aos vestidos, ha de

se imitar a natureza, e devem ser conformes á nação, á dignidade, e ao estado de cada sujeito, segundo o que representa. Não he taõ rigorosa esta regra, que não admitta alguma moderação; porque devemos melhorar, e ennobrecer a natureza, quando a imitamos; e assim se em huma Comedia se introduzir a hum Pastor, não he decoroso, que appareça no theatro com o vestido, de que usa nos montes; mas sim com aquelle, que veste nos dias mais festivos da sua Aldea. He doutrina do Author da Prefacção ao Theatro Italiano, de Corneille, de Gravina, de Boileau, e de outros muitos modernos. Igualmente pertence ao apparatus moderar, e regular o numero das pessoas, que representaõ. He preceito de Horacio na sua Poetica fallando das fabulas Dramaticas:

. *Nec quarta loqui persona laboret.*
 Isto he, que não representem juntas no tablado quatro pessoas ao mesmo tempo; e a razão he, porque em sendo mais de tres, não se faz muy perceptivel a representação, como succede tambem no Dialogo. O Padre Pontano na sua Poetica liv. 2. cap. 16. diz, que se se introduzir quarta pessoa, ou esteja callada ouvindo, ou se fallar, sejaõ poucas palavras, e essas, que não sejaõ ditas a quem representa, mas a si, como se fallasse consigo mesma, para não haver confusão. Assim o vemos observado na *Andria* Act. 3. em que sim sahem ao tablado cinco pessoas; porém Mysis he só o que falla com Lesbia. Plauto não foy muito observador deste preceito; porque muitas vezes introduz a fallar a hum mesmo tempo quatro, e cinco pessoas. Do mesmo verso de Horacio se colhe, que a quarta pessoa, se fallar, deve ser muy pouco; por isso usou do verbo *laboro*; como se dissesse, não se cance muito em fallar. Assim
 o en-

o entende Francisco Pedimonti, Domizio Calderino, e o famoso Maggi, insignes interpretes da Poetica deste Poeta. Ainda sobre os representantes ha outro preceito, e he, que não deve algum delles em cada hum dos actos sahir ao tablado mais de cinco vezes; isto deve-se entender, não da Comedia, mas da Tragedia, em que as pessoas são mais graves, e em menos numero. He doutrina de Lambino sobre o verso mencionado: *Non licere in eodem actu uni personæ plus quinquies exire; in Comædia minimè verum est; potest id fieri in Tragædiâ: in quâ personæ & pauciores, & graviores.* Da mesma opiniaõ he o Padre Pontano Poetic. liv. 2. cap. 16. e o Padre Martin Delrio nos Prologom. de Tragædia cap. 2. e o que mais largamente tratou deste ponto, foy Lelio Bisciola no tom. 1. Hor. subseciv. Deve pois o Poeta, sobre attender a estes preceitos, regular judiciosamente o numero dos representantes, e reduzi-lo ao menos, que lhe for possivel, para facilitar a representaçaõ; v. g. ao numero de seis, até oito pessoas, e quando muito dez, entrando nelle aquellas, que concorrem para a representaçaõ com huma parte de pouco momento. Estas doutrinas são pelo que toca ao aparato; e pelo que respeita á musica seguimos a opiniaõ de gravissimos Authores, que a tem por inutil nos Dramas; muito mais não se usando já do coro dos antigos, e inventando-se em lugar delle o Entremez, ou Baile no fim de cada Acto. A verdade he, que fazendo-se reflexaõ sobre a musica theatral, principalmente se nella se representa toda huma Tragedia, ou Comedia, acha-se, que fica sendo inverosimil a representaçaõ, e he causa de que se perca toda a força de affectos, e sentenças, com que o Poeta a ornou, e teceo, não attendendo o povo pela distracçaõ da musica para este

este verdadeiro deleite: mas como este ponto necessita de ser tratado com mais individuação, porque ha de ter muitos impugnadores, formarey sobre elle hum discurso separado, seguindo as razoens do insigne Muratori, que dá na sua admiravel Obra *Della perfetta Poesia Italiana*, tantas vezes allegada.

C A P I T U L O XVI.

Dos defeitos, que se pôdem observar nos Dramas modernos. A sua musica perniciosa aos costumes, e reprovada ainda pelos antigos.

HA huma grande questaõ taõ curiosa, como difficil de resolver, e he, se as Tragedias, e Comedias antigas se representavaõ cantadas inteiramente em musica. As razoens por huma, e outra parte são muy diffusas, e remetemos o leitor para huma larga Differtação, que fez Muratori sobre este ponto, na qual segue, que antigamente só no coro he que servia a musica. Mas dado, que nella se representallem os Dramas inteiramente cantados, nem por isso servirá esta razaõ para defender aos modernos; porque a musica antiga dos Grégos era notavelmente diversa da que nós praticamos: a antiga era toda grave, e scientifica, como mostra Justo Fontanini em huma carta escrita a Muratori, Galilei, Doni, e outros muitos Escritores modernos de grande nome. Da antiguidade nos consta, que na Grécia todos estudavaõ, e sabiaõ perfeitamente musica; tanto que envergonharaõ a Temistocles insigne Cidadão de Athenas, por naõ saber tocar instrumento algũ, argumento naquella idade de má educaçaõ. Testifica Plutarco no
seu

seu tratado de *Musica*, que só o genero *Enarmonico* bastava para se saber qual era a profundidade de sciencia, que nesta arte tinhaõ os Gregos, esmiuçando o tom, ou voz em quatro partes. Porém ainda que isto não fosse certo, não se pôde negar, que a musica theatral dos nossos tempos, como diz Salvini, he taõ affeminada, que mais facilmente serve de corromper, e estragar os animos do auditorio, que de os melhorar, e purgar, como fazia a musica antiga. Cada hum sabe, e sente em si, que movimentos lhe causa no animo o ouvir os musicos no theatro; e se tiver hum bom gosto, e quizer fallar verdade, dirá, que o canto delles sempre inspira huma doçura, e molleza tal, que occultamente vay fazendo, com que o povo se entregue ás vis paixoens do amor, e se faça affeminado, gostando dos affectados requiebrros das vozes, e dos affectos improprios, que move esta tal musica; pois raras vezes, ou nunca sahe o auditorio do theatro cheyo de gravidade, e paixoens nobres, mas sómente de huma ternura feminil, indigna de animos varonís, e de pessoas, que vão a buscar nas cousas o seu fim, a que se encaminhaõ. Já Cicero no livr. 2. das Leys, e Quintiliano no livr. 1. cap. 10. se queixavaõ de que entre os Romanos se prevãricasse a musica. Ouçamos o que diz este ultimo Author, para que alguns me não tenhaõ por temerario no que digo; que he huma traducção das doutrinas de Muratori, Salvini, e outros: *Profitendum putò, non hanc à me præcipi musicam, que nunc in scenis effeminata, & impudicis modis fracta, non ex parte minima, si quid in nobis virilis roboris manebat, excidit; sed quâ laudes fortium canebantur, quâque & ipsi fortes canebant: nec psalteria, & spadicæ, etiam virginibus probis recusanda; sed cognitionem rationis,*
que

que ad movendos, leniendosque affectus plurimum valet. Igual queixa fórma Plutarco no seu tratado da musica, fallando deste modo da theatral: *He a musica certamente veneravel; e basta-lhe ser invenção dos Deoses. Usaraõ della os antigos com aquelle decoro, e perfeição, com que praticaraõ as demais artes: porém os homens do nosso tempo, desprezando nella tudo quanto tem de veneravel, por aquella varonil, e divina harmonia, com que se faz agradavel aos Deoses, para introduzirem no theatro a que he affeminada, e falladora, a qual he justamente a que reprova tanto Plataõ no livr. 3. da sua Republica. O mesmo diz Atheneo, e dá as mesmas razoens no cap. 13. liv. 14.* Ora sendo esta musica antiga, por se ter prevaricado, affeminada, e dissoluta, quanto mayor censura (na opiniaõ de Salvini) não merecerá a moderna, que move no auditorio affectos indignos do homem, ou proceda do uso das Arias, ou da introdução das Cantarinas, ou da voz dos representantes, que por arte, ou por natureza affecta ser feminil, ou de outro algum principio? A experiencia nos está mostrando, que hoje já se não estuda aquella arte, que recommendaõ os graves Authores, a qual ensinava com o canto a mover, mitigar, e temperar as paixoens do homem. Neste seculo todo o cuidado he deleitar aos ouvidos, e fica sendo a Poesia escrava da Musica; o que antigamente era pelo contrario: e tanto he isto assim, que em Italia costuma o dono do theatro dizer ao Compositor do Drama, que se ha de representar, o número dos interlocutores, de que o ha de formar. He verdade, que os versos se recitaõ, como temos visto nas Operas Italianas, que se representáraõ nesta Corte de Lisboa, mas recitaraõ-se de hum tal modo, que o canto, ou a ignorancia,

rancia, e affectação dos Musicos não deixava perceber o sentido, e muitas vezes as palavras, e se o auditorio não estivesse ao mesmo tempo lendo a tal Opera impressa em hum livrinho, ou não a tivesse já lido em sua casa, he certo, que não comprehenderia qual era a acção, e o sujeito daquelle Drama, qual a sua contextura, sentença, dicção, solução da fabula; e outras muitas cousas: pois cada hum (depois de entender algumas poucas palavras) o mais que percebe he a musica, e ver aos Musicos humas vezes entrar, outras sair fóra; e se acaso vem no conhecimento de alguns lances, he por acçoens, que vem fazer; v.g. de puchar por hum punhal, para hum matar a outro &c. Desta experiencia se colhe, que a Poesia hoje serve á Musica, e não como antigamente a Musica á Poesia, que he o que a arte prescreve; e que praticada do modo, que hoje vemos, não conseguem os Dramas o seu fim, que tantas vezes temos insinuado; e por consequencia ficão sendo inúteis em huma Republica, e a musica nesta parte prejudicial ao publico; porque faz no auditorio, com que em huma Tragedia se não desperte nelle o terror, e a compaixão, nem outrò nenhum nobre affecto, como ensinaõ todos os Mestres da Poetica. Tudo isto se evitava em muita parte, se fosse fallado, o que he recitado; porque a musica, ainda que tambem mova os seus affectos, nunca póde chegar a igualar a força, que tem huma boa representação; isto he, representada por sujeitos peritos nesta materia. Muito mais poderamos dizer neste ponto, e na inverosimilitude de se representarem em canto mortes, desgraças, desesperaçoes, fugidas &c. da prolixa repetição das Arias, do dilatado tempo, que por causa destas dura mais do que he devido, a fabula, e de outras muitas impropriedades,

de que faz menção o allegado Muratori livr. 2. cap. 5. Porém absteino-nos, porque receamos, que não seja bem recebida esta doutrina entre nós, que somos os maiores admiradores dos vícios estrangeiros. Em outro lugar, que temos reservado, discorreremos alguma cousa sobre outros defeitos, que padecem os Dramas modernos; é entre tanto passemos a tratar das partes de quantidade, que tem a Tragedia, ás quaes se seguem ás de qualidade de que acabamos de fallar.

C A P I T U L O XVII.

Das partes de quantidade da Tragedia.

Comecemos pelo *Prologo*, que he a primeira parte de quantidade. Era este toda aquella parte da Tragedia, que precedia ao principio, até que o Coro sahia pela primeira vez. Aristoteles o define assim: *Est autem Prologus pars tota Tragediæ, quæ est ante parodum chori.* O Padre Pontano Poetic. livr. 2. cap. 15. aponta quatro especies de Prologos. Chamavaõ ao primeiro *Commendaticio*, que servia para louvar a fabula, ou o seu Author: ao segundo *Relativo*, para responder ás opposiçoens, e criticas: ao terceiro *Argumentativo*, para explicar o argumento de toda a fabula: e ao quarto *Mixto*, que continha todos estes fins, que se apontaõ nos demais Prologos: *Prologus est oratio, quæ ante fabulam legitimam habetur ad spectatores. * Ejus quatuor sunt species. Nam vel Poeta commendatur; vel obrectatorum criminibus respondetur, aut etiam crimina regeruntur; vel argumentum fabule enarratur; vel hæc omnia si-*
mi!

mul præstantur. Desta distincção de Prologos passaremos a outra; e he, que huns, como affirma Vossio, e Escaligero, são *manifestos*, e *separados*, e outros *occultos*, e *unidos*. Da primeira especie (diz Luzan) são todos aquelles, que antes de começar a fabula, se fazem por meyo de alguma pessoa, que sahindo ao tablado informa ao auditorio em nome do Poeta de toda a acção da Tragedia, e de tudo o mais, que for conveniente prevenir; como v. g. são as *Loas* entre os Hespanhoes. Os Prologos da segunda especie consistem em fazer com destreza, que as pessoas do Drama logo nas primeiras sahidas, v. g. como por conversação, refiraõ a origem, e principios de toda a fabula; mas com huma tal destreza, que se não descubra ser o fim do Poeta informar ao auditorio, antes pareça, que naturalmente devia assim succeder. Não se póde negar a Terencio o louvor de ser excellente nesta parte; pois em todas as suas seis Comedias não usa de Prologos manifestos, e separados: antes nos *Adelphos* expressamente prevenio, que não se introduzisse nos Prologos o argumento da Comedia; mas que os primeiros representantes, que sahisses, dessem a noticia bastante para a sua intelligencia. Diz elle:

Debinc nè expectetis argumentum fabule:

Senes, qui primi venient, hi partem aperient,

In agendo partem ostendent.

A segunda parte de quantidade da Tragedia he o *Episodio*, que consistia em toda aquella parte comprehendida entre a primeira, e a ultima sahida do Coro. Mais claramente o explica o Padre Donato, dizendo, que por Episodio se entende tudo aquillo, que se contém entre o Prologo, e o Exodo, que são tres Actos: *Jam quidquid inter Prologum, & Exodum continetur, Episodium*

dium dicitur; id est, tres Actus intermedii. A terceira parte de quantidade he o *Exodo*, que era o restante da Tragedia desde a ultima sahida do Coro até o fim de toda a fabula. O mesmo Padre Donato: *Exodus est justa pars Tragædiæ, postquam nullus est chori cantus*: e vem deste modo a ser o Exodo todo o quinto Acto, no qual se defata o nó da fabula. A ultima parte de quantidade he o *Coro*, que consistia em huma tropa de Bailarins, e Muficos, que cantavaõ o que nestes versos diz Horacio:

*Actoris partes chorus officiumque virile
Defendat: neu quid medios intercinat actus,
Quod non proposito conducatur, & hæreat aptè.
Ille bonis faveatque, & consilietur amicè,
Et regat iratos, & amet pacare tumentes:
Ille dapas laudet mensa brevis, ille salubrem
Fustitiam, legesque, & apertis otia portis.
Ille tegat commissa, Deosque precetur, & oret,
Ut redeat miseris, abeat fortuna superbis.*

Ena Epistola a Augusto diz o mesmo Lyrico:

Poscit opem chorus, & præsentia numina sentit.

Demetrio Falareo mostra, que o Coro humas vezes cantava, e outras fallava familiarmente sem haver canto algum. As palavras do Coro cantando haviaõ de ser elegantes, e em tudo poeticas; as do Coro fallando haviaõ accommodarse ao uso familiar. Diz este Author, que *verba humilia, & potius pedestria nullo pacto licet accommodare ad chorum, vel ad lyram; nisi sit aliquis chorus, qui loquatur*: razaõ porque Rubertelli escreveu: *Chori sermo grandior est, quia concini solebat.* No tempo de Eschylo, diz Escaligero *Poetic. liv. I.* e Bartholomeu Ricci de *Imit. liv. I.* chegava o numero do Coro a cincoenta pessoas; depois em Athe-

nas moderou-se esta multidão: até que Sophocles reduzio este numero a quinze pessoas; e além disto observou a regra, de que as palavras, em que o Coro discorria, eraõ concernentes á acção principal de qualquer das suas Tragedias; o que imprópriamente não seguio Euripides, Agaton, nem outros Poetas daquelle tempo. O tratar de cousas extrinsecas, e alheyas da fabula ficava reservado para o Baile, o qual nas mudanças, que fazia, significava alguma cousa, como v. g. o movimento dos Ceos, a variedade dos elementos &c. como affirma Gonzales na sua Illustração á Poetica de Aristoteles secc. 6. Este Filosofo subdividio o Coro em tres partes chamadas *Parodo*, *Stasimo*, e *Commo*. Antonio Minturno Poetic. liv. 4. Mazoni liv. 2. e Escaligero liv. 1. cap. 7. interpretando estas palavras dizem, que *Parodo* he tudo aquillo, que o Coro dizia, movendo-se; isto he, cantando, e bailando a hum mesmo tempo. *Stasimo*, que era tudo aquillo, que o Coro dizia, estando parado em hum posto; e *Commo*, que era huma triste lamentação, que cantava o Coro no fim de algumas Tragedias, ao qual ajudavaõ os mesmos representantes: e assim advertimos, que o *Parodo*; e *Stasimo* podiaõ entrar em todos os Coros; mas o *Commo* só tinha proprio lugar nas Tragedias.

C A P I T U L O XVIII.

Dos actos da Tragedia.

HE cousa trabalhosa inquirir a razão, e difficil ho descobrilla, porque Horacio na sua Poetica deu o preceito:

Ne

*Ne vè minor quinto, neu sit produçtiõr actu
Fabula, que posci vult, & spectata reponi.*

Parece, que o uso foy o que fez esta ley; pois não se descobre fundamento solido, para os Actos serem nem mais, nem menos, que cinco, como diz Elio Donato, ou quem quer que he, no Commento a Terencio. Não faltaõ Authores, que dizem, que póde a fabula Tragica comprehenderse em quatro Actos; se couber nelles a justa grandeza da acção. Lambino observou em Cicero, e em outros Authores de boa nota, que o terceiro Acto era o perfeito, e que não faziaõ caso do quarto, e quinto. Mazoni, Gonzales de Salas, e o Padre Donato inclinando-se á opiniaõ dos Actos serem tres, copiaõ todos huma authoridade do mesmo Cicero tirada da ultima Epistola do livr. I. *Ad Quint. fratrem: ut hic tertius annus, tamquam tertius actus perfectissimus, atque ornatissimus videatur.* Porém do mesmo Author temos outro lugar, em que fallando de Verres, faz menção do quarto Acto, dizendo: *Qualis iste in quarto actu improbitatis futurus esset;* de que vimos a colher, que Cicero não tem por perfeito o terceiro, ou quarto Acto, se não aquelle, que mais se chega ao fim da fabula. Ora combinemos estes numeros, para dizermos o que sentimos neste ponto. Pódem os Actos serem tres, e pódem ser quatro, e cinco; porque se tomarmos a fabula recitada unicamente pelos representantes, divide-se em tres partes. Em *Prologo, Episodio, e Exodo*: se ajuntarmos á fabula o *Coro*, já estas partes ficaõ sendo quatro; e podia Cicero, quando fallou dos Actos, considerallos com a introducção do *Coro*, ou sem ella. Porém se tomarmos a fabula, apartando-a por algum intervallo de tempo, e não por causa dos representantes, ou por mudança de fortuna, for-

formaremos o quinto Acto: de modo, que os Córos eraõ os que nas Tragedias faziaõ mais, cu menos Actos, o que depois passou a uso. Esta he a doutrina do Padre Donato; a que modernamente se segue entre Hespanhoes, e Italianos he formarem os seus Dramas de tres Actos, que em Hespanha chamaõ *Jornadas*. Os Francezes ainda hoje usaõ do quarto, e quinto Acto, e o mesino praticaõ outras naçoens: com que cada hum poderá seguir o gosto, e uso do seu paiz; porque naõ ha regra fundada em razao, que obrigue ao Poeta de usar de hum numero certo de Actos, e de scenas, como frivolamente querem alguns Authores, pertendendo, que em cada hum dos Actos as scenas naõ excedaõ de dez. Esta regra he muito pouco importante; porque bastará, que o Poeta regule a grandeza dos Actos de modo, que o material da fabula naõ fique monstruoso, sendo huns notavelmente mayores, do que os outros: o que importa he, que raras vezes esteja o theatro com huma só pessoa, e que nunca sem alguma; antes haõ de humas seguirse successivamente a outras, até o fim de cada Acto; e entao he, que o tablado deve ficar sem alguma figura. Observada esta regra, consegue-se o fim de hir sempre continuando igual, e sem alguma interrupção o fio da fabula, e de ter ao auditorio sempre attento, e suspenso; pois naõ se lhe dá lugar para se distrahir em outros pensamentos, e perder de vista o assumpto da representação; o que succederia sendo as scenas soltas; porque entao sempre por algum breve tempo fica só o tablado. Terencio observou tanto este preceito, que naõ só fez as scenas sempre dependentes humas das outras, mas até os cinco Actos da sua Comedia intitulada o *Eunucho*; como diz o seu Expositor Donato: *Actus à parum doctis facile distingui non pos-*

possunt ; ideo quia tenendi spectatoris caussa , unit Poeta noster omnes quinque actus velut unum fieri , nè respiret quodammodo , atque distincta alicubi continuatione succedentium rerum ante aulaea sublatá fastidiosus spectator exurgat.

C A P I T U L O X I X .

Methodo breve para se formar huma Tragedia.

Temos dado por partes os preceitos para a formação da Tragedia , e parece-nos , que o teremos feito de modo , que ficará satisfeita a curiosidade do leitor ; porque temos tocado todas as duvidas importantes sobre esta especie de Poesia , e igualmente respondemos succintamente a ellas com as authoridades dos Authores mais classicos. Porém ainda o nosso desejo não está satisfeito , sem que demos hum methodo para quem houver de compor huma Tragedia ; e servirá este como de epilogo a este tratado da Poesia Tragica.

A Tragedia póde ser *Palliata* ; isto he ao uso dos Gregos ; ou *Pretextata* , isto he , ao costume dos Romanos : tambem póde ser *Pura* , ou *Mixta*. A pura he aquella , em que tudo he tragico , e a mixta , aquella , que acaba com fim alegre , e a que contém Poesia satyrica. Aristoteles a divide em *Implexa* , e em *Morata*. A *Implexa* , como já dissemos , he aquella , que se enreda com diversos successos , e peripecias , como o *Edipo* de Seneca , e o seu *Hyppolito* , em que são muitas as perturbaçoens , que nella se encontraó. A *Morata* he a que se encaminha a formar os costumes , como a *Philoctetes* de Sophocles , e outras muitas Tragedias.

gedias. Assentado nisto, a primeira cousa, em que o Poeta deye cuidar, he em formar a fabula; isto he, em reduzir toda a summa della em huma acção unica, e propor esta aos olhos do auditorio. Sirva-nos de exemplo a *Ephigenia in Tauris* de Euripides. Efígenia era Sacerdotisa no Templo de Tauro na Scythia: costumavaõ aquelles barbaros povos sacrificar os estrangeiros, que aportavaõ áquella praya, e succedeo, que casualmente chegaraõ a ella Pilades, e Orestes irmão de Efígenia, a qual antes de executar o sacrificio, que lhe tocava fazer como Sacerdotisa do Templo, conhece a seu irmão, e usou de arte não só de o livrar a elle, mas a seu grande amigo Pilades. Nesta Tragedia se lem outros muitos successos; mas todos elles se reduzem á esta acção unica, que constitue a fabula, e ficaõ sendo Epifodios os demais lances, como já em seu lugar dissemos. O segundo cuidado do Poeta ha de ser, em que esta fabula seja simples, de modo, que se não tratem de outras circumstancias, que lhe podem parecer annexas; v. g. na Tragedia sobredita não he preciso dizerse o motivo, que obrigou a Orestes a aportar á região de Tauro; porque he cousa alheya da acção, e constituição geral; e só como Epifodio se poderáõ narrar estas circumstancias, e com individuação; v. g. que Orestes aportára áquella região para se expurgar do crime de ter morto a sua mãy Clitemnestra, e que matára a esta por ella ter tirado a vida a seu marido Agamemnon &c. Forinada assim a fabula, deve o Poeta reflectir, se a acção tragica, que elle emprende; foy já antes tratada por alguém, ou não: se não foy, póde a seu arbitrio ordenar tudo aquillo, que pertence á boa connexão, e solução da fabula. Se foy já tratada, deve observar, se póde formar melhor esta

connexão, e solução; e se o seu engenho o poder conseguir, ficará a fabula sendo diversa, ainda que o nome seja o mesmo. De qualquer modo, que seja, deve passar a considerar, em que a acção deve ter *Peripesia*, como cousa necessaria na Tragedia, (excepto se ella toda for *Pathetica*) a qual traz consigo a perturbação; ou *Pathos*. Algumas vezes póde tambem ter a *Agnição*, mas não se considera esta como necessaria, mas como cousa, que causará grande adorno, e moverá grandemente a admiração na Tragedia. A verosimilidade he cousa de grande importancia, como tambem as tres unidades de acção, de tempo, e de lugar. He verosimil aquella fabula, que he crível; he inteira a que tem principio, meyo, e fim; he de justa grandeza a que se comprehende no espaço de hum dia quando muito: e he maravilhosa a que contém successos admiraveis, e lances, que não se podiaõ esperar. A respeito dos Episodios deve o Poeta ter hum grande cuidado, em que sejaõ proprios, e se convierem com a acção, ficarão sendo mais louvaveis; além disto, que sejaõ breves, como pede a duração da Tragedia, e tratados com a economia; que pedir a grandeza da fabula: se esta for breve, sejaõ mais os Episodios, se for mayor, sejaõ menos. Deste modo he que se consegue a boa ordem, que tanto recommenda Horacio, dizendo ser preciso atar, e unir judiciosamente os Episodios com a acção:

*Ordinis hæc virtus erit, & Venus, aut ego fallor,
Ut jam nunc dicat; jam nunc debentia dici
Pleraque differat, & præsens in tempus omittat;
Hoc amat, hoc spernat promissi carminis Author.*

Temos mais de advertir ao Poeta tragico, que deve ser hum grande observador dos costumes, e caracter das

pef-

peſſoas , que introduzir a representar , ſeja na acção principal , ou nos Epifodios : deve pintar vivamente os affectos , v. g. de amor , de odio , de deſejo , de fuga , de goſto , de triſteza , de eſperança , de medo , de ira , de manſidão , de compaixão , de impiedade ; de inveja , de emulação , de honeſtidade , de impudicicia , e outras muitas paixoens do animo , de que largamente tratou Donato liv. 2. pag. 178. Le Brun de *Eloquentia Poetica* tom. 1. liv. 6. e infinitos Authores , aſſim Poeticos , como Rhetoricos. He recommendação de Horacio , quando diſſe :

*Format enim natura prius nos intus ad omnem
Fortunarum habitum ; juvat , aut impellit ad iram ;
Aut ad humum merore gravi deducit , & angit.
Post effert animi motus interprete lingua.
Si dicentis erunt fortunis abſona dicta ,
Romani tollent equites , peditesque cachinnum.*

Naõ he menos importante na Tragedia a circumſtancia da ſentença , e da dicção ; aquella conſiſte em moſtrar os penſamentos , e conceitos do entendimento proprios de quem os diz , e do que ſe trata ; eſta attende á locução , e fraſe , com que ſe devem exprimir os meſmos penſamentos ; e de tudo tratamos largamente no principio deſta Arte , tratando da Poefia Fantaffica. A's partes de qualidade , que tem a Tragedia , ſe ſeguem as de quantidade , cujos breves preceitos já eſcrevemos , tratando do Prologo , do Epifodio , do Exodo , e do Coro , a que os Gregos chamaraõ *Protafiſis* , *Epitafiſis* , *Cataſtafiſis* , e *Cataſtrophe*. Outros Authores fazem a repartição da Tragedia pelos cinco Actos , aos quaes dividia , e ſeparava o Coro. Eſtes devem ſer ordenados de modo , que a fabula vá ſempre melhorando ſe do primeiro para o ſegundo , do ſegundo para o terceiro ,

e do terceiro para o quarto, e quinto, a fim de mostrarmos o maravilhoso della, tanto no enredo, como na sentença, dicção &c. Finalmente deve o Poeta ter grande cuidado sobre o titulo da sua Tragedia, advertindo, que humas tomaõ o nome do lugar, como v. g. *Troas*; outras da primeira pessoa, como *Hyppolitus*; outras da segunda, como *Electra*; outras dos Coros, como *Phenisse*, e outras o deduzem de outro principio, como diremos mais largamente, quando escrevermos sobre o titulo do Poema Epico.

C A P I T U L O XX.

Reflexoens sobre a necessidade de reformar a Poesia theatral. Apontã-se algumas correçoens sobre o costume pouco louvavel de alguns Poetas Tragicos.

O Abbade Crescimbeni na sua admiravel Historia da Poesia vulgar liv. 1. pag. 71. e no Commento á mesma Historia liv. 1. cap. 12. me dá hum grande socorro para estas reflexoens. Para este combate, em que terey muitos inimigos, me daõ igualmente armas Apóstolo Zeno, famoso Poeta Dramatico deste seculo, no seu erudito Tratado da Poesia Theatral, e Luiz Antonio Muratori no tom. 2. da sua Perfeita Poesia Italiana. He cousa indubitavel entre os bons intelligentes, que a Poesia representativa, e o modo de representar as fabulas scenicas necessita de hum grande reforma. Deveria esta principiar pela Musica, fazendo com que nella se não representasse hum Drama inteiro, como costumãõ os Italianos. Não se póde negar, que a Musica seja hum
dos

dos mayores deleites, que tem o mundo; mas no theatro deve ser com parsimonia, segundo o uso dos antigos, para se observar o que he verosimil, e partir o auditorio mais faminto, do que farto desta recreação, que só tem hum proprio lugar naquelles divertimentos, que chamamos Serenatas. Já nós fundados em boas authoridades dissemos, que a Musica deve servir á Poesia, e não a Poesia á Musica, como hoje pratica o gosto estragado do mundo, que despreza a perfeição de hum Drama pelo deleite de huma Aria, que muitas vezes nem vem propria para a pessoa, nem para a letra, nem para o lugar, e acção, que se representa. Quanto melhor seria representar sem ser em canto, e usar delle só para os Coros, como fazião os antigos Gregos, e Romanos, observando com a arte as regras da natureza? Estes Coros (como nos recommenda Horacio na sua Poetica) deverião contér cousas, que fossen proprias áquella Tragedia, em que elles servem; v. g. louvores ás virtudes, e aos homens grandes; vituperar os vicios, consolar os miseraveis; compadecerse das suas desgraças, alegrarse com os felices, e outros muitos assumptos, em que se conservasse o caracter da gravidade necessario á Tragedia. Quanto melhor seria isto, do que huma representação toda cantada, que he causa de mil inverosimilidades, como v. g. cantar hum Rey a cada passo, hum que está prezo, e arrastando cadeyas, hum que está para fugir a toda a pressa, hum que subitamente concebeo por algum incidente huma grande colera &c. A segunda reforma devia entrar pelos Poetas, que não consideraõ a Tragedia como representação, que se deve regular pela politica, e encaminhar-se á utilidade dos povos. Se bem repararmos, veremos, que as Tragedias modernas pela mayor parte só inspi-

raõ

raõ o amor do vicio , quando o fim dellas he propor a virtude para imitaçaõ , e introduzilla suavemente no coraçãõ do auditorio. Naõ queremos dizer com isto , que se naõ possa representar a virtude algumas vezes infelice , e o vicio pelo contrario apparecer impunido ; porque esta representaçaõ he instructiva ; pois nella se poderá ao mesmo tempo dar a conhecer , que naõ ha felicidade temporal , que se possa antepor á virtude ; ainda que perseguida , e que aos viciosos , ainda que felices , basta-lhes por castigo o mesmo remorso da sua consciencia , que os faz substancialmente desgraçados. Contra este preceito saõ hoje muy vulgares os peccados ; porque a cada passo se representaõ em Tragedias aççoens vis , e indignas de homens grandes , que como taes mais devem parecer bons , que máos , e mais imitadores de aççoens gloriosas , que vituperaveis. Deste mal saõ os Hespanhoes os que mais gravemente adocem ; porque entre elles rara será a Tragedia , que naõ contenha amores reprehensiveis ; e pela mayor parte os Heroes principaes da fabula se introduzem como delirantes , e dominados vilmente desta paixãõ ; e o que he mais , que naõ se pintaõ estes amores , para que o auditorio os aborreça , e conheça a sua vileza ; porque entãõ seria menos grave este peccado. Muitas vezes estes costumes amorosos das pessoas illustres das Tragedias saõ muito inverosimeis ; porque se oppoem á idéa , e opiniaõ , que destas personagens nos fez conceber ou a fama , ou a historia.

Naõ me póde parecer provavel , v. g. que Pyrró , e Ulysses no meyo das ruinas de Troya , entre cadaveres , e lagrimas de tantos prisioneiros , e miseraveis Troyãnos , se lembrassem taõ vivamente do fino amor , que hum tinha a Andromaca , e outro a Polixena , como se

se representa no theatro, fazendo estes Heroes discursos ternissimos, formando ciumes, e outras muitas cousas tao improprias do lugar, e da occasiaõ; e tao prejudiciaes ao bom fim da Tragedia. Para nao culparmos só aos Hespanhoes neste vicio, he preciso confessarmos o mesmo entre os Italianos, e Francezes, que tem a fama de terem reformado a Poesia theatral; e porque se nao diga, que este juizo he mal fundado por ser meu, remeto os primeiros para Muratori, e os segundos para o Padre Rapin nas suas Reflexoens sobre a Poetica deste tempo. Diz este Author fielmente traduzido: *A Tragedia começou a degenerar, e pouco a pouco nos fomos costumando a ver os Heroes abrazados de outro amor alheyo do da gloria; e de tal modo, que nas nossas penas perderaõ o caracter da gravidade todos os grandes homens antigos.* Continúa este famoso Critico a dizer: *Os nossos Poetas entenderaõ; que só podiaõ deleitar no theatro, usando de pensamentos, e expressoens doces, e ternas; e talvez, que nisto tivessem alguma razao; porque com effeito as paixoens, que se representaõ, ficaõ como secas, e sem algum sabor, se nao vão fundadas sobre pensamentos conformes aos que tem o auditorio.* Este he o motivo, que obriga aos nossos Poetas a buscarem com diligencia, e a fundarem todos os seus argumentos tragicos sobre cousas, que movaõ a ternura immoderada, para causarem mayor deleite ás mulheres, que se fizeraõ arbitras destas recreaçoens, e tiraraõ a quem podia a jurisdicaõ de julgar. Supponho, que França nao estará muito obrigada a este prudente juizo do Padre Rapin, que para desculpar nos seus Poetas hum defeito, os accusa claramente de outro, confessando, que a demasiada authoridade, que as mulheres tem sobre o theatro, he a

que

que faz, com que este se vista á moda, e appareça, naõ como matrona séria, mas como donzella leviana. Eu com esta doutrina naõ pertendo desterrar absolutamente na Tragedia os costumes amorosos; porque he preciso seguir o genio dos tempos em alguma parte, que quer com sua razão temperar a severidade da Tragedia, introduzindo-se a amenidade dos amores: o que eu condemno he, que o uso naõ seja moderado, e que hoje sejaõ as paixõens amorosas taõ geraes na Tragedia, como se fossem precisas; *Fazendo*, como diz Boileau, *o vicio amavel aos olhos dos seus leitores*:

Aux yeux de leurs lecteurs rendent le vice aimable.
E introduzindo os Heroes amantes de modo, que perdem a gravidade propria do seu caracter; razãõ porque fazem (segundo o mesmo Critico) com que o amor muitas vezes combatido dos remorsos pareça fraqueza, e naõ virtude:

*Et que l'amour souvent de remors combattu
Paroisse une foiblesse, & non une vertu.*

Seja a terceira, e ultima reforma nos representantes, os quaes devem ser excellentes, para que o povo ache deleite no theatro. Da viva voz, e pronunciação destes he que depende a mayor parte do gosto theatral, dando elles força; e alma naõ só ás paixõens vehementes, e pensamentos engenhosos, mas ainda ás cousas, que de si naõ faõ capazes de causar admiração. Modernamente he cousa rara achar daquelles representantes, que representavaõ antigamente nos theatros Gregos. e Romanos. Consta-nos, que estes tinhaõ tal vehemencia no dizer, que facilmente, sendo preciso, faziaõ chorar, enfurecer, alegrar, e mover outros muitos affectos no povo, que os ouvia. Hoje quando muito apenas em huma Companhia vem huma boa parte, que possa

possa animar o theatro. O mais que reína he a affectação, entendendo, que por ella se farão plausiveis, e não menos a ignorancia, por serem pessoas sem estudo algum da sua lingua; e por isso errão tanto, assim no sentido poetico, como no grammatical, sem fazerem a pausa necessaria á voz, sem pronunciarem com a harmonia natural; e sem cortarem, e separarem os versos, onde he necessario para o sentido; e esta he a causa porque muitos Authores deraõ no viciõ de escrever Tragedias em prosa, receosos de que os representantes lhas desfigurassem pela ignorancia, com que pronunciavaõ os versos. Outras muitas reflexoens podera fazer, mas como já vaõ insertas pelos Capitulos desta Arte, não he justo repetir muito as cousas, que já estaõ ditas, e ponderadas; e passarey, antes que entre á fallar da Comedia, a expender hum juizo sobre os Poetas Tragicos antigos, segundo a Critica de Rollin; no que me parece, que farey grande utilidade á mocidade Portugueza, para saber qual he o merecimento dos Authores, e em que huns excedem aos outros. O mesmo farey quando acabar de tratar da Comedia, da Epopeia, e da Lyrica &c.

C A P I T U L O XXI

*Juizo sobre os Authores Tragicos, Gregos,
e Romanos.*

NÃO escreveremos as vidas dos Poetas, de que havemos de tratar, como fizeraõ o Padre Le Jay, e Mons. Roilin, por não sermos prolixos: discorreremos sómente sobre as suas Obras, como cousa mais importante.

portante ao assumpto. O primeiro Author Tragico, de que ha noticia, foy *Thespis*; de quem já tratámos fallando da origem, e progressos da Tragedia. Como foy o inventor, facil cousa será julgar da bondade das suas Tragedias; porque quasi todas as cousas ao principio costumão ser imperfeitas.

Seguiu-se *Eschylo*, que começou a fazer a Tragedia perfeita; e grave. O seu estylo he nobre, e tanto que passa a sublime: a sua locução he pomposa, e elevada de modo, que algumas vezes he affectada, como diz Quintiliano liv. 10. cap. 1. Compoz noventa Tragedias, das quaes só vinte e oito, segundo huns, ou treze, conforme outros, foraõ as que mereceraõ ser premiadas.

Sophocles, e *Euripides* floreceraõ na mesma idade. Illustraraõ muito o Theatro Atheniense com as suas representaçõens, e ambos foraõ admiraveis no estylo, se bem que differente. O de *Sophocles* era grande, elevado, e sublime; o de *Euripides* era terno, pathetico, e cheyo de excellentes maximas para os costumes, e direcção da vida civil. O povo estava dividido na opiniaõ de qual dos estylos era melhor, como testifica o mesmo Quintiliano no lugar mencionado. Ainda hoje dura entre Francezes, e Italianos a mesma questãõ, que nós nos naõ atrevemos a decidir entre tamanhos contendores; só diremos com a authoridade do *Apartista tom. 3.* que *Sophocles* justamente mereceo pela sua suavidade ser chamado a *Abelha Attica*, que foy admiravel na disposiçaõ das Tragedias, magnifico na locução, e verdadeiramente Tragico nas invençoens das fabulas. O mesmo diz *Minturno* na sua *Poetica liv. 3. pag. 173.* *Euripides*, segundo *Plutarco*, naõ foy taõ desigual, como *Sophocles*; mas deu em loquaz pela dema-

demasiada abundancia de palavras, de que usava. Pintou com summa delicadeza, e vivacidade os costumes máos, e despreziveis; mas nos bons das pessoas illustres não foy tão feliz, como Sophocles. Veja-se o Apatista, que largamente satisfará.

Passando da Grecia a Italia he preciso dizer, que os Romanos não foraõ insignes neste genero de Poesia, em que o primeiro foy Livio Andronico. Das dez Tragedias de Seneca, que lemos, quasi todos convem, que as melhores são de Seneca o famoso Filosofo Mestre de Nero. Entende-se, que a *Medea* seja verdadeiramente sua, segundo hum lugar de Quintiliano liv. 9. cap. 2. em que cita hum passo desta Tragedia, como cousa deste Filosofo. Tambem ha alguns fundamentos para o ter por Author do *Edippo*, da *Troade*, e do *Hyppolito*. Muitos se persuadem, que o *Agamenon*, o *Hercules Furioso*, *Thiestes*, e *Hercules Etéo* não são Tragedias deste Filosofo, mas de algum Author desconhecido. Pelo que respeita á *Thebaide*, e á *Octavia*, julga-se, que são escritos indignos totalmente do juizo, e da eloquencia de tão grande homem: e com effeito a Octavia não póde ser de Seneca; porque della se colhe, que fora feita depois da sua morte, e tambem de Nero. O seu estylo não he puro, e culto: muitas vezes parece declamatorio, como diz Mons. *Le Fevre*. He tão abundante de sentenças, que se faz com ellas vicioso, e dá em estylo fcco, fazendo o pobre a nimia abundancia. O Apatista prova, que elle foy hum copiador de fabulas, e que cahira em muitas cousas inverosimeis; porém he defendido pelo Censor do *Speroni* pag. 27. por Budeo, Angelo Policiano, e outros, que ainda que grandes Escriitores, não tinhaõ hum bom paladar para perceber o gosto da verdadeira Tragedia

gedia. Dos Latinos poucas mais obras Tragicas ha , que estas de Seneca ; consta-nos porém , que Augusto fizera huma chamada *Edippo* , que Asinio Pollião escrevera algumas , e que Ovidio compozera huma com o nome de *Medea* , da qual diz Quintiliano liv. 10. cap. 1. *Ovidii Medea videtur mihi ostendere quantum vir ille prestare potuerit , si ingenio suo temperare , quam indulgere maluisset.*

C A P I T U L O X X I I .

D A C O M E D I A .

Sua origem , definição , e materia.

Nasceo a Comedia na Grecia inventada pelos vendimadores , segundo a opiniaõ de Atheneo ; ou teve a sua origem de certas festas , que faziaõ os Agricultores de Athenas , os quaes discorrendo pelas Villas , e Lugares , celebravaõ as festas de algumas divindades suas. Pareceo bem aos habitadores da Cidade reduzir esta rustica pompa ao termo de hum espectáculo civil , e polido. Assim o affirma Cassiodoro na Epistola 51. do liv. 4. afastando-se pouco do que diz Eustacio no 14. da Ulysseia de Homero encostado á authoridade de Pausanias. Escaligerõ fundado na authoridade de Theocrito diz no cap. 5. do liv. 1. que a Comedia se originou de humas certas Cançoens , que inventaraõ os rusticos do campo , as quaes ordenadas em verso Jambico cortavaõ pelos vicios alheyos , de modo , que naõ só estes eraõ infamados , mas ainda as pessoas mesmas , que nelles cahiaõ , nomeando-lhes os seus nomes com pican-

picante, e mordaz irrisão. Com hum semelhante principio servia a Comedia de pretexto de se vingar cada hum de quem queria; e muitas vezes nem escapava a innocencia; de que temos hum claro exemplo em Socrates innocentemente infamado pela vil maledicencia do Comico Aristophanes. Era permittida esta liberdade, porque se entendeu naquelle tempo, que esta mordacidade dos versos Fallicos, e Jambos, ultrajando a pessoas determinadas, e discorrendo ao mesmo tempo em cousas lascivas, poderia receberse como cousa ridicula, e causar deste modo alguma utilidade. Com effeito o povo Atheniense, gostando que se reprimisse a insolencia dos grandes, agradava-se muito de ouvir as satyras, que faziaõ as Comedias aos Juizes, e Governadores, persuadindo-se, que o temor da infamia os poderia refrear; porém não se conseguiu este fim, cu porque a ridicularia das facecias misturada com a seriedade das reprehensõens não podia ser util, ou porque a maledicencia dos Comicos excedia todo o soffrimento humano. Assentaraõ pois os Magistrados em prohibir com severas leys, e rigorosas penas taõ desenfreada liberdade, mandando, que nenhum Comico se atrevesse a dizer mal nomeadamente de alguem; e para isto foy tirado da Comedia o Coro; porque ainda que em toda a fabula houvesse ditos picantes, com tudo o Coro he o que tinha por officio proprio reprehender, e escandalizar. Ouçamos a Horacio:

*Successit vetus hic Comedia non sine multâ
Laude, sed in vitium libertas excidit; & vim
Dignam lege regi lex est accepta, * Chorusque
Turpiter obticuit sublato jure nocendi.*

Exterminada a Comedia Antiga, succedeo a chamada *Media*, a qual se não satyrisava os vivos, usava de to-

da a maledicencia contra os mortos, principalmente se tinhaõ sido Authores de algumas obras. Como naõ foy prohibida esta liberdade, compoz Cratino huma Comedia contra a Ulyſſea de Homero; e por eſte, ou por outros motivos houve tambem ley, para naõ ſe praticar eſte uſo; e entrou a praticarſe a Comedia *Novã*, que entre os Gregos deveo toda a ſua perfeiçaõ a Menandro, e entre os Latinos a Terencio. Eſtes foraõ os principios, e progressos da Comedia: vejamos agora a que ſe reduzem a ſua eſſencia, e regras principaes. A definiçaõ de Elio Donato he eſta: *Comedia eſt privatorum, & civilium negotiorum citra infelicitatem complexio*. Cicero diz, que a Comedia he huma imitaçaõ da vida, hum eſpectaculo dos coſtumes, e huma imagem da verdade: *Imitatio vite, ſpectaculum conſuetudinis: imago veri zitiis*. Muitos Authores entendem, que Ariſtoteles definira a Comedia, quando diſſe: *Effſe peiorum imitationem, non ſecundum omne vitium, ſed ſecundum ridiculum, quod eſt turpitudinis particula*: porẽm outros ſentem o contrario, por faltar neſtas palavras o fim da Comedia. Tambem he defeituofa a definiçaõ de Riccobono, que diz: *Eſt imitatio, que fit metro, ſaltatione, harmoniã, modo dramatico in materia ejus vitii, quod riſum movet*: e a razaõ he; porque nella naõ explica, que as peſſoas Comicas naõ devem ſer illuſtres, mas particulares; e que o fim naõ ha de ſer deſgraçado, mas fim feliz, ao contrario da Tragedia. Entre tantas definiçoens daremos a noſſa, ſeguindo em parte a do Padre Donato, e em parte a de Luzan, que nos pareceraõ as mais convenientes. Definimos pois a Comedia dizendo, que he: *Huma imitaçaõ de hum factõ particular, e de pouca importancia, formado de moõ, que mova o riſo, a*
quãl

qual acabe com fim alegre, e se encaminhe a ser util, divertindo ao auditorio, e inspirando o amor á virtude, e averção ao vicio. Disse, *Imitação de hum facto particular, e de pouca importancia*, para a distinguir da acção Tragica, que só admite a representação das fortunas, e decadências de personagens illustres, como Reys, Heroes, e Capitaens famosos. Contra esta regra peccaraõ quasi sempre os Hespanhoes; porque introduziraõ nas suas Comedias Reys, Principes, Imperadores, e outras pessoas desta esféra; motivo porque o feu Cascales diz, que semelhantes Comedias nem são taes, nem dellas tem alguma sombra; mas que unicamente são huns hermafroditas, e huns monstros da Poesia. Eu bem sey, que Pedro Corneille quer absolver este peccado, dizendo, que se póde usar de pessoas illustres na Comedia, e chamar-lhe entaõ *Heroica*; mas eu não sey em que doutrina solida estabeleceo elle esta sua opiniaõ, que fortemente lhe reprova Mons. Dacier Poetic. cap. 5. Se se fundou no exemplo de Plauto, o qual introduzio a Jupiter, e Mercurio no seu *Amphitryaõ*, fundou-se muito mal; porque bem se vê, que este Poeta não introduzio as taes divindades com a seriedade, e grandeza, que lhes convinha, se não com hum caracter ridiculo, e jocososo, que he o modo como podiaõ entrar em huma Comedia. Disse, *formado de modo, que mova o riso*, para se distinguir tambem da Tragedia, que move ao terror, e compaixão. A Comedia pinta, e representa os vicios de huma Republica, e o excitar o riso são as cores desta pintura, e a alma desta representaçaõ, por isso lhe serve de inscripção: *Castigat ridendo mores*. Disse, *a qual acabe com fim alegre &c.* para se differençar tambem da Tragedia, cujo fim para ser optimo, como ensina Aristoteles,

ha

ha de ser infeliz. Muitos entendem erradamente, que o fim da Comedia he causar riso; quando o seu fim he unicamente causar utilidade por meyo do deleite, como succede a outras especies de Poesia. Consegue-se esta utilidade, e deleite representando os vicios sem terror, os defeitos pessoas, e o caracter das pessoas humildes, ou particulares, para que o auditorio ou se faça mais advertido nos seus defeitos, ou mais constante nos seus trabalhos. Este caracter gracioso he muy delectavel, e pertence á especie da graciosidade *nobre*, e a que he *vulgar* consiste em equívocos indecentes, e em frialdades proprias da plebe; e de ambas temos exemplos em Terencio, e Plauto, cujo merecimento mostraréy em outro lugar; mas como estou tratando da materia da Comedia, justo será, que explique esta com mais clareza, e extensaõ. Já temos dito, que a materia da Comedia he de muy pouca consideraçaõ, e que consiste em cousas ridiculas. Ainda que algumas vezes involva cousa consideravel, como celebridade de matrimonios, descubrimento, v. g. de algum filho, ou pay, que era desconhecido, com tudo sempre he ridiculo o modo, com que estas cousas se pintaõ, e representaõ. Resta agora advertir alguma cousa sobre o ridiculo. Consiste este em se saber vivamente pintar o caracter de alguns sujeitos, que nos costuma causar riso, v. g. hum velho avarento, huma velha caduca, hum homem camponez vindo á Corte, hum criado astuto, hum sujeito cheyo de presumpçaõ, ou de valente, ou de fidalgo, ou de sabio em todas as sciencias &c. Consiste tambem nas acçoens taõ proprias para o que se representa, e ás vezes taõ repentinas, que naõ se possa soffrir o riso com estes accidentes naõ esperados. Ultimamente consiste nos ditos engenhosos, galantes, e facetos,

ou nos vestidos extravagantes, ou na imitação de alguns defeitos corporaes, como olhos tortos, narizes muy compridos, pernas aleijadas, corpos corcovados, e anoës &c. como explica o Padre Donato pag. 243. cap. 55.

C A P I T U L O XXIII.

Em que differê, e em que concorda a Comedia com a Tragedia.

EM primeiro lugar differê a Comedia da Tragedia na fabula; porque esta na Tragedia deduz-se communmente da historia; isto he, de algum facto, que consta ter succedido a pessoa conhecida por fama, ou pela historia; e na Comedia moderna he esta fabula inteiramente fingida ao arbitrio de quem a compoem; e por isso usa de nomes, que não são verdadeiros. Sobre a mesma fabula ha outra circumstancia, em que differem entre si estas duas especies de Poesia scenica; porque a fabula na Tragedia, para ser optima, ha de ser simplez; isto he, de huma só mudança; e na Comedia deve ser duplicada; isto he, deve ter duas mudanças, como he a da *Fuerza del natural* de Moreto. Igualmente sobre o fim ha huma notavel differença; porque o da Tragedia he mover as paixoens violentas de terror, e compaixão, representando as mortes, ou decadencias de pessoas illustres para exemplo do auditorio; e o da Comedia he mostrar como em hum espelho os vicios, e defeitos vulgares, expostos ao riso do povo, para lhe servir igualmente de exemplo, que de deleite. Distinguem-se tambem estas duas especies de Poesia na sentença, e na dicção; porque o estylo da

Tragedia , como contém grandes personagens , e affectos violentos , deve ser sublime , e ornado de figuras rhetoricas , que são as que melhor explicação as paixões ; e ao da Comedia só pertence huma locução commua , natural , facil , e pura ; porque as pessoas , que devem representar nella , hão de ser ordinarias , ou de mediana condição , ás quaes só convém semelhante estylo , pois seria inverosimil , que em acções , e sujeitos humildes houvesse conceitos , e vozes improprias da sua esfera : *Neque enim Comedia in coturnos asurgit , nec contra Tragædia socco ingreditur* , disse Quintil. liv. 10. cap. 1. Concorda porém a Comedia com a Tragedia , em que huma , e outra são representação dramatica , e que em ambas se occulta inteiramente o Poeta , introduzindo sempre outras pessoas. Conveni igualmente em que huma , e outra deve ter as seis partes de qualidade ; isto he , fabula , costumes , sentença , dicção , aparato , e melodia : ambas devem ter justa grandeza , verosimilidade , accidentes maravilhosos , enredo , unidade , tanto na acção , como no tempo e lugar , e a solução , que for necessaria , ou verosimil. Tambem na Comedia he propria a Agnição , e Peripesia , e todas as mais condições , que devem ter os costumes , como dissemos em seu lugar , excepto a *semelhança* ; porque a Comedia moderna usa de pessoas inteiramente fingidas , e esta só convem á Tragedia ; que communmente comprehende sujeitos conhecidos ou por fama , ou pela historia. Convem tambem com a Tragedia em dever ser em verso , segundo varios Authores , affirmando , que lhe he hum instrumento tão natural , como os membros são precisos ao corpo ; e que não havendo verso , não fica a Comedia , como Poesia , sendo representação Comica , mas sim huma introducção dia-

dialogística, como os Dialogos de Luciano. Deve igualmente ter o seu Prologo, Musica, Baile, e divisaõ de Actos: o Prologo serve para instrucção do povo, e para lhe captar a docilidade, e attenção; a Musica, e Baile para deleite do auditorio; e a divisaõ dos Actos para descanso dos representantes; se bem que estas cousas são mais accidentaes, que essenciaes na Comedia. Como destas, e outras cousas tratámos largamente na Tragedia, não queremos ser prolixos, repetindo o que está dito; e só diremos, por não faltar a alguma circumstancia, que se os Gregos dividirão a Comedia em *Antiga, Media, e Nova*, como já temos dito, os Romanos a dividirão em *Palliata, Prætextata, Togata, Tunicata, Tabernaria, Atellana, Motoria, Stataria, e Mixta*. A Palliata, Prætextata, Togata, e Tunicata derivavaõ-se dos vestidos, de que usavaõ os representantes, v. g. Pallio, Prætexta, Toga, e Tunica, que era o vestido mais vil do povo, assim como os outros eraõ para as pessoas nobres. A Tabernaria derivava-se das casas humildes; a Atellana da Cidade de Atella, cujos habitadores eraõ muy graciosos; a Motoria era a que se compunha de grandes movimentos, e machinas; a Stataria a que não tinha estas tramoyas; e a Mixta a que participava de huma, e outra.

CAPITULO XXIV.

Observações sobre os defeitos mais communs das Comedias modernas.

Não cessão os melhores Authores modernos, que escreverão da Poetica, em accusar os muitos defeitos, que se commettem nas Comedias dos nossos tempos. Verdadeiramente não se póde dar boa reposta aos vicios, que elles apontaõ; porque o theatro cahio nas mãos de gente ignorante, e os Authores não cuidaõ mais que em agradar á plebe; e por isso a maior parte das Comedias consiste em actos vilmente ridiculos, e em huns enredos taes, que nelles não ha sombra do verosimil taõ necessario á fabula. Hoje todo o ponto he fazer rir por meyo de equivocos, e metaphoras taõ pouco honestas, que insensivelmente depravaõ os costumes do povo bem morigerado; vicio, que reina bastantemente entre os Italianos; motivo porque aquelles, que são prudentes, não levaõ seus filhos ao theatro, quando estaõ na sua florente idade. Tambem os Francezes adoecem gravemente deste mal de perverter os bons costumes; porque não escolhem muitas vezes para as suas Comedias hum argumento proprio para castigar os vicios por meyo do riso. O seu Moliere, que verdadeiramente foy hum insigne Comico, não deixou em bastantes partes de cahir neste grave defeito. Eu não me animara a esta critica, se primeiro do que eu lha não tivessem feito os seus mesmos naturaes. O grande-Boileau testifica, que Moliere desprezava a cada passo os preceitos de Aristoteles, e de todos os demais Mestres da Poetica, só pelo fim de agradar de

todos

todos os modos ao auditorio. Pelo que respeita aos costumes, pôde-se dizer livremente, que não houve nenhum Comico, que os pervertesse tanto, como este Author. Nunca o seu fim foy perseguir os vicios dos particulares, como deve fazer a Comedia, expondo-os ao riso; antes parece, que todo o seu intento foy enfinallos; porque inspirou em muitas das suas Obras hum certo amor á liberdade mundana; isto he, áquella maneira de viver contraria ás máximas do Evangelho. A mayor parte das suas Comedias são huma escola, em que se aprende a namorar com a mais refinada malicia amorosa: nella se ensina, que são inuteis as diligencias, que usão os pays para livrarem seus filhos dos vicios; e com o motivo de desacreditar a falsa devoção, faz tambem ridicula a verdadeira. Tambem este juizo não he fó meu; porque mo defende entre muitos doutos Francezes. o famoso Baillet no tom. 4. da sua Obra intitulada *Fugemens des Scavans*; dizendo, que Moliere *He hum dos mais perigosos inimigos, que deitou o seculo, ou o mundo contra a Igreja de Deos*: e accrescenta, que a sua Comedia chamada *Tartuffo he hum das mais escandalosas, e atrevidas, que se podem ver: que os defeitos, que reprehende, não são mais que huma certa maneira exterior de conversar no mundo, como v. g. as affectações ridiculas dos homens, o affectar nobreza, o amar em demasia as modas, o presumir sciencia, e outras semelhantes cousas de pouca importancia; deixando porém sempre de reprehender os vicios verdadeiros do animo; e antes ás vezes os persuade*. Outro juizo semelhante a este, e ainda mais diffuso contra Moliere, se poderá ler no livrinho intitulado *Maximes, & reflexions sur la Comedie* composto pelo incomparavel Bossuet Bispo de Meaux, de quem

quem se val muito Muratori, a quem seguimos nesta Critica. Ha outros doutos, que são de parecer, que a mayor parte das Comedias deste Author contem occultamente hum refinado veneno, que conduz as gentes a viver sem temor de Deos, e só guiadas da sua propria vontade; cuja peste confessão os Italianos, que igualmente tem no *Decameron* de Boccaccio não sendo expurgado. Não obstante esta Critica, he preciso confessar, que Moliere foy hum engenho muy vivo, e dotado de huma exquisita naturalidade para fazer rir ao auditorio; e se os costumes, que introduzio nas suas Comedias, não fossem tão prejudiciaes, certamente seria digno de huma fama perpetua. Largo assumpto daõ para discorrer nesta materia o Padre Ottonelli, o Padre Draghi, o Principe de Conty, Voyfin, Nicole, Bossuet, Muratori, e outros, que trataraõ plenamente deste assumpto. Todos estes eruditos, e pios Authores se lamentaõ dos prejuizos, que causa a Comedia moderna, por não introduzir as doutrinas moraes por meyo do riso. A verdade he, que hoje toda a força desta especie de Poesia consiste, se bem se reflectir, em desacreditar a piedade, a continência, e modestia, assim de homens, como de mulheres; em persuadir a liberdade, em satisfazer a desordem dos máos appetites, em desobedecer aos pays, que querem cuidar no procedimento de seus filhos, em zombar delles, porque tem esta honra, em ensinar estratagemas para se enganar aos maridos, em formar colloquios amorosos; e em huma palavra; em causar por todos os modos hum grave damno a huma Republica bem regulada. Quem tiver lido Comedias, tanto Castelhanas, como Francezas, e Italianas, facilmente concordará com esta solida doutrina, se tiver, sobre huma boa consciencia, hum

juizo

juizo desapaixonado, e maduro. Nem ainda os Portuguezes estamos livres, porque nessas poucas Comedias, que temos, bastantemente enfermamos deste mal, prevalecendo o uso, ou abuso de seculo tao estragado. Se Plauto, Aristofanes, e Terencio fizessem as suas Comedias mais modestas, e instructivas, deixariao na prudente posteridade muito mayor recommendaço. Para despertar no theatro o riso, o caminho mais louvavel, e seguro he o representar no grao mais eminente os costumes populares; v. g. hum homem muito fallador, hum avarento, hum cioso, hum temerario, hum presumido, huma mulher vã, hum criado simples, hum Juiz interessado, hum ignorante metido a cortezaõ, e outros muitos costumes, que todos os dias observamos nos sujeitos de baixa esfera. A representaço de qualquer caracter destes, e este pintar vivamente os defeitos, affectaçoens, e vicios das pessoas particulares he que maravilhosamente recreya, e faz tir ao auditorio intelligente; sendo ao mesmo tempo util; porque os que cahirem nestes defeitos, vendo, que a Comedia com huma satyra honesta, e pouco picante lhos poem em publico, cuidaraõ em se abster, e emendar. Este he o verdadeiro sal das Composiçoens comicas, e naõ mil equivocos, que quando naõ saõ deshonestos, pela mayor parte saõ frios, insipidos, e improprios para a cousa de que se trata; por isso vem tao arrastados, como pueris. Neste vicio naõ temos muito em que culpar as Comedias Portuguezas modernas, principalmente as que correm impressas no *Theatro Comico Portuguez*, 1. e 2. parte; porque contem graciosos tao excellentes, que podem fazer comparaço com graciosidades do famoso Maggi Comico Italiano: assim elles tivessem outro officio, do que communmente tem,

de serem mensageiros de amores, que não se encaminhaõ a fim louvavel, mas ao de satisfazer a mãos appetites. Outros muitos vicios pudera apontar, em que cahem as Comedias modernas a respeito do costume; porém bastaráõ estes como tão essenciaes; porque de outro modo escreveriamos hum largo Tratado. Passaremos a dizer alguma cousa sobre os defeitos, em que se cahe a respeito da fabula Comica. Os Hespanhoes, a quem não podemos duvidar, que são ornados de engenho vivo, penetrante, e delicado, a cada passo estaõ commettendo estes peccados. São entre elles innumeraveis as Comedias, em que faltaõ as tres unidades de acção, de tempo, e de lugar. Veja-se a de Lope de Vega intitulada *La locura por la honra*, que comprehende tres acçoens, que cada huma podia ser argumento de huma perfeita Comedia. Veja-se o *Bernardo del Carpio*, e o *Conde de Saldaña*, dando estas, e outras semelhantes occasiaõ a Boileau lhes fazer huma justa critica na sua Poetica Canto 3. Verdadeiramente he cousa para rir, que v. g. no principio da Comedia appareça Bernardo del Carpio menino, e antes de acabar-se esta representaçãõ, se veja já homem, e executar contra os Mouros excellentes acçoens. Não he menos intoleravel este absurdo no *Fanizaro de Hungria*, em que dura a acção mais de vinte annos: nos *Siete Infantes de Lara*; na *Venganza en el despeño*, que dura outro tanto tempo; nos *Siete Dormientes*, que dura duzentos annos, e outras infinitas Comedias, que se as repetissemos, fariamos hum Catalogo prolixo, para os que são intelligentes. Com muita razãõ se ri de semelhantes Composiçoens o douto Cascales nas suas Tabl. Poetic. tratando da Tragedia, pag. 346. quando diz: *Siendo esto assi, nõ os rieiis de nuestras Comedias, que en-*

tre outras me acuerdo aver oido una de San Amaro, que hizo un viaje al Paraizo, donde estuvo docientos años, y despues quando bolviò a cabo de dos siglos, ballaba otros lugares, otras gentes, otros trages, y costumbres: Que mayor disparate, que esto? Otros hai, que hacen una Comedia de una Chronica entera; yo la he visto de la perdida de Hespaña, y restauracion de ella. Naõ saõ sómente estes os vicios, em que cahem os Comicos Hespanhoes, como diz Luzan, a quem figo, quando os criticou doutamente na sua Poetica; porque tambem saõ muy frequentes em naõ observarem a precisa regra da unidade do lugar. Na Comedia *Amigo hasta la muerte* de Lope de Vega, a representaçã humas vezes he em Tetuaõ, outras em Sevilha, outras em Cadiz, outras em Gibraltar. Na Comedia de Calderon *Para vencer Amor querer vencerle* parte da representaçã he nos Esguizaros, e parte em Ferrara: na *Dicha, y desdicha del nombre*, parte em Parma, e parte em Milaõ; e o mesmo he nas Comedias *Servir à Señor discreto*, *El Principe perfecto*, *Fortunas de Andromeda*, y *Perseo*, e outras muitas: donde as pessoas (como galantemente diz Luzan) como se tivessem azas, no breve espaço de tres, ou quatro horas, que dura a representaçã, voaõ pelo mundo milhares de legoas sem calma, e sem cansaço algum. No que respeita ás inverosimilidades, seria preciso hum distincto volume só para tratar dos costumes mal conservados, ou pessimamente introduzidos; pois a cada passo as Damas saõ taõ eruditamente discretas, elegantes, e conceituosas, que poderiaõ orar no Senado Romano, deixando pelo artificioso o que he natural. Os Lacayos, e Lacayas pódeñ tambem dictar em huma Cadeira de Rhetorica, naõ sendo verosimil, que

semelhantes pessoas fallem com clausulas taõ limadas, e conceitos taõ estudados, muito mais sendo de repente, e familiarmente: fallo das Damas, e Galans; porque nos criados, de qualquer modo, que seja, sempre he contra todo o verosimil. Tratando destas impropriedades, naõ me esquecerey de outras, que muitas vezes se observaõ em infinitas Comedias Hespanholas; como saõ os Oraculos de alguma voz, que dentro do theatro interrompe a representaçaõ, adevinhando o que se hia a dizer; os eccos, e sonhos, em que se falla tanto a ponto, como poderia fallar huma pessoa, e acordada; e os erros de Historia, Chronologia, e Geografia, que se lem no *Conde Lucanor*; na *Gran Zenobia*; *En esta vida todo es verdad, y todo mentira*; *Las armas de la hermosura, y duelos de amor, y lealtad* &c. como se pôde ver em Luzan pag. 422. Porém naõ ha inverosimil mais celebre, como o que agora apontarey, o qual tem muitos por cousa elegante, e seus Authores foraõ os primeiros, que assim o julgaraõ. Sahem duas pessoas para o theatro cada huma por sua parte, e levaõ taõ bem estudado o que haõ de dizer, que huma naõ ha de dizer huma syllaba mais que a outra, e fallando cada qual consigo só, vaõ alternando os conceitos, e versos com taõ justa medida, que parece, que já de antemaõ se tinhaõ prevenido para o caso. Copiarey de Luzan hum exemplo, que tirou da Comedia de Calderon *Muger llora, y vencerás*. Sahem nella Fiderico, e Henrique, medindo hum ao outro as palavras taõ compassadamente, como se vê:

Fiderico. Desta musica guiado.

Henrique. Llamado de estos accentos.

Fiderico. Vengõ à pezar del enojo.

Henrique. A pezar de la ira buelbo.

Fiderico. De Madama, porque juzgo.

Henrique. De Madama, porque pienso.

Fiderico. Que quando el riesgo es tan noble,
Ha de apetecerse el riesgo.

Henrique. Que quando es tal el peligro,
Es el peligro el remedio.

Fiderico. Pero aqui está: que bien dudo.

Henrique. Pero aqui está: que bien temo.

Fiderico. Volver à ver su semblante.

Henrique. Volver à mirar su ceño.

Fiderico. Yà me viò: vengan desdenes.

Henrique. Yà me viò: vengan desprecios.

Quem não ha de dizer, que isto mais parece rezar em côros, que sahir a representar huma Comedia? Só o povo ignorante poderá gostar de semelhantes cousas; e para elle he que entendo, que as escreveo Calderon, que na verdade teve muitas circunstancias, que lhe de- raõ hum lugar bem distincto entre Solis, Candamo, Cañizares, Moreto, e mais algum outro, que saõ os Mestres da Comica Hespanhola, e dignos por justas causas da fama, que gozaõ. A sua locuçãõ he nobre, e clara, e o modo engenhoso para urdir huma fabula, e ter até o fim della suspenso o auditorio por meyo de excellentes lances, he taõ admiravel, que não duvida nesta parte o que he intelligente em o receber por texto. Sobre outras infinitas inverosimilidades poderamos dizer muito; porém bastem estas, porque entre nós he grande o numero dos defensores da Poesia Comica de Hespanha.

CAPITULO XXV.

Fuizo sobre os Authores antigos assim Gregos , como Latinos , que escreveraõ Comedias.

E Upoli , Cratino , e Aristophanes foraõ os que fizeram famosa a Comedia *antiga* , que entre os Gregos fazia tambem as vezes de Satyra. Nella se admirava altamente observada aquella perfeiçaõ , que se chamava *Atticismo* , que comprehendia tudo o que no estylo era tido por mais elegante , fino , e delicado , a que naõ podiaõ chegar as Poesias de outros.

Menandro foy cabeça , e Author da Comedia *nova*. Plutarco *in Moral.* pag. 853. o prefere infinitamente a Aristophanes , e admira nelle huma casta de galantaria agradavel , delicada , e viva , naõ se afastando das regras da Filosofia moral. A verdade he , que Aristophanes he mordaz no seu ridiculo ; porque ferè , e trespasssa sem respeito algum a reputaçãõ das pessoas mais honestas , e desenfreadamente se atreve contra todas as leys do pejo , e da modestia. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. disse claramente , que Menandro vencera a quantos escreveraõ antes delle em assumptos Comicos , e que com a sua merecida fama escurecera inteiramente os nomes delles. Porém o melhor elogio , que se pôde fazer a este Poeta he dizerse , que Terencio fora hum copiador das suas Comedias , e huma copia muito inferior ao seu original. A. Gellio no liv. 1. cap. 13. observou alguns lugares de Menandro imitados por Cicilio antigo Poeta Comico Latino , e diz , que apenas lera da primeira vez os versos deste Author , os achára muito bons ; mas que comparando-os depois com os do Poe-

ta Grego, lhe pareceraõ muito máos. Em quanto viveo, não fizeraõ a Menandro a justiça, que merecia; porque pondo no theatro mais de cem Comedias, unicamente oito he que foraõ distinctamente applaudidas. O artificio, ou conspiraçãõ contra elle, ou tambem o máo gosto dos Juizes, fez com que Filemon, que só aspirava ao segundo lugar depois de Menandro, o preferisse nas occasioens de representaçãõ Comica. Quintil. cap. i. liv. 10. diz assim: *Phileimon, ut pravus sui temporis judiciis Menandro saepe prelatus est, ita consensu omnium meruit credi secundus.*

Entre os Latinos o primeiro Poeta Comico, que floreceo, foy *Livio Andronico*: não sabemos, que compozesse determinadamente para o theatro alguma Comedia, e só de Tragedia he que temos noticia. O que se sabe he, que floreceo antes de Ennio hum anno, e que foy o primeiro, que intentou fazer Comedias, e Tragedias á imitaçãõ dos Gregos.

Seguiu-se *Cneo Nevio*, o qual animado do exemplo, que tinha dado Andronico, seguiu os seus vestigios, e cinco annos depois da sua morte começou a pôr no theatro materias representaveis, que podiaõ ter o nome de Comedias; as quaes como seguiãõ o estylo antigo dos Gregos, lhe fizeraõ conciliar o odio da nobreza, principalmente de hum certo Metello, que o obrigou a fahir de Roma. Como estes dous Authores foraõ os primeiros, e em seculo tão ignorante, facil he conjecturar quaes seriaõ as suas Comedias, que não passaraõ á posteridade, senãõ dellas hums poucos fragmentos,

Cecilio, e *Pacuvio* augmentaraõ muito a Poesia Comica, e o segundo particularmente a Tragica; em que se distinguio naquella idade, compondo, alem de
outras,

outras, a Tragedia intitulada *Orestes*, de que faz menção Cicero de *Amicit.* n. 14.

Plauto foy o primeiro, que entre os Romanos se fez celebre pela Poesia Comica, e taõ feliz, que de dezanove Comedias, que compoz, todas inteiramente resistiraõ ao tempo, e passaraõ a nós. A razão disto seria, porque sempre foraõ desejadas por causa do deleite, que causavaõ as suas graciosidades, naõ só no seu tempo, mas no de Augusto, em que se representavaõ as suas Comedias com grande applauso, e ainda no Imperio de Diocleciano, trezentos annos depois do Nascimento de Christo. Varios foraõ os juizos, que a respeito deste Poeta se tem proferido. A muitos bons Criticos parece, que a sua locução se deve estimar, naõ só pela pureza, e exacção, mas pela abundancia, força, e elegancia, com que fallou. Varro costumava dizer, que se as Musas fallassem na lingua Latina, servirie-hiaõ das palavras de Plauto, como diz Quintil. liv. 10. cap. 1. Hum semelhante elogio parece que tira toda a duvida. Horacio porém naõ obstante ser hum bom Juiz nestas materias, mostra, que naõ he muy favoravel a Plauto; e para prova copiaremos o que deste Poeta disse na sua Poetica:

*At nostri proavi Plautinos & numeros, &
Laudavere sales: nimitum patienter utrumque,
Ne dicam stulte, mirati; si modò ego, & vos
Scimus inurbanum lepido seponere dicto,
Legitimumque sonum digito callemus, & aure.*

Naõ só foy Horacio o que fez esta critica a Plauto; porque a Corte de Augusto, e ainda o mesmo Emperador, naõ gostavaõ dos versos, e graciosidades deste Poeta. A censura de Horacio cahe em dous pontos: o primeiro he sobre a cadencia dos versos, e o segundo sobre

o ridiculo. Em quanto aos versos não se deve desprezar o juizo de Horacio; pois o mesmo Plauto no Epitafio, que fez para si mesmo, chama com razão aos seus versos *Numeros innumeros*; porque nas suas Comedias he tal a mixtura, e variedade de versos, que ainda os mais doutos tem huma grande difficuldade em os conhecer. Em quanto ao ridiculo tambem não he de todo mal fundada a censura do Lyrico; porque igualmente he certo, que Plauto introduzio algumas graciosidades inspidas, baixas, e algumas vezes excessivas: verdade he, que tem outras, que são tão finas, e delicadas, que podem servir de exemplar. Por esta razão Cicero, que foy hum grande Mestre daquella, que os antigos chamavaõ *Urbanidade*, propoem a Plauto como hum modello dos que quizerem usar do estylo faceto. Veja-se o que diz no livr. *de Offic.* i. num. 104. *Duplex omnium est jocandi genus: unum illiberale, petulans, flagitiosum, obscænum; alterum elegans, urbanum, ingeniosum, facetum; quo genere non modo Plautus noster, & Atticorum antiqua Comædia, sed etiam Philosophorum Socraticorum libri sunt referti.* Porém estes defeitos, que acima apontamos, não são os que obstaõ para dizer, que Plauto foy hum excellente Comico; porque os seus vicios se disfarçaõ com outras muitas excellentes qualidades, que não só o igualaraõ a Terencio, mas talvez na opiniaõ de alguns o collocaraõ em lugar superior. Tal he o juizo, que destes dous Poetas fez a grande Madama Dacier na Prefacçaõ da Traducçaõ das tres Comedias de Plauto, dizendo: *Terencio tem sem duvida mais arte; porém Plauto parece-me, que tem mais engenho. Terencio empenha-se, em que os seus representantes se applicuem mais a fallar, do que a obrar, e Plauto mais faz*

com que elles obrem, do que fallem; e este he o verdadeiro caracter da Comedia, em que a acção deve prevalecer ao discurso. Além disto parece-me, que Plauto excede a Terencio naquellas controversias, que forma sempre correspondentes á qualidade dos representantes; que os seus accidentes sempre são varios, e incluem cousa, que arrebatada com gosto a quem os lê. Pelo contrario Terencio parece, que faz o Theatro languido; porque manifestamente se vê, que falta á vivacidade da acção, e á contextura do enredo, e accidentes. Encontraõ-se de quando em quando nas Comedias de Plauto maximas muito importantes para a direcção, e pureza dos costumes. Referirey hum exemplo da sua famosa Comedia intitulada *Amphitryaõ*, tirado daquelle lugar, em que Alcmena falla a seu marido Amphitryaõ, e este em poucos versos lhe include todas as virtudes, que deve ter huma mulher prudente, e de bons costumes: diz elle no Acto 2. scen. 1.

*Non ego illam mihi dotem duco esse, que dos dicitur;
Sed pudicitiam, & pudorem, & sedatam cupidinem:*

*Deum metum, parentum amorem, & cognatum concordiam,
Tibi morigera, atque ut munifica sim bonis, pro sim probis.*

Porém se alguns lugares ha destes, que sejaõ uteis, outros muitos se encontraõ neste Poeta, que são contrarios á pureza dos costumes. He cousa lastimosa, que caya este vicio geralmente sobre os melhores Poetas do Gentilismo. Por este respeito deveriamos lembrarnos sempre do conselho de Quintiliano liv. 1. cap. 8. que diz, fallando das Poemas nocivas: *Amoveantur, si fieri potest; si minus, certè ad firmitus etatis robur reserventur . . . cum mores in tuto fuerint.*

Terencio foy igualmente hum Comico, a quem deve muito o theatro. Delle não ha mais, que seis Comedias,

medias, que se representaraõ em Roma com grande applauso, principalmente a intitulada *Eunucho*, porque se representou duas vezes em hum dia, huma de manhã, outra de tarde; cousa, que talvez naõ havia succedido até aquelle tempo. Corria a voz, que Lelio, e Scipiaõ o ajudavaõ a compor as suas Comedias, e augmentou-se mais esta suspeita, vendo-se, que Terencio, querendo-se defender della no Prologo dos *Adelphos*, o fizera muito mal, e com razoens muy frivolas; talvez por agradar a seus dous amigos, que gostariaõ desta suspeita. Suetonio na vida de Terencio, de que se entende he Author, diz, que ainda no seu tempo havia esta opiniaõ. Valgio Poeta contemporaneo de Horacio, fallando destas Comedias, diz positivamente:

*Hæ, quæ vocantur fabulæ, cujus sunt?
Non hæ, qui jura populis recensens dabat,
Honore summo affectus fecit fabulas?*

Ainda creſceo mais esta opiniaõ, vendo-se, que Terencio, naõ tendo mais que trinta e cinco annos, naõ passára a compor mais Comedias, que as seis, e que sa-hira de Roma, naõ havendo delle mais noticia certa. Alguns dizem, que morrera vindo da Grecia, onde tinha traduzido cento e oito Comedias de Menandro; outros, que fallecèra em Arcadia de paixãõ, por ter perdido estas Comedias, que traduzira. Cicero em huma Obra Poetica, que fez intitulada *Leimon*, fallou de Terencio deste modo:

*Tu quoque, qui solus lecto sermone, Terenti,
Conversum, expressumque Latinâ voce Menandrum
In medio populi, sedatis vocibus effers,
Quidque comè loquens, atque omnia dulcia linquens.*

Estes versos saõ hum grande testimonho, que honra

muito a Terencio; assim elles honrassem tanto a seu Author, sendo mais elegantes. Igualmente de Augusto nos ficou outro testemunho sobre o merecimento de Terencio, e entendo, que he mais bem fundado o juizo:

*Tu quoque, tu in summis, ò dimidiate Menander,
Poneris, & meritò, juri sermonis amator.
Lenibus atque utinam scriptis adjuncta foret vis
Comica, ut æquato virtus polleret honore
Cum Græcis, neque in hac despeçtus parte jaceres!
Unum hoc maceror, & doleo tibi deesse, Terenti.*

O summo merecimento de Terencio consiste na arte, em que não he facil ser imitado; em pintar os costumes, e imitar a natureza com tanta simplicidade natural, e desaffectedada, que cada hum entenderá, que pôde escrever da mesma maneira; mas no mesmo tempo he tão elegante, e engenhoso, que não se pôde imitar. Por esta arte maravilhosa, com que formou as suas Comedias, em que tanto recreya, e arrebatava os animos, sem que a faça mostrar, he que Horacio o definiu, dizendo na Epist. i. liv. 2.

*Vincere Cæcilium gravitate Terentius arte
Dicitur.*

A estas qualidades unio Terencio a pureza, com que fallou a sua lingua, e huma tal graça, e delicadeza em estylo natural, e simples, que entre todos os Authores Latinos foy o que mais se encoftou ao Atticifino; isto he, a tudo o que os Gregos tinhaõ por mais fino, e perfeito; razão, porque Quintiliano disse: *Terentii scripta sunt in hoc genere elegantissima.*

Affranio floreceo já na segunda idade da Poesia Latina: deo-se á composiçãõ Comica, e sahio excelente, principalmente nas Comedias *Togatas*, e *Atellanæ*.

lanas. Parece, que Horacio o compára a Menandro, quando disse na sua Poetica :

Dicitur Affrani toga convenisse Menandro.

Foy contemporaneo de Terencio; mas depois da sua morte he que principiou a ser estimado; e o mesmo Affranio o tinha em tanta veneração, que não consentia, que houvesse quem o pertendesse igualar; como se lê nos seus fragmentos :

Terencio non similem dices quempiam.

C A P I T U L O XXVI.

Da Poesia Mimica: seu fim, e materia &c.

POr fatifazermos ao costume de muitos Authores, que escreverão da Poetica, diremos aqui alguma cousa da Arte Mimica; se bem que outros não menos graves a passaraõ em silencio, attendendo talvez a que foy prejudicial aos costumes, como lemos em infinitos lugares de muitos Santos Padres, e Doutores da Igreja Catholica. Por este motivo seremos muy breves neste Capitulo, restringindo-nos unicamente ao que basta, para dar noticia de huma Arte antiga, que nasceo da Comedia, e não nos esqueceremos de fallar nos seus prejuizos. Antigamente tudo o que era representação, se fazia na Comedia, cantando nella assim os chamados *Pantomimos*, como os *Pythaules*, e *Choraulles*; porém como nem todos eraõ insignes, e os excediaõ os representantes de Comedias, assim pela arte, como pelo officio, entraraõ a disputar a sua primazia, e excellencia no theatro para enganar a alguns. Daqui nasceo; que não querendo os Comicos ceder aos Mimi-

cos na sua arte, se separaraõ huns dos outros, como diz o Fragmento de Suetonio allegado por Diomedes, liv. 3. cap. *De variis Poematum generibus*. O fim desta Poesia (que tal se deve chamar, porque tambem consistia na imitaçaõ) era instruir, e deleitar, como outra qualquer especie da Poetica. Instruía, porque com ditos muy picantes, a que chamavaõ *Diçteria*, fazia mófa dos homens perversos, ainda que fossem dos principaes; e deleitava, porque com o riso venal dos seus representantes, e diçterios ridiculos, e satyricos alegrava o povo, que sempre gosta de ouvir censurar aos superiores. Este deleite, que naõ era em si bom, ainda se estragou mais; porque usavaõ aquelles representantes de palavras, e gèstos obscenos; o que deu occasiaõ a que os Santos Padres condemnassem taõ fortemente este divertimento, e os Authores Poeticos definissem esta Arte como cousa indecente, e nociva aos costumes. Diomedes liv. 3. apud Bulengerum de Theat. liv. 1. cap. 41. define-a deste modo: *Mimus effictor, qui vel intrá, vel extrá scenam gesticulationes exercet, imitaturque dicta, factaque, moresque hominum, & naturas cum lasciviá*: e em outra parte elle creve assim: *Mimus est sermonis cujuslibet, motusque sine reverentiá, vel factorum turpium cum lasciviá imitatio*. Mazoni na sua Poetica, liv. 2. cap. 26. provando, que a Poesia Mimica tivera origem na Fallica, diz com Minuzio in *Octavio*, que *Mimus vel exponit adulteria, vel monstrat*. Tertulliano in *Apologet*. lhes chama: *Ingenia ad lasciviam nata*; e mais a baixo, diz: *Argumenta maiori ex parte spurcerum continent actus*. Do que temos dito se segue, que a materia da Poesia Mimica eraõ cousas, e pessoas vis, diçterios ridiculos, mordazes, obscenos, e ás vezes

sen-

sentenças uteis á vida humana , quando satyrifavaõ os vicios ; porém eraõ raríffimos os que ufavaõ dellas ; porque o commum era ou com palavras , ou com gèstos , e acçoens tratarem de coufas lascivas , como temos dito : por isso os póvos bem regulados , como os Massilienses , os naõ quizerãõ admittir , como diz Cicero na Oraçaõ *pro L. Flacco* , e Valerio Maximo , liv. II. cap. 6. chamando á Cidade destes póvos: *Civitas severitatis custos acerrima , nullum aditum in scenam Mimis dando*. A differença , que havia entre os Mimos , e Pantomimos era , que os Mimos naõ só representavaõ a fabula com os gèstos , mas tambem com a voz , tendo seu representante , que vinha ao principio fazer como hum prologo , para instruir ao auditorio na fabula , a qual sempre era composta de modo , que fosse apta para os movimentos do corpo. Isidor. *in Orig.* liv. 18. confirma esta doutrina , dizendo: *Mimi sunt dicti Græcâ appellatione , quòd rerum humanarum sint imitatores : nam habebant suum actorem , qui , antequam Mimum agerent , fabulam pronunciaret . Nam fabulæ ita componebantur à Poetis , ut aptissimæ essent motui corporis*. Os Pantomimis (naõ fallo dos primeiros) eraõ os que fóra da Tragedia , ou Comedia vinhaõ á Orchesta , e sem usarem de palavra alguma , mas só dos gèstos do corpo , e principalmente das acçoens das mãos , representavaõ huma fabula , que naõ só comprehendia coufas , e pessoas vís , como faziaõ os Mimos , mas muitas vezes constava de acçoens de Deoses , Heroes , e Capitaens illustres ; por isso a voz Grega *Pantomimos* val o mesmo , que *Omnium imitator*. Veja-se o que diz Cassiodoro no liv. I. *Var. Epistol. XX.* escrevendo a Albino , e a Albieno sobre a Arte dos Pantomimos: *Hanc partem musicæ disciplinæ mutam nominavère*

Maiores: scilicet quæ, ore clauso, manibus loquitur, & quibusdam gesticulationibus facit intelligi, quòd vix narrante linguâ, aut scripturæ textu possit agnosci.

C A P I T U L O XXVII.

Fuizo sobre os antigos Poetas Mimicos.

OS primeiros, de que temos noticia, que usassem desta Arte entre os Romanos foy hum tal chamado *Esopo*, e *Q. Roscio*, dos quaes faz menção Cicerro em muitos lugares, louvando-lhes a habilidade. Depois delles seguio-se

Laberio Cavalheiro Romano, que se fez admiravel nesta especie de representação. As pessoas bem nascidas não perdiaõ a sua nobreza compondo Obras theatraes; porém se as representavaõ, não o podiaõ fazer sem sua deshonra. Para desprezar esta opiniaõ, que o tempo tinha approvado, mandou Julio Cesar a *Laberio*, que elle mesmo representasse no theatro huma das suas Obras. Recusou o Poeta; mas em fim cedendo ao poder, veyo a obedecer, e subindo ao theatro, defogou a sua dor por hum modo taõ pathetico, e ao mesmo tempo respeitoso, que diz *Rolin*, a quem copiamos, que não nos deixou a antiguidade couza mais bella no seu genero; e o curioso a poderã ler traduzida no tomo 1.º do Tratado dos Estudos do mesmo Author, sendo da 2.ª edição. Pelo discurso da Comedia quiz vingarse *Laberio* de Cesar do modo, que podia, e usou contra elle de algumas expressoens, sentenças, e idéas taõ engenhosas, como satyricas. Introduzio a hum servo maltratado de seu Senhor, o qual exclamando sahia dizen-

dizendo : *Porro , Quirites , libertatem perdimus , e logo accrescenta : Necessse est multos timeat , quem multi timent.* O que tudo engenhosamente alludia á violencia de Cesar, como logo conheceo o povo, olhando para elle.

Seguiu-se *Publio Siro* a *Laberio* , e foy igualmente excellente na Poesia Mimica , e no modo mais comedido de a ordenar. Se crermos a *Julio Cesar* , diremos , que excedeo a *Laberio*. Da mesma opiniaõ he *A. Gellio* liv. 17. cap. 14. dizendo : *Publius Mimos scriptitavit ; dignusque habitus est , qui suprà Laberio judicaretur.* Porém pode-se entender , que a preferencia , que Cesar deu a *Siro* , naõ procedeo senaõ do desejo de mortificar a *Laberio* ; porque tinha dito contra elle algumas palavras injuriosas na Comedia , que violentamente lhe mandou representar , como acima dissemos. De *Siro* temos huma Obra , que comprehende admiraveis sentenças feitas em versos Jambos ordenados por modo alfabetico. De *Seneca* o velho temos tambem a noticia sobre a opiniaõ de *Cassio Severo* , que preferia as sentenças de *Siro* ás de todos os mais Poetas assim Tragicos , como Comicos. *Seneca* o moço igualmente considera a este Poeta como hum elegante exemplar digno de ser imitado. O certo he , que naõ se póde duvidar , que as sentenças de *Siro* saõ obra , que inclue muita fórma em pouca materia. Lea-se a Tradução dellas feita em Francez , que andãõ juntas com o Poema de *Cornelio Severo* intitulado *Ethna*.

Depois de *Siro* floreceraõ *Philistio Niceno* , Poeta tambem de grande merecimento, por naõ ser obsceno, como diz *Cassiodoro* liv. 4. Epist. ultima ; *Lentulo* , que viveo no tempo de *Domiciano* , homem de máos costumes ; e de igual doutrina , de quem fazem mençaõ

Marcial, e Juvenal; *Cneo Matio*, de quem diz A. Gellio: *Hominem impensè doctum*, e em outro lugar: *Virum eruditum*; *M. Marullo*, que viveo no tempo de M. Antonino Filosofo, e delle faz memoria Julio Capitolino; e *L. Acilio*, chamado o *Archimimo* pela sua excellencia, segundo consta de huma inscripção, que traz Gruttero na sua Collecção pag. 330. num. 2. Houve outros muitos Poetas Mimicos, porém de nome escuro, por serem dissolutos, e prejudiciaes aos costumes nas suas representações; do que fugirão em muita parte quasi todos os que entraõ neste juizo; razaõ porque não se esqueceo a antiguidade de honrar com muitos elogios a sua memoria.

C A P I T U L O XXVIII.

Da Tragicomedia: mostra-se como he Poesia monstruosa.

TEmos lido diversos Authores, que porfiadamente pertendem mostrar, que não repugna á Poetica a Poesia Tragicomica. Os mais fortes nesta opiniaõ he Bonciario no seu Dialogo *de Ludric. Poesi* liv. 2. cap. 14. e 15. e Joã Savio na Apologia ao *Pastor Fido* liv. 1. pag. 67. em que diz: *Per i casi nel governo Monarchico s' è trovata la Tragedia; e nel Democratico la Comedia; per l' Aristocrazia non si potrà inventar la Tragicomedia?* Este Author não distingue a proposito; por quanto as pessoas de alta esfera são só para a Tragedia; as que não são deste predicamento, são para a Comedia, e não para a Tragicomedia; e os que são da condição mais inferior da Republica; isto he, Paisanos,

nos, Pastores &c. constituem a Satyra. Esta he a doutrina corrente, que tambem ignorou o Calepino, quando disse V. *Comædia: In Comædia si Deorum, aut Principum personas contingat admisceri; eæ non propriè Comædiæ, sed Tragicomædiæ appellantur.* Persuado-me, que quem o moveo a dizer este absurdo foy Plauto, porque intitulou Tragicomedia ao seu *Amphitryaõ*, como se lê no Prologo: mas não soube, que este Poeta usou de tal titulo para fazer rir o povo com o jocosó, e estranho desta voz nova inventada por elle, como outras muitas, e tanto foy este o seu animo, que depois fallando sério chama áquella representação Comedia, como verdadeiramente he:

Ipse hanc acturus est Jupiter Comædiam

. . . . Nunc animum advortite,

Dum hujus argumentum eloquar Comædiæ &c.

O certo he, que a Tragicomedia he hum monstro na Poesia taõ enorme, e contrafeito, que pódem os Centauros, e as Chimeras parecerem huns partos perfeitos da natureza. He hum composto poetico, que formaraõ alguns Authores para desprezo da Poesia, ordenado todo de cousas entre si discordes, inimigas, e incompativeis. Já examinámos as qualidades da Tragedia, e da Comedia, e differindo estas entre si em cinco cousas; como he a materia, as pessoas, a dicção, os affectos, e o fim, como diz Pontano Poetic. liv. 2. cap. 20. Veja-se como estas differenças entre si contrarias, e incompativeis se poderãõ unir para formar hum sujeito poetico? Na Tragedia quasi tudo saõ choros, e lamentos, na Comedia tudo alegrias, e graciosidades, e eu não sey como se possaõ unir estas contrariedades. Não posso penetrar como de dous contrarios, e de dous extremos venha a compor-se hum mixto perfeito, nem

dar-se hum meyo perfeito ; sendo participante de contradicção , e extremidade de cousas , v. g. da audacia , e do temor não pôde resultar a fortaleza ; porque não he possível , que de dous vicios nasça a virtude , e ainda que se aponte algum exemplo , v. g. que de dous animaes diversos nasce hum terceiro de outra especie ; responde-se , que este exemplo não serve para o caso ; porque entre a Tragedia , e a Comedia não ha simpatia , nem analogia alguma , para que a arte possa unir consigo hum terceiro parto poetico ; e quando se conceda este absurdo ficará a Tragicomedia sendo hum monstro da arte ; porque se fórma contra as regras , que nella se prescreverão ; do mesmo modo , que os monstros da natureza são aquelles , que se afastão da geração natural , e da ordem , que ella mesma lhe deu. Doutissimamente escreveo contra a Tragicomedia Faustino Summo respondendo a Orlando Pescetti ; e entre muitos argumentos , que faz , diz , que assim como hum Principe em huma mesma pessoa não pôde ser realmente Principe , e Cidadão particular , assim igualmente he impossível , que a Tragedia , sendo imitadora de Principes , possa fazer hum só individuo junta com a Comedia , representando esta a gente particular. Não pôde ser , segundo a natureza , que na Tragicomedia se faça , com que as pessoas Reaes , e plebeas tenhaõ hum mesmo caracter , e lugar ; que nella caiba o estylo grave , e o humilde ; e que a graciosidade de ditos , e factos se una com a veneração das pessoas , e com a severidade dos costumes : por isso diz o Filosofo no Problema 7. que *Res contrarias inter se idem efficere posse absurdum est*. Adianteinos mais o discurso : Se a Tragicomedia val o mesmo , que Tragedia , e Comedia ao mesmo tempo , a que pessoa se ha de referir a acção principal

principal da fabula? Ha-de hum mesmo individuo representar em si ao mesmo tempo duas acçoens contrarias? Quero, que no celebre *Pastor Fido* possaõ Mirtillo, e Amarillis ser pessoas Tragicas; porẽm quaes saõ as outras, que devem dar fórma á Comedia? Dizerme-haõ, que saõ todas as outras pessoas de mediocre fortuna, que fallaõ nesta Tragicomedia; e eu respondo, que isto naõ basta; porque em qualquer Tragedia se imitaõ semelhantes sujeitos de condiçaõ plebea, e nem por isso fica sendo Tragicomedia. Quanto mais, se este nome *Tragicomedia* significa huma Tragedia Comica, digo, que he hum erro crassissimo semelhante composto, porque devia dizerse *Tragedicomica*, como prova fortemente Nisiely, a quem seguimos em todo este discurso, e nos valem das suas razoens, como as mais convincentes. Cada vez nascem mayores duvidas na consideraçaõ deste nome composto. Naõ posso perceber, porque a huma Tragedia se lhe póde chamar *Comica*. Será talvez porque usa do jocosõ, e ridiculo? Se assim he, naõ póde ser; pois as graciosidades saõ hum accidente taõ pouco consideravel, que naõ póde mudar; e alterar os titulos, e inscripçoens. Será talvez por ser alegre o fim da fabula? Tambem esta defeza naõ he nervosa; porque entre os antigos Tragicos, como já em seu lugar dissemos, se achãõ muitas fabulas com semelhante fim, e nem por isso lhes chamaraõ seus Authores Tragicomicas. Taes saõ o *Filottetes* de Sophocles, o *Orestes*, o *Alcestides*, as duas *Ephigenias*, a *Elena*, a *Danae*, a *Electra*, e outras mais de Euripides. Como os defensores desta Poesia monstruosa se achãõ nesta parte convencidos, recorrem a outro principio, como faz Pescetti, dizendo, que fora inventada a Tragicomedia para moderar assim o demasiado,

que ha no ridiculo Comico , e no horrivel Tragico , como na locução , sendo esta na Comedia muito humilde , e na Tragedia muito elevada. Como estas razoens são frivolas , tornamos a entrar em outro labyrintho , ou para melhor dizer , ficamos no mesmo , em que estavamos ; porque a Comedia , e Tragedia são duas especies de Poesia tanto na theorica , como na pratica completamente perfeitas : e dado caso , que em alguma dellas athe seu Author excessiva disformidade , ou no sério , ou no ridiculo , emende-a quando compoem a fabula Tragica , ou Comica , e não se atreva a perverter o todo , que he bom , e imitavel , querendo emendar alguma parte menos perfeita. Que bella harmonia poetica , e que suavissimo composto seria , segundo estes bons Authores , formar hum Poema da Bucolica , e da Eneida , e intitullallo *Buccoleroico* ! Seria o mesmo , que vestir hum Rey com os vestidos de algum homem da plebe , para elle deste modo se aliviar do pezo da verdade Real. Do que temos dito , claramente se vê , que na Poesia he a Tragicomedia , como na natureza o Hermafrodita , o qual no seu nome mostra logo a perfeição , com que nasceo. Se estas razoens não forem forçosas , tenho entao para mim , que do mel , e do fel se póde fazer hum mixto potavel , gostoso ao paladar , e que em huma Republica politica se podem congregiar os homens , e os animaes , e viver entre si com boa harmonia. Poderamos ser mais extensos neste assumpto ; porém sobraõ os fundamentos , que apontamos , e talvez bastaria sómente dizer , que os antigos , sendo os Mestres da Poetica , e os unicos exemplares , que se devem seguir , e venerar , não praticaraõ semelhante especie de Poesia , considerando , que era monstruosa.

CAPITULO XXIX.

Juizo sobre a Tragicomedia de Guarini intitulada Il Pastor Fido.

Como o estylo, que seguimos no fim de cada especie de Poesia, he fazermos hum juizo dos Autores antigos, que lhe pertencem; e da Tragicomedia não ha Escritor algum Grego, ou Latino, e só em Italia se fez taõ celebre com semelhante composiçaõ Joaõ Bautista Guarini, diremos o que sentimos ingenuamente desta Obra, pelo que lemos em Faustino Summo, Pedro Malacreta, Jason de Noris, o Apatista, e outros Criticos, que a censuraraõ. Esta Tragicomedia tem ouvido no mundo literario os mayores elogios, e entendo, que a mayor parte das naçoens cultas a tem traduzida nos seus idiomas. Não duvido, que por muitas circumstancias se fizesse merecedora deste applauso; porém igualmente tem outras, que devem ser censuradas no tribunal de huma critica severa. O que geralmente tem arrebatado os animos; he o estylo desta Obra; e a mim me parece, que he a primeira cousa, que não deve ser louvada; porque a frase deste Poeta nem he tragica, nem comica, nem tragicomica, mas toda lyrica; porque he toda cheya de brincos, e perfumes amorosos; tudo he mel, e assucar, tudo cores, e luzes, e tudo, não artificios, mas huns esforços artificiaes, buscados de proposito, e collocados em lugares, que não são devidos, e por isso contrarios ou ao decoro da Obra, ou ao costume das pessoas, ou ao verosimil da imitaçaõ. Parecerá em nós talvez demasiado este juizo; porém lea esta fabula o leitor sabio, e desapaixonado;

apaixonado , que certamente encontrará nella ser quasi tudo huma enfiada de Madrigaes amorosos , unidos successivamente huns aos outros. Veja-se o Acto 4. scena 5. em que falla Nicandro todo cheyo de dor : o Acto 5. scena 2. em que discorre Tirenio igualmente penetrado de hum vivo sentimento : o Acto 4. scena 9. em que falla Dorinda ferida : e o Acto 3. scena 3. em que discorre Mirtillo amorosamente apaixonado da ira , e desesperaçãõ : o mesmo se lê no Acto 1. scena 2. e em outros muitos lugares ; motivo porque entendo , que Guarini ou naõ soube , ou desprezou na sua Tragicomedia este dogma poetico , que escreve Falereo a pag. 149. e que tanto se deve observar : *Risus artes , & lepòrum in Satyra , & Comædiis : in Tragædiâ autem veneres quidem recipit in multis : risus autem inimicus Tragædiæ : neque enim cogitaret aliquis Tragædiam ludentem ; quia Satyram scriberet pro Tragædia.* Em quanto aos costumes naõ falta , que censurar nesta Obra , e assenta logo o primeiro reparo na pelloa de Linco , Ayo de Silvio. Muito mal satisfez este ao seu officio ; porque obriga a Silvio a que se retire de praticar o nobre , e honesto costume da caça , para se entregar aos appetites do amor : e he para advertir , que este velho persuadia tanto semelhante conselho , que obrigou a Silvio a dizerlhe com mais juizo no Acto 1. scena 1.

A te dunque comessa

Fu la mia verde età , perchè d' amori ,

E di pensieri effeminati , e molli

Tu l' avessi a nudrir ?

Eu bem sey , como diz Joaõ Savio na sua Apologia part. 3. pag. 208. que Linco persuadia tanto a Silvio a paixãõ amorosa , a fim de que amasse a Amarillis sua mulher , de cujo matrimonio havia nascer a felicidade de

Arca-

Arcadia ; porém igualmente sey , que Linco sempre discorre demasiadamente impudico com hum mancebo, de quem era Ayo , e com muito escandalo para o auditorio , podendo aliás com razõens mais honestas persuadir o seu intento. Bem pôdia o pay de Silvio irarse contra Linco , do mesmo modo , que fez outro pay com o Mestre de hum seu filho na fabula de Plataõ intitulada *O enganador de hum moço* , como se lê em *Ateneo* liv. 3.

Adolescentulum tibi traditum meum perdidisti

Scelleste , eique persuasisti , vitam ut ageret

Ab ingenio suo alienam ; matutinis computationibus

Tuo nunc consilio indulget , non assuetus antea.

Daqui se segue tambem , que em quanto ao costume fora muito imprudente o pay de Silvio , em entregar seu filho á educaçaõ de hum velho taõ louco , e deshonesto , que diz no Acto 1. scena 1.

Non è pena maggiore ,

Che in vecchie membra il pizicor d' amore.

E no Acto 5. scena 7. fallando de Dorinda ferida , discorre sobre os effeitos do amor taõ loucamente , que escandalisa ouvir hum velho proferir semelhantes conceitos. Destes peccados he reo o Poeta ; porque não quiz imitar a Homero , que decorosamente pinta a Nestor Conselheiro de Agamenon , e a Fenix Ayo de Achilles ; a Ariosto , que representa como deve ser a Sobriño Conselheiro de Agramante ; a Tasso , que naturalmente descreve os costumes de hum prudente na pessoa de Pedro Eremita condutor de Gofredo ; e a Virgilio , que com todo o decoro pinta em Achates hum fiel companheiro de Eneas. Porém estas culpas de Guarini na pintura dos costumes de Linco saõ veniaes , comparadas com as que commetteo , representando o caracter de

de Ergasto, o qual como Ministro de Diana estava obrigado a cuidar só em cousas proprias do lugar sagrado, que lhe fora entregue. Tanto o faz este pelo contrario, que semelhante a hum Servo de huma Thais, entra a ser mediator de fins deshonestos com evidente perigo da ruina de Arcadia, procurando com o precipicio de dous amantes, que se commettesse estupro, e adulterio entre Mirtillo, e Amarillis. Se se disser, que o fizera com boa intenção, he huma reposta bem convincente, e bem provada. O que della se tira he, que o Poeta não soube, que o decoro he aquella decencia ou nas palavras, ou nas obras accommodada ás cousas, ás pessoas, e aos lugares. Esta regra, que nem em Linco, nem em Ergasto se observa, ainda em Dorinda se vê mais desprezada. Representa-nos Guarini a esta nobre Donzella tão pouco honesta, que não se envergonha publicamente na presença de Linco, e de hum servo de fallar de paixoes amorosas, de se vestir com vestidos desconhecidos, e misturar-se com infinito povo em hum espectáculo publico, e finalmente de pedir osculos a Silvio, e de offerecer-lhe os seus peitos; accoes proprias de huma mulher prostituta. Infinitos exemplos tinha o Poeta para ser decoroso; e se lesse a Euripides na sua *Elena* acharia V. 108. que diz:

*Non est honestum virginibus progredi in conventum
hominum.*

E no seu *Hercules Alceo* v 1052. diz:

Puella quomodo versans inter juvenes illibata erit?

O mesmo Poeta Tragicomico no Acto 2. scena 4. confirma o que dizemos, affirmando, que

Una fanciulla

Lungamente seguita, vagheggiata

Da si leggiadro amante, e quel ch'è peggio,

Biaca.

Baciata, e ribaciata, e starà salda?

Pazo è ben chi sel crede, io gia nol credo.

Pois se sabia, que não he honesta huma mulher, como elle pinta a Dorinda, para que fim faz esta pintura na sua Tragicomedia, pervertendo com ella o costume poetico, que he o mesmo, que o moral? O certo he, que esta especie de Poesia, assim como he monstruosa na sua origem, segundo já dissemos, assim he defeituosa no caracter dos seus principaes sujeitos. Muito pudemos dizer a respeito de algumas scenas, que introduz demasiadamente affectadas, como v. g. de eccos, respondendo estes á voz, como se fossem animados, ou de versos feitos com tal artificio, que huns não tem mais palavras do que outros, e parece, que para se dizerem, era preciso, que os representantes tivessem antes fallado entre si, e concordado no que haviaõ dizer: porém já destes defeitos tratámos largamente no principio desta Arte, tratando do verosimil, e das imagens fantasticas, e intellectuaes &c. Não obstante esta critica, devemos confessar, que este Poeta tem huma locução perfeitamente culta, e pura, que tem admiraveis sentenças, ás quaes não repugna a natureza, e excellentes imagens poeticas, sobre huma metrificacão, que facilmente não terá igual, pela sua natural doçura, e igualdade: assim todos estes excellentes requisitos se empregassem em outra fabula, que não fosse pastoril, á qual não he muito verosimil a dicção tão culta, e as sentenças profundas; porque os que fallaõ, sempre são pessoas do campo, ainda que naquella Corte rustica sejaõ principaes algumas dellas. Menos defeituosa he nesta parte a *Aminta* de Tasso, e a *Filli di Sciro* do Conde Bonarelli, se-

gundo a opinião dos melhores criticos Italianos.

Este he o juizo , que com penna succinta se deve fazer do *Pastor Fido* , que tantos applausos ouvio no mundo literario , logo que sahio a publico , pois o traduziraõ tantas naçoens : hoje na melhor parte dellas já se extinguiraõ estes louvores. Sey , que os Francezes , e Italianos quasi que abominaõ esta Tragico-media pelos seus infinitos erros , e defeitos , os quaes pediaõ hum largo volume , se quizessemos censurar todos. Entre os Hespanhoes ainda Guarini está conferendo a mesma antiga reputaçãõ ; porque nesta nação ainda naõ está estabelecido o bom gosto da verdadeira Poesia , e as suas verdadeiras regras : sempre com tudo neste juizo queremos exceptuar alguns felices engenhos Hespanhoes , que já tem aberto os olhos , e deixado de adorar como outros por teima a Poesia do fim do seculo de quinhentos , e de todo o seculo passado , no qual parece , que se empenharaõ em desacreditar esta Arte divina os melhores Poetas de todas as nasçoens mais cultas.

A R T E

POETICA.

L I V R O III.

C A P I T U L O I.

Da natureza, e definição do Poema Epico.

DEPOIS de termos discorrido da Tragedia, e Comedia com aquella clareza, e bom methodo, que nos foy possível, e termos com estas especies da Poesia feito os fundamentos para a Epopeia, resta agora levantar o magestoso edificio do Poema Epico, explicando com a mesma ordem, que até aqui temos seguido, a sua natureza, e regras; no que não seremos muy extensos, porque em muitos preceitos nos referiremos á Tragedia, de quem grandemente depende a Epopeia.

Rigorosamente fallando esta palavra *Poema* he hum termo geral, que inclue em si qualquer genero de Poesia, principalmente sendo feita em verso heroico; isto he, Hexametro, entre Gregos, e Latinos, e entre os Poetas vulgares sendo ordenada em oitavas, sem que necessite de outra alguma circumstancia, como afirma Paulo Beni pag. 142. e 483. e o Padre Le Bossu

no feu Tratado do Poema Epico liv. 1. cap. 5. Porém na Epopeia considera-se o Poema diversamente; porque a Poesia Epica deriva-se da palavra Grega *Epos*, que val o mesmo, que narraçãõ, discurso, ou palavra; e não basta só o verso para ficar Poema Epico, segundo a doutrina de todos os antigos, e modernos. Vamos á definiçãõ d'elle, porque assim he que melhor perceberemos a sua natureza. Vossio liv. 3. pag. 1. definiõ a Epopeia, dizendo: *Est igitur Poesis carmine hexametro personarum illustrium illustres actiones illustri narrans oratione.* Esta definiçãõ não he taõ clara, como devera ser; porque tratando da acçãõ, devia dizer, que sobre illustre, deve ser perfeita, e de justa grandeza. No mesmo esquecimento cahio Antonio Lullo; porque só disse, que *Epopeia est narratio continua rerum mirabilium, & novitate illustrium, versu heroico descripta.* Ainda esta definiçãõ exprime menos a materia, e fórma do Poema Epico; e o mesmo he tambem a de Ignacio Garcez Ferreira no feu Commento. a Camoens liv. 2. §. 4. Como Aristoteles expressamente o não definiõ, esta he a causa porque variaõ tanto os Authores. Entre tanta diversidade temos nós tambem a occasiãõ de definir a Epopeia, segundo o nosso juizo, recebendo dos Authores o que nos parece mais acertado. Dizemos pois, que *a Epopeia he a imitaçãõ de huma acçãõ heroica, perfeita, e de justa grandeza, feita em verso heroico por modo mixto, de maneira, que cause huma singular admiraçãõ, e prazer, e ao mesmo tempo excite os animos a amar as virtudes, e as grandes empresas.* Imitaçãõ Epica he genero commum a todos os Poemas feitos em verso hexametro, como já dissemos; porém sendo *de huma acçãõ heroica*, fica distinguindo-se dos outros, que imitaõ diver-

fas acçoens ; e esta só he propria daquelles homens , que pelas suas singulares virtudes alcançaraõ o nome de heroes. Esta acção como heroica distingue-se da Tragica , porque a Tragedia só imita huma acção , que seja illustre , a Comedia huma ordinaria , e a Lyrica ainda que algumas vezes imite acçoens heroicas , com tudo he com outro fim , e em outra casta de verso , como diz o Padre Donato pag. 252. e por esta differença , que ha , não approvamos as definiçoens daquelles , que disseraõ ser a Epopeia a imitação de huma acção *illustre*. Dissemos , *perfeita , e de justa grandeza* ; porque se for imperfeita , não será maravilhosa , como deve ser , e se não tiver justa grandeza , será difficil a reduzirse para haver de ser percebida , e tambem poderá ficar monstruosa. Dissemos por *modo mixto , e em verso heroico* ; porque humas vezes falla o Poeta , e outras introduz pessoas a fallar , fazendo-se deste modo huma narração dramatica ; e nisto se distingue da Tragedia , e Comedia , como já temos dito ; porque estas imitaõ por meyo de representação , e não de narração , devendo o Poeta Tragico , ou Comico occultar sempre a sua pessoa , e introduzir outras a discorrer. O verso heroico he o mais proprio para os assumptos Epicos , porque tem excellente harmonia , e gravidade , e a elle corresponde nas linguas vulgares o hendecasyllabo , e mais propriamente as outavas , segundo o juizo do doutissimo Marquez Orsi nas suas Consideraçoens *Sopra la maniera di ben pensare*. Dissemos finalmente , *que cause huma singular admiração , e prazer , e ao mesmo tempo excite os animos a amar as virtudes , e as grandes empresas* ; porque a acção , e mais accidentes , que lhe pertencerem , devem estar fóra da regra ordinaria dos successos , e tudo no seu genero deve ser maravilhoso.

lhofo. Igualmente se haõ de excitar os animos a praticar semelhantes virtudes , e emprender taes facçoens; porque este he o fim da Epopeia , assim como o da Tragedia he mover o terror , e compaixaõ , e o da Comedia, a esperanza , e gofio. Assim parece , que Virgilio o quiz dar a entender , quando no liv. 12. introduzio a Eneas fallando com feo filho Ascanio , e dizendolhe :

*Disce , puer , virtutem ex me , verumque laborem ,
Fortunam ex aliis : te nunc mea dextera bello
Defensum dabit , & magna inter præmia ducet.*

Porém ou para satisfazer a curiosidade de huns , ou para nos fazermos mais intelligivel á curta capacidade de outros , he preciso dizermos , que coufa se entende por acção heroica. Entendemos por ella aquella acção , que sendo feita por hum homem mortal , parece , que está fóra da possibilidade do homem. Aristoteles oppoem esta virtude ao vicio da fereza ; porque assim como o homem , que não tem humanidade , se parece com as féras , assim o que he dotado da virtude heroica quasi se exime da mortalidade ; por isso o Filosofo disse , fallando do deshumano : *Non hominem , sed feram esse dicamus*, e tratando do de virtude sublime: *Est autem talis (virtus) supra hominem , velut heroica quedam , & divina*. O homem per si só não he capaz de subir a hum gráo tão eminente de virtudes; por isso os Poetas gentilicos fingiraõ , que tudo quanto obrou Achilles, Eneas, Diomedes , e outros Heroes fora por patrocínio de Pallas , de Venus , de Marte , e de outras divindades. Nós outros os Catholicos não fingimos , mas firmemente cremos , que todas as acçoens heroicas dependem da ajuda de Deos , de quem procede tudo o que he perfeito ; porque a nossa natureza como corrupta sim pôde

de obrar alguma cousa boa , porém não tudo segundo os bons costumes. Assentado pois , em que deve ser heroica a acção da Epopeia , claramente se vê , que esta não ha de ser a expugnação de hum Castello arruinado , em que viviaõ gralhas , como fez Zipoli no seu *Malmantile racquistato* ; nem a conquista de hum balde de páo , como o Poema de Tassoni , intitulado *Secchia rapita* ; nem a questaõ entre certos Conegos divididos em parcialidades sobre huma estante do seu coro , como fez Boileau no seu *Lutrin* ; nem como a *Troya rapita* , formando-se de huma porca , que se furtou , e outros muitos Poemas deste genero , que se compozeraõ por capricho , e bisarria do engenho ; mas sim , como diz Horacio , apontando o verso , que convem á Epopeia :

*Res geste , regumque , ducumque , & tristia bella ,
Quo scribi possent numero , monstravit Homerus.*

C A P I T U L O II.

*Das propriedades , que deve ter a acção heroica ;
para ser materia conveniente ao Poema Epico.*

A Fabula heroica deve ter sete propriedades : deve ser grande , unica , de duraçaõ determinada , de exito feliz , fundada na verdade da historia , acompanhada da verdadeira Religiaõ , e não muito moderna , nem demasiadamente antiga. Nestas se incluem outras , que pelo discurso deste Capitulo hiremos apontando. Sobre a sua grandeza , isto he , sobre ser heroica , já temos dito o que basta , e agora o confirmamos com o exemplo da fabula da Lusíada , que he taõ
rele-

relevante, que resultou della hum novo Reino, e a introduçãõ da verdadeira Fé, conseguindo-se tudo, por se exporem os Portuguezes a mares nunca d'antes navegados. A segunda propriedade he ser unica, de que tambem já bastantemente tratámos no liv. 2. fallando da Tragedia: agora tornaremos a advertir, que para a acçãõ ser unica, não basta, que o Heroe da fabula seja hum só; porque de hum mesmo homem se pôdem referir muitas, e diversas acçoens, como erradamente fez Estacio na sua *Achilleida*, em que trata da mayor parte das acçoens de Achilles. Tambem não basta, que o tempo seja hum só; porque em hum mesmo tempo succedem diversas acçoens; o que só he proprio para referir a historia; e por esta causa estaõ fóra da classe de Poemas, e de merecerem rigorosamente o titulo de Epopeias, a *Mexicana* de Gabriel Lasso, a *Austriada* de Joãõ Rufo, a *Farsalia* de Lucano, a *Hespaña Libertada* de Dona Bernarda Ferreira, a *Araucana* de Ercilla, a *Vida de S. Joseph* de Valdivieso, o Poema de *Bello Punico* de Silio Italico, e outros muitos semelhantes a estes, em que seus Authores propriamente fallando escreverãõ huma historia. O que he preciso para a perfeiçãõ da unidade da fabula he, que a acçãõ seja hum só, e tambem hum só o Heroe principal della; porque seria contra o essencial da belleza, que reduz todas as suas qualidades á unidade, se tivesse duas cabeças a Epopeia, que, como já temos dito, he semelhante a hum corpo composto de varios membros de justa proporçãõ, e boa symetria. Esta unidade do Heroe principal não exclue, que no Poema haja outras pessoas illustres, que tambem operem para a acçãõ; porque o Heroe Epico não ha de ser *solitario*, como pertendem sem fundamento alguns diversos Authores, que

que entenderão os Textos ao pé da letra , sem repararem , que he contra todo o verosimil ser huma Cidade bem defendida , e hum exercito poderoso ser derrotado por hum só homem , sem haver outros , que distinctamente o ajudem na sua acção , sobre o que veja-se o que diz Tasso no liv. 2. do seu Tratado do *Poema heroico*. A terceira propriedade he ter *determinada duração* ; para que facilmente se possa comprehender o seu principio , meyo , e fim. Verdade he , que esta duração não deve ser tão breve , como a da Tragedia , que se limita ao espaço de hum só dia , ou quando muito de dous , segundo Pontano na sua Poetica liv. 2. cap. 19. Esta doutrina he muy confôrme ás regras naturaes ; porque a representação Dramatica como he continuada , e não dá lugar a que se possa meditar , e recorrer ao que já se representou , deve ser breve para se perceber ; porém a Epopeia , como sómente se faz para ser lida , deve ser mayor , para o leitor poder parar , revolver o que tem lido , e fazer as reflexoens , que quizer. Esta mayoria não ha de ser tanta , que se confunda a memoria , e se caya no vicio , que commetteo Ariosto no seu *Orlando Furioso* , e Lope de Vega na sua *Ferusalem*. Sobre a determinação deste espaço de tempo ha muita controversia nos Authores. Paulo Beni comentando a Poetica de Aristoteles partic. 31. e 48. diz , que a Epopeia não tem tempo certo , e definido , como hum dia , hum anno , hum lustro &c. mas que tem seu tempo determinado , em que se ha de concluir. O mesmo segue Vicente Maggio comentando a mesma Poetica do Filosofo , partic. 126. dizendo : *Actio , quam Epici imitantur , temporis spatium non urgetur ; itaque multorum annorum esse potest*. Porém esta opinião não he a recebida ; porque não tem fundamento

solido, em que se estabelecer; ainda que haja a authoridade de Aristoteles, como prova Alexandre Piccolomini, comentando-lhe a sua Poetica. A doutrina mais seguida he, que a fabula Epica não exceda o tempo de hum anno, ou dous, assim como o da Tragedia, e Comedia, o de hum dia, ou dous; o que se confirma com o exemplo de Homero, e Virgilio, segundo Viperani Poetic. liv. 2. cap. 6. e Minturno Poetic. liv. 2. pag. 133. Em Homero não corre taõ direita esta doutrina; porque para a acção da *Iliada* elegeo o tempo de cincoenta dias, e para a da *Odissea* o de quasi dous mezes: em Virgilio sim; pois a acção do seu Poema dura hum anno; porque tanto vay, depois que Enéas navegava á vista de Sicilia (que he onde tem principio aquella acção no liv. i. v. 34. *Vix è conspectu &c.*) até ao ultimo livro, em que com a morte de Turno dá fim a fabula. O nosso Camoens até nesta parte imitou a Virgilio; porque pouco mais de anno se passa, depois que descreve a Vasco da Gama navegando com os Portuguezes, até que tornaraõ para a Patria com as novas da acção, que se obrara na India, que descobriraõ. Não pretendemos com estes exemplos dar huma regra fixa, e certa da duraçãõ da fabula Epica; mas sòmente formar huma conjectura racional; porque compondo-se o Poema heroico de sujeito indeterminado de quantidade, não se lhe póde affinar huma effectiva grandeza. O que se póde dizer-he, que todas as acçoens da Epopeia, alem da unidade, devem ser completas, e grandes; por quanto póde haver alguma acção grande, que não seja completa, e póde haver alguma completa, que não seja grande. O bom Epico poderá aconselhar-se com a natureza, reflectindo, em que a grandeza acompanhada da proporçãõ causa formosura, e perfeiçãõ

feição á cousa; e segundo for o sujeito poetico, assim deve ser a sua grandeza. Por esta razão judiciosamente Claudiano restringio em tres livros o seu Poema *De raptu Proserpine*; porque não comprehendia mais que hum simples roubo de huma mulher. Pelo contrario Virgilio, Homero, Tasso, e outros Epicos abraçando ampla materia, e argumento gravissimo, como de guerras, expugnaçoens, e outras semelhantes emprezas, justamente extenderaõ as suas fabulas em muitos livros; porque sem muito tempo, e sem diversissimos accidentes não era verosimil, que pudessem terminar o seu assumpto. A quarta propriedade da Epopeia he, que seja *de exito feliz*, a fim de poder dispor os animos para a imitação; e o contrario seria hum improporcionado exemplar, como o que nos deixou Estacio, fazendo sahir os seus Heroes com tanta deshonor da guerra Thebana. Não o seguiu Camoens, porque o exito do seu Poema he a entrada de Vasco da Gama, e seus companheiros pela barra de Lisboa, trazendo a alegre noticia de deixar descoberto hum novo Imperio ao Reino de Portugal. A quinta propriedade he, que a acção seja *fundada na verdade da Historia*; isto he, que o Heroe seja verdadeiro, e que vivesse em algum tempo; porque servindo a Epopeia de excitar os animos ao amor da virtude, claro está, que não se póde conseguir bem este fim, propondo como exemplar de virtudes a hum Heroe, que nunca houve, e descrevendo acçoens, que já mais succederaõ. Neste erro cahiraõ o Boccaccio na sua *Theseide*, o Alamanni na sua *Avarchide*, o Pulci no seu *Morgante*, Bernardo Tasso no seu *Amadige*, e no *Floridante*, e os dous Orlandistas Boiardo, e Ariosto; vicio, de que protestou fugir o nosso Camoens, como lemos claramente na Estanc. II. do

liv. I. invocando ao seu Mecenas. A sexta propriedade he, que a acção *seja acompanhada com a verdadeira religião*; porque, como o Heroe necessita de huma particular ajuda de Deos, para conseguir o fim da sua grande acção, deve perfeitamente observar a piedade, religião, justiça, e todas as demais virtudes; e por este fundamento não deve a acção Epica ter principio em alguma cousa indigna, como v. g. roubo, ou guerra injusta contra os pays &c. Não observou esta propriedade Gabriel Pereira de Castro na sua *Ulysssea*, como fez Camoens; porque sendo Poeta Catholico tomou por seu Heroe a Ulysses, que foy hum Gentio; e por esta razão não he injusta a critica, que se faz nesta parte ao seu Poema. A ultima propriedade da Epopeia he, *que não seja muito moderna, nem demasiadamente antiga*, e o fundamento he muy natural; porque para se formar, como deve ser, o maravilhoso da fabula devem-se attribuir ao Heroe principal muitos fingimentos sobrenaturaes; e se a acção he muito moderna, não ha lugar para ficçoens; pois a fresca memoria dos successos as está contradizendo; e se he demasiadamente antiga, facilmente se commetteráó nella graves absurdos, introduzindo-se a pezar do verosimil muitos costumes diferentes, e repugnantes aos nossos; isto he, aos que se praticaó no tempo do Poeta. No primeiro defeito, segundo Garcez Ferreira, incorreo Camoens; porque tomou por assumpto huma acção, que succedera cincoenta annos antes, que elle a principiasse a descrever: e no segundo vicio cahio Gabriel Pereira, e Miguel da Silveira, este escolhendo para a acção do seu Poema a restauração do Templo de Jerusalem por Judas Macabeo, e aquelle a edificação de Lisboa por Ulysses; o que tudo he de tanta antiguidade, como sabe

sabe qualquer. E por esta razão deve o Poeta buscar para a sua acção huma tal antiguidade, qual ensina, entre outros muitos Authores, o Padre Donato, dizendo na sua Poetica pag. 259. *Sit ergo media quædam ratio antiquitatis, cui liceat multa affingere, neque à nostris aliena.*

C A P I T U L O III.

*Da fabula Epica, e suas propriedades; trata-se
tambem das do Heroe.*

POr satisfazer ao nosso escrupulo, he que formamos este Capitulo, porque tratando da Tragedia, já largamente escrevemos das propriedades da sua fabula, que são as mesmas, que pertencem á da Epopeia; como *implexaõ, verosimilidade integridade, grandeza, unidade, episodio, e admirabilidade.* Já tratámos tambem dos *costumes, da sentença, e da dicção,* que igualmente he a fórma do Poema heroico. Agora diremos alguma cousa, que nos for occorrendo, sobre o em que convem, e desconvem a Epopeia com a Tragedia, e a respeito do uso, que se deve praticar nestas duas especies da Poesia. He certo, que a fabula Epica convem com a Tragica nas partes da qualidade, como diffemos; mas com tudo differe em não ter como a Tragedia *Apparato, e melodia;* de modo, que diz Aristoteles no Cap. 5. da sua Poetica: *Quæ enim sunt in Epico, etiam sunt in Tragedia. Quæ verò hæc habet, ea non omnia in Epico insunt.* Differe mais, em que a acção tragica sim pôde ser *admiravel,* porém não *quasi incrível* ao juizo dos sabios, como na Epopeia;

peia; e a razão he, porque nesta narra se, e naquella representa-se; e por isso como he cousa, que se vê, não se póde representar o que parece incrível. Esta admirabilidade deve ser de modo, que não há de consistir em se aggregarem muitas acçoens, que excedaõ as forças humanas; mas sim em formar a acção principal com hum tal contexto de cousas engenhosas, e insperadas, que venhaõ a fazer o maravilhoso; como fizeraõ os antigos Poetas gentios, introduzindo na fabula as suas falsas divindades, e os Catholicos, a Deos, aos Anjos, Santos, virtudes sobrenaturaes &c. Em quanto á *sentença*, tambem a Epopeia não pede tanto uso della, como a Tragedia; porque não he taõ propria do que se narra, como do que se representa. Convem porém huma, e outra especie de Poesia na *dicção*, na *oração morata*, no *verso sublime*, nos *affectos*, (ainda que os patheticos pertençaõ mais á Tragedia) na *Agnição*, na *Peripesia*, e em outras muitas cousas; que já temos diversas vezes apontado pelo discurso deste livro. Convem igualmente nos *Episodios*, ainda que os Epicos devem ser mayores, que os Tragicos, ou Comicos; porque estes como representados tem huma determinada; e breve duração, para que a fabula não exceda o seu tempo prefixo, e se faça inverosimil; o que não succede na Epopeia, por não estar sujeita a regras taõ estreitas, sendo narração, e não representação. Dadas estas doutrinas, passaremos a tratar das propriedades do Heroe. Deve o Poeta Epico formar os costumes do seu Heroe todos raros, sublimes, e admiraveis quanto verosimilmente puder ser. Ha de ser ornado de huma bondade não só poetica, mas tambem moral; porque de outro modo ficará sendo hum exemplar indigno de se imitar. Seraõ virtudes muy proprias delle a huma-
nidade,

nidade , a prudencia , a generosidade , a força , e sobre tudo o valor na guerra ; motivo porque todos os assumptos das Epopeias perfeitas são de guerras , e todos os seus Heroes militares , e guerreiros. Não só ao Heroe principal , mas ainda aos outros secundarios , deve formar o Poeta , segundo o decoro militar. Aristoteles na Ethica liv. 4. cap. 8. tratando de hum Heroe , diz assim : *Magnanimus neque sese offert ad casus parvulorum periculorum , neque periculi adeundi cupidus est : quoniam pauca sunt que magnificat . Magnis autem periculis sese objicit , & cum in discrimine versatur , vite non parcat ; perinde quasi planè indignum sit , eum in vitâ manere .* Tasso foy hum bom observador desta regra , como se lê no Canto 20. Estanc. 59. tratando de Rinaldo , e no Canto 18. Estanc. 72. fallando do mesmo Capitaõ , além de outros muitos lugares , em que pinta vivamente no seu Gofredo a imagem de hum perfeito Heroe. Camoens algumas vezes se descuidou , como diremos em outro lugar ; e o mesmo defeito padece a Eneada em diversas partes , humas vezes fazendo a Eneas medroso , outras a Pirro cruel , e outras a Turno pusillanime , como largamente prova o Apatista nos seus Proginasmas. Mas quem sobre todos observou bem pouco o carecter dos Heroes , foy Ariosto , como he sabido , e bastará a barbara , e iniqua acção , que no Canto 5. e 6. finge em Ariodante de querer matar a seu irmão , para satisfazer á sua paixão amorosa ; o que justamente condemnou a Crusca no segundo *Infarinato* pag. 286. Estes costumes do Heroe , ou este character , que val o mesmo , que huma cousa propria especialmente de huma pessoa , e não de outra , tambem tem a sua unidade como a fabula , segundo a doutrina do Padre Le Bossu no seu Tratado do Poema Epico , liv. 4. cap. 12.

e 14. Certamente he cousa verosimil, e muy conforme á razão, que o Heroe mostre em todas as occasioens, que he o mesmo, e que he elle sempre o que obra as acçoens de mayor importancia. Deve mostrar em todos os accidentes sustentado em gráo sublime aquelle composto de virtudes, e qualidades, que nelle pinta o Poeta; sem que obste constar talvez o contrario pela historia; porque a Epica, que serve para a imitação, e para mostrar o maravilhoso, não attende para o que foy realmente, mas para o que verosimilmente devia ser; e por este motivo he, que entendo preferio Aristoteles a Poesia á Historia: e com effeito nos Annaes Gregos, e Romanos não descobriremos algum Heroe taõ perfeito, como qualquer dos que finge a Poesia. v. g. Alexandre Magno foy hum admiravel guerreiro, mas tambem hum igual temerario. Annibal teve hum singular esforço, mas tambem teve hum animo infiel, e enganador. Julio Cesar a ninguem cedeo nas armas, mas pegou nellas contra a Patria, ambicioso de ser nella o primeiro. Ultimamente dizemos, que entre o tal composto de muitas virtudes, que devem ornar ao Heroe, sempre ha de sobrefahir huma de tal modo, que reine em todo o Poema, e seja como a alma de todas as acçoens, que fizer o mesmo Heroe. A primeira qualidade, v. g. em Eneas he a bondade, em Vasco da Gama o animo intrepido, em Achilles a colera, em Ulysses a dissimulação, e em Gofredo a piedade; e cada huma destas qualidades, e virtudes he propriamente o caracter, porque he a que distingue aquella pessoa de todas as mais, que tambem devem ter diversos costumes, ou sejaõ viciosos, ou virtuosos, ainda que nelles sim se deve cançar muito o Poeta, mas não tanto como nos do Heroe principal, á maneira do pintor, que em hum quadro

dro de muitas figuras a todas pinta diversamente, mas sempre a principal he a que lhe leva todo o cuidado, e estudo. Algumas pessoas ha no Poema, que não importa representarlhes vivamente o seu caracter; ha outras, que só servem de numero, e não he preciso pintarlhes algum costume; á imitação do mesmo pintor, que só forma de corpo inteiro a figura principal do seu quadro, e deixa a outras ou de meyo corpo, ou pintadas tanto ao longe, que não se lhe distingue a figuração dos seus membros.

C A P I T U L O IV.

Das Machinas, ou Deidades.

JA' igualmente dissemos, tratando da Tragedia, que as machinas foraõ nella introduzidas, para por meyo de alguma divindade dar o Poeta soluçãõ ás cousas, que natural, e humanamente se não poderiaõ resolver. Tambem dissemos, que esta liberdade, que tem a Tragedia, he só em caso de huma grande necessidade, como disse Horacio na sua Poetica:

Nec Deus interfit, nisi dignus vindice nodus &c.

Agora diremos, que na Epopeia não he taõ estreita esta regra, e limitação; mas antes, que muitas vezes o seu mayor adorno he servirse destas machinas, ou deidades; porque póde com toda a liberdade buscar nos dilatados espaços da fantasia as allegorias, que lhe forem convenientes. Confirma-se esta doutrina com huma authoridade de Petronio, quando disse: *Per ambages, Deorumque ministeria, & fabulosum sententiarum tormentum præcipitandus est liber spiritus,*

ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quam religiosæ orationis sub testibus fides. Entraõ estas divindades na Epica, ou obrando nella visivelmente, como na Eneada Juno, Venus &c. ou invisivelmente com inspiraçoens, como no mesmo Poema se vê em Juno dando animo a Turno: *Juno vires, animumque ministrat*; em Venus inspirando a seu filho Eneas, que escallasse os muros da Cidade dos Latinos: *Hic mentem Aeneæ Genitrix pulcherrima misit, iret ut ad muros &c.* e em Jupiter inflamando a Melencio a entrar na batalha contra Eneas: *At Jovis interea monitis Mesentius ardens, succedit pugnae &c.* Não será justo passarmos aqui em silencio huma grande questaõ, que ha entre os mayõres Criticos da poetica sobre hum ponto, que toca a esta materia, de que tratamos; e he se deve o Poeta Catholico usar no seu Poema de divindades gentilicas O insigne Boileau no Canto 3. da sua Poetica, Menzini Poetica liv. 2. e outros de igual authoridade seguem, que sim; porém como a razaõ vence a authoridade, não seguimos nesta parte as doutrinas destes grandes Mestres. Entre os Catholicos he cousa evidente, e de fé, que todas as divindades do Paganismo foraõ fabulosas; e deste modo não se póde descobrir meyo, com que estas possaõ entrar em huma Epopia feita por penna catholica; porque não vem a significar cousa alguma, principalmente attribuindo-lhes como os Gentios poder, e attributos divinos, e pintando-as com aquellas mesmas cores, com que as pintava a Poesia gentilica, segundo fez Camoens; e por este motivo não póde subsistir a opiniaõ de Garcez Ferreira commentando a este Poeta, em que diz, que por estas falsas divindades se pódem entender os Planetas, e causas segundas; pois a cada passo nos pinta Camoens,

v. g. Venus, Baccho, e outros Deoses, como os formariaõ os Poetas pagãos. Eu bem sey, que he proprio da Epopeia o que he admiravel, e extraordinario; mas tambem sey, que por conta disto naõ deve padecer o verosimil, como fica padecendo com a introducção de divindades fabulosas, figurando nellas os attributos do verdadeiro Deos. Daqui vem, que alèm do inverosimil, se naõ instruem os costumes como deve ser; porque os Poetas, que usaõ de semelhante liberdade, naõ fazem mais, que fazer perder o tempo, ainda que agradavelmente, como diz o Padre Lamy nas suas novas Reflexoens sobre a Arte Poetica p. 2. cap. 13. O seu modo de escrever he todo pagaõ, e cheyo de fabulas; e por isso os versos, que fazem, ainda que sejaõ bons no versificatorio, pouca estimacão merecem a respeito do poetico, porque naõ significaõ cousa alguma. Que-rem estes Authores, que commettem semelhante defeito, buscar a sua defeza na authoridade dos antigos, sem reflectirem, que as fabulas eraõ parte da crença dos pagãos, e que os Poetas gentilicos naõ as inventavaõ, mas fallavaõ segundo a commua opiniaõ; e deste modo he, que instruaõ os póvos! Considerando nesta verdade he, que Tasso no seu Poema naõ introduzio semelhantes divindades, senaõ Anjos bons, e máos, Magos &c. o mesmo fez Ariosto, e os melhores Epicos, persuadidos, que naõ era cousa toleravel entre Poetas Catholicos, e assumptos christãos a introducção de falsos deoses, por mais pretextos, que fossem buscar ás allegorias para se desculparem. Temos neste ponto dito o que basta para hum juizo, que for pio, prudente, e claro; e quem neste particular quizer mais razoens, que o convenção, lea a Cascales, Rolin, Lamy, Luzan, Donato, e o Padre Le Bossu, que prova

largamente ser só proprio da Epopeia catholica a introducção de Anjos, e demonios, principalmente sendo por simplicis inspiraçoens, que he o modo menos milagroso, e extraordinario; porque he commum dizermos, que em huma acção nos ajudou o nosso Anjo da guarda, e que em outra nos tentou o demonio. Tudo quanto temos dito até aqui, he pelo que respeita ao theologico; porque em quanto ao fysico, e moral pôde o Poeta Epico sem o minimo escrupulo de commetter erros contra as regras, usar de expressoens gentilicas, que universalmente estaõ recebidas na Poetica para ornato da Poesia. Pode-se dizer, fallando v. g. de huma guerra, que Marte accendera o animo dos combatentes; tratando de huma tempestade, que Neptuno agitara os mares, e Eolo soltara os ventos furiosos &c. A mesma liberdade se pôde tomar explicando, como faziaõ os antigos, os dotes da natureza por meyo de alguma divindade, v. g. a formosura por Venus, a sciencia por Minerva, o valor por Marte &c. Advertimos ultimamente, que esta licença dada ao Poeta de introduzir machinas na sua Epopeia, tem huma limitação, e he, que a tal presença da divindade, que se introduz, não deslustre o Heroe, obrando elle só, e não lhe deixando lugar para elle luzir; porque ficaria entãõ indecoroso o caracter da figura fatal, representando-a ociosa, e esperando por milagres visiveis do Ceo para conseguir a sua empreza. Contra esta regra, que tanto abraça o entendimento, peccou Botelho no seu *Alfonso*; porque querendo descrever o assalto de huma Cidade, diminuiu a gloria do seu Heroe, introduzindo os Anjos a executar esta acção, que só era propria d'elle, e dos seus soldados. Eu quizera, que este soccorro divino não fosse visivel, mas sim por meyo de inspiração, e af-

e assistencia ; porque entãõ ficava esta machina muy verosimil , e propria para a acção de hum Heroe Catholico , mostrando-se , que pelas suas virtudes se faz merecedor , de que o Ceo o favoreça.

C A P I T U L O V.

Das partes de quantidade da Epopeia ; trata-se do titulo do Poema.

TEM o Poema Epico as suas partes de quantidade , e nellas se distingue da Tragedia , concordando sõ com ella nas de qualidade. Humas destas partes sãõ necessarias , outras naõ sãõ precisas. As necessarias sãõ quatro : o *Titulo* , a *Proposição* , a *Invocação* , e a *Narração* ; as que naõ sãõ precisas , sãõ duas : *Dedicação* , e *Epilogo*. Quanto ao *Titulo* ha sua variedade nos melhores Poetas. Huns o derivaraõ do Heroe , outros do lugar ; como fez Virgilio , pondo *Eneada* , deduzindo este *Titulo* da pessoa , e Homero pondo *Iliada* , alludindo ao lugar , que foy *Ilio* , ou Troya ; porém em quanto a mim tenho por mais nobre aquelle *Titulo* , que se deduz do Heroe , que do lugar ; porque este he o sujeito da acção , e aquelle a causa efficiente ; por isso mais bem considerado foy dizer *Odissea* , que *Iliada* , *Achilleida* , que *Thebaida* &c. Para a bondade do *Titulo* poetico devem concorrer duas qualidades especiaes , que sãõ , como dizem muitos Autores , *Amabilidade* , e *Gravidade*. A amabilidade consiste em que naõ seja de som aspero , de composição extravagante , e de grandeza tediosa ; e a gravidade , em que se afaste do uso da prosa. Nestes vicios cahio

cahio Claudiano *De Raptu Proserpine*, Quinto Smirneo no *Paralipomenon Homeri*; e entre os modernos Fracastorio no seu *Syphylis*, e Bargeo no seu *Cynegeticon*, e *Ixeuticon*; porque foy ufo esfragado dos seculos passados intitular as Obras com titulos de linguas mortas, ou estranhas, persuadindo-se seus Authores, que assim se faziaõ mais admiraveis, e dignos de respeito. Quanto mais simples for o Titulo, mais grave, e magistral ferá; pois qualquer ha de convir, em que mais louvavel he Homero, pondo no seu Poema o titulo de *Ilias*, que Trifodoro, dizendo *Ilii excidium*. Igualmente descubro mayor magestade nos Titulos, que se formaõ de hum substantivo, que de hum adjectivo, e por isso mais imitavel me parece em Virgilio *Aeneis*, que em Nonio Panopolitano, *Dionysiaca*. Temos de advertir mais ao Poeta, que naõ ha cousa mais contra o decoro, e o bom juizo, do que aquelles Titulos, que se duplicaõ com a particula *ou*, e *sive* &c. porque ficaõ sendo mais grammaticaes; que poeticos, e perdendo por isto a sua magestade, e belleza. Por este fundamento naõ me satisfaz o juizo, com que Tasso accrescentou ao seu Gofredo as palavras *overo Gerusalemme liberata*, e menos Bargeo pondo ao seu Poema o titulo de *Syrias, hoc est Expeditio illa* &c. aos quaes imitou o nosso André Bayaõ; porque traduzindo a Lusíada na lingua Latina lhe poz por titulo *Lusíada Indie Orientalis Argonautæ*; vindo deste modo a cahir no vicio de pôr hum titulo composto de muitas dicções, se bem que acertou em o particularizar. Igualmente saõ defeituosos aquelles Titulos, que naõ se restringem ao individuo essencial ou de pessoa, ou de acção, ou de lugar, como v.g. a *Siriada* de Bargeo, a *Africa* de Petrarca, e outros muitos, se bem que este

te Poeta pertendeo defenderse da censura , que lhe fizera sobre este ponto , como se póde ver no seu liv. I. *Rerum memorabilium*. Tambem nos não satisfazem a *Argonautica* de Orfeo, de Apollonio , e Valerio Flacco, e a *Lusiada* de Camoens ; porque nestes Titulos se não particulariza cousa alguma sobre a figura fatal , nem sobre a acção especial. Tasso no seu celebre Poema he reo de hum grande defeito , pelo que respeita ao Titulo , pondo-lhe *Gofredo* ; porque este Heroe não he em tal empreza Capitaõ por natural dominio , senão por eleição accidental ; aquella guerra não era causa particular , mas sim commua a todo o Christianismo ; a conquista daquella Cidade não podia ficar na sua absoluta jurisdicção , senão com beneplacito commum , ou authoridade superior ; e finalmente a sua pessoa não he a principal , porque Rinaldo he o que no Poema serve a Tasso de prototypo para a exaltação , e elogio heroico. Em igual vicio cahio Lucano , e Ariosto ; este , porque no seu Titulo de *Orlando Furioso* não observa conveniencia , nem analogia com essencia da fabula , que he o sitio posto a Pariz ; nelle se oppoem á historia , e á fama ; he duplicado , e extenso ; e ultimamente he Titulo mais proprio para huma Tragedia , que para huma Epopeia : e Lucano porque pondo *Pharsalia* , buscou hum lugar , que foy casual para a guerra , que cantou ; o que judiciosamente lhe censurou Escaligero na sua Poetica liv. 3. cap. 97. dizendo : *Neque rectè fecit Lucanus , cui Pharsalia titulus adeò placuit ; nam neque ibi omnia gesta , neque maior pars , neque propter illam , quippe rerum gestarum Pharsalia neutro modo finis fuit.*

CAPITULO VI.

Da Proposição, segunda parte de quantidade.

A Proposição he a primeira cousa, que lemos em huma Epopeia; e por isso muitos disserão, que della era a primeira parte de quantidade. Contém esta a nua acção do Poema, v. g. huma guerra, ou huma navegação &c. e recomendaõ os melhores Mestres, que para ser a Proposição perfeita deve ter tres condiçoens. A primeira he, que nella se não use de palavras pomposas, e de estylo inchado, como fez Estacio, Lucano, e outros, como aquelle, que segundo Horacio na sua Poetica, fez a sua Proposição, dizendo:

Fortunam Priami cantabo, & nobile bellum.

A segunda condição he, que á tal Proposição se accrescente alguma cousa, da qual resulte gloria, e elogio a alguma nação, e se capte a graça, de algum Principe. Assim o praticou Camoens imitando a Virgilio, quando disse:

Genus unde Latinum

Albanique Patres, atque altae menia Romæ.

A terceira condição he, que na Proposição se não dê noticia de Epifodio algum, como bem inadvertidamente fez Camoens, propondo as memorias gloriosas dos nossos Reys, e de outros, as quaes só entraõ no Poema como Epifodios. Porém para mayor instrucção ao Poeta principiante, será bom, que examinemos algumas Proposiçoens dos melhores Epicos; porque deste modo se poderão melhor expender as doutrinas, que se devem dar neste ponto. Principiemos pela da Eneada. Nada temos, que censurar a respeito do seu estylo; porque he

he huma Proposiçãõ feita com facilidade, fingeleza, e moderaçãõ. Naõ louva Virgilio demasiadamente ao seu Heroe, e só diz, que fora insigne no valor, e na piedade: naõ lhe especifica acçoens, e só aponta, que padecera muito por mar, e terra. Porém a respeito de outras cousas, naõ deixa este Poeta de padecer seus reparos. Primeiramente deve entrar com liberdade a critica nos primeiros quatro versos *Ille ego qui quondam &c.* os quaes tirou Varo como improprios, segundo diz Donato Grammatico na vida de Virgilio, referindo-se a huma authoridade de Niso antigo Grammatico. A razãõ, que teve Virgilio, como diz o mesmo Donato, para principiar por estes versos, foy porque temeo, que por sua morte se fizesse alguem Plagiario com o seu Poema; porém este motivo foy muy frivolo; porque podia evitar o seu receyo por outro modo, ou naõ se lhe dar de tal, como fez Xenofonte, que nunca se nomeou na sua Historia, senãõ em terceira pessoa, Ammiano Marcellino, que só poz, *Hæc ut miles quondam, & Græcus explicavi*, e sobre tudo Homero, a quem Virgilio pretendeo imitar tanto, o qual em nenhum dos seus Poemas fez mençãõ de si; e por isso mereceo justamente, que delle se dissesse: *Homerus autem ita ingenuus erat, & magnanimus, ut nusquam appareat in poesi sui meminisse.* Supponho, que os bem instruidos na Poesia já sabem em que devem ser censurados estes quatro primeiros versos da Eneada, que he, em ferem muito humildes, e de materia plebea. He certo, que este principio naõ corresponde á gravidade do seu argumento; e se alguem disser, que usou desta baixeza, porque fallava de cousas do campo, responde-se, que tem isto tanta propriedade em huma Epopeia, como em hum sumptuoso banquete usar ao principio de

algumas viandas, com que se sustentaõ os rusticos do campo. Assim como hum bom Architecto risca para hum palacio magnifico huma porta elevada, e rica, assim o engenhoso Poeta deve pôr no seu Poema hum grave, e artificioso principio, para logo á primeira ysta poder encher os animos de maravilha, e deleite: e com esta reflexaõ bem se vê, que Virgilio poz huma portinha para entrada de hum palacio Real, e deu principio á guerra com pifanos, e gaitas pastoris, devendo principialla com trombetas, e tambores. Porém sigamos a opiniaõ de muitos Authores, que affirmãõ, que Virgilio principiara o seu Poema por *Arma, virumque cano* &c. Sendo assim, tambem aos melhores criticos não faltarãõ motivos para reparar nesta Proposição, como contraria á ordem, e ao sujeito; pois não devia pôr as armas primeiro que o homem, começando a descrever as guerras no livro setimo. Segundo esta Proposição segue-se, que o sujeito da Eneada he huma guerra notavel, propondo logo ao principio *Arma*; o que quanto a mim he falso; porque entendo, segundo todos os bons Authores, que o argumento Real daquelle Poema he a viagem de Encas de Troya para Italia, e que as guerras, que nelle se descrevem, são accidentes, e concomitancias; aliàs haveria duas acçoens. O segundo livro ainda que todo contenha acçoens guerreiras, não pôde pretender alguma cousa sobre aquella palavra *Arma*; porque esta tem obrigação de especificar a materia principal; e a ruina de Troya he huma historia, que alli se narra por incidencia; assim como na Odissea tudo o que não he a perigrinaçaõ de Ulisses de Ilio para Italia, o mais, ou são Epifodios, ou cousas, que dizem relaçaõ ao tal argumento. Diz Mazzoni na sua Poetica liv. 3. cap. 62. que a navegaçaõ,

vegação, e a guerra são partes dos trabalhos de Eneas, e em consequencia huma só acção. Não duvidamos d'isto; o que sómente affirmamos he, que as guerras de Eneas não são o unico argumento daquelle Poema, como diz a Proposição, a qual principiando *Arma*, dá indicio manifesto de que guerras he, que são o argumento principal; o que se realmente fosse verdade, ficaria Virgilio cahindo no grave absurdo, que commetteo Estacio, gastando inutilmente seis livros antes de entrar no assumpto formal. A guerra de Eneas com Turno só poderia ser a acção da Eneada, se este Heroe partisse de Troya com animo de pelear em Italia, como fizeram os Gregos contra Ilion, os Sarracenos contra Paris, e El Rey Adrasto contra Thebas; porém Eneas casualmente teve occasião de pelear em Italia; e numa acção accidental não pôde servir de forma substancial ao tal Poema. Que a viagem de Eneas de Sicilia para Italia fosse aidéa, que Virgilio tomou por assumpto para cantar, se prova com muitos lugares da sua Epopeia, os quaes não transcrevo por não ser prolixo, e só o provarey com hum discurso feito sobre a sua mesma Proposição. Quando Virgilio disse *Arma*, não quiz comprehender as guerras especialissimas de Eneas, mas sim as acções guerreiras em geral. Por quanto principiando elle o primeiro verso *Ille ego &c.* quiz inferir, que se antes empregára a sua penna em Pastores, e Agricultores, agora se quer empregar em assumpto de armas. Que o conceito seja univerial, note-se:

At nunc horrentia Martis

Arma.

Depois accrescenta particularizando o argumento:

... Virumque cano, Troje qui primus ab oris &c.

Em que mostra, que o seu intento principalissimo he cantar a viagem de Eneas, na qual succederão acçoens bellicosas, e casos importantes: *Multa quoque & bello passus*; isto he., as guerras de Eneas com os seus contrarios, naõ como acção principal, mas secundaria; por isso disse *quoque*, como se dissera deste modo: Eu cantarey a viagem de Eneas feita de Troya para Italia, na qual padeceo elle muitos trabalhos por mar, e terra; e tambem descreverey as guerras, que lhe sobrevieraõ, *Dum conderet urbem, inferretque Deos Latio &c.* Porém já he tempo de passarmos a examinar as Proposicoens de alguns outros Poetas; e se nos detivemos na de Virgilio, foy por ser hum Epico de nome taõ sublime. Estacio parece, que quer na sua Proposicao saltar toda a corrente do seu estylo; e entra logo a engrandecer o seu Heroe de tal modo, que diz pozeira medo ao mesmo Jupiter:

Magnanimum Æacidem, formidatamque Tonanti Progeniem.

Claudiano no seu Poema *De Raptu Proserpine* seguiu os mesmos vestigios de Estacio, porque principia chamando atrevido ao seu Canto, e finge-se como enclafado por ter em si ao mesmo Apollo; e assim manda a todos, que se apartem delle, porque naõ saõ dignos de chegar a pelloa taõ sagrada:

Audaci promere cantu

Mens congesta jubet: gressus removete profani:

Fam furor humanos nostro de pectore sensus

Expulit, & totum spirant præcordia Phæbum.

Igualmente he defeituosa a Proposicao da *Argonautica* de Valerio Flaccõ; porque nella se vê, que ha muy pouca especulacão poetica:

*Prima Deüm magnis canimus freta pervia nautis,
Fatidicamque ratem, Scythici quæ Phasidis oras
Ausa sequi &c.*

Quiz cantar os mares, que navegaraõ os Argonautas primeiro, que os outros homens, como se isto fosse o argumento do Poema, e devesse ser o fim do Poeta; e como se a navegaçaõ se podesse fazer por terra, ou pelo ar, e naõ pelo mar. Naõ se navega pelas aguas? Certamente; logo para que he preciso dizer *Freta pervia nautis*? Ainda Escaligero no liv. 6. cap. 6. se estende a mais; porque fallando dos Argonautas, diz: *Neque illi fuerunt nauta-Deorum*, e reflectindo no *prima freta pervia*, diz: *Quonam verò modo hic dicantur * prima freta pervia, cum ipsemet in primo canat. = Pharias, Tyriasque carinas?* Passando dos Epicos Latinos aos vulgares, muitos dos principaes saõ igualmente reos de alguns defeitos nas suas Proposições. Na de Tasso naõ póde entrar a justa critica; mas naõ succede assim á de Ariosto; porque propoem para cantar muitas cousas, como *mulheres, cavalleiros, armas, e amores*, confundindo episodios com a acçaõ principal, e desprezando no Poema a unidade do Heroe; o que tambem fez o nosso Camoens com muito deslustre da sua merecida fama, por mais, que fue Manoel de Faria e Sousa em o defender com este exemplo, e com o de Valerio Flacco; pois he defender hum erro com outro, e buscar muito máos patronos para o vencimento da causa. Segundo a doutrina deste Comentador, e a de Simaõ Fornari illustrando o *Orlando Furioso*, que ambos admittem na Proposiçaõ as acçoens secundarias, ou sejaõ episodios, poderia Virgilio tambem dizer: Canto a ira de Juno, o amor de Dido, a impaciencia de Amata, a guerra de Turno, a def-

descida de Eneas ao Inferno &c. Se tal fizera commetteria na Roesia hum crime de leza Magestade; pois he doutrina generalissima tanto na theorica, como na pratica, que nem o genero, nem a especie, mas unicamente o individuo he o que tem lugar na Proposição poetica; pois assim como a fabula he huma só, assim convem por força, que a Proposição manifeste huma cousa unica, e individual, como fez o divino Homero na sua *Odissea*, dizendo:

Virum mihi dic, Musa, versutū, qui valde multū &c.
 Gabriel Pereira de Castro na sua Epopeia tambem propoem o seu argumento com vozes inchadas, e muito elegantes, fechando a outava com bastante affectação; pois diz, que canta á patria, ao mundo, e á eternidade. Como amava muito o estylo de Lucano, por isso até o imitou na affectação, com que propoz o assumpto da sua *Pharsalia*. Seria hum numero infinito, se fizesse menção de todas as Proposições defeituosas, que se descobrem em Poemas Epicos antigos, e modernos, como v. g. a da *Vida de S. Joseph* do Mestre Valdiviesfo, a da *Araucana*, e outras muitas, como sabem os intelligentes desapaixonados. Por fim deste Capitulo tenho, que advertir ao Poeta duas cousas, huma necessaria, e a outra louvavel. Esta he dar principio ao Poema por hum caso obliquo, v. g. por hum accusativo; porque os casos obliquos, como se apartaõ da rectidão natural, e da pureza do dizer, causãõ mais gravidade, e escuridade, e entre os obliquos parece-me, que o accusativo he o mais aspero, e por consequencia o mais grandioso. Assim o praticaraõ entre muitos grandes Poetas Virgilio, Homero, e Camoens, se bem que este fez dilatar muito o verbo, de que saõ accusativo *As armas, e os Varoens assinalados*; defeito, que imi-

imitou Gabriel Pereira, ainda que com mais moderação, e não quizerão ambos seguir a Virgilio, que dizendo *Arma, virumque*, logo poz *cano*, e do mesmo modo Homero, pondo *Virum dic mihi, Musa, &c.* A segunda cousa, que devo advertir como necessaria he, que se occulte na Proposição o nome do Heroe, e que em lugar delle se use de circunscripção de cousas, que lhe sejaõ proprias, e se se nomear, seja só com o titulo da sua dignidade, como deixou escrito Vida no liv. 2. da sua Poetica:

*Fam verò cum rem propones, nomine numquam
 Prodere conveniet manifesto: semper opertis
 Judiciis; longè & verborum ambage petita,
 Significant, umbrâque obducunt; inde tamen ceu
 Sublustris è nebulâ rerum tralucet imago
 Clarius, & certis datur omnia cernere signis.
 Hinc si dura mihi passus dicendus Ulißes,
 Non illum vero memorabo nomine, sed qui
 Et mores hominûm multorum vidit, & urbes,
 Naufragus eversa post sæva incendia Troie:
 Addam alia angustis complectens omnia dictis.*

C A P I T U L O VII.

Da Invocação; terceira parte de quantidade.

DEpois da Proposição segue-se immediatamente a *Invocação*, que he huma supplica, que o Poeta faz ás Musas, ou a alguma Divindade, para que o inspirem, e soccorraõ na obra, que pertende cantar; e como esta ha de conter cousas extraordinarias, e maravilhosas, fica sendo a *Invocação* cousa indispensavel

na' Epopeia ; dando a entender , que lhas inspirou , e revelou algum Numen. A respeito desta tal divindade tenho de advertir ao Poeta , que como Catholico cuide muito em honrar a Poesia , não invocando deoses gentilicos , porque são huma chimera ; mas sim a Deos Nosso Senhor , ou algum Santo , ou Intelligencia celeste , que são os que verdadeiramente podem inspirar , muito mais sendo a acção , que pertendem cantar , pia , e religiosa , como deve ser. Assim o praticou o grande Tasso , invocando a Musa celestial em huma elegantissima outava , que arrebatava a quem sabe qual he o gosto da boa Poesia. O mesmo fez Zarate no seu Poema da *Invençion de la Cruz* , invocando a mesma Cruz com expressões tão vivas , delicadas , e religiosas , que podem servir de exemplar. O mesmo quizera eu em Camoens , desejando , que não dirigisse a sua invocação ás Ninfas do Tejo , symbolizadas (como diz o seu Commentador Faria) nas Damas da Corte ; pois entrava a cantar hum assumpto tão Catholico , e de gloria tão particular para Deos , como o descobrimento da India ; porém este insigne Epico elevou-se tanto na antiguidade gentilica , que em tudo se valeo da sua Mythologia , que verdadeiramente soube com perfeição. A respeito desta materia , que agora tratamos , ha huma questão muy debatida entre os bons Criticos ; e he , se se deve unir a Invocação com a Proposição , ou pôr distinctamente no Poema cada huma destas partes. Fallo da primeira Invocação , de que usa o Poeta , e não das outras muitas , de que se val no discurso da sua Epopeia , quando se vê obrigado a tratar de alguma cousa grande. Os Gregos formavão-na indivisivel com a Proposição ; porém os Latinos determinavão para ambas estas partes lugares distinctos. Não pretendemos nisto dar pre-

preceito; porque deve prevalecer o uso estabelecido nos exemplos de bons Poetas: mas se entrarmos a discutir qual destes usos he o mais acertado, vernos-hemos obrigados a seguir mais os Gregos, que os Latinos. Primeiramente; porque a Musa deve preceder ao Heroe; e propondo-se primeiro este, e depois invocando-se a Musa, he claro, que vem a seguir-se o contrario. Em segundo lugar; porque he acto mais religioso confiar as cousas importantissimas de protecção superior, principiando v. g. *Canta Musa*, do que presumir primeiro muito de si mesmo, dizendo v. g. *Eu canto*, e depois encomendar-se a Deos. Em terceiro lugar; parece cousa mais magestosa pôr no principio de huma Epopeia a huma divindade, que a huma pessoa humana; e assim o recomenda Virgilio com o exemplo de Arato, Theocrito, e Calpurnio, dizendo: *Ab Jove principium Musa &c.* Em quarto lugar; porque unindo-se á maneira dos Gregos a Invocação com a Proposição se fica observando a brevidade, de que nasce mayor gravidade no estylo, e muito mayor decoro em quanto á Arte, que manda serem os proemios muito compendiosos. Em quinto lugar; porque se exalta mais nobremente o Poema, mostrando ser elle de huma condição tão inexplicavel, que para o cantar he preciso hum Numen, e não hum homem. Em ultimo lugar; porque exalta o Poeta mais a sua Arte; pois commettendo totalmente á Musa o cuidado de toda a narração, confirma deste modo a fama universal, de que o Poeta possui hum furor divino, e que he dotado de hum entendimento superior. Homero foy o que inventou esta ordem, invocando, e propondo ao mesmo tempo tanto na Iliada, como na Odissea. Chama á Musa *Deosa*, para que ella lhe seja propicia, vendo-se tão elevada

com este titulo: e agora se verá o defeito, em que cahio Lucrecio na sua Invocaçãõ a Venus, chamando-lhe *Sociam*; o que he huma notavel impropriedade; pois segundo a Arte, e a razãõ não deve o invocante fazer-se igual á cousa invocada, antes mais depreffa deverá engrandecella sobre a sua esféra, do que fazella de condiçãõ inferior: porém como Lucrecio era hum famoso Atheista, talvez o desculpará a sua mesma impiedade. Alguns Poetas houve, que não invocaraõ, como entre outros fez sem fundamento Nicandro na sua *Tberiaca*. Outros houve, que propriamente não invocaraõ, como foy Ariosto, usando não de hum modo invocativo, ou deprecativo, mas como limitativo, segundo o verso *Se da colei, che tal quasi m' hà fatto &c.* pois diversa cousa he dizer limitativamente: Eu farey isto, se Deos quizer; ou invocativamente: Invo-co, Senhor, o vosso favor para fazer isto. Semelhantes Invocaçoens são na Poetica muy viciozas, como tambem aquellas, em que se invoca huma divindade, que he impropria para o assumpto; o que tambem fez o mesmo Ariosto, pois havendo de tratar em hum Poema de empresas militares, devia (segundo a Critica de Mazoni) invocar as Musas, e não ao Amor, por ser divindade impropria para hum assumpto heroico. Estas são as reflexoens mais principaes, que se pódem fazer sobre esta materia, e como he grande o nosso escrupulo, a respeito de usar o Poeta Catholico nas suas Invocaçoens de deoses gentlicos, tornamos outra vez a dizer, que nesta parte se não siga aos que deixaraõ taes exemplos levados cegamente do ardor de imitarem aos antigos; como entre outros fez o celebre Sannazaro, que em hum Poema Sacro devendo buscar por fonte a do Salvador do mundo, de quem cantava o nascimento, buscou

cou a Castalia, e Aganippe. Melhores exemplares são Tasso na sua *Jerusalem*, Vida no seu *Christiados*, Bargeo na *Siriada*, Baptista Mantuano na *Vida de Santa Catharina*, e outros muitos Poetas de merecida fama. A esta recommendação temos que acrescentar outra, e he, que a Invocação seja breve, virtude muy propria nas deprecaçoens, e ao mesmo tempo clara, fervorosa, e sublime; o que tudo admiramos em Homero, Virgilio, e Tasso. Ultimamente, antes que demos fim a este Capitulo, será conveniente, que digamos alguma cousa sobre a *Dedicacão*, e o *Epilogo*, de que alguns Poetas usaraõ. A respeito da *Dedicacão*, que os modernos poem logo immediata á *Invocacão*, não ha bons exemplos na antiguidade, com que se possa approvar este uso; porque nem Virgilio na sua *Eneada*, nem Homero nos seus dous Poemas o praticaraõ; e o mesmo fizeraõ alguns modernos, como Dom Francisco Lope de Zarate. Porém não pretendemos reprovar este uso; porque muitos Epicos insignes nos deixaraõ exemplos para a imitacão; como foy o nosso Camoens dedicando o seu Poema a El Rey Dom Sebastião, Gabriel Lasso a sua *Mexicana* ao Marquez del Valle, Tasso, e Ariosto a hum Principe da casa de Este, e outros muitos, que não he preciso referir. O que pretendemos he, que esta *Dedicacão* não seja tal, que escandalize os ouvidos pios, parecendo *Invocacão*, como fizeraõ alguns Epicos, usando nestas suas *Dedicatorias* de expressoens taes, que não dedicaraõ, mas invocaraõ o seu Mescenas, como se fosse huma divindade, que os pudesse inspirar, e soccorrer. Guiou-os a lisonja do mesmo modo, que aos antigos, como foy Virgilio, invocando a Cesar á maneira de divindade no seu *Culex*, e no liv. I. das *Georgicas*; se bem que nesta parte obrou

com hum prudente juizo , porque em primeiro lugar reverencea os deoses , e em segundo ao seu Principe. Do mesmo incenso usou Lucano invocando a Nero , Manilio a Augusto , Valerio Flacco a Vespasiano , e outros muitos Poetas , como sabem os que tem lição de Poesia. Depois desta instrucção segue-se outra , que he serem breves estas Dedicatorias. Alguns Authores lhes prescrevem só tres outavas sendo em vulgar , e em Latin outo até doze versos. Nós não determinamos a quantidade ; o que dizemos he , que não deve ser tal , que fique a narraçãõ da Epopeia muy afastada da Proposiçãõ , como lemos em Camoens , que nesta parte enfaltia bastantemente aos Criticos , que são escrupulosos. Pelo que pertence ao *Epilogo* , dizemos tambem , que não he necessario , e que rara he a Epopeia , em que se não omitta.

C A P I T U L O VIII.

Da Narraçãõ , quarta parte de quantidade.

E Sta ultima parte de quantidade , que tem a Epopeia , he a mais principal della ; porque a *Narraçãõ* he que verdadeiramente he o corpo do Poema Epico , e as outras partes são como os membros , que o constituem. Nella vemos a acção organizada com o seu principio , meyo , e fim , ficando deste modo inteira. Seguem-se os Episodios , ou acçoens secundarias , e todas as mais circumstancias , como são os costumes , e paixoens da figura fatal , e das outras pessoas principais assim humanas , como divinas ; o enredo , e soluçãõ da fabula , a sentença , a dicção , e tudo o mais , que temos insinuado pelo discurso desta Arte. Na Narraçãõ

ração ha dous modos de se urdir, hum chamado *natural*, outro *artificial*, e sobre ambos ha huma das maiores questoens; que tem toda a Poetica. A ordem *natural* he aquella, que naturalmente tem a mesma acção, em que primeiro he o principio, depois segue se o meyo, e depois o fim. A *artificial* procede de outro modo; porque poem o meyo em primeiro lugar, e depois o principio, e fim. Sobre qual destas duas ordens deve seguir o Poeta Epico, he que ha toda a grande questaõ. Huns Authores insistem em que a ordem natural he a melhor; porque observa a natureza das cousas, que costumaõ principiar, depois ter no meyo o seu augmento, e depois o fim, em que acabaõ. Allegaõ em exemplo a Homero na *Iliada*, a Lucano na *Pharsalia*, a Valerio Flacco na *Argonautica*, e a Sillio Italico de *Bello Punico*. Outros Authores fazem prevalecer a ordem artificial como mais propria do Poeta, e daõ por exemplo a *Eneada*, a *Odissea*, e outros infinitos Epicos, que depois a seguirãõ, dizendo, que o mais he seguir o estylo dos Historicos. Cugamos a Rubertello sobre a Poetica de Aristoteles pag. 270. *Hoc vitio (ni fallor) laboravit Lucanus in describendo Cesaris, & Pompeii civili bello. Silius quoque Italicus in Punico: & fortasse etiam Valerius Flaccus in Argonauticis, & Apollonius in iisdem explicandis: nam etsi unam actionem complexi sunt, ordine tamen usi fuerunt, qui magis historico, quam Poete conveniat.* Nós seguimos o partido destes ultimos, conformando-nos com as solidas razoens, que daõ, as quaes expendeo Tasso largamente no seu Tratado do *Poema heroico* liv. 3. A ordem, que observou Lucano, e o nosso Manoel Thomaz na sua *Insulana*, naõ ha duvida, que só propriamente convem ao Historiador; porque segue

segue o estylo da Narração direita, e natural. A ordem artificial he, que he propria dos Poetas; porque devem narrar em primeiro lugar algumas cousas, que são primeiras, outras devem pospollas, outras devem-se omittir em huma occasião, e reservar-se para outra melhor, como claramente ensina Horacio na sua Poetica. Primeiramente haõ de se dizer aquellas cousas sem as quaes naõ haveria algum conhecimento das presentes, e depois devem se callar muitas, que naõ causaõ expectação, e maravilha; porque o Poeta deve sempre ter suspenso o leitor, e deseioso de ler mais. A Narração feita pela ordem natural causa fastio, como diz Escaligero no liv. 3. cap. 96. *de Poet. Altera lex: non recto tramite ducendam narrationem, ne tedium pariatur: res namque eadem semper iteranda, saepe etiam inculcanda est necessario. Hoc ipsum igitur, quod pro principio sumes; ne statuas in principio; ita namque auditoris animus est suspensus; querit namque quod nondum extat. Et sane vel unica, vel precipua virtus auditorem quasi captivum detinere.* Confirma-se esta doutrina com a authoridade de Virgilio, que fez com que fosse principio da sua Epopeia o fim da narração de Eneas, dizendo:

Hinc me digressum vestris Deus appulit oris.

Ainda a Narração ficara sendo mais fastidiosa, se o Poeta começar por principio muy remoto, e como diz Horacio *ab ovo*. Nesta parte naõ merece tanta reprehensão Lucano, como Estacio; porque hum querendo cantar as guerras civis, poem Cesar no rio Rubicon, onde se vio obrigado a fazer a guerra, sendo tido por inimigo do Senado; e o outro principia pela furia, e maldiçoens de Edipo, que foraõ a fatal causa da discordia entre Eteocles, e Polinices. Com tudo melhor procedia

deria Lucano, se começasse a sua Narração pondo logo a Cesar na Thessalia á frente de Pompeo, e narrasse depois em lugar proprio as cousas, que antes haviaõ succedido. Esta he a opiniaõ, que seguimos; porém não podemos deixar de confessar, que a contraria tambem faz grande pezo, pelas forçosas razoens, que allegaõ os que a defendem; e assim não pretendemos, que a nossa doutrina seja hum infallivel dogma Poetico. O Poeta poderá abraçar a opiniaõ, que lhe parecer mais racional, e em seguir qualquer dellas terá bons Patronos, com que se defenda. Lea a Pontano no seu Prologo intitulado *Actius*, a Francisco Baldovini de *Histor.* liv. 1. a Bargeo na Prefecção á sua *Cyriada*, a Mazoni na sua *Poetica* liv. 3. cap. 81. a Macrobio liv. 5. cap. 2. a Plutarco de *Homer.* e a Viperani na *Poetic.* liv. 1. cap. 9. e 10. e liv. 2. cap. 6. e depois de ter lido, e ponderado maduramente os fundamentos, em que se estabeleceraõ estes Authores para seguirem diversas opinioens, escolherá entaõ a que tiver por mais conveniente; pois he ponto este na *Poetica*, que não se pôde resolver demonstrativamente, porque até o texto de Aristoteles he nesta parte taõ confuso, como em outras, contradizendo-se em diversos lugares, como sabem os eruditos nesta faculdade. Passando a outro assumpto, será preciso dizer alguma cousa sobre as partes de quantidade material, que tem a mesma Narração, ainda que tambem nellas não haja huma regra certa. Estas taes partes consistem nos *Livros*, ou *Cantos*, em que o Poeta divide o Poema, e no numero de Estancias, que a estes convem. Em quanto á primeira parte, não ha doutrina estabelecida; porque huns, como o nosso Francisco Botelho no seu *Alfonso*, o Boiardo no seu *Orlando Innamorato*, o Alamanni na sua *Avarchide*, Silvei-

ra no seu *Macabeo*, e outros muitos imitando a Virgilio, e aos mais Poetas Latinos dividirão os seus Poemas em *Livros*. Outros usarão de *Cantos*, de quẽ foy inventor Dante, segundo a authoridade de Crescimbeni no tom. 1. liv. 3. cap. 21. no seu Commento á Historia da Poesia vulgar. Este uso foy mais seguido; porque entre infinitos Authores o praticou Tasso pay no seu *Amadige*, e o filho no seu *Gofredo*, Ariosto no seu *Orlando*, Pulci no seu *Morgante*, e o nosso Camoens na sua *Lusiada*. Sobre a quantidade a que se pôdem estender estes Livros, ou Cantos, tambem ha sua variedade entre os Epicos Latinos, e vulgares. Homero repartio cada hum dos seus dous Poemas em vinte e quatro Livros; Virgilio em doze; Tasso, e Miguel da Silveira em vinte Cantos; Camoens em dez; e Bernardo Tasso chegou até cem. A regra, que nesta parte se deve seguir he, que segundo a grandeza da fabula, assim deve ser a sua material divisaõ, aliàs ficará sendo hum corpo monstruoço, como he o do *Amadige*, ainda que muitos o pretendem defender, dizendo, que os Romancistas pôdem ter mais alguma liberdade. Veja-se o Padre Lamy *Nov. Refl. sur l' Art Poetique*, e o sobredito Crescimbeni liv. 5. cap. 7. Em quanto ao numero das Estancias tambem não ha conformidade nos seus Authores; porque huns não querem, que cada Canto passe de cento e cincoenta Estancias, com o fundamento de que tantas poderãõ fazer huma quantidade quasi igual a cada hum dos Livros da *Eneada*: outros não se restringem a numero certo; o que he conforme á natureza; e basta, que o Poeta proceda com huma tal reflexãõ, que as Estancias de cada hum dos seus Cantos, ou Livros façãõ hum todo harmonioso, e perfeito com as dos outros, segundo a grandeza da fabula.

bula. Esta proporção depende mais do bom gosto, e juízo do Poeta, que de regras da Arte, ainda que alguns inutilmente as pretenderão dar. Sobre a terminação de cada hum destes Cantos devemos advertir huma cousa, em que muitos não cuidarão, e he em que o fim de hum Canto não acabe de modo, que pareça, que o Poeta quer descansar do trabalho, e que despede o leitor, convidando-o para o Canto, que se segue; como fez Ariosto, a quem seguiu o nosso Camoens; porque exceptuando os Cantos 2. 3. e 4. os mais acabaõ com alguma exclamação, ou invectiva, ou digressão, como já censurou Ignacio Garcez Ferreira na illustração, que fez a este Poeta, dizendo, que nesta parte não observara os preceitos da Arte, que recomenda a grande connexão, e laço de huns Cantos com outros, de modo, que a pausa, que nelles faz o Poema, seja ordenada com hum artificio occulto, e não diga o Poeta quando a quer fazer, como galantemente disse Merlin Cocaio, acabando o liv. I. da sua *Maccheronea*:

Denique jam primi claudatur janua libri.

E o liv. 24. dizendo:

*Iste liber finit vobis, mihi cena comenzat;
Sed quia candela est usque ad culamen adusta,
Multa per adessum scripsi; da matina venite.*

CAPITULO IX.

Da Allegoria do Poema.

Allegoria, fallando em commum, não he outra cousa mais, que huma oração formada de vozes metafóricas, em que aquillo, que se escreve, he muy diverso do que se entende. Muitos Authores graves pretenderaõ, que se deva dar na Epopeia esta Allegoria, e affirmaõ, que os Poetas não usaraõ das fabulas para outro fim, senaõ para debaixo dellas ensinarem doutrinas importantes á vida moral, e tambem á observação das obras da natureza. Homero, v. g. quando fingio aos Deoses peleijando entre si, quiz mostrar allegoricamente a natureza dos elementos, que são entre si contrarios; e quando disse, que Pallas tivera controvérsias com Marte, pretendeo dar a mostrar nesta Allegoria a contrariedade da potencia racional com aquella parte da alma, em que não ha razão. Assim discorrem aquelles, que pretendem, que a Epopeia seja hum animal de duas naturezas; isto he, que se componha de imitação, e allegoria; esta para attrahir a si os animos, e aquella para os instruir nas virtudes: porém outros Authores não menos graves discorrem diversamente, e dizem, que a allegoria não he circumstancia no Poema Epico, nem he necessario, que seja allegorica a fabula Epica; assim porque Aristoteles na sua Poetica não deu nesta parte o minimo preceito, como porque os primeiros Epicos Gregos, e Latinos o não praticaraõ; o que provaõ com evidencia, como sabem os eruditos; pois nem em Homero, e menos em Virgilio se poderá sem grande violencia descobrir allegoria universal,

versal, que he a de que tratamos; porque na particular não ha duvida alguma. Entre estas duas opinioens taõ diversas ha outra (quanto a mim mais acertada) que segue hum meyo entre os dous extremos; pois nem prohibe esta allegoria, nem a poem como circumstancia necessaria na Epopeia. Diz que cada hum poderá obrar segundo o seu genio, visto não haver preceito, que approve, ou condemne semelhante coufa. Tasso seguiu a primeira opiniaõ, porque fez allegoria no seu Poema, que elle mesmo explicou com alguma violencia: o mesmo fez Errico no seu Poema da *Guerra Trayana*, e outros muitos, de que agora não fazemos catalogo. Quanto ao que entendo, Camoens seguiu a segunda opiniaõ; porque na sua *Lusiada* não ha por onde judiciosamente se entenda, que quiz nella fazer huma allegoria universal, por mais que se cançasse o capricho do insigne Manoel de Faria e Sousa nos seus Commentos em estabelecer o contrario, como prova largamente, e com juizo critico Garcez Ferreira no seu *Apparato Preliminar* ás illustraçõens, e notas á *Lusiada* cap. 5. e 21. Havendo na Epopeia esta allegoria recomenda Mazoni na sua *Poetica*, Tasso no *Tratado do Poema Heroico*, e outros muitos, que deve ter tres circumstancias, isto he, ser *clara*, *conforme*, e *honesto*. A clareza serve para que a allegoria não degenerem em enigma, e se veja o leitor obrigado a adivinhar, dizendo o que lhe parecer. Neste vicio cahio Tasso, e ainda que elle mesmo explicou a allegoria universal do seu Poema, foy com explicação taõ violenta, que a boa critica tem julgado, que elle não fora bom Edipo para desfazer tantos, e taõ escuros enigmas. A conformidade serve, para que huma coufa representada com dicção metaphorica seja sempre a mesma, sem variar representando

do outra cousa diferente em huma mesma composição, como v. g. seria erro, se introduzindo-se em hum Poema huma figura chamada *Lysia*, se entendesse por ella Lisboa, e algumas vezes França. A honestidade he huma das circumstancias mais precisas; porque pede a ração, que não tenha alguma macula o vèu da allegoria; pois a Poesia, e muy particularmente a Epopeia, serve para instruir, e não para incitar paixoens viciosas, de cujo peccado he reo Homero, occultando em muitas partes da sua Iliada por meyo de allegorias enormes absurdos. Veja-se sobre este ponto o que diz o Apatista no tom. 3. Progin. 63. Não foy assim Virgilio; porque observou no seu Poema huma grande modestia sobre as suas allegorias particulares, como prova em muitos lugares o seu grande Commentador Lacerda, e taõ doutamente como costuma. Desejara eu, que Camoens sendo Catholico, seguisse nesta parte, como inimitavelmente observou em outras muitas, os vestigios de hum Poeta gentio; porque entaõ seria a sua Venus fallando com Jupiter, e o grande namorado Leonardo tratando com a Nynfa, taõ modestos, como he a Venus da Eneada, e Eneas discorrendo com Dido na cova. Porém como já temos em diversas partes desta Arte tratado, e recommendado este ponto, por ora só daremos por instrucção ao Poeta, que lea estes versos de Vida na sua Poetica:

*Postremò tibi siqua instant dicenda, ruborem
 Que tenerum incuterent Musis adaperta, Chorisque
 Virgineis, molli vel præterlabere tactu
 Dissimulans; vel verte aliò, & rem suffice fictam.
 Si Pater Omnipotens tonitru Cælum omne ciebit,
 Speluncam Dido, Dux & Troianus eandem
 Deveniant, * pudor ulterius nihil addere curet.*

Nam

*Nam sat erit tellus , quòd prima , & conscius æther
Connubii dent signum, ululentque in vertice Nymphæ.*
Nestes versos se verá qual foy a honestidade de Virgilio , e a differença que ha entre elle , e outros Poetas , a respeito desta virtude , sem ainda excluirmos Tasso ; porque ainda que geralmente fallando foy modesto , com tudo no Epifodio da *Ilha Graciosa* , que se lê no Canto 16. em que Rinaldo se prende dos amores de Arminda , não observou muito a honestidade ; vindo a depravar os costumes , quando o seu animo era instruir as gentes com a allegoria de mostrar , que os grandes Varoens , ainda que muito fortes , e constantes , tambem estaõ sujeitos ás fraquezas das paixoens da natureza. Se esta immodestia he taõ abominavel em algumas partes allegoricas de hum Poema , que não será naquellas chamadas Epopeias , que saõ todas obscenas , como o *Adonis* de Marino , e alguns outros deste genero ? Diremos , que o Author de semelhantes obras nem he perfeito Catholico , nem verdadeiro Poeta ; porque não pratica o fim da Poesia , que he instruir por meyo do honesto deleite ; do mesmo modo , que peccaria contra a sua arte hum Architecto , que havendo de edificar huma casa , usasse de canas em lugar de traves , e de arêa em lugar de cal.

CAPITULO X.

Da Parodia.

NÃO he justo , que acabemos de tratar da Epopeia , passando em silencio a *Parodia*. He esta huma especie de Poesia , que sahe do Poema Epico , assim como de huma mãy formosa nasce muitas vezes hum

hum feto ridiculo. Teve sua origem nos antigos Poetas, os quaes costumavaõ na recitação dos seus versos ou introduzir o jocosõ no sério, ou mudar inteiramente a seriedade dos seus versos para assumptos graciosõs. Por esta razaõ Escaligero no liv. 1. cap. 42. define a Parodia, dizendo: *Est Rapsodia, sive Epopœia inversa mutatis vocibus ad ridicula sensum trahens.* Assim o fez hum certo Poeta Grego chamado Matron, mudando, e appropriando em assumpto ridiculo infinitos versos de Homero. O mesmo vi feito á nossa *Lusjada*, valendo-se o Author dos consoantes, e dicção do Poeta, para argumento jocosõ. Entre os Latinos tambem se lem destas composiçoens; e sirvaõ de exemplo aquelles versos de Crispo Steforiano sobre o louro dos triumphadores; os quaes lhe appropriou naõ sey quem ao ramo, que se poem ás portas das tavernas. Dizia o Poeta no Acto 1. scen. 1.

*Ut æquis illam lauream, & frontis decus,
Illos honores stirpis inimicæ probem?
Crispi triumphos, Cæsar, ut plausu sequar?
Perfundet ante sydus arctoum mare.*

Dizia o que fez a Parodia:

*Ut æquis illam lauream, lauri probum,
Illos liquores improbæ vitis probem?
Cætus bibaces potus ut plausu sequar?
Bibet ante sitiens arctos arctoum mare.*

As Comedias Italianas costumãõ praticar muito a Parodia; porque a parte do *Doutor*, do *Capitan Spavento*, e do *Pantalone*, inventouse para mostrar em ridiculo o caracter de hum Jurisconsulto, de hum homem valeroso, e de hum velho fabio, e prudente. E naõ só estas figuras, mas tambem as do *Pulcinella*, *Arrelechi-na*, e *Coviello* costumãõ a cada passo alterar algumas

sentenças sérias dos Latinos , adulterando as palavras para as appropriarem a cousa ridicula.

C A P I T U L O X I.

*Fuizo sobre os antigos Poetas Epicos Gregos ,
e Latinos.*

NEstas reflexoens , que vamos a fazer , tem *Homero* o primeiro lugar , não menos pela antiguidade , que pelo merecimento. Não faremos deste Principe da Epopeia hum perfeito juizo ; porque são muitos os Aucthores , que já o fizeraõ , e como estes são muy triviaes , não queremos ser prolixos , e o leitor os poderá ler , e faciar a sua curiosidade , principalmente em *Monf. Rolin* no tom. 2. da sua *Historia Antiga* , e no 1. do *Tratado dos Estudos* , além de *Madama Dacier* , que na admiravel traducção , que fez deste Poeta deu a conhecer em que consistem as verdadeiras bellezas da Poezia. Com tudo sempre diremos (a pezar de tanta critica rigorosa , como hé a de *Udeno Nisiely*) que *Homero* foy o original , de que *Virgilio* extrahio a grande copia da sua *Eneada* ; e esta razaõ he huma distincta vantagem para a superioridade do Poeta Grego , bastando-lhe ser o primeiro , ainda que não fosse taõ insigne. *A Iliada*, e *a Odissea* são dous grandes quadros , que para fazerem todo o seu bom effeito , não se haõ de ver de perto , como os pequenos. Nestes dous Poemas ha innumeraveis bellezas poeticas , assim no estylo sublime , em que não teve igual , como nas vivas descripçoens das cousas , e excellentes pinturas de engenhosas imagens. *Quintiliano* , que foy hum bom contraste destas

pre-

preciosidades, disse de Homero no liv. 10. cap. 1. *Humani ingenii excedit modum, ut magni sit viri virtutes ejus non emulatione, quod fieri non potest, sed intellectu sequi.* Este louvor pareceo a Muratori excessivo, e eu não deixo tambem de seguir o mesmo conceito; porque este Poeta em muitas occasioens não só dormitou, mas adormeceo com sono profundo. Como nós nos empenhâmos em toda esta Arte de não dizer cousa alguma consideravel sem nos fundarmos em authoridade, veja-se o que largamente dizem sobre esta nossa proposição o Padre *Rapin* no livro intitulado *Comparação dos Poemas de Homero, e Virgilio*, Paulo Beni, o Apatista, Tasso no *Tratado do Poema Heroico*, Muratori, e outros muitos, que facilmente se não pôdem reduzir a numero. Ninguem, que dê passos seguros pela Poetica, poderá negar, que Homero em muitas partes não fez caso da verosimilidade; que alguns costumes dos seus Heroes não são louvaveis; que as suas fabulas tem muito de defeituosas, e que em algumas partes he irreligioso, e outras vezes impio, tratando dos seus Deoses. Porém como neste Poeta sempre as virtudes são mais que os vicios, devemos dizer com Horacio:

*... Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis.*

Hesiodo, segundo *Rolin*, tambem tem seu lugar nestas reflexoens. Foy contemporaneo de Homero, e escreveu das *Obras, e dos dias*, a *Theogonia*, ou Genealogia dos Deoses, e o *Escudo de Hercules*. *Quintiliano* no liv. 10. cap. 1. descreveo caracter deste Poeta, dizendo, que raras vezes chega á altura do estylo sublime; e que huma grande parte das suas Obras não contém mais, que nomes proprios; mas que com tudo isto

iffo tem sentenças muito uteis para os bons costumes, e muita doçura no estylo, e expressoens; por cuja causa se lhe não póde negar a gloria de ser insigne no genero de escrever mediocrementes. Outros Poetas produzio a Grecia, como *Terpandro*, *Tirteo*, de quem falla Horacio na Poetica, *Dracon*, *Cberillo* muy estimado de Alexandre, *Arato*, *Apollonio*, *Nicandro*, *Antipatro*, *Parthenio*, e outros muitos; porém como estes Poetas são desconhecidos, e a mayor parte das suas Obras perecerão, deixaremos de tratar delles, como cousas menos importantes, e passaremos a discorrer dos Epicos Latinos.

Principiemos por *Lucrecio*, se bem que propriamente não escreveu Poema heroico, mas seis livros de *de Rerum naturá*, nos quaes explica largamente a Fyfica de Epicuro, que dedicou a Cayo Memmio seu discipulo. Este Poeta he muy impio neste seu Poema; porque ninguem como elle se atreveo a negar a providencia, e a fallar com tanto atrevimento da causa primeira, attribuindo ao unico movimento dos atomos todos os effeitos da natureza, formação, e conservação do mundo. A respeito do merecimento deste seu Poema, pelo que toca á Poesia, não se póde negar, que tem muita nobreza, muita força, e igual engenho; assim os seus versos tivessem aquella doçura, e harmonia, que se acha nos de outros Poetas.

Virgilio he sem controversia o Principe dos Epicos Latinos, como Homero dos Gregos. O merecimento do seu Poema he muy distincto; porque ainda que elle seja huma machina levantada sobre os fundamentos da Iliada, e Odissea, com tudo não se tem decidido até agora quem ha de levar a preferencia. Em quanto se não julga esta causa, que talvez nunca se sentenciará,

tenciará, podemos seguir o juizo, que destes dous sublimes Poetas fez Quintiliano, dizendo no liv. 10. cap. 1. que Homero tem mais viveza, e mayor naturalidade, e Virgilio mais arte, e mayor trabalho. Homero excede no grande, e no sublime, e Virgilio se não chegou a este gráo, ficaõ em paralelo estes riquisitos com a igualdade, e exacção, que observou em todo o lugar da sua Epopeia, a qual, se tivesse a ultima lima, seria muito mais perfeita, do que não he, não só a respeito da pintura do caracter do Heroe, como das acçoens de Eneas praticadas em Cartago; porém ainda no estado, em que a lemos, deve ser muy distinctamente estimavel, pelo inimitavel estylo, nobilissimas sentenças, e excellente evidencia em pintar, e rara economia em discorrer.

Lucano tambem he Poeta, que tem entre as Musas hum honroso lugar; porque a sua *Farsalia*, em que descreve a guerra de Cesar, e Pompeio, tem bellos pensamentos, ainda que alguns muito affectados, e hũa grande viveza de estylo florido; porém como não observou as partes precisas na Epopeia, diz Quintiliano no liv. 10. cap. 1. que mais deve entrar no numero dos Oradores, que dos Poetas: *Lucanus ardens, & concitatus, & sententiis clarissimus, & , ut dicam quod sentio, magis Oratoribus, quam Poetis annumerandus.* Preferir, ou igualar *Lucano* a *Virgilio*, como alguns quizeraõ, sendo hum delles o Padre Feijó, he mostrar não saber, que cousa he Epopeia, e ainda Poesia. O que se póde dizer em louvor deste Poeta he, que se chegasse a idade madura não morrendo de vinte e seis annos, seria perfeito; porque perderia aquelle demasiado fogo, em que se accendia, e abateria aquelles altos voos, em que deixava ir a fantasia sem

moderação ; cujos vícios o fazem ser affectado , e prolixo , e quando os quer evitar , não tem aquella delicada escolha de Virgilio , e vem a cair em outros defeitos , quaes são as expressões humildes , e algumas vezes infipidas.

Silio Italico escreveu hum Poema de *Bello Punico* no reinado de Domiciano , cuja obra se achou sepultada na Bibliotheca de S. Gallo no tempo do Concilio de Constancia com outros muitos manuscritos. Não nasceo Poeta , nem o estudo supprio inteiramente tudo o que a natureza lhe negara para o ser. Escreveo na sua velhice depois de ter sido Consul , e a frialdade do seu espirito poetico correspondeo á do seu sangue. Marcial no Epigramma 63. do liv. 7. empenha-se em louvar muito a este Poeta ; o que nada tem feito , para que a posteridade tivesse a sua Musa por excellente ; com tudo sempre se deve dizer com verdade , que ninguem escreveu no seu tempo com linguagem mais pura : assim a respeito da poetica se lhe podesse fazer igual elogio ; pois mais util foy á Historia , que á Poesia , observando com grande exacção a verdade historica.

Estacio floreceo no tempo de Domiciano , a quem foy muy aceito , pela grande facilidade , que tinha em versificar de repente ; e este valimento he , que talvez foy a causa de que Marcial , como invejoso , não fizesse menção delle nos seus Epigrammas , fallando nelles de todos os Poetas do seu tempo. Compoz dous Poemas heroicos , hum intitulado *Thebaida* , outro *Achilleida* ; o primeiro comprehende doze livros , e o segundo só dous , porque lho impedio a morte. Foraõ muito estimados em Roma , como diz Juvenal no liv. 3. satyra 6. dizendo , que se ajuntava o povo para os ouvir com extraordinario concurso. Póde ser , que este elogio

nascesse dos costumados hyperboles , de que usava este Satyrico , e tambem poderá ser , que fosse sincero ; porque naquelle tempo já estava estragado o bom gosto da Poesia. Porém não deve fazer admiração o louvor de Juvenal , quando Escaligero pretende , que nenhum Epico antigo , e moderno igualara a Estacio em imitar a Virgilio. Deste juizo se vê , que neste insigne Author houve mais erudição , que juizo critico ; porque não attendeo , em que a fabula da *Thebaida* he defeituosa , pela deduzir não *ab ovo* , mas *à gallina* , como diz o Apatista ; que neste Poema gasta seis livros inutilmente , que na *Achilleida* queria contar todas as acçoens do seu Heroe , como claramente se vê dos dous livros , que deixou ; que o seu estylo he o mais inchado , e ás vezes o mais frio ; e ultimamentè , que he taõ prolixo , que causa fastio. Melhor juizo he o daquelles , que dizem , que Estacio , Lucano , e Silio Italico trataraõ os seus argumentos mais como Historiadores , que Poetas ; por não observarem aquelles requisitos , que formaõ a essencia , e constituição do verdadeiro Poema Epico.

Valerio Flacco escreveu hum Poema heroico sobre a viagem dos Argonautas , que dividio em oito livros , e dedicou a Vespasiano , em cujo reinado o principiou. Quintiliano louvou muito este Poeta ; dizendo no liv. 10. cap. 1. *Multum in Valerio Flacco nuper amissimus* ; porém os criticos mais judiciosos tratando *ex professõ* do merecimento desta Epopeia , o que não fez Quintiliano , saõ de opiniaõ , que nella se encontraõ varios defeitos contrarios ás regras da Arte , como já temos apontado em diversas partes. O certo he , que neste Poema se não acha belleza alguma poetica , e que o estylo d'elle he languido , e frio por causa de hum affectação , com que busca o sublime , que não soube conservar ;

fervar; e por esta razão me parece muito merecido o conselho, que lhe deu Marcial, exhortando-o como amigo, que se deixasse das Musas, das quaes não podia esperar utilidade, e seguisse como mais proveitoso para elle o tratar das causas no Foro.

Claudiano teve seu merecimento para que os Emperadores Arcadio, e Honorio lhe fizessem levantar huma estatua á sua memoria. He preciso confessar, que entre aquelles, que tentaraõ de seguir, e imitar a magestade de Virgilio, he este Poeta o de gosto menos corrupto, e bem podia ter hum distincto lugar pelo seu pequeno Poema *de Raptu Proserpineæ*, e mais Obras entre os Epicos, que floreceraõ no feliz seculo de Augusto. Claramente se vê, que tinha muito engenho, e que nascera para a Poesia, porque havia nelle aquelle fogo, de que procede o Enthusiasmo. O seu estylo he correcto, suave, elevante, e ao mesmo tempo nobre, e elevado. Verdade he, que nelle tem muita viveza pueril, que o faz ser inchado, e que sim teve huma idéa engenhosa, mas muy distante daquella harmoniosa delicadeza, que se acha em Virgilio. Tambem não imitou a este Poeta naquelle gyro natural dos versos; porque fez os seus com huma tal cadencia, e taõ continuada, ou seja principiando-os por tres Daçtilos, ou mettendo hum Espondeo entre dous Daçtilos, que faz assentar o leitor muitas vezes no meyo do caminho pelo canaço, que lhe causa taõ continuado gyro.

CAPITULO XII

Fuizo sobre a Lusíada do grande Luiz de Camoens.

TRatando nós dos Epicos Gregos, e Latinos, que tanto illustraraõ a Epopeia; seria hum reprehensivel descuidò, se não fallassemos alguma cousa sobre o Poema do nosso Camoens, o qual sendo Poeta vulgar, merece huma fama distincta entre os Epicos, de que tanto se desvaneece Grecia, e Roma. Não discorreremos sobre outras Epopeias, de que a nossa lingua he abundante, como a *Ulissea*, o *Ulyssippo*, o *Macabeo*, o *Condestavel*, a *Malaca Conquistada*, o *Affonso Africano*, o *Virginidos*, a *Insulana*, e outros mais Poemas; porque entre todos estes tem superior lugar a *Lusíada*, e he a que as naçoens estranhas tem applaudido, traduzindo-a nos seus idiomas àquellas, que são mais cultas nas boas Artes. Por esta razaõ, e por não fazermos hum volume separado discorrendo sobre tantas Epopeias, trataremos unicamente da do nosso insigne Camoens. Muitas são as virtudes poeticas, que nelle se descobrem, e pretender negallas, he cometer hum absurdo. Foy Camoens admiravel na evidencia das suas pinturas. A do Espirito Santo no Canto 2. Est. 11. a das Nynfas abrindo caminho ás náos no mesmo Canto Est. 20. a do estrondo, que faziaõ as trombetas, e bombardas das nossas náos, tapando os Mouros com as mãos os ouvidos, que se lê no dito Canto Est. 100. são todas pinceladas de grande Mestre. Que excellentissima he igualmente aquella imagem do Canto 3. Est. 102. em que mostra a Rainha Dona Maria pedindo soccorro a

ElRey

El Rey seu pay ; a das náos , que hiaõ para o descobri-
mento , que se lê no Canto 4. Est. 85. e aquella pintura
pathetica da partida das mesmas náos para a India , que
admiramos no mesmo Canto Est. 89. e 90. A imagem ,
com que este Poeta no Canto 5. Est. 47. representa o
lastimoso fim da mulher de Manoel de Sousa de Sepul-
veda , arrebatada a todo o que tem paladar delicado no
gosto da Poesia. O mesmo succede com a do Tritaõ do
Canto 6. Est. 16. com a celebre do Adamastor do Can-
to 5. Est. 39. e se a de Dona Ignez de Castro no Canto 3.
Est. 118. não fosse taõ demasiadamente engenhosa , e
por isso impropria na boca de huma Senhora em extre-
mo afflicta , tambem por ella se conheceria o dedo de
tamanho gigante. Não he assim a do velho fallando na
praya , que se lê no Canto 4. Est. 94. pois se vê nesta
imagem bem observado o costume poetico naquelle ho-
mem , que representando a figura do vulgo , ignora os
segredos dos gabinetes dos Principes , e discorre como
lhe parece nas resoluçoens delles. Que direy daquella
excellente descripção de peleija no Canto 3. Est. 52. e
a da marcha de hum exercito no Canto 3. Est. 107. ?
Quem sabe quaes são as verdadeiras cores , com que a
Poesia anima as suas pinturas , não póde deixar de lou-
var excessivamente a Est. 71. do mesmo Canto 3. em
que compara o Poeta com Pompeo a El Rey D. Affon-
so II. valendo-se para isto de bellezas internas , e ex-
ternas , que se devem avaliar por hum dos melhores lu-
gares de todo este Poema. No que respeita ás compara-
çoens , não he facil poder fallar dignamente da sua pro-
priedade , e evidencia ; só dizendo , que igualou a Vir-
gilio , a quem imitou muitas vezes , se bem que em al-
guma occasiaõ foy com modo servil , como v. g. a com-
paração das formigas no Canto 2. Est. 23. e alguma ou-
tra..

tra. Veja-se quanto he propriissima a comparaçãõ do Canto 2. Est. 27. comparandõ a fugida dos Mouros com as rans ; a do Canto 3. Est. 47. comparando os Mouros accommettidos pelo exercito de ElRey D. Affonso I. com o Touro cercado de caens ; a da Est. 49. do mesmo Canto , comparando o terror dos Mouros, com o que costumaõ ter os homens do campo , quando repentinamente vem ateado o fogo no mato seco , e recolhendo o fato, fogem para a aldea; e a do Canto 5. Est. 21. comparando huma nuvem sorvendo agua no mar com a sanguexuga , cuja comparaçãõ reputo pela melhor de todas as que tem este Poema ; porque naõ sey que fosse tirada de algum Poeta. Muito nos poderamos alargar, discorrendo em outras infinitas virtudes , que se descobrem nesta Epopeia , como v. g. a elegantissima descripçãõ de dous rios na figura de dous velhos , que se lê no Canto 4. Est. 71. aquella fantasia poetica da Est. 55. do mesmo Canto, a qual he taõ sublime , como nova, e finalmente todas aquellas imagens , em que concorre o tragico com o amoroso , nas quaes foy inimitavel o nosso Poeta ; e senaõ veja-se a descripçãõ da morte de Dona Ignez de Castrono Canto 3. Est. 118. e a da mulher do infeliz Sepulveda no Canto 5. Est. 48. em que para mover a compaixaõ se afasta hum pouco da verdade historica , dizendo , que Dona Leonor morrera abraçada com seu marido. Passando das virtudes deste Poema a alguns seus defeitos , devemos naõ negar, que este Homero dormira algumas vezes ; no que deve ser desculpado naõ só por ser propriamente o primeiro Epico Portuguez , mas tambem por falta de socego , e talvez de Livros , que lhe dessem os preceitos , o que bem devemos suppor da sua grande pobreza , e continuos trabalhos , que naõ lhe deixaraõ pôr a ultima lima á sua grande

grande Obra. Já pelo discurso de toda esta Arte disse-
mos o que sentiamos sobre a Proposição, Invocação, Dedicção, Narração, e Episodios gentílicos deste Poema; já apontámos os defeitos sobre o decoro não observado em algumas partes: agora discorreremos brevemente em outros defeitos, por servirmos á instrucção do Poeta principiante, e não por diminuir a justa gloria de tão illustre nacional. Principiemos pelas partes de qualidade, que tem a Epopeia. A fabula da *Lusiada* fim tem *solução*; mas a alguns Criticos parece, que não he natural, como a da *Eneada*; porque deviaõ desatar o nó aquelles mesmos, que o urdirão. Antes, que Vasco da Gama, e seus companheiros chegassem felizmente á Patria, dando fim a acção, deviaõ Venus, e Baccho, que foraõ os que fizeraõ a Implexão da fabula, desatarlhe o nó, cedendo (como diz Garcez Ferreira) o odio de Baccho ao affecto de Venus, e median-
do algum accidente infausito, ou duvidoso entre os dous ultimos; isto he, da assistencia naquella Ilha deliciosa, e da chegada a Lisboa. Assim o praticou Virgilio; porque introduz a Juno, que foy a que urdio o enredo da fabula, sendo opposta a Venus, cedendo do seu proposito a tempo, em que estava duvidosa a victoria entre Turno, e Eneas, que entre si contendiaõ. Igualmente a respeito dos costumes alguma cousa ha, em que reparar a Camoens; pois por querer demasiadamente conformarse com a verdade historica faltou a esta tão precisa circumstancia em alguns lugares, como fez no Canto 8. Est. 57. dizendo do seu Heroe:

*Que elle não era mais que hum diligente
Descubridor das terras do Oriente.*

No mesmo Canto Est. 90. cahe no descuido de fazer o mesmo Vasco da Gama inquirido, e processado por

mandado de ElRey de Calicut , e publicar , que
Insiste o Malabar em tello prezo.

E para poder ser solto , diz no mesmo Canto Est. 93.
 que

*Escreve a seu irmaõ , que lhe mandasse
 A fazenda , com que se resgatasse.*

Aqui se vê o quanto contra os preceitos poeticos abate Camoens o caracter sublime do seu Heroe , fazendo-o negociante , para comprar a propria liberdade; em cujo erro cahio tambem , fazendo a Vasco da Gama taõ pouco experto , que cahia nos duplicados enganos , e traçoens do Xequê de Moçambique , dizendo algumas vezes:

O Capitaõ , que não cabia em nada.

Porém ainda que o nosso insigne Poeta cahio nestes defeitos taõ essenciaes , em outros muitos lugares mostrou quaes deviaõ ser os costumes de hum Capitaõ generoso. Sirva de exemplo a Estanc. 15. do Canto 4 em que falla o Poeta do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira nesta excellente hypoteposi:

*Como da gente illustre Portugueza
 Ha de haver quem refute o patrio Marte!
 Como desta Provincia , que Princeza
 Foy das gentes na guerra em toda a parte ,
 Ha de sabir quem negue ter defeza ,
 Quem negue a fé , o amor , o esforço , e arte
 De Portuguez ; e por nenhum respeito.*

O proprio Reino queira ver sujeito?

Não he menos admiravel a Estanc. 41. do Canto 6. em que descreve os costumes de hum soldado na pessoa de Fernão Velloso , dizendo ao namorado Leonardo Ribeiro:

*Naõ he , disse Velloso , cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza ;
 Que o trabalho do mar , que tanto custa ,
 Naõ sofre amores , nem delicadeza :
 Antes de guerra fervida , e robusta
 A nossa historia seja ; pois dureza
 Nossa vida ha de ser , segundo entendo ;
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.*

Veja-se ultimamente na Est. 69. do Canto 7. que já em outro lugar apontámos , quanto foy Camoens inimitavel , pintando os costumes de hum Mouro , que falla por boca de hum Poeta Catholico a respeito da Religião dos Portuguezes :

*Tem a Ley de hum Profeta , que gerado
 Foy sem fazer na carne detrimento
 Da Mãe , tal que por baso está approvedo
 Do Deos , que tem do mundo o regimento.
 O que emre meus antigos he vulgado
 Delles he , que o valor sanguinolento
 Das armas no seu braço resplandece ;
 O que em nossos passados se parece.*

A respeito da inverosimilidade tambem ha alguma cousa , que notar nesta Epopeia ; principalmente no Episodio do Canto 7. em que Paulo da Gama explica ao Catual os feitos heroicos dos Portuguezes , debuxados nas bandeiras da Capitanea. Naõ he muy verosimil , que a historia de tantas batalhas , acçoens , e retratos de homens illustres coubessem nas bandeiras , e dado que coubessem , naõ saõ as bandeiras lugar proprio para estarem pintadas facçoens insignes ; pois nellas o que unicamente se poem para serem conhecidas , saõ as armas do Principe a que pertencem. Mais seguro hiria Camoens , se nesta parte imitasse a Virgilio , o qual queren-

do fazer menção de acçoens memoraveis, fingio-as postas em huns quadros, e não em bandeiras. Melhor lugar tinhaõ estes feitos Portuguezes pintados em paineis na camera do Capitaõ. A parte da sentença, taõ necessaria na Epopeia, tambem na Lusíada se não vê muito observada; porque na Estanc. 64. do Canto 1. diz Vasco da Gama, fallando com hum Turco:

*Naõ sou da terra, nem da geraçaõ
Das gentes * enojosas de Turquia.*

E discorrendo o mesmo Heroe com ElRey de Melinde todas as vezes (e não saõ poucas) que falla em Mouros, lhes chama *Perros, barbaros, nefandos, e perfidos*; sem attender, que este Rey o recebera taõ benignamente, e que os conceitos não só devem ser conformes ás pessoas, que os dizem, mas tambem áquellas, de quem se dizem. Esta regra pertence tanto ás leys da Poetica, como da Politica. Igualmente he accusado o nosso Poeta por animar muito de sentenças a sua dicção; o que só he concedido á Tragedia, como já dissemos, fundando-nos em hum preceito do Padre Donato, que diz no liv. 3. cap. 7. da sua Poetica: *Sententia in Epopeiâ rarior, quàm in Tragediâ; minus enim narrantem decet, quàm actores inducentem.* Não só nesta parte não foy Camoens bem regulado, mas tambem observou pouco aquella ley poetica, que manda, que raras vezes na Epopeia se introduza o Poeta mesmo a fallar; e o nosso Epico o pratica de modo, que em todo o discurso de seu Poema faz em pessoa sua propria huma demasiada parte da narraçaõ. Alguns outros reparos fazem os Criticos a respeito da dicção, sobre humas vezes ser antiquada já no tempo do Poeta, outras ser cheya de vozes peregrinas, não menos Latinas, que Italiañas, as quaes se fazem imperceptiveis

aos que não são muy intelligentes; porém este defeito não he tão grande, que não se possa defender, mostrando com bons Authores, que o Epico deve usar de vozes novas, sendo com economia, e propriedade, como largamente mostrou Annibal Caro na Apologia contra Castelvetro pag. 156. e se convence da authoridade de Cicero no liv. 3. Orat. dizendo: *Inusitata sunt prisca ferè, ac vetusta, & ab usu quotidiani sermonis jam diù intermissa; que sunt poetarum licentiae liberiora, quàm nostra.* Veja-se tambem o que diz Quintiliano no liv. 1. cap. 6. *in fine*, e Vida no liv. 3. da sua Poetica nestes versos:

*Quin & victa situ, si me penuria adaxit,
Verba licet renovare; licet tua, sancta vetustas,
Vatibus indugredi sacraria sepius olli
Ætatis gaudent insignibus antiquai,
Et veterum ornatus induti incedere avorum.
Non tamen ille veter squalor fuit undique; & ater
Verborum situs, hic modus adsit denique, quando
Copia non desit, quorum nunc pervius usus.*

Temos acabado de tratar daquellas principaes especies de Poesia, que formão huma Arte Poetica; e cremos, que o fizemos com algum trabalho, clareza, e mayor extensão, que outros muitos Authores, que escreverão sobre este assumpto, como entre outros foy o douto Luzan, que tanto que acabou de tratar da Epopeia, deu fim á sua Arte. Nós ao principio estavamos para seguir este exemplo, por estar a penna já cançada com empreza tão vasta, como difficultosa; porém para não ter justamente, que nos arguir o Poeta principiante, continuaremos o nosso assumpto, passando a discorrer de outras especies de Poesia, como da *Ecloga*, da *Satyr*a, da *Lyr*ica, da *Elegia*, do *Epigramma*, do *Emblema*.

blema &c. Se bem que de tudo já temos dado os precisos preceitos no principio deste livro, tratando da Poesia fantastica.

C A P I T U L O XIII.

Da Ecloga, sua origem, definição, estylo, virtudes, e vicios.

A Poesia Bucolica tambem se comprehende na classe de Poesias dramaticas; pois nella se podem imitar os tres modos, porque se faz a imitação; como já temos dito, e de tudo temos exemplo nas Eclogas de Virgilio. Na Ecloga 4. temos o modo *Exegetico*, porque he só o Poeta o que falla; na Ecloga 3. temos o *Dramatico*, em que o Poeta introduz pessoas a fallar; e na Ecloga 8. temos o modo *Mixto*; porque nella humas vezes falla o Poeta, e outras, diversa pessoa, que introduz. Esta especie de Poesia he certo, que he a mais antiga, segundo provamos no principio desta Arte, e que foraõ os inventores della, conforme Eliano, e Diodoro, os Pastores de Lacedemonia, e na opiniaõ de outros, como Atheneo, foraõ ou *Diomo*, ou *Nomio*, ou *Daphnis*. Neste ponto naõ ha certeza; o que sabemos he, que as Eclogas mais antigas, de que temos noticia, saõ as de Theocrito, e Moscho, Poetas Sicilianos, como prova Joaõ Ventimiglia no liv. 1. *dos Poetas Sicilianos*. Nenhuma outra cousa he a Poesia Bucolica, senaõ a *imitação de acçoens rusticas exprimida em verso*; e ainda que ella tome o nome da voz *Bubulcus*, que significa o Vaqueiro, com tudo tambem nella se podem comprehender os Lavradores,

os Hortelãos, os Caçadores, os Pescadores, e outros semelhantes sujeitos; de modo, que quando ella representar os costumes de Pastores, chama-se *Pastoril*, de Caçadores *Venatoria*, e de Pescadores *Piscatoria*. Destes ultimos nunca se valeõ a antiguidade para sujeitos das suas Eclogas, e foy o primeiro, que os introduzio o famoso *Samazaro*, a quem seguiu o Padre *Fannetasio*, Jesuita de grande nome na Poesia. *Fontanelle* em hum discurso, que fez sobre a Ecloga, não approva muito as Piscatorias; e a razaõ, que dá, he, que o Canto, e o ocio, de que nascem os versos da gente do campo, não convem muito aos Pescadores; porque passãõ huma vida cheia de trabalhos, e perigos, os quaes não soffrem o discorrer em objectos agradaveis á vista; pois sempre o animo anda afflicto; porém esta critica, se bem que não he mal fundada, he demasiadamente rigorosa; porque a Poesia he como a Pintura, e em qualquer genero de objectos pôde brilhar com boas luzes: Quando dissemos na definiçãõ, que a Ecloga era imitaçãõ de cousas rusticas, não quizemos nisto dizer, que foy as cousas humildes lhe podiaõ servir de materia; pois tambem admite argumentos sublimes, como de cometas, terremotos, movimentos dos astros &c. porém sempre o modo, e estylo ha de ser rustico. Assim o praticou Virgilio, quando introduzio a Sileno tratando da natureza das cousas celestes, e terrestres, que não são improprias da gente do campo, porque he muito observadora. Tem o artificio da Ecloga tres circumstancias principaes, a que o Poeta deve muito attender: a primeira he o *Titulo*, a segunda he o *Exordio*, e a terceira a *Narraçãõ*. Alguns querem tambem nestas partes comprehender o *Epilogo*, porém este muitas vezes se omitte. O *Titulo* ou se pôde deduzir da pessoa principal

principal da Ecloga, como a 1. de Virgilio intitulada *Tityrus*, ou da materia, de que se trata, como a 4. do mesmo Poeta com o titulo de *Pollio*, e a 8. intitulada *Pharmaceutria* em razão dos encantamentos, e magias, que contém. O *Exordio* pôde-se formar de diversos modos, segundo a variedade das Eclogas; porque convém hum naquella, em que o Poeta começa a fallar, e outro naquella, que principia por Pastores, fallando huns com os outros. Em primeiro lugar pôde-se deduzir da invocação das Musas, das Nymphas, ou de alguma pessoa de grande esfera, como Virgilio, quando principiou dizendo: *Sicelides Musæ &c.* e também: *Postremum hunc, Aretusa &c.* Em segundo lugar pôde-se começar pela mera proposição da cousa, que se ha de tratar, como fez Virgilio, principiando:

Damonis Musam dicemus, & Alphesibei.

Ou pelas circumstancias, e adjuntos de lugar, tempo, &c. segundo o mesmo Poeta:

Fortè sub arguta confederat Ilice Daphnis.

Em ultimo lugar pôde-se principiar *ex abrupto*, v. g. ou por interrogação, como lemos em Virgilio: *Cur non Mopse &c.* e *Quò te, Meri, pedes? &c.* ou também convidando-se o Poeta a si mesmo para cantar, de que temos o exemplo em Sannazaro, começando huma Ecloga:

*Sed jam vulgatos & nos referamus amoris,
Quos pariter &c.*

Sobre a *Narração* não nos occorre outra cousa, que dizer, senão que seja proporcionada, propria da materia da Ecloga, e urdida com estylo humilde. Este deve ser corrente, brando, puro, e sem ornato de sentenças, e agudezas, que excedaõ a esfera de hum homem rustico. Com tudo admite algumas metáforas,

com-

comparaçoens , argumentos chamados *ab impossibili* , e allegorias ; e são estas tão proprias das Eclogas , que muitas vezes esta he huma continuada allegoria , entendendo-se debaixo de nomes de Pastores , e acçoens humildes , pessoas grandes , como Principes , e assumptos elevados , v. g. Genethliacos , Epitalamios , Epicedios , Epinicios &c. Em semelhante Poesia he igualmente muy proprio o verso *Intercalar* , de que usou muito Virgilio , Sannazaro , Bargeo , Pontano , e outros. Não lhe he menos conveniente o *Amabéo* , principalmente se hum Pastor responder a outro em versos , e numeros iguaes , e ás vezes com vozes , e sentenças semelhantes , ou tambem contrarias ; porém nisto deve haver grande cuidado em ordem a que a Ecloga não faya tão artificiosa , que se perca a pintura do verosimil , representando-se o que não se póde naturalmente esperar de homens camponezes , não menos a respeito de conceitos refinados , que de palavras graves , e imagens sublimes , por alheyas da materia , de que se trata , e da fantasia , e entendimento de quem a trata.

C A P I T U L O X I V .

Fuizo sobre os antigos Poetas Bucolicos Gregos , e Latinos.

O Primeiro Author , de que ha noticia , que escrevesse de Poesia Bucolica foy *Daphnis* , antiqüissimo Poeta Siciliano , que muitos Escritores fazem inventor desta especie de Poesia. A antiguidade não nos informou especificamente das Obras deste Poeta ; o que sabemos he , que fora excellente na Poesia Bucolica ,

e que em versos Hexametros cantara taõ docemente os seus amores, que delles diz Silio Italico no liv. 14. vers. 267.

Daphnin amarunt

Sicelides Musæ, dexter donavit avenâ

Phæbus Castalia, & jussit projectus in herbâ

Si quando caneret, letos per prata, per arva

Ad Daphnin properare greges, rivosque silere &c.

Mayor louvor deste Poeta achamos no Idyllo 5. de Theocrito, dizendo :

Musæ me multò magis amant, quàm cantorē Daphnidē.

E em hum Epigrama do mesmo Poeta lemos este grande elogio.

Daphnis ille nitidus, ille qui pulchrâ fistulâ modulabatur

Bucolicos hymnos.

Theocrito foy o mais celebre entre todos os Poetas Bucolicos; e por isso he por antonomasia chamado o Poeta Siciliano, e o Principe da Poesia Pastoril. Edilto antigo Poeta Epigrammatico louvando a Pasizocles, diz :

Sed inter pocula,

* *Siculo Vate ludit multò suavius.*

Do mesmo modo o nomea Atheneo no liv. 1. pag. 4. e o Emperador Juliano em huma Carta escrita a Libanio Sofista, segundo allega Ventimiglia no seu Tratado dos Poetas Sicilianos pag. 140. Teve este Poeta huma grande doçura, e suavidade no dizer; o que deu occasião a escrever Gaurico *de Lege Poeticâ = Theocritus Philynes, & Simmichi Syracusani filius magno Doridis lingue successu Bucolica composuit, que frustrâ plerique conati sunt imitari.* Igual foy a sua energia, e evidencia em representar vivamente os pensamentos, e

por

por esta razão Sinesio na Epistola 114. não podendo descrever a seu irmaõ a belleza de huma quinta, usou deste conceito: *Nynpharum porrò speluncam hic ego minimè prædicabo. *Theocrito enim opus est.* Escreveo muitos Idyllios, dos quaes o mais estimado he o seu *Tirso*, a *Pharmaceutria*, e o *Epitalamio de Helena*, segundo a opiniaõ de Viperani na sua Poetica, e Patrizi na Poetica Historial liv. 1.

Seguiu-se *Bion* a Theocrito, e igualmente illustrou a Sicilia com os seus Idyllios, dos quaes se lem alguns fragmentos na Collecçaõ dos Poetas heroicos Gregos tom. 1. pag. 613. Em tudo quanto se lê deste Poeta se acha hum estylo suavissimo, e cheyo daquelles affectos, que a cada passo se encontraõ nas Musas Sicilianas. A Obra mais inteira, que temos de *Bion*, he a intitulada *Epitaphion Adonidos*; na qual chora a morte de Adon do mesmo modo, que Theocrito a morte de *Daphnis*. Este Idillio feito em versos Anacreonticos, e que traduziraõ em Latim diversos Authores, como *Gambara*, *Doufa*, e *Volcanio*, tem huma admiravel doçura, e saõ nelle tantos os affectos para mover os animos ao sentimento, que *Bartio*, e *Escaligero* lhe chamaõ *Divinum Idillium*. Alguns Authores pretendem, que esta Poesia seja Obra de Theocrito, e que *Bion* só compozesse os Idyllios chamados *Cleodamo*, *Hyacinto*, e mais quatro sem titulo; porém equivocaraõ-se com outro, que tambem fez Theocrito em versos Anacreonticos ao mesmo assumpto, segundo nota *Crispino* nas Anotaçoens a este Idillio, dizendo: *Quamquam hoc Eidyllion inter Theocriti Bucolica vulgò referatur, camararius tamen tribuit Bioni. Scripsit autem Theocritus aliud Eidyllion in mortuum Adonin versu Anacreontico.*

Moscho succedeo a *Bion*, e foy discipulo do celebre *Aristarcho Grammatico*. Escreveo diversas Obras em prosa, em que foy taõ excellente como no verso, segundo *Atheneo* liv. 5. pag. 147. Alguns *Idillios* se perderaõ deste Poeta; salvaraõ-se outros, como o *de Venere*, & *Amore*, o *de Amore fugitivo*, *de Amore Aratore*, e o *de Epitaphio Bionis*, além de alguns mais, que se lem na Collecção de *Crispino*. Estes saõ os Poetas *Bucolicos Gregos* de fama mais distincta; houve outros, que a antiguidade nos louva; porẽm naõ passaraõ as suas Obras aos nossos tempos, e de alguns sõ temos fragmentos bem diminutos.

Passou a *Italia* no tempo de *Virgilio* a belleza da *Poesia Bucolica*, em que tanto se distinguiraõ os *Gregos*; porque foy este Poeta o unico, que de algum modo os imitou, como vemos das suas *Eclogas*, que no seu genero em nada saõ inferiores á *Eneada*. Alguns *Authores* as censuraõ, como *Nisieli* no tom. 3 dos seus *Proginnasmas*, *Pontano* na *Poetica* liv. 2. cap. 23. e *Monf. Viperani* no liv. 3. cap. 8. dizendo, que *Virgilio* naõ imitara aquella bella simplicidade de dizer, que tem *Theocrito*, de quem elle se valera tanto em todas as suas *Eclogas*, como evidentemente prova *Ventimiglia* no *Parallelo da Bucolica de Virgilio com a de Theocrito*, que anda no seu livro dos *Poetas Sicilianos* liv. 1. pag. 141. Leamos o juizo de *Viperani*: *Virgilius laudatam illam Theocriti simplicitatem aut non sinit assequi, aut certè non potuit; seu quòd ingenio natus fuit ad graviora, seu quòd Romanus sermo tantam humilitatem ferre non poterat. Nam quandoque sese attollit, atque inflat vehementius tum in rebus, tum in verbis*. O certo he, que a lingua *Dorica* (segundo nos dizem todos os *Authores*) foy a mais propria

pria para a Poesia Pastoril; porque tinha huma tal simplicidade de dicção, que nenhuma outra lingua a igualava; sendo para os assumptos humildes do mesmo modo, que o idioma Attico para os graves.

Nemesiano além do seu Poema sobre a Caça, escreveu tambem algumas Eclogas. Passou no seu tempo por homem insigné na Poesia: a mesma opiniaõ teve *Calpurnio*, que igualmente foy Poeta Bucolico, deixando sete Eclogas enviadas a *Nemesiano*. Não he preciso fazer juizo das Obras destes dous Poetas; porque basta dizer, que ambos floreceraõ nos tempos de *Caro*, *Carino*, e *Numeriano*, em que o bom gosto da Poesia estava inteiramente estragado. Alguns Poetas modernos tem havido, que resuscitaraõ o verdadeiro estylo das antigas Eclogas, como *Sannozaro* na sua *Arcadia*, se bem que algumas saõ affectadas por serem todas em versos Esdruxulos; o Padre *Nicoláo Parthenio*, o incomparavel padre *Ceva* gloria da Poesia, o Padre *Vaniere*, o Padre *Rapin*, e outros muitos, entre os quaes tem hum bom lugar os nossos Portuguezes *Luiz de Camoens*, *Francisco de Sá de Miranda*, *Balthazar Esção*, *Diogo Bernardes*, *Bernardino Ribeiro*, *Francisco Rodrigues Lobo*, e outros, de que não he preciso fazer hum prolixo catalogo.

C A P I T U L O XV.

Da Satyra; sua definição, materia, e divisão.

A Satyra, segundo *Casaubono*, nasceo entre os Gregos, e conforme *Quintiliano*, teve sua origem entre os Latinos; razaõ porque muitos lhe daõ o epitheto

teto de *Romana*. São muy diversas as opinioens sobre a sua etymologia, e a que nos parece mais natural, e fundada na authoridade de melhores Authores, he que *Satyra* se derivou dos *Satyros*, deoses silvestres, aos quaes fingiraõ os antigos serem petulantes, porcos, e obscenos, como era a antiga *Satyra*, de que se ufava nos córos das Comedias, para divertir o povo, satyri-zando-se os costumes, e nomeadamente declarando-se os nomes das pessoas mais distinctas da Republica, de que gostava muito a gente plebea. Naõ trataremos desta *Satyra*, como escandalosa, e prejudicial, mas fim da chamada *Urbana*, que se inventou em seculos mais cultos, e he utilissima para reprehender os costumes. Define-se esta, segundo o Padre Antonio Forti no seu *Miles Poeticus* deste modo: *Satyra est Poema urbanum, jocosum, falsum ad reprehendendos mores corruptos compactum*. Desta definição se collige, que a materia da *Satyra* saõ as acçoens humanas, imitadas por meyo do riso, e graciosidade, naõ para alegrar, e divertir os animos, como a Comedia, mas para reprehender, e arrancar os vicios por modo suave, a fim de naõ escandalizar ao leitor. Entendemos por estes vicios, v. g. os de hum lisonjeiro, de hum fallador, de hum ingrato, de hum avaro, de hum usurario, de hum luxurioso &c. E daqui vimos a concluir, que o officio da *Satyra* he com o tal dos versos preservar da corrupção dos vicios as doencas dos animos, e deleitar por meyo da irrisão, que se faz dos defeitos alheios; e que igualmente o seu fim he reduzir os homens á pratica das virtudes, apartando-os de seus vicios. Por isso Policiano fallando dos Poetas satyricos, disse elegantemente: *Reprehendunt acriter, insultant impotenter, vafre cavillantur, astute obrepunt, effluunt lubricè, tergi-*

tergiversantur, illudunt, dissimulant, ardent, versant, suspendunt, ferunt, pungunt, provocant, titillant, stomachantur, attonant seu fulmine omnia, & concutiunt. Divide-se a Satyra, segundo a doutrina de Escaligero em *Simples, Dialogica, e Mixta.* A *Simples* he aquella, que unicamente comprehende a narraçãõ do Poeta: a *Dialogica* he a que contém pessoas, que entre si fallaõ: e a *Mixta* he aquella, que comprehende ambos estes modos; isto he, humas vezes fallando só o Poeta, e outras introduzindo alguem a fallar.

C A P I T U L O XVI.

Do artificio, estylo, virtudes, e vicios da Satyra.

O Ordenar huma Satyra he cousa muito facil; antes como diz Juvenal:

*Difficile est Satyram non scribere: nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se?*

E praza a Deos, que fosse cousa difficultosa; porque para cortar pelos defeitos alheyos, continua o mesmo Satyrico:

Et pueri noscunt, postque Alpha, & Beta puella.

Porém taõ facil he semelhante Satyra, como summamente difficil aquella, em que se reprehendem os vicios em commum; porque naõ tem artificio certo para se formar; e por isso diz o Padre Donato na sua Poetica: *Satyræ lex est, lex scribendi sine lege.* Com tudo apontaremos algumas observaçoens feitas nos melhores Authores, as quaes servirão de guia, que conduza o Poeta por taõ aspero caminho. Humas vezes póde principiar a Satyra por alguma *insinuaçãõ*, outras *ex abrupto*;

pio; porém sempre (como nota o Padre Pontano) em lugar de exordio deve usar de alguma cousa o Poeta, de modo, que por ella se venha no conhecimento do assumpto, e se capte a benevolencia do leitor. Não admitta a Satyra Invocação, nem Proposição, e se algumas vezes usa della, he disfarçada com alguma figura, de modo, que facilmente se não conheça. O que lhe he proprio, he o uso dos argumentos solidos, os exemplos, e a narração de cousas semelhantes áquelle vicio, cuja torpeza reprehende. Estas, e outras descrições devem ser breves, e tocadas com modo pouco sério, e ornado; e se ellas se introduzirem como digressão, ainda recomendamos muito mais a brevidade, e o preceito de Minturno na sua Poetica Latina, em que diz: *Digressiuncula in ea locum habere potest, scilicet talis, ut inde in vitium, quod reprehendimus, scivire, vel joculari possimus.* A Satyra Dialogica pode se fazer de diversos modos, ou contendo pessoas indefinidas, como v. g. *os homens do seculo presente*, ou sujeitos definidos, mas sem os nomear, como hum *rico*, hum *avarento*, hum *soberbo* &c. ou tambem comprehendendo pessoas nomeadas, mas debaixo de nomes fingidos, para que estes se não offendaõ. Alguns Authores usaraõ de nomes de sujeitos, que foraõ celebres naquella mesmo vicio, de que trataraõ, chamando v. g. Vitellio a hum *golotaõ*, Hermogenes a hum *prodigo*, Paris a hum *desleal*, Nero a hum *cruel*; e Sinaõ a hum *enganador* &c. Em quanto ao estylo da Satyra, o que temos, que recomendar he, que seja humilde, agradavel, e semelhante á locução familiar, mas ao mesmo tempo ornado da elegancia, que lhe compete, e de huma singular pureza de lingua. Esta doutrina não prohibe absolutamente á Satyra o elevarse algumas vezes,

segundo

segundo o pedir a gravidade do assumpto; porém sempre ha de ser de maneira, que este discurso elevado torne ao seu centro, que são aquellas galantarias, com que o povo se attrahe. Por isso disse optimamente o celebre Antonio Abbati, que tanto illustrou a Satyra moderna em Italia, que o estylo da Satyra tem os mesmos movimentos da péla no subir, e no descer. O ornato mais proprio de semelhante Poesia he a variedade na materia, e nos argumentos; a frequencia de sentenças agudas, laconicas, e graves sobre os costumes, e o uso de galantarias, e facecias por meyo de apophthegmas, adagios, equivococ, allusoens, e figuras familiares, de que o povo mais usa, tudo tocado com alguma galante liberdade no dizer, a fim de que semelhantes composições se fação agradaveis ainda na mesma severidade de reprehender os costumes; e para aqui serve excellentemente a comparação de Lucrecio, dizendo no liv. 4.

*Nam veluti pueris absinthia tetra medentes,
Cum dare conantur, prius oras pocula circum
Contingunt mellis dulci, flavoque liquore &c.*

Deve haver tanto cuidado na observancia destas virtudes, como em não cahir no vicio da escuridade, como fez Persio, e no da obscenidade, como praticou Juvenal, e também no do demasiado ridiculo, como faziaõ os antigos Mimicos nas suas Comedias; porque com este excessso não se poderá conseguir o bom fim da Satyra urbana, que he cortar pelos costumes estragados do seculo. Devemos ultimamente dizer alguma cousa sobre a sua metrificaçãõ. Os antigos, principalmente Gregos, usavaõ nas Satyras de versos Jambos senarios, do mesmo modo, que nos córos das suas Comedias; porém os Latinos deraõ em usar do verso Hexametro,

e como prevaleceo este uso, não nos podemos oppor a elle. Só diremos ao Poeta, que fuja de ser sonoro nestes versos; antes artificiosamente cuide em os fazer concisos, e pouco castigados; porém não de modo, que os faça profaicos, não conservando som algum de Rithma, no que muitos Criticos censurão justamente ao insigne Horacio. O mesmo conselho deve aceitar o Poeta vulgar, observando esta regra no modo, que lhe for possível; e a este deramos de parecer, que usasse de versos de dez syllabas, como v. g. *O' Lisboa, Cidade famosa*, e feitos com estes mesmos assentos; porque me parecem os mais proprios, por serem versos com hum tal som de prosa, que não os faz harmoniosos, que he o que se requiere em semelhante Poesia; e esta propriedade não se poderá facilmente observar nos de onze syllabas, pois ficarão todos sendo profaicos, e causarão hum grande fastio a quem os ler.

CAPITULO XVII.

Fuizo sobre os antigos Authores Satyricos.

O Seculo da Satyra Grega he para nós muy escuro; porque não nos chegaram Obras daquelle tempo, e confusamente he que sabemos o nome de algum Author; sendo que os Gregos não compuzeraõ Satyras do modo, que as ordenaraõ os Latinos; e por isso diz Quintiliano: *Satyra tota nostra est.* O Inventor desta especie de Poesia, como já dissemos, foy *Lucilio*, não por ser o primeiro, porque antes já *Ennio*, e *Pacuvio* haviaõ composto em Poesia satyrica; mas porque foy quem lhe deu a ultima forma, não misturando nella tanta.

ta variedade de versos , como fazia Ennio , segundo a authoridade de Diomedes , que diz : *Olim carmen, quod ex variis Poematibus constabat, Satyra dicebatur, quale scripserunt Pacuvius, & Ennius.* Desta Satyra antiga nasceo a que se chamou *Varroniana* , e tambem *Menippèa*, porque foy Author della Terencio Varro, imitando nesta sua Obra o estylo de Menippo Filosofo Cinico. Segundo o que nos deixou escrito Quintiliano no liv. 10. cap. 1. compunha-se esta Satyra de versos misturados com prosa, como ainda hoje á imitação della temos a Obra de Petronio, a de Seneca sobre a morte de Claudio, e a de Boecio de *Consolatione Philosophiæ*. Compoz Lucilio trinta livros de Satyras, nas quaes censurava nomeadamente, e com estylo muy picante a hum grande numero de pessoas de qualidade, respeitando unicamente aos homens virtuosos, como lemos em Horacio Satyra 1. liv. 2.

*Primores populi arripuit, populumque tributim,
Scilicet uni Æquus virtuti, atque ejus amicis.*

E por este motivo o temiaõ os máos, como se a sua pena fosse huma penetrante espada. Assim o affirma Juvenal na Satyra 1. dizendo :

*Ense velut stricto quoties Lucilius ardens
Infremuit, rubet Auditor, cui frigida mens est
Criminibus, tacitâ sudant præcordia culpâ.*

Deste Poeta não temos senaõ alguns fragmentos, dos quaes se não pôde hoje fazer juizo do seu merecimento. Os homens grandes da antiguidade estaõ divididos em partidos. Quintiliano o louva excessivamente, dizendo no liv. 10. cap. 1. *Nam eruditio in eo mira, & libertas, atque inde acerbitas, & abundè salis.* Pelo contrario Cicero de *Finibus* liv. 1. n. 7. diz do mesmo Lucilio, que as suas Obras saõ muy ligeiras; que têm mui-

ta galantaria , mas pouca erudição. Horacio foy quem expendeo o feu juizo com mais extenfaõ ; porque confeffando , que este Poeta fora *facetus* , & *emuncte naris* , diz , que tambem fora duro , e muy cançado nas suas Obras , das quaes se desvanecia grandemente , entendendo , que qualquer dellas era singular ; e por este motivo o compara a hum rio , que entre o muito lodo leva em alguma parte alguma porção de agua crystallina. Os porciaes de Lucilio , que eraõ muitos , não poderaõ soffrer esta critica de Horacio , e publicaraõ , que elle o fizera por inveja , e por se lhe fazer superior ; ao que respondeo o mesmo Critico na celebre Satyra , que lemos nas suas Obras , na qual fazendo a Lucilio a justiça , que merecia , confirma , e sustenta com solidas razoens o primeiro juizo , que fizera.

Perfio floreceo no tempo de Nero , e nas Satyras , que escreveo , reprehende os defeitos dos Oradores , e Poetas de feu tempo , e em algumas não perdoa ao Emperador. As suas Obras estaõ cheyas de moralidades , e de huma singular prudencia , e docilidade igual á do feu genio , que consta fora muy suave. Teve pouco artificio , porém mereceo , que Quintiliano dissesse delle : *Multum , & vera gloriae , quamvis uno libro , meruit Perfius*. O feu mayor defeito he a escuridade , e esta lhe tem tirado huma boa porção de fama ; porque a mayor parte das suas Satyras não se entendem , nem já no feu tempo se entendiaõ ; e por esta razaõ dizia Nero : *Si non vis intelligi , nec ego volo te intelligeré* , como diz Quintiliano.

Juvenal foy o que se soube fazer celebre na Poesia satyrica , de cujas Obras só se conservaraõ dezasseis satyras. Não se pôde duvidar , que este Poeta seja
esti-

estimavel; porém a sua fortuna foy mayor, que o seu merecimento. Entende-se, que Quintiliano o louva, quando disse no liv. 10. cap. 1. *Sunt clari, hodieque, & qui olim nominabuntur*, fallando dos bons Poetas satyricos da sua idade; e se não nomea a Juvenal, he porque fez timbre de não nomear algum Author vivo no seu tempo. Escaligero, que sempre pretende fazer-se singular nos seus juizos, prefere a força de Juvenal á simplicidade de Horacio; porém todos os homens de bom gosto, e estudos estão fortemente pela opiniaõ contraria, affirmando, que o engenho declamatorio, e mordaz de Juvenal he muito inferior á pureza, sinceridade, e delicadeza de Horacio. O insigne Boileau foy hum dos que fizeraõ este mesmo juizo, dizendo, se bem que não faz paralelo: *Juvenal educado na bulha das escolas fez com que fossem excessivos os seus mordazes hyperboles*. A verdade he, que este Poeta passou a mayor parte da sua vida entre estudos escolasticos, nos quaes teve o nome de *Declamador violento*; e que a justiça, que lhe fazem os bons Criticos he, que elle se faria muito mais recomendavel, se reprehendesse os seus máos costumes com a mesma feveridade, com que satyrizava os alheyos, e se os impugnasse de modo, que não os ensinasse com as suas obscenidades mais depressa a commettellos, que a affugentallos, e fazellos horrosos.

Petronio compoz muitos livros satyricos ordenados em prosa, e verso. Estes, propriamente fallando, são huma especie de Romance feito em fórma de Satyra, do mesmo genero, que a de Varro, como já disse-mos. Estes fragmentos todos se reduzem a huma Colleção indigesta de pedaços postos por alguem sem ordem alguma, segundo o seu genio. Os doutos descobrem

em

em Petronio huma fina delicadeza de bom gosto , e huma maravilhosa fecundidade no diverso modo , com que pinta o differente caracter daquelles , que satyriza. Com tudo observaõ tambem , que o seu estylo não corresponde inteiramente á delicadeza do seu bom juizo critico ; porque nelle se observa toda a casta de affectação , sendo muy florido , e refinado , no que não seguiu o magistral estylo do feliz seculo de Augusto. Mas se não tivesse este defeito , seria este Poeta mais lido , e ficaria a sua leitura sendo mais perigosa por causa das obcenidades , que se achão nas suas Obras. Estes são os principaes Poetas antigos , que escreverão Satyras ; temos muitos modernos , que deraõ tambem muito lustre , ou talvez mayor que os antigos , a esta especie de Poesia. As Satyras do grande *Boileau* são excellentissimas , as de *Abbat*, e *Rosa* em Italia mereceraõ grandes elogios , e as do nosso *Francisco Botelho* não mereceraõ inferior estimação ; porque todos estes tres Authores seguirão a Horacio , como melhõr exemplar no estylo , delicadeza , e modestia ; e se aqui não damos lugar a este insigne Poeta , he porque tem o seu proprio no Capitulo que se segue , como Principe da Lyrica.

C A P I T U L O XVIII.

Da Poesia Lyrica, sua materia, e artificio: seu estylo, virtudes, e vicios.

NÃO ha verso mais suave , que o Lyrico ; e só dos Poetas , que cantaraõ nesta especie de Poesia , he que se disse , que com a melodía do seu canto moviaõ as pedras , e os bosques. Segundo os melhores Escri-
res

res define-se a Lyrica : *Poesis*, que versu rhythmico, & harmonico rem aliquam amplificat, & cantu, sonoque effectus varios imitatur. A principal materia desta Poesia, diz Horacio, que são os louvores dos Deuses, e Heroes, os amores, banquetes &c. como explicação os seus versos :

*Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum,
Et pugilem victorem, & equum certamine primum,
Et juvenum curas, & libera vina referre.*

Porém o certo he, que a materia da Lyrica não se limita sómente a estes argumentos; de que temos exemplos no mesmo Horacio, Pindaro, Sapho, e Anacreonte, que trataraõ lyricamente de diversos assumptos; porque segundo a authoridade de Escaligero, toda a materia, que poder caber em hum breve, e harmonico Poema, pertence á Poesia Lyrica. O seu artificio principal consiste em tres partes; na *Proposição*, na *Amplificação*, e na *Digressão*. Por *Proposição* entendemos o modo, com que se principia, a qual não deve ser como a dos Epicos. Nesta parte tem os Lyricos huma grande liberdade; porque humas vezes usaõ da *Proposição* clara, outras omittem-na; humas vezes começaõ por *Invocação* á Musa, a Apollo, e á Lyra, outras por *Apostrophe* á pessoa, ou cousa, de que haõ de tratar, e outras por *Interrogação*, *Exclamação*, ou outra figura, que melhor lhes parece. A *Amplificação* consiste em engrandecer a cousa com aquelle artificio, que ensina a Rhetorica, de modo que fique sendo engenhosa, florida, e sublime. Horacio commummente amplifica pelas circumstancias, pela enumeração das partes, pela comparação de cousas diversas, pelos exemplos semelhantes, pelos affectos, e pelas consequencias assim positivas, como negativas. Por *Digressão*, ou *Epi-*
sodio

sodio entendemos aquella passagem, que faz o Poeta do seu principal assumpto para alguma cousa, que a elle seja propria, como v. g. o louvor de alguma virtude, reprehensão de vicio, alguma sentença, epiphonema, descripção, ou narração de alguma cousa. Esta tal Digressão não he tão precisa na Lyrica, que senão usar della o Poeta, commetta hum grave defeito; porém se se quizer valer della, principalmente se estiver amplificando, tenha hum grande cuidado em a fazer breve, e tornar logo por hum meyo natural a buscar o seu principal assumpto. Em quanto ao estylo do verso Lyrico, recomendamos muito, que seja florido, culto, suave, sonoro, alegre, e tão engenhoso, como doce, e ameno. Por isso será muy propria a descripção de fontes, de bosques, de rios, de flores, de banquetes, e de tudo o mais, que costuma alegrar o animo. Igualmente será propriissimo o uso dos affectos, e sentenças frequentes, as semelhanças, e mais Tropos da Rhetorica, principalmente sendo em Ode moral. Sobre a brevidade não temos, que recomendar; bastará dizer, que se veja Horacio, e então se conhecerá o quanto na Lyrica hẽ propria esta virtude, e ao mesmo tempo o quanto se deve fugir da aspereza, da redundancia, de sentenças improprias, de palavras pouco significativas, e do laconismo, que faça a dicção áspera, e escura.

CAPITULO XIX.

Das varias especies do verso Lyrico.

SÃO diversas as especies, que se comprehendem na Poesia Lyrica, das quaes tratou largamente o Padre Alexandre Donato na sua Poetica. Nós porém por fugirmos já a tanta extenção, só trataremos de algumas, que são mais principaes para nós, porque as usamos. Estas especies ou podem ser simples, v. g. sendo só o Poeta o que falla, ou Dialogicas; introduzindo, á maneira do verso Amabeo na Ecloga, outras pessoas a fallar, de que Horacio nos deixou hum exemplo na Ode 9. do liv. 3. em que elle, e Lidia respondem em canto alternado.

O *Hymno* he aquella composição, com que nós outros os Catholicos louvamos a Deos, e aos seus Santos, e o mesmo fazião os gentios, celebrando com elles os seus Deoses, e Heroes. A Poesia chamada *Pæan*, que val o mesmo que *Liberator*, servia para louvar, e render graças a Apollo, por ter extinto o mal da peste, ou para lhe rogar, que o extinguisse, e neste mesmo genero de Odes se costumou depois cantar os louvores de outros deoses. O *Epinicio* servia para celebrar os Capitaens illustres por alguma victoria, que conseguiaõ: o *Epipompentico* para descrever a pompa de algum triumpho: e o *verso Secular* para dar graças aos deoses pelos beneficios feitos em cada hum seculo, e no fim deste he, que se cantava por alguma menina, que fosse virgem, ou menino, que ainda usasse da Pretexta. Ultimamente a Poesia *Dithyrambica* era a que se cantava em honra de Baccho; e o seu estylo era cheyo

de furor , e de palavras infladas , mas floridas ao mesmo tempo. Tambem nos versos não se observava ordem , nem ley ; porque guiado o Poeta unicamente pelo Enthusiasmo misturava versos Hexametros com Trocheos , Saphicos , Glyconicos , Asclepiadeos &c. Entre nos não houve Poeta , que se fizesse memoravel em semelhante especie de Poesia ; o mesmo digo dos Castellhanos , e com alguma limitação dos Francezes ; e só confesso , que nella são insignes os Italianos , aos quaes bastaria contar sómente a *João Mario Crescimbeni* , a *Fozé Morey* ambos famosos Arcades , e a *Gabriel Chiabrera* , que foy optimo não só neste estylo Dithyrambico , mas tambem no Pindarico , e Anacreontico , como se póde ver de algumas Obras suas , que traz Muratori na *Collecção dos melhores Poetas de Italia*. Estas são as especies mais usadas , que tem a Lyrica , das quaes se valem tambem os Poetas Catholicos , ou fazendo Odes em vulgar , ou usando de Cançoens , Romances &c. nos quaes se devem observar os mesmos preceitos da Lyrica Latina ; porque as regras da Poetica são as mesmas para qualquer lingua.

C A P I T U L O XX.

Fuizo sobre os antigos Poetas Lyricos Gregos , e Latinos.

A Grecia foy muy fertil de engenhos eminentes nesta especie de Poesia. Não trataremos de *Talles* , de *Alcmane* , de *Stesicoro* , e de *Alceo* famosos Lyricos , segundo as autoridades de Plutarco , Pausanias , Herodoto , e Quintiliano ; porque não passará as suas

Obras

Obras ao nosso tempo, e assim não podemos formar juizo do merecimento dellas.

De *Safo*, mulher famosa, he, que lemos alguns fragmentos. Della tomou o nome o verso *Safico*, em que compoz hum grande numero de composições, das quaes unicamente se salvarão duas, que claramente dão a conhecer, que a antiguidade não fora lisongeira, quando formou grandes elogios á belleza, ternura, harmonia, e delicadeza dos seus versos. Com effeito mereceo o nome de *Musa Decima*, e que os povos Mettelinos esculpisse nas suas moedas a imagem desta grande mulher.

Anacreonte foy tambem hum Lyrico de bem distincto merecimento. Delle conservamos algumas Obras, que traduzio em Francez-a insigne *Madama Dacier*, e nesta Traducção poderá ver o leitor a que sublime gráo sóbe a excellencia deste Poeta, sendo que a sua delicadeza, fantasia, e belleza he tão difficil a perceber, como a explicar.

Pindaro, conforme *Quintiliano*, he o que tem o primeiro lugar entre todos os Poetas Lyricos da Grecia. Não se póde duvidar, que o seu caracter dominante he a nobreza, a grandeza, e a sublimidade; virtudes, que a cada passo o elevão sobre todas as regras ordinarias, que com facilidade não podem servilmente observar os grandes engenhos. Nas suas Obras se está sensivelmente vendo o verdadeiro *Enthusiasmo poetico*, e para não parecerem atrevidas, moderou o seu grande fogo, dando nas suas imagens humas agradaveis pinceladas. Como este Poeta teve hum juizo muito deliado, por fugir á censura de parecer nimiamente sublime, e fogoso, espalhou por todas as suas Odes diversas flores com mão liberal. Com razão diz delle *Horacio*, que

he hum Cisne, que arrebatado de hum vento impetuoso se eleva até ás nuvens; que he huma corrente, que abundante de aguas abate tudo quanto se oppoem ao impeto do seu curso. Se se observa este Poeta por outro lado, parece hum rio pacifico, cujas aguas claras, e puras estão regando flores; parece huma abelha, que para formar o seu mel, extrahe das flores tudo quanto tem de precioso. O seu estylo he sempre proporcionado ao assumpto, conciso, economico, e sem huma demasiada uniaõ de vozes. O seu espirito está fallando nos versos, e o seu delicadissimo juizo nos está mostrando a cada passo quanto he preciso humas vezes accender, e outras apagar o fogo do furor poetico, segundo a materia, que se trata. Naõ pretendemos com este juizo dizer, que Pindaro he hum Author sem defeitos. He certo, que tem muitos, que os Criticos desapaixonados lhe naõ pòdem negar; porèm igualmente he certo, que o numero, e grandeza das suas bellissimas imagens, que estão misturadas com estes mesmos vicios, devem fazer, com que estes se encubraõ, ou se desvanecaõ. Devemos persuadirnos, que Horacio juiz taõ competente em toda a materia, e muy particulamente nesta, quando disse: *Pindarum quisque studet emulari*, tinha formado huma idéa bem grande do raro merecimento deste Poeta. Teve Pindaro huma grande competitora na pessoa de *Corinna*, mulher tambem taõ celebrè neste mesmo genero de Poesia, que cinco vezes em certame publico lhe arrebatou a palma das mãos, e por esta sua excellencia foy chamada a *Musa Lyrica*.

Horacio he o Pindaro de Italia; porque foy o que honrou a lingua Latina com a Poesia Lyrica; mas naõ podemos deixar de confessar a differença, que ha entre

entre o original, e a copia; naõ obstante a pureza de seu estylo, os seus bellos raptos poeticos, as suas vivas imagens, e a delicadeza, com que conceituava em todo o assumpto. As suas Satyras, e Epistolas saõ de huma inimitavel bondade, se bem nellas naõ descobrimos aquelle esplendor das luzes poeticas, e aquella doçura, que encontramos nas suas Odes. Fallo no que respeita á contextura dos versos, que de proposito quiz fazer humildes, e incultos; porque nelle vemos muitos lugares, em que se achaõ versos bem harmoniosos, como os da Satyra 1. do liv. 2. em que diz, que naõ he capaz de escrever as grandes acçoens de Augusto; e os da Satyra 6. do mesmo livr. 2. em que com cores taõ vivas, e elegante dicçaõ descreve o jantar, que humrato do campo deu a outro da Cidade. Naõ obstante toda a pouca harmonia dos seus versos, he este Poeta o attractivo dos eruditos de bom gosto; o que procede das muitas virtudes, que nelle se encontraõ, como he o estylo facil, a delicadeza unida com a fina graciosidade, a naturalidade, o artificio occulto, a viva pintura das imagens, e aquelle fundo de raciocinio, e juizo, que com maravilhosa arte representa os defeitos, e acçoens ridiculas dos homens. Por esta razaõ disse delle Quintiliano, depois de tratar de Lucilio inventor da Satyra: *Multa est tersior, ac purus magis Horatius, & ad notandum hominum mores precipuus.* Da sua Arte Poetica, e de algumas Satyras, e Epistolas, que lhe dizem respeito, he que desejaríamos fallar largamente por ser cousa muy propria do nosso assumpto; porẽm bastará succintamente dizer, como fez *Rolin*, a quem copiamos, que naquelle pequeno Tratado se comprehendem todas as regras substanciaes da Poesia; e que he hum. excellente compendio de preceitos rhetoricos;

capazes de introduzir todo o bom gosto a quem os estudar. Assim este Poeta fosse tão digno de se imitar no que respeita aos costumes; porque muitas vezes como verdadeiro Epicureo, que era, se deixava arrastar todo dos seus gostos, e usava de sentimentos, e expressões bem pouco modestas; e por isso Quintiliano disse: *Horatium in quibusdam nolim interpretari.*

C A P I T U L O XXI.

Da Elegia, seu principio, definição, officio, virtudes, e vicios.

A Voz Grega Elegia val o mesmo, segundo Didymo, que dizer *ay de mim*, e na opinião de outros: *dizer causas, que movão*. Os Gregos, a quem depois imitaraõ os Latinos, serviraõ-se da Elegia para os assumptos tristes, e a formaraõ de versos Hexametros, e Pentametros. Depois prevaricou-se este uso, e chamou-se Elegia a toda aquella composição dilatada, que se compunha destes taes versos, ou fosse o argumento melancolico, ou alegre. Assim o vemos na Poetica de Horacio:

*Versibus impariter junctis queremonia primum,
Mox etiam inclusa est voti sententia compos.*

Assim como não conservamos Elegia alguma Grega, assim tambem não sabemos quem fora o seu Author; e já Horacio dizia:

*Quis tamen exiguos Elegos emiserit Author,
Grammatici certant, & adhuc sub iudice lis est.*

A definição desta especie de Poesia, segundo Dydimio: *Est lamentatio, quæ ad tibiam canitur.* Não podemos estar

estar por ella ; porque tambem havia outras Poefias funebres, que igualmente fe cantavaõ ao triste fom da frauta, como eraõ as Nenias, e algumas Odes ; e defte modo naõ fica sendo esta definiçaõ especifica para a Elegia. Seguiremos pois com muitos Authores a do Padre Donato, que a define: *Poema, quod solùm hexametro, & pentametro versu conficitur*: estes versos já se sabe, que haõ de ser alternados de tal modo, que sempre ao Hexametro succeda o Pentametro ; e he taõ propria esta alternativa, que até na Elegia vulgar se usa della, correspondendo sempre o consoante do primeiro verso de hum terceto com o do terceiro verso do mesmo terceto, e o do segundo verso do primeiro terceto com o primeiro do segundo terceto. A esta definiçaõ do Padre Donato naõ deve obstar o Epigramma, que tambem se compoem de verso Hexametro, e Pentametro ; porque a Elegia naõ póde variar de metro, por isso na definiçaõ está aquella circumstancia: *Quod solùm*, e o Epigramma tambem se póde fazer em outra variedade de versos, como Lyricos, ou todos Hexametros, de que tudo ha bastantes exemplos. Naõ especificou o Author desta definiçaõ, que a Elegia era hum Poema *triste*; porque fallou como devia ser, da Elegia moderna, que naõ só, como a antiga Grega, comprehende cousas funebres, mas tambem amores, guerras, louvores, vodas, triunfos, congratulaçoens, e finalmente quasi todas as materias. Sobre o seu artificio naõ temos mais que dizer, senaõ, que a Elegia se compoem, como a Lyrica, de *Proposiçaõ, Amplificaçaõ, e Digressãõ* com as observaçoens, que já fizemos no Capitulo antecedente. O seu estylo deve ser castigado, suave, facil, e mais cheyo de affectos, que de sentenças, e agudezas, que o façaõ embaraçado,

ou

ou muy artificioso. São nelle muy proprias as figuras, assim as que consistem nas palavras, como nas sentenças, principalmente a chamada *Repetitio*, de que temos exemplo em Ovidio, dizendo:

Altera tela arcus, altera tela faces.

E em Propercio quando disse:

Cynthia prima fuit, Cynthia finis erit.

Esta figura ainda fará melhor effeito, se se usar della no principio da Elegia, como fez Tibullo, dizendo:

Quàm citò purpureos amittit terra colores,

Quàm citò formosas populus alta comas!

Igualmente lhe serve de grande adorno o fazer, com que o fim do Pentametro antecedente sirva de principio do Hexametro, que logo se segue, ou tambem fazer, que acabe o Pentametro com as mesmas palavras, com que se principiou o Hexametro: v. g.

** Phœbus adest, sonuere lyre, sonuere pharetra:*

*Signa Deum nosco per sua; * Phœbus adest.*

Estas regras são tão communas para a Elegia Latina, como para a vulgar, e o Poeta, se tiver talento, facilmente as praticará em qualquer das linguas. Alguns preceitos ha, que só pertencem á Latina, como v. g. o de não acabar o Pentametro em participio, por exemplo: *Ore nitens, corde tumens &c.* ou em relativos tambem, como v. g. *fugit eam, vidit eos, scripsit ei &c.* porque tudo faz, com que a dicção fique sendo muito humilde. No mesmo vicio cahirá o Poeta, se acabar em algum monosyllabo, e com frequencia em palavras de quatro syllabas; porém a todas estas regras deve prevalecer a approvaçãõ do Ovidio, que he o melhor mestre, e a liçãõ dos bons Authores Elegiacos antigos, e modernos.

CAPITULO XXII.

*Fuizo sobre os antigos Poetas Elegiacos Gregos ,
e Latinos.*

HUma das grandes perdas , que tem experimentado a Poesia , he não haver Elegia alguma Grega , segundo a sua primeira origem , que , como dissemos , foy excitar mais a compaixão , que o gosto , e a piedade , que a admiracão. Sabemos , que *Periandro* , *Pittaco* , *Solon* , e outros escreverão em versos Elegiacos os seus preceitos sobre a Religião , o moral , e o politico , imitando nisto a *Theognides* de Megara , e a *Focilides*.

Mimnermo foy o que aperfeiçoou esta especie de Poesia , e o que fez , com que passasse de assumptos funebres para amorosos. Os fragmentos , que delle ha só inspiraõ o gosto dos sentidos ; e por isso disse Horacio na Epistola 6. liv. 1.

*Si, Mimnermus uti censet, sine amore, jocusque,
Nil est jocundum, vivas in amore, jocusque.*

Callimaco conforme a opiniaõ de *Quintiliano* , foy o mais excellente Poeta Elegiaco , dizendo : *Cujus (Elegiæ) Princeps habetur Callimachus* ; porém *Horacio* he de diverso parecer , preferindo a *Mimnermo* na Epistola 1. liv. 2. Entré esta diversidade o que se póde dizer a favor de *Callimaco* he , que a antiguidade sempre o venerou como hum Poeta ornado de toda a litteratura , o que não nos consta de *Mimnermo*.

Passando da Grecia a Italia começaremos em *Catullo* , Poeta de grande merecimento. A delicadeza dos seus versos lhe fez conseguir a amizade dos engen-

nhos mais doutos de Roma , que no seu tempo eraõ em grande numero. O seu caracter proprio, e verdadeiro he a elegante simplicidade , e a graça natural ; o que claramente confessará quem tiver bom gosto , lendo não menos as suas Elegias , que os seus Epigrammas , nos quaes foy o melhor Poeta entre os Latinos , a pezar dos parciaes de Marcial. Teve Catullo dous grandes defeitos ; o primeiro foy manchar com obscenidades o seu puro estylo ; o segundo não cuidar muito na harmonia dos versos. Teve liberdade no dizer , como se vê de dous Epigrammas satyricos , que fez contra Cezar. Em hum destes o trata com tal desprezo , que Quintiliano chamou loucura a tanta soberba , quanta foy dizer :

*Nil nimium studeo , Cæsar , tibi velle placere ,
Nec scire utrum sis ater , an albus homo.*

Porém esta injuria servio de mostrar a benignidade daquelle Principe ; porque dissimulando o seu disgosto , convidou a Catullo a ceiar com elle , logo , que lhe deu huma satisfação.

Ovidio foy hum Poeta de merecida fama , e tão conhecido em todos os seculos , que duvido houvesse Poeta , que delle não tivesse lição. Teve huma inimitavel facilidade em metrificar ; mas ao mesmo tempo teve huma grande repugnancia em retocar as suas Obras , sendo , como diz *Fleuri* no seu Methodo de Estudos , todo fogo em compor , e em emendar todo neve ; conceito , que de si mesmo deixou tambem escrito o mesmo Poeta. Com tudo bem se lhe podia perdoar esta negligencia , se os seus costumes desenfreados lhe não fizelles compor Obras tão obscenas , e prejudiciaes , que justamente deviaõ ser o pretextõ do seu desterro para *Tomas* , Cidade da Europa no Ponto Euxino , hoje

je chamada *Temisvár*. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. faz hum juizo sobre as Obras de Ovidio em poucas palavras, porém muito justas, e significantes, para se conhecer bem o caracter deste Poeta: *Lascivius quidem in Heroicis quoque Ovidius, & nimium amator ingenii sui: laudandus tamen in partibus*. Com effeito o vicio mayor de Ovidio he o de ser muy diffuso, e por esta razaõ se faz muitas vezes humilde, e baixo; culpa, que nascia da vivacidade, e fecundidade do seu grande engenho, e da affectação de ser tido por sublime, a pezar da natureza das cousas: *lascivus*. Pagava-se muito de tudo quanto escrevia, estimando com amor mayor que de pay, a todas as suas producçoens; e por isso nunca se animava a accrescentar, ou diminuir nellas alguma cousa: *nimum amator ingenii sui*. Com tudo deve-se confessar, que he admiravel em muitas partes: *laudandus tamen in partibus*. Daqui vem o distincto louvor, que merece a rara facilidade com que produzia muitos, e difficultosos pensamentos, a doçura com que ornava os seus versos, e a pafinosa fecundidade de erudição, com que tratava as cousas, de tal modo, que muitas vezes a abundancia o fazia pobre. A melhor Obra, que sem controversia nos deixou Ovidio foraõ os seus *Metamorphoses*, e elle mesmo a estimava como producção, pela qual conseguiria a immortalidade do nome. Nella verdadeiramente se achao cousas exquisitas, e de hum finissimo gosto, além de huma admiravel erudição em toda a materia, que excede aquella, com que ordenou os livros dos *Fastos*, que se estimaõ como Obra de hum grande talento, e se sente não se terem completos.

Tibullo, e *Propercio* floreceraõ no mesmo tempo, e no mesmo genero de Poesia. Os Criticos os con-

sideraõ como Poetas de muita pureza de estylo , e de naõ inferior delicadeza ; porém sempre preferem Tibullo a Propercio , por ser mais suave , e cheyo de melhores imagens poeticas.

Muitos Authores modernos têm havido , que se fizeraõ celebres na Poesia Elegiaca , como foraõ *Hermanno Hugon* no seu *Pia Desideria* , *Sautel* no seu *Lusus Allegoricus* , muitos dos *Arcades* de Roma , como se pôde ver na Collecçaõ dos seus versos Latinos , e outros innumeraveis Poetas das naçoens mais cultas ; entre os quaes tem na minha opiniaõ o melhor lugar *Sidronio Hoskio* da Companhia de Jesus.

C A P I T U L O XXIII:

Do Epigramma , sua definiçaõ , divisaõ , artificio , estylo , virtudes , e vicios.

HE o Epigramma a composiçaõ mais breve , que tem a Poesia , e ao mesmo tempo a mais difficil ; porque saõ rarissimos os Authores , que em livros inteiros de Epigrammas compozeraõ alguns , que merecessem o nome de perfeitos. Procedea esta difficuldade dos muitos preceitos a que está sujeita esta tal composiçaõ ; os quaes brevemente expenderemos com a clareza , que nos for possivel , segundo o methodo , que até aqui temos praticado. Define-se commummente o Epigramma: *Breve Poema vel simplex factum , aut rem indicans , vel aliud ex alio deducens*. Desta definiçaõ se vê , que he amplissima a sua materia , comprehendendo todas as cousas quasi sem limitaçaõ. Sobre a divisaõ do Epigramma ha nos Authores diversos pareceres ; porque huns divi-

dividindo-o pelos tres generos rhetoricos , chamaõ *Demonstrativo* áquelle, que contém louvor , ou vituperio ; *Deliberativo* ao que persuade , ou dissuade , e *Judicial* ao que reprehende , e crítica. Outros o dividem em sacro , moral , e profano ; outros em Epico , Tragico , e Comico , chamando Epico ao que comprehende louvores de Heroes ; Tragico ao que contém cousas graves , e tristes ; e Comico ao que consta de galanarias , e graças ou sejaõ innocentes , ou satyricas. Escaligero na sua Poetica , como grande amante de novidades , o dividio em mel , em fel , em vinagre , e em sal. Parecé pueril esta divisaõ , porém he muy significante ; porque apropriã o mel ao Epigramma , que trata de cousas delicadas , e suaves , como amores &c. o fel ao que contém reprehensoens , satyras &c , o vinagre ao que morde , mas sem veneno , e mordacidade , e o sal ao que consta de graciosidades , que innocentemente movem o riso sem vituperar a alguem. Entre esta diversidade de sentenças faremos nós tambem a nossa divisaõ , que temos por mais breve , e principal. Dividimos pois o Epigramma em *Simples* , e *Composto* : simples he aquelle , que expoem huma unica cousa ; e composto aquelle , em que de huma cousa se deduz outra mayor , ou menor , igual , ou desigual , diversa , contraria &c. Bem sabemos , que alguns modernos não approvaõ muito esta divisaõ ; mas sem fundamento ; porque se estabelece nos exemplos da mayor parte dos Authores illustres da antiguidade , nõs quaes se achaõ Epigrammas , em que tem todo o seu lugar esta divisaõ. Qualquer genero de Epigramma segunda vez se póde dividir em *Simples* , e em *Dialogico* : por *Simples* entendemos aquelle , em que falla huma só pessoa , e por *Dialogico* aquelle , em que he mais de huma a pessoa ,

que

que nelle discorre; e deste segundo modo usaraõ tanto os Gregos, como os Latinos do primeiro. Em quanto ao artificio temos algumas cousas, que recommendar. Naõ fallaremos do Epigramma simples; porque como este naõ contém mais que huma mera exposiçaõ, basta, que seja facil, suave, e conceituoso sobre materia pouco trivial, para causar admiraçaõ, e deleite ao entendimento. O Epigramma composto, que he o de que mais usaõ os modernos, tem duas partes, que saõ Exposiçaõ, e Deduçaõ, a que os Logicos chamaõ premissas, e consequencia. Muitas vezes succede (como nota o Padre Donato) expor-se primeiramente o que se infere; e depois aquillo, donde se deduz. Temos entre outros muitos hum exemplo em Marcial no Epigramma, que diz:

*Semper eris pauper, si pauper es, Æmiliane;
Dantur opes nulli nunc, nisi divitibus.*

Pela ordem de argumentar devia dizer o Poeta: *Neste tempo só aos ricos se dá dinheiro, tu naõ es rico, logo nunca receberás dinheiro, e por isso sempre serás pobre.* Com este exemplo vemos, que Escaligero naõ definiu bem o Epigramma, quando disse que era *Poema breve ex præpositis aliquid deducens*. Póde tambem este principiar logo por alguma agudeza, que entre occulta, para naõ se equivocar com a do fim, em que acaba o mesmo Epigramma. Outras vezes póde consistir o artificio na força de hum equivoco, de modo, que tomado este por hum sentido signifique huma cousa, e por outro se entenda outra; como mostra bem o Padre Radero no Commento a Marcial. Muitas saõ as maneiras, pelas quaes se póde abrir caminho para conduzir a exposiçaõ do assumpto ao fecho do conceito. Poderemos começar ou *ex abrupto*, ou por huma simples narraçaõ,

ração , principalmente naquelles argumentos , que não pedem força de affectos , ou por alguma figura , como v. g. apostrofe , exclamação , interrogação , ethopeia , ironia , hypotyposis &c. A parte mais principal do Epigramma já todos sabem , que he o fecho , consistindo na cauda toda a sua belleza , á maneira do pavao. O melhor modo , e mais perfeito , que quanto a mim ha , para se formar hum optimo Epigramma he ordello de maneira , que o antecedente seja como hum nó , que só defate o subsequente do conceito ; porque deste modo se vay tambem restringindo áquellas regras prescriptas a mayor Poema. Em quanto á qualidade dos conceitos não temos nada , que recommendar neste Capitulo , pois nos remetemos ao principio desta Arte , em que tão largamente tratámos dos pensamentos falsos , e verdadeiros dos que erao inverosiméis , improprios , affectados , pueris , fundados em equivocos , paranomias , alliteraçoens &c. O estylo do Epigramma deve ser segundo a qualidade do assumpto ; no que for sério , ha de ser grave , e sublime ; no que for florido , suave , e pomposo ; e no ridiculo , galante , e com expressoens familiares ; porém seja qualquer que for a materia , sempre o estylo deve ser vivo , ameno , e engenhoso , ácompanhado de brevidade ; porque quanto mais breve for o Epigramma , tanto melhor será. Nelle a suavidade da locução he outra circumstancia não menos precisa ; pois muitas vezes esta supre a falta de conceito , como a cada passo estamos vendo nos Sonetos de Petrarca , muitos dos quaes não acabaõ conceituosos ; e com tudo são summamente estimaveis , pela suavidade do estylo , e modo , com que se explicou o Poeta. Estas são as principaes virtudes , que se devem praticar nos Epigrammas , as quaes só se não conseguem

guem, lendo com madureza, e reflexão os bons Poetas, que os compozeraõ, distinguindo, e separando destes aos que sempre se empregaraõ em hum uso de palavras vans, estrondosas, e que não significão; em equivocos pueris, em paranomalias ridiculas, e em outros muitos vicios semelhantes a estes, que costumão agradar aos que tem o paladar depravado, como já temos dito com bastante extençãõ. Estes são os fundamentos, em que se funda não só o Epigramma, mas também o Soneto, que muitos querem seja o Epigramma vulgar. Os que seguem esta opiniaõ he a Academia da Crusca no segundo *Infarinato*, pag. 59. Gregorio Giraldi no *Tratado dos Poetas*, pag. 195. e 364. e 365. e Varchi nas suas *Lições poeticas*, pag. 462. Os de contrario parecer he Minturno na *Poetica Vulgar*, o Apatista tom. 4 *Progyn.* 78. aos quaes sigo pelas razoes, que direy: Primeiramente porque o Epigramma não tem grandeza determinada; por ser de quatro versos, de dous, e também de hum; o que se não pôde verificar no Soneto; que sempre ha de ter quatorze versos, contendo argumento grave, e ás vezes quinze ou mais, sendo em assumpto ridiculo, o que vulgarmente chamamos *cauda*, a qual, segundo a Apologia de Annibal Caro, em que Palquino he o Apologista, tem sua propriedade para fazer rir; e por isso se costuma pôr aos doudos, bufocas, e outras semelhantes pessoas; o que entre nós he bem commum no tempo do carnaval. Em segundo lugar, o Epigramma he applicativo a toda a materia ou nobre, ou humilde; o que não he commum no Soneto; porque raras vezes serve, ou deve servir para assumptos-ridiculos, como diz o insigne Apatista no lugar acima citado. Quanto a mim mais se parecem os Epigrammas Latinos, principalmente os Gregos, com

os *Madrigaes*, *Redondilhas*, e ainda *Decimas*, do que com o Soneto; e para que se não diga, que este juizo he unicamente meu, lea-se a *Poetica Vulgar* de Antonio Minturno, tratando do Soneto, em que prova, que não este, mas o Madrigal, he o que pôde corresponder aos antigos Epigrammas. Com effeito assim o praticaraõ os Poetas de melhor nota entre os Italianos, como se pôde ver na excellente Collecção, que delles fez o eruditissimo Muratori.

C A P I T U L O XXIV.

Fuizo sobre os Poetas Gregos, e Latinos, que compozerãõ Epigrammas.

OS antigos Gregos não tiverãõ, como os Latinos, quem escrevesse livros inteiros de Epigrammas. Por este motivo se viraõ depois obrigados os curiosos a fazer Collecçoens destas taes Obras, a que chamaraõ *Anthologia*. Meleagro foy o primeiro, que a adornou, pondo-lhe o dito nome; e como entendo, que esta tal Collecção era hum ramilhete formado das flores mais bellas de Poesia, que achara em quarenta e seis Poetas antigos, destinou huma flor para cada hum dos Poetas, como v. g. o lyrio para Anites, a rosa para Safo &c. Depois delle Philippe de Theffalonica no tempo do Emperador Augusto fez outra Collecção de Epigrammas tirados sómente de quatorze Poetas. Passados cincoenta annos fez Agatias a terceira; e ultimamente Planudes Monge de Constantinopla, que vivia no anno de 1380. fez a quarta, dividindo-a em sete livros, e formando-a por ordem alphabetica. Esta he a *Anthologia*,

que hoje temos, na qual não se pôde negar, que ha Epigrammas muy judiciosos, e cheyos de bellezas poeticas; porém não são muitos os que merecem este louvor, como diz Rolin na sua *Historia antiga* tom. 13. pag. 62.

Entre os Latinos só *Marcial* foy o que empregou a sua Musa unicamente em compor Epigrammas, de que ordenou quatorze livros, e hum de *Espectaculos*; se bem que *Vossio* persuade-se, que este livro he huma Collecção de Epigrammas de *Marcial*, e de outros muitos Poetas do seu tempo sobre os *Espectaculos*, que mandou representar Tito no anno 80. O juizo desapaixonado, que se deve fazer das Obras deste Poeta he, que nellas mostra mais engenho, que modestia. Todos lhe vituperao o demasiado genio mordaz, que teve, e a vergonhosa adulaçao com que tratou a *Domiciano*. Elle foy, se não quem introduzio, quem acabou de estabelecer o amor ás subtilezas, e ao estylo picante, e affectado nos versos, desprezando aquelle bom gosto, que reinava no seculo feliz de *Augusto*, e durou até os tempos de *Tiberio*, e de *Caligula*. Tocado deste contagio compunha *Marcial* os seus Epigrammas, aos quaes se pôde com justiça apropriar aquelle seu mesmo verso.

Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura.
 Certamente o mayor numero he o dos máos, se bem que alguns tem, que são excellentes; como he o Epigramma 35. do liv. 3. sobre huma bella escultura; o 83. do liv. 7. sobre o vagar, com que trabalhava hum barbeiro; o 13. do liv. 2. em que aconselha a hum homem, que se deixe de tratar causas no Foro; o 51. do liv. 10. sobre a morte apressada de hum homem, que muitas vezes tinha conseguido premios no Circo; o 22. do liv.

liv. 1. sobre a acção resoluta de Mucio Scevola ; o 46. do liv. 2. contra a avareza de hum rico inhumano ; e o 42. do liv. 3. em que mostra , que só aquelles , que fazem bem , he que sabem conservar os seus bens. Sobre tudo não se encontra em todo este Poeta cousa de gosto mais fino , e delicado , que aquelle Epigramma do liv. 1. em que descreve , se bem que com alguma extensaõ , as perfeiçoens de huma cadellinha , acabando com hum conceito taõ excellente , que se Marcial vestisse sempre a sua Musa com semelhante ornato , não o excederia Catullo nos poucos Epigrammas , que compoz. Infinitos modernos tem empregado o seu engenho na composição destas Obras , persuadindo-se talvez , que eraõ menos difficeis , que outras. A mayor parte delles seguirão a Marcial mais nos vicios , que nas virtudes poeticas ; porque todo o seu esforço foy em produzirem conceitos humas vezes contrarios ao bom gosto , por serem pueris , refinados , e affectados , e outras ao entendimento por serem daquelles , a que justamente chamaõ os Francezes *brilhantes falsos*. Entre estes Epigrammistas não he *Owen* o de peyor nota ; porque ainda que está cheyo de puerilidades , de paronomasias , e equivocos , e tem huma metrificaçãõ commummente humilde , com tudo foy hum engenho vivissimo , e fecundissimo de conceitos , principalmente jocosos , para os quaes teve huma incomparavel inclinaçãõ ; e por isso he muy estimado , não obstante a sua mordacidade , e vicios no Latim. Melhor lugar do que este Poeta occupa *Varasseur* , insigne neste genero de Poesia , como facilmente se vê da Prefaçãõ taõ douta , como elegante , que poz no principio dos tres livros de Epigrammas , que deu ao publico. O Padre *Bidermani* sim he prolixo , e frouxo em muitos pensamentos , mas em

outros pôde servir para exemplar , deixando trabalhar a natureza nos assumptos. O Padre *Matheus Casimiro* ainda tem melhor predicamento ; porque o seu estylo he facil , suave , e pela mayor parte amante de conceituar sobre o que não he refinado , ou inverosimil. O Padre *Le Fay*, e *Santeuil* foraõ os que modernamente mereceraõ a coroa com mais justiça , principalmente o segundo , cujos suavissimos , e delicadissimos Epigrammas fizeraõ com singularidade resuscitar o espirito de Pindaro , Anacreonte , e todos aquelles Gregos , pelos quaes fallavaõ as Graças. Deixamos de tratar em outros innumeraveis Epigrammistas de grande merecimento ; por fugirmos, como he nosso costume , de affligir aquelles leitores , que com razaõ se entastiaõ da prolixidade.

C A P I T U L O XXV.

Da Sylva: trata-se dos varios generos de Poesia , que nella se comprehendem.

CHamaõ-se Sylvas , segundo Escaligero , áquelles Poemas, que repentinamente nascem do Estro poetico. Dividem-se estes em diversos generos , como saõ v. g. Epithalamio , Genethliaco , Epicedio , Acção de graças , Panegyrico , Poema votivo , Parenstico , e outras mais composições , de que largamente tratou o Padre Donato na sua Poetica desde pag. 276 até 312. Para ella remetemos o leitor principiante , que necessitar de noticias taõ triviaes ; que nós , como cançados, só trataremos dos generos , que acima apontamos , os quaes muitos , e eruditos Authores de Poetica deixaraõ de explicar.

Epithalamio he o Poema, que se faz em occasião de vodas; e para procedermos com mais individuação, he preciso dizer, que este se fazia por quatro modos. O primeiro era recitando os versos logo na occasião do banquete, e chamava-se *Scholion* a esta composição: o segundo era cantando-os na camera, em que os desposados haviaõ dormir, e a este Poema se chamava propriamente *Epithalamio*: o terceiro era descrevendo a pompa da função: e o quarto era quando com esta narração se misturava o canto dos musicos, a que chamavaõ *Epithalamio mixto*. O seu principal artificio consiste em annunciar aos esposos felicidades, e desejar-lhes hum honesto, e mutuo amor. Para este fim he muy proprio invocar ao Hymeneo, e as Graças, como igualmente para se descrever a pompa, e circumstancias magnificas de semelhante função. Escolhe-se hum lugar proprio para louvar as virtudes dos desposados, vaticinando, que estas se haõ de ver reproduzidas em huma larga posteridade. Já se sabe, que tudo isto para fazer hum todo bem harmonioso, ha de nascer de huma ficção, que o Poeta deve inventar de modo, que seja propria para o seu assumpto. O estylo deve ser festivo, honesto, suave, e pouco artificiozo, de maneira, que pareça, que necessita de lima; porque de outro modo não parecerá. Sylva, que como dissemos, se fórma de versos quasi extemporaneos, os quaes nunca costumaõ ser muy polidos. Muitos guiados pelo que tem lido em alguns *Epithalamios* modernos, que saõ nimiamente cultos, teraõ este preceito por cousa nascida do capricho; porém ouçaõ o que neste ponto escreveu o Padre Antonio Forti da Companhia de Jesus na sua Poetica pag. 395: *Stylus non multum elaboratus: talis enim apparere debet, ut silva videatur, carmen videlicet ferè*

ferè extemporaneum, penè rude, ac deinde diligentiore limâ perpoliendum. Os Authores, que melhor podem dar luzes nesta materia, são Musco, Catullo; Ovidio, Claudiano, e Estacio.

Genethliaco he aquelle Poema, que se canta pelo nascimento de alguem. Tambem havia dous modos de o fazer: o primeiro era no mesmo dia do nascimento, e o segundo era renovando todos os annos como Anniversario a memoria delle, a que nós chamamos parabens por occasião de annos. O seu artificio consiste pela mayor parte em fingir hum Oroscoopo, em que se prognostique ao recém nascido grande ventura. Será muy proprio observar o Planeta, debaixo de cuja influencia nasceo, e desta fonte extrahir cousas, que sejam proporcionadas, e coherentes ao costume poetico. Igual propriedade haverá, se se invocar alguma divindade, para que lhe communique os seus attributos, de modo, que na mayor idade praticando as virtudes dos seus Ascendentes, seja gloria da sua patria: e aqui podem ter hum lugar proporcionado os louvores da familia do tal menino. Se este Poema for feito como Anniversario, entraremos a louvar as virtudes, que brilhaõ naquella idade, que conta a tal pessoa, que nos serve de assumpto; e depois passaremos a acenderlhe o animo (se o soffrerem os annos) para que se faça memoravel, praticando, ou dispondo-se a poder executar acçoens gloriosas. Em quanto ao estylo não nos occorre cousa particular, que recommendemos: seja estylo de Sylva, e o mesmo, que convem ao Epithalamio; isto he, festivo, alegre, e cheyo de expressoens, e imagens, que dem a mostrar hum grande obsequio. Em que o Poeta deve ter grande cuidado, he em ter sempre diante dos olhos a condição do menino, que lhe

fer-

serve de argumento, de modo que não venha a ser improprio, e inverosimil o que fingir. He certo, que o prazer, e alegria, que convem no nascimento do filho v. g. de hum pastor, não convem ao de hum militar, nem o deste ao de hum Principe &c. porque para o filho de hum pastor convidariamos, por exemplo, para o applauso aos gados, aos bosques, rios &c. para o de hum Capitaõ, a soldados, e para o de hum Rey, aos subditos, Reinos, Provincias &c. correspondendo cada cousa á condiçaõ do assumpto.

Epicedio he aquelle Poema, que contém os louvores de alguma pessoa defunta. Quando os versos se recitavaõ não estando ainda o corpo reduzido a cinzas, mas junto á fogueira, chamavaõ-se *Nenias*; porém sempre chamavaõ *Epicedio* a todos aquelles versos, que se compunhaõ pelo sentimento de alguma morte, ou fosse como anniversario todos os annos, ou na occasiã, em que ella succedia. Alguns querem, como he o Padre Pontano na sua Poetica, que até a huma Oraçaõ funebre feita em prosa se lhe póde chamar *Epicedio*. O seu artificio consiste em expormos primeiro o nosso sentimento, que o alheyo; em fazer huma invectiva contra a morte; em convocar a todos, e até ás cousas innanimadas para o pranto; em narrar as virtudes do morto, admoestando os vivos á imitaçaõ; em consolar aos parentes, expondo-lhes o premio glorioso, que já tem conseguido os taes merecimentos; e finalmente em outras muitas circumstancias, que a mesma natureza está advertindo em semelhantes assumptos. Os affectos devem ser vehementes, e o estylo pathetico, e pouco engenhoso, para se mostrar a grandeza da dor, que não soffre imagens artificiosas.

Poema *Eucharistico*, ou Acçaõ de graças he aquelle,

aquelle, em que se agradece o beneficio recebido. Póde-se discorrer nelle, dizendo v. g. que não sabemos dignamente ser agradecidos, pela grandeza do beneficio, o qual amplifiaremos pelos adjunctos principalmente do tempo, do lugar &c. Porém continuaremos a querer render as graças; para o que usaremos v. g. da idéa de rogar a Musas mais graves, e dignas, que o fação por nós, reflectindo na nossa inhabilidade. O estylo deve ser livre de toda a affectação, antes ha de mostrar com expressões vivissimas, sinceras, e elegantes, que o coração he o que falla.

Panegyrico he quelle Poema do genero exornativo, em que se louva a alguma pessoa ou narrando pór modo simples as suas acçoens, ou usando de alguma ficção, e idéa para as celebrar. Póde este ou não proceder de alguma cousa mais, que do desejo de louvar humas virtudes, que o merecem, ou nascer de algum principio, como de victoria alcançada, ou alguma illustre facção conseguida &c. O artificio seja o mesmo, que recommendão os Rhetoricos nos Panegyricos em prosa, mas sempre ornado das cores poeticas, e de hum estylo, elevado, engenhoso, magnifico, suave, e correspondente a hum assumpto, que he tão festivo, e gostoso.

Poema *Votivo* he aquelle, em que rogamos alguma cousa a Deos, ou a alguma pessoa humana. Esta supplica pòde ser de dous modos, ou rogando, que não succeda algum mal, ou pedindo algum bem. Poderá consistir o artificio, dizendo v. g. que não temos outra pessoa, em quem esperemos, e que por isso se recorre á sua clemencia, e benignidade, que não succeda o mal, que se teme, não porque o não mereçamos, mas porque nelle igualmente se comprehendem muitos innocentes

nocentes &c. As figuras rhetoricas, e em particular a Apostrophe tem aqui hum largo theatro, em que representem vivamente a força dos affectos por meyo de hum estylo grave, maduro, pathetico, e engenhoso em não mostrar o seu artificio, á maneira de Virgilio.

Poema *Parentico* he aquelle em que excitamos a alguem a obrar huma illustre acção. Nelle devemos captarlhe a benevolencia, para que attenda benignamente aos versos, e depois inflamarlhe o animo sobre o amor á virtude, e a gloria do nome, que vem a conseguir por tal facção a sua patria, a sua fama, a sua posteridade, a sua familia, &c. O estylo, que convem a semelhante assumpto, he o sublime, o pomposo, o persuassivo, e o suave com aquelle artificio todo preciso, para se conseguir o fim, que se pretende. Isto he o que podemos dizer em succinto sobre a formação de semelhantes Poemas; o Poeta curioso, e que desejar compor com propriedade, lea os Poetas antigos, e modernos de melhor nota; porque com o uso, e reflexão, que fizer nelles, saberá como se organizaõ, e tecem estas Sylvas, e outros mais generos, como he o Poema feito por occasião de alguma melhora na saude, chamado *Soteria*; o feito a alguma pessoa grande restituindo-se á sua patria depois de huma larga ausencia, a que os antigos chamavaõ *Epibaterion*; e o composto por occasião da partida de alguem, desejando-lhe feliz jornada, a que davaõ o nome de *Propenticon* &c.

CAPITULO XXVI.

Do Epitafio , sua divisaõ , e artificio.

E Pitafio he aquella Inscriptaõ feita em verso , ou tambem em prosa , que se poem sobre a campa da sepultura de alguem , ou na primeira face do tumulo , em que está enterrada alguma pessoa illustre. Nella communmente se costuma pôr o nome , a idade , os merecimentos , o estado , a dignidade , as virtudes , o dia da morte da tal pessoa , e outras mais cousas , que inculquem dor , e sentimento. O Epitafio divide-se em *Simples* , e *Composto*. Simples he o que sem conceito , ou figura alguma da rhetorica contém unicamente huma narraçaõ ; e o Composto he aquelle , que admite ornato , e agudeza de pensamentos. Epitafio Simples he o que refere Plutarco da sepultura de Alexandre Magno , na qual estavaõ pintadas a Africa , Asia , e Europa , que conquistara este Heroe , com esta breve letã por baixo :

Alexandri victoria.

Da mesma maneira he o que mandou pôr no seu tumulo ElRey de Chypre :

Hic jacet Persarum debellator.

E o de Themistocles , que se compunha de huma pintura das suas acçoens , e desta inscripçaõ :

Memoranda facta Themistoclis.

Epitafio Composto he aquelle , de que ha innumeraveis exemplos nos Poetas , que comprehende os louvores , e elogios da pessoa defunta pelas memoraveis acçoens , que fizera em vida , como v. g. o que fez Capilupo ao Emperador Carlos V.

Europa

*Europe domuit tollentes cornua Reges
 Carolus, atque Asiae terror, & horror erat.
 Et pedibus Lybiam calcavit victor, & illi
 Innumeras victus praeiuit Indus opes.*

*Deinde sibi frænum iniecit: fratrique regendum
 Imperium, & gnato cætera regna dedit.*

*Atque ait: è nobis & honores temerere, & unum hoc
 Discite, mortales: pulvis, & umbra sumus:*

Basta este Epitafio historico para exemplo, e remetemos o leitor para o livro intitulado: *Elogia Poetica in Serenissimam Rempublicam Venetam*, composto pelo nosso grande Padre Macedo; porque nelle lerá Epitafios deste genero a todos os Doges de Veneza. A respeito do artificio tambem nos conformamos com o que dissemos do *Epicedio*; e agora só diremos, que se o Epitafio for para pessoas insignes em santidade, que não se mostra nelle sentimento, mas sim prazer; e se se mostrar, seja pelo principio de faltar no mundo taõ grande alma; se for para Reys, e Principes, que seja grave, e cheyo de magestade, comprehendendo engenhosamente as suas virtudes politicas, e moraes; se for para pessoas sabias, que mostre hum grande sentimento, recommendando ao viandante a consideração de semelhante falta; finalmente se for para amigos, e parentes, que mostre mais dor, que engenho, como em taes assumptos está aconselhando a natureza. Não será preciso advertir de novo ao Poeta a observancia do costume poetico; porque bem sabe, que a sentença, e dicção, que convem v. g. ao Epitafio de hum Rey, de hum Heroe, e de hum velho, não he propria para o de hum vassallo, huma mulher, e hum menino, &c. Não tratamos da inscripção ridicula, ou satyrica, que algumas vezes se compoem, fingindo-se posta na sepultura de

sujeitos taes, que lhes possa convir, como v. g. hum hereje, hum ladrao, hum ignorante, hum avarento, hum golotaõ, &c. porque nesta materia naõ podemos dizer mais do que já expendemos, quando tratámos da Satyra, e do estylo jocoso; quanto mais, que estas composicoens, como nascidas do capricho, mais as dirige a natureza, que a arte. Quem tiver curiosidade de ler femelhantes Obras, póde satisfazella nas Centurias de Epitafios jocosos, e satyricos intituladas *Il Cimiterio*, e compostas por Joaõ Francisco Loredano, e Pedro Michiele.

Explicação das letras, de que usavaõ os antigos, e praticaõ os modernos nos Epitafios.

Os Gentios punhaõ no principio

J. O. M.	<i>Jovi Optimo Maximo.</i>
O. M. T.	<i>Optimo Maximo Tonanti.</i>
D. M. S.	<i>Diis Manibus Sacrum.</i>
Div. M.	<i>Dive Memoriae.</i>

Os Catholicos poem.

D. O. M.	<i>Deo Optimo Maximo.</i>
D. O: Æ.	<i>Deo Optimo Æterno.</i>
P. M. S.	<i>Piis Manibus Sacrum.</i>
B. M.	<i>Beatæ Memoriae.</i>
IMMOR.	<i>Immortalitati.</i>

No fim.

D. D. D.	<i>Dat. Dicat. Dedicat.</i>
P.	<i>Posuit.</i>
P. P.	<i>Posuerunt.</i>
D. P.	<i>Donum Posuit.</i>
D. S. P.	<i>DeSuoPosuit,velDeSuaPecunia.</i>
D. S. B. M.	<i>De Se Bene Merito.</i>
B. M. F. C.	<i>Bene Morienti Faciendum Curavit.</i>
D. D. C.	<i>Dat. Dicat. Consecrat.</i>
D. D. S. Q.	<i>Dat. Dicat. Sacrat Que.</i>
S. T. T. L.	<i>Sit Tibi Terra Levis.</i>
Vix. A. D. M. Q. D. Q.	<i>Vixit Annos Decem, Menses Quinque, Dies Quinque.</i>
Ob. Pr. Kal. &c.	<i>Obiit Pridiè Kalendas &c.</i>
A. M.	<i>Anno Mundi.</i>
A. V. C.	<i>Ab Urbe Conditâ.</i>
A. P. V.	<i>A Partu Virginis.</i>
A. O. R.	<i>Ab Orbe Reparato.</i>
A. R. S.	<i>A Reparatâ Salute.</i>
An. S.	<i>Anno Salutis.</i>
A. D.	<i>Anno Domini</i>
A. I. D.	<i>Anno Incarnationis Dominicæ.</i>

CAPITULO XXVII.

Do Emblema, sua definição, divisaõ, artificio, virtudes, e vicios.

HE o Emblema, segundo a definição dos Padres Donato, e Forti: *Expositio rei fictæ, seu veræ, constans picturâ, & inscriptione, vim habens admonendi.*

nendi. Deve-se esta invenção aos Egypcios; porque com ella he que explicavaõ aos sabios aquelles mysterics occultos, que o povo ignorante não podia perceber. Muitos dividem o Emblema em Fyfico, Historico, e Moral: e outros fazem a divisaõ pelos tres generos Rhetoricos Deliberativo, Demonstrativo, e Judicial. De qualquer modo, que se divida, sempre o Emblema se compoem de tres partes principaes, que são *Argumento*, *Pintura*, e *Inscripção*. O Argumento já se sabe, que he o assumpto sobre que se ha de discorrer; a Pintura he a Inscripção muda, ou aquillo, que pintamos para manifestar o conceito do nosso entendimento; e para isto nos poderemos valer ou da natureza, ou da arte, ou das fabulas, ou da historia, &c. A Inscripção he a Pintura, que falla, a qual declara a figura, e dá hum claro, ou tacito documento para instrucção dos homens. Quanto mais breve for este motte, tanto melhor será, e se poder ser de duas palavras, ainda será mayor a sua excellencia, com tanto que com a brevidade não fique o sentido escuro. São innumeraveis os Authores modernos, que deraõ Emblemas ao publico; porém no nosso juizo ninguem escreveu com mais erudição, e clareza do que *Andrè Alciato*. Cada Emblema seu he huma viva pintura moral para os olhos do entendimento, assim os seus versos fossem mais cultos, e harmoniosos. Lea o Poeta por este Author, que se o seguir, fará com que as suas obras sejaõ copias de hum bom original. Mais alguma cousa poderamos dizer nesta materia, porém reservamo-la para o Capitulo, que se segue, em que fallaremos da *Empresa*.

CAPITULO XXVIII.

Da Empreza, sua definição, divizaõ, artificio, virtudes, e vicios.

A Composição de Emprezas tem sido trabalho de grandes, e felices engenhos, persuadindo-se justamente, que semelhantes partos só os póde produzir hum entendimento, que for vivo, sublime, e engenhoso. Póde-se dividir a Empreza em antiga, e moderna. A antiga era inculta, e rude; porque os antigos raras vezes se valiaõ de pinturas, e inscripçoens, que causassem novidade ao entendimento. A moderna he muy engenhosa, e culta pelas severas leys, com que a praticaraõ os Italianos, e modernamente os Francezes. Na sua definição ha muita variedade de opinioens; porém nós seguiremos a do Padre Forti como menos confusa, e definimos a simples Empreza ser *Metaphora per figuram quid heroicum exprimens*. Em quanto ao seu artificio, deve-se considerar, que a empreza he como hum composto de corpo, e alma. O corpo he a figura, e a alma he a semelhança da figura com a cousa, que se pretende explicar; de modo, que a letra não serve mais, que de mostrar a uniaõ deste corpo, e alma, da mesma maneira, que o ponteiro no relógio. Sobre as virtudes, e vicios, que póde ter a Empreza, são taõ diversos os juizos dos Authores, que as suas regras mais servem de confusaõ, que de preceitos. O Padre *Le Fay* escreveu com muita exacção neste ponto: o mesmo juizo se acha em *Feronymo Ruscelli*, e em *Paulo Fovio*, famosos Authores de semelhantes Obras, se bem que julgo o segundo inferior ao primeiro por algumas impropriedades,

propriedades, que commetto, como logo direy. Entre tanta diversidade, e confusão de regras, direy brevemente o que sinto nesta materia, resumindo todo o bom, que disserão estes Authores. A primeira, e principal perfeição, que deve ter a Empreza he, que não comprehenda mais que duas cousas em figura; que ambas sejaõ necessarias, e que huma concorde com a outra na intenção do Author. Devemos aqui advertir duas cousas; a primeira he, que por duas figuras entendemos v. g. dous homens, dous animaes, &c. porque se estas forem v. g. estrellas, e flores, não se comprehendem nesta regra; e poderaõ ser aquellas precisas para a boa harmonia da Empreza: a segunda he, que estas taes figuras sejaõ honestas, decorosas, e que não inculquem torpeza, ou alguma outra cousa, que não mova a admiração por vulgar, e humilde. A segunda perfeição he, que a letra seja de duas palavras, ou quando muito de hum verso em lingua, que se entenda facilmente. A terceira, que estas taes palavras, ou verso seja tirado de algum Author de boa nota. A quarta, que o conceito não seja totalmente claro, nem de todo escuro, e trivial, ou profundo, e extrahido de algumas cousas muito remotas. E a quinta, que o motte, e as figuras se unaõ entre si de tal modo; que representem inteiramente toda a intenção do Author; porque algumas Emprezas tenho visto; em que ou a letra, ou a figura he desnecessaria. Esta he a condição mais precisa, e importante; pois seria cousa inutil se pintando-se hum coração abrazado em chammas, dissesse a letra: *Tenho o coração no fogo*. Se se tirasse a figura, e ficasse somente o motte sempre se hávia entender o que o Author queria explicar. Neste vicio cahio algumas vezes Paulo Jovio; fazendo nas suas Emprezas, com que ás

vezes fosse inutil ou a figura, ou a letra. Sirva para exemplo a Empreza, que elle fez para D. Francisco de Borja, em que pintou o monte Acroceraunio fulminado do Ceo, e com esta letra: *Ferunt summos fulgura montes*. Esta Empreza he viciosa; porque além de ter o mote muitas palavras, claramente se vê, que este per si mesmo se entende sem a figura, como sempre se entende em Horacio, de quem he o verso. Isto he o mesmo, que se se pintasse v.g. a imagem de S. Sebastião trespassado de settas, e se pozesse depois huma letra, que dissesse: *Trespasão as settas a S. Sebastião*. Da mesma casta he outra Empreza do mesmo Author, em que pintou huma chaminé com muita lenha ardendo, na qual se via grande fogo, e fumo, e com esta letra Italiana: *Dov' è gran fuoco, è gran fumo*; como se o homem mais rustico não soubesse, que *onde ha muito fogo, ha muito fumo*. Com estes exemplos lea o Poeta a Jovio, e descobrirá nelle varias Emprezas viciosas entre muitas outras, que verdadeiramente são excellentes, e lhe alcançarão a fama, que goza, de Author insigne em semelhantes composições. Agora nos lembra responder a huma objecção, que talvez se nos poderá fazer sobre admitirmos nas Emprezas figuras humanas. Não duvidamos, que esta regra seja bem fundada; porque a metaphora he alma da Empreza, e entre homem, e homem não ha metaphora, mas sim identidade de natureza; porém este preceito tem sua limitação; porque sim he vicioso figurar homens simplesmente vestidos, ou nús pela razão allegada, e por serem deste modo objectos pouco maravilhosos; mas isto se não entende, quando estas taes figuras se pintaõ por alguma rara, e nova maneira, como praticou o insigne *Ruscelli*, e o aconselha no seu Tratado, que intitidou: *Discorso intorno all' inventioni*

tioni dell' imprese, pag. 209. provando-o com outros exemplos. Isto he o que, segundo a brevidade que seguimos, podemos dizer sobre a Empreza, que se distingue do Emblema em varias cousas. Primeiramente a Empreza serve só para cousas heroicas, e o Emblema para as populares, e para instruir os costumes dos homens: em segundo lugar o Emblema he proprio para paredes, arcos, quadros, marmores &c. e a Empreza para escudos, estandartes, armas &c. em terceiro, a Empreza prefere á pintura a letra aguda, e breve, e o Emblema cuida em explicar mais clara, e distinctamente a pintura: em quarto, a explicação do Emblema pode ser nossa, e a da Empreza, se for de outro Author, merece mayor louvor: ultimamente a perfeição da Empreza consiste, em que a figura seja verdadeira, natural, e huma só, ou quando muito duas, e o Emblema admite livremente muitas, e quaesquer figuras, ainda que sejaõ Chimericas. Quem quizer recrear-se na lição destas obras, lea aos Padres *Forti*, *le Fay*, *Vigevi*, *Fovio*, *Ruscelli*, e outros muitos, que ou forão Authores, ou Collectores; porque nós desde o principio desta Arte cuidamos muito em não fazer como outros em qualquer genero da Poesia hum prolixo catalogo de exemplos de Authores sobre a mesma materia, como v. g. tratando do Epigramma, copiar hum grande numero dos melhores Epigrammas, que ha. Em que pozemos grande cuidado, foy em dar preceitos, e provallos com authoridades classicas, ou regras naturaes; entendendo, que aquelle Escritor, que assim não obrava, levava o fim não de instruir, mas de ostentar huma vã erudição, copiando a cada passo versos, e mais versos; o que se pode fazer muito bem ainda sem ter lição dos Poetas, porque ha innumeraveis livros, que

daõ

daõ para isto hum grande socorro. Parece-nos , que temos cumprido com o que promettemos , e até observamos a palavra , que demos, de naõ tratar de huns taes brincos de Poesia , que praticaõ aquelles , a quem as Musas ainda naõ desmamaraõ , como v. g. saõ os *Enigmas*, os *Anagrammas*, os *Labyrinthos* , os versos *Serpentinos* , *Correllativos* , *Acrosticos* , *Retrogrados* , *Leoninos* , e outros semelhantes , que depravaraõ o bom gosto da verdadeira Poesia, e fizeraõ desapparecer de envergonhadas as Musas adultas.

F I M.

<p>1. The first of these is the fact that the majority of the cases of this disease are reported from the United States and Canada.</p> <p>2. The second is that the disease is more common in the winter months.</p> <p>3. The third is that the disease is more common in the lower latitudes.</p> <p>4. The fourth is that the disease is more common in the lower social classes.</p> <p>5. The fifth is that the disease is more common in the lower ages.</p> <p>6. The sixth is that the disease is more common in the lower sexes.</p> <p>7. The seventh is that the disease is more common in the lower occupations.</p> <p>8. The eighth is that the disease is more common in the lower education.</p> <p>9. The ninth is that the disease is more common in the lower intelligence.</p> <p>10. The tenth is that the disease is more common in the lower morality.</p>	<p>1. The first of these is the fact that the majority of the cases of this disease are reported from the United States and Canada.</p> <p>2. The second is that the disease is more common in the winter months.</p> <p>3. The third is that the disease is more common in the lower latitudes.</p> <p>4. The fourth is that the disease is more common in the lower social classes.</p> <p>5. The fifth is that the disease is more common in the lower ages.</p> <p>6. The sixth is that the disease is more common in the lower sexes.</p> <p>7. The seventh is that the disease is more common in the lower occupations.</p> <p>8. The eighth is that the disease is more common in the lower education.</p> <p>9. The ninth is that the disease is more common in the lower intelligence.</p> <p>10. The tenth is that the disease is more common in the lower morality.</p>
--	--

I N D I C E

DAS COUSAS NOTAVEIS DESTA ARTE.

A

- A** *Bbati* (Antonio) louvado na Poesia Satyrica, pág. 374.
- Acção** Sendo accidental, não pôde servir de fórma substancial ao Poema, 323. **A Heroica**, que cousa seja, 302. **A Epica**, 308. Acção moderna não admitte ficçoens, ib. **Ab surdos**, em que faz cahir a antiga, ib.
- Actos**. Porque devem ser cinco, segundo Donato, 246. Quantos devem ser na Tragedia, ib. Não devem ser todos cantados, 253.
- Admirabilidade**. Setima condiçãõ da Fabula, 224. e segg. Sua definiçãõ, ib.
- Affecção**. Seus effeitos, 42, e 43. A dos conceitos, 149, e segg. 162.
- Affetos**. Commoçoens do animo, 270.
- Affranio**. Juizo sobre este Poeta, 283.
- Agathareo**. Pintava as scenas para as Tragedias de Eschylo, 235.
- Agniçãõ**. Sua definiçãõ, e castas, 203, e segg. Nasce de cinco generos, 204.
- Agudezas**. Que cousa sejaõ, 157. Reprovadas, ib.
- Alciato**. (André) sua excellencia nos Emblemas, 406. Seus feitos, ib.
- Allegoria**. Que cousa seja, 338. Não he circumstancia infallivel na Epopeia, ib. Que circumstancias deva ter, 339. Não se acha universal em Homero, nem em Virgilio, ib.
- Amicias**, Pescador, falla, que lhe fez Cesar, 146.
- Amor**. Paixaõ a mais frequente nos Poetas, 89. Considera-se animado, 95.
- Amplificaçoens** Não se comprehendem nas Imagens *Simplices*, 82.
- Anacreonte**, Poeta Lyrico, 379. Louvado, traduzido por Madama Dacier, ib.
- Anthologia**. Juizo sobre a de Palanudes, 394.
- Antithesis** 164. Sua origem, 165.
- Antonio da Fonseca Soares** 117. Suas comparaçoens, ib. Sempre

- pre tem algum conceito refinado, 152.
- Antonio Vieira* Louvado, 107.
- Apatista*. Que julzo faz de Sophocles, 258. E de Seneca, 259.
- Apparato*. O da Poesia Dramatica a quantas cousas se reduz, 234.
- Arabes*. Tem Poesia, 66.
- Arcades*. Famosos, 378.
- Archia*, Poeta, erro, em que cahio, 216.
- Ariosto*. Criticado por Paulo Beni, 226. E por Mazoni, 330. Foy pouco observante do caracter dos Heroes, 311. Arguido, 305, 324, e 337.
- Aristophanes*. Arguido, 276. Fez famosa a Comedia *Antiga*, ib.
- Aristoteles*. Criticado pelo Apatista, 192. Censurado por contradizerse, 193. Como define o Prologo da Tragedia, 340. Como divide a Tragedia, 248. Prefere a Poesia á Historia, 312.
- Arte*. Humana das tres causas da Poesia, 33. A *Mimica* seu nacimiento, e prejuizo, 282.
- Artificio* Poetico, 48, e 50. Sua belleza, 61, e fegg. O que lhe pertence, 75. Como se deve usar, 157.
- Asinio Pollião*. Escreveo algumas Tragedias, 260.
- Astrologia*. Deve-a saber o Poeta, 37.
- Athenas*. Nesta Cidade he que principalmente se principiou a polir a Tragedia, 177.
- Atheno* Queixava-se do estylo, affeminado do canto theatral, 240. Sua opiniaõ sobre a invençaõ da Tragedia, 260.
- Atrabilis*. Esquentada causa o Enthusiasmo, 33.
- Atticisimo* Que cousa fosse, e como se observava, 276.
- Authores* Poeticos louvados por naõ invocarem. Deoses gentlicos, 331. Quaes dos modernos se fizeraõ celebres na Poesia Elegiaca, 388.

B

- B** *Acchantes*, 33, e 36.
- B** *Baile*, O que deva significar nas suas mudanças, 245.
- Bayão* (André) arguido no titulo, que pôz ao seu Poema, 318.
- Barbuda*. Criticado, 123, 166.
- Bargeo*. Arguido no titulo, que pôz ao seu Poema, 318.
- Belleza poetica*, 44. e fegg. Sua divisãõ, 48. Belleza da materia, 53. Do artificio, 61. e fegg. Está fundada na verdade, 103.
- Bidermani*. Juizo sobre este Poeta, 396.
- Bion*. Seu estylo he suavissimo, qual de suas obras he a mais interessante, 363. Foy admiravel nos versos Anacreonticos, ib.
- Boccaccio*. Arguido no seu *Decameron*,

- cameron*, 269.
Boileau: Louvado, 156. Sua excellencia na Poesia satyrica, 374.
Boitelho (Francisco) louvado, 374. Arguido, 316.
Brihantes falsos Que cousa se faz na Poesia, 395.

C

- C Alderon*. Criticado, 102. Louvado, 275.
Calepino. Notado sobre o que disse da Comedia, 289.
Calpurnio. Quantas Eclogas deixou, 365.
Callimaco. Excelente Poeta Elegiaco, 385. Posposto a Minermo, ib.
Camoens. Arguido, 43, 44, 166, 267, 216, 319, 337, e 356. Allegado com louvor, 56, e 63. Insigne Pintor de Imagens f n tasticas, 80, 94, e 95. Admiravel nas comparaçoens, 115. Seguiu os vestigios de Virgilio, 116, e 117. Louvado nas semelhanças, 119. Na Poesia Bucolica, 131, e segg. Louvado, 161, e 320. Exito do seu Poema, 307. Não tem Allegoria universal o seu Poema, 339. Defendido mal por Faria, 325. Merece huma fama distincta, 350. Suas virtudes poeticas, ib. He admiravel nas pinturas, e comparaçoens, ib. e 351. Seus defeitos, 352. Aponção-se causas para ser desculpado, ib. Fabula do seu Poema censurada, 353. Criticado a respeito dos costumes, ib. Descuidos a respeito do seu Heroe, ib. Sua excellente Hypotiposi, 354. Foy inimitavel na pintura dos costumes de hum Mouro, 355. Inverosimilitude do Canto, VII. ib. A sentença foy potico observada no seu Poema, 356. Defeituofo na pratica com ElRey de Melinde, ib.
Canto. No Poema Epico devem huns ter connexão com outros, 337. Que defeito deve evitar o Poeta no fim de cada hum, ib.
Character Não se deve representar vivamente sempre em todas as pessoas, que formaõ a Epopea, 313.
Caro, Poeta, 216.
Cascals. Juizo. que faz das Comedias Hespanholas, 263.
Cassiodoro O que diz sobre a Arte dos Pantomimos, 285.
Castelvetro. Sua opiniaõ sobre a materia do Poema Epico, 216, e 217. Arguido, ib. e 218.
Catastrophe. Na Tragedia, 225.
Catullo. Estimado de Navagero, e Moreto, 155. Approvado por Escaligero, 221. He Poeta de grande merecimento, 385.

Prin-

- Principalmente nos Epigrammas, 386. Seu caracter, e feitos, ib.
- Caula*. No Soneto, que coufa seja, 392.
- Cecilio* Julgado por A. Gellio, 276. Augmentou a Poesia Comica, 277.
- Ceva* (Thomaz) louvado por admiravel Poeta, 78, e 84.
- Cesar* Introduzido a fallar por Lucano, 146.
- Chiabrera* (Gabriel) foy optimo no estylo Dytirambico, 378.
- Claudiano*. Criminado pelas impertunas digressões, 41. Criticado, 157. Louvado, 307. Arguido sobre o titulo do seu Poema, 318. He dos antigos o melhor imitador de Virgilio, 349. Seu estylo, ib.
- Claudio Pulchro* Introduzio o adorno da Pintura nas scenas do theatro, 235.
- Cneo Matio*. Juizo, que delle faz A. Gellio, 288.
- Comedia* Sua origem 9, e 285. Seu fim, 22, e 302. Seu principio, 174. Sua materia, 175, 164, e 265. Differe da Tragedia, 176, 266, e 289. Pode formar-se sobre objecto, e accão sabida, e verdadeira, 209. Seu argumento he melhor ser inventado, 210. Naõ attende aos costumes, 228. Em que se deve compor, 232. Authores, que escreverão dos depravados costumes, em que degenera, 270.
- A chamada *Media*, em que differia da *Antiga*, 262. Sua extincção, 252. Em que differe o seu fim do da Tragedia, 262. Sua essencia, e regras principaes, ib. Sua definição, ib. Seu estylo, em que se distingue do da Tragedia, 265. Em que concorda com ella, 260. Erros de Chronologia, Geografia, e Historia, que se notaõ em algumas, 274. Suas graciosidades nobres, e plebeas, 264. Suas inverosimilidades, 273. Seu fim verdadeiro, 264.
- A *Nova*, a quem deve a sua ultima perfeição, 262, e 276. Sua divisão, 267. O que lhe he essencial, e accidental, 267. Que Authores fizeram famosa a *Antiga*, 276. Sua terminação, 306.
- Comparações diversas*, 39, 115. As de Camoens apontadas, 116.
- As de Antonio da Fonseca Soares, 117. O que nellas se deve advertir, 123.
- Conceitos*. Dos triviaes naõ deve usar o Poeta, 55. Falsos quando começaraõ, 137. Verosimeis, 143, e segg. Refinados, 149.
- Conde de Villa mediana*, 134. Notado, 141.
- Corneille*. Louvado, 161. Arguido, 263.
- Coro*. De quantas pessoas se compunha, 178. Como se mudou,

279. Que preceitos deva ter, 244. A que numero de pessoas chegava antigamente, 245. Por que foy tirado da Comedia, 261. A que numero de pessoas o reduzio Sophocles, 245. Sua subdivisaõ, segundo Aristoteles, e outros, ib. *Costumes*, 227. Que cousas se requerem para serem bem formados, 228, e segg.

Doçura poetica, 44, e segg.

Donato. Criticado, 215.

Donato (Alexandre) o que julga sobre a Acção do Poema, 301.

Dramas. De quantos Actos usem nelles os Francezes, Italianos, e outras naçoens, 247. Quando são inuteis, e porque, 247.

Dramatica Poesia, 173. Sua divisãõ, 174.

Dramaticon Estylo da Poesia, 18.

D

D *Acier* (Madama) que juizo faz de Plauto, 279.

Dante. Louvado por Bulgarini, 42.

Daphnis. He o primeiro Poeta Bucolico, 361. Foy suavissimo, 362.

David. Compoz Psalms em diversos metros, 2.

Declamadores. Quando floreceirão, 156.

Dedicaçãõ. De que modo se deve usar na Epopea, 331. He diversa da Invocaçãõ, ib. Nem Virgilio, nem Homero a praticaraõ, ib. A quantos versos se deva estender, 332.

Deleite poetico, 44.

Dicçãõ. Na Tragedia, 232.

Diegmaticon. Estylo da Poesia, 18.

Dom Diniz (El Rey) dado á Poesia, 14.

Diego Bernardes. Louvado, 104.

Dihyrambicos Versos, 176.

E

E *Cloga*. Que cousa seja, 159.

Tambem admite argumentos sublimes, ib. Seu artificio, ib. Seu estylo, ib. He nelle proprio o verso *Intercalar*, e o *Amabeo*, ib. As de Virgilio notadas, 364.

Egyptios. Como receberaõ, e adoptaraõ a Poesia, 8, e 10.

Elegia. Que significa esta palavra, 382. Uto della entre os Gregos, ib. Ignora-se seu Author, ib. Sua definiçãõ, ib. Seu artificio, ib. Seu estylo, 384.

Emblema. Sua definiçãõ, 403. Seus inventores, 406. Sua divisãõ, ib. De que partes se compoem, ib.

Empreza. Sua divisãõ, 407. Suas leys, e definiçãõ, ib. Seu artificio, ib. Que Authores forãõ melhores nesta especie de

Ggg Poesia,

- Poesia, e que propriedades deve ter, *ib.*
- Engenho* 113. e segg. Em que se conhece a sua validação, 170.
- Enigmas*. Reprovados, 170.
- Entendimento Humano*, que cousa seja, 70. Seu officio, e differença da fantasia, *ib.* e segg. Foy creado para conhecer a verdade, 103. He potencia grande, 125.
- Fntes*. Sua divisaõ, 26.
- Enthusiasmo*. 33. He huma das tres causas da Poesia, 32.
- Epibaterion*. Que Poema seja, 401.
- Epica* Poesia, 173. Em que differere da Historia, 112. *vid. Poesia Epica.*
- Epicedio* Que Poema seja, 399. He nome, que convém até a huma Oraçaõ Funebre, *ib.* Seu artificio, estylo, e affectos, *ib.*
- Epico* Poeta, costuma principiar o seu Poema pelo meyo, 212. *vid. Poeta Epico.*
- Epigramma*. Sua composiçaõ he a mais difficil, 388. He raro o que he perfeito, e porque, *ib.* Sua definiçaõ, e divisaõ, *ib.* Que deve conter o chamado *Simplex* 389. O que he *Composto* de que partes se fórma, *ib.* Seu artificio, e fecho, *ib.* A que correponde em Poesia vulgar, 393.
- Epinicio*. Que Poema seja, 377.
- Epipompæuticon*. Que Poema seja,
- Epifodio*. Porque se chama assim, 177. He sexta condiçaõ da Fabula, 220. Sua definiçaõ, *ib.* Como se considera, *ib.* e segg. Pode ser viciosa, 221. Deve ser breve na Tragedia, e Comedia, e mais largo na Epopea, 223, 370. Que cousa seja, segundo Donato, 243. Comõ delle deva usar o Poeta na Tragedia, 250.
- Epitafio*. Que cousa seja, 402. Sua divisaõ, e estylo, *ib.* Explicação das letras, de que usavaõ nelle os antigos, 404.
- Epitalamio*: Que Poema seja, 397. Seu principal artificio, e estylo, *ib.* Os modernos são nmiamente cultos, *ib.* O Padre Forti os condena, *ib.*
- Epopea*. Sua origem, 9. Não importa, que seu argumento seja verdadeiro, 187. Deve ter unidade, 214. Caracteriza bem os seus Heroes, 228. He dependente da Tragedia, 299. Suas propriedades, 307, e 308. He narraçaõ, e não representaçaõ, 310. Não se lhe póde afinar effectiva grandeza, 328. O que he, e tua divisaõ, 300. De que serve, 340. Em que discorda da Tragedia, 309. Quaes são as principaes Epopeas Portuguezas, 350. Authores, que não louberaõ desempenhar este assumpto, 304. Que acçoens pede além da da

unidade, 306. Qual seja o seu fim, 302. Seu verdadeiro assumpto, 311. São-lhe muy próprias as Machinas, ou Deidades, 313. Seus exemplos, ib., e 314.

Equivocos. São inuteis, 271.

Eschylo Poeta Tragico, 177. Inventou o Prologo nas representações, 178. Nelle teve augmento a Tragedia, 179, e 180. Notado por affectado na locução, 258. Juizo sobre as suas Tragedias, ib.

Estacio. 33. Louvado, 115. Criticado, 157, 216, 320, e 378. Censurado na *Achylleida*, 324. Sua proposição defeituosa, ib. Notado na quarta propriedade da Epopea, 307. Juizo sobre este Poeta, 348. Seus feitos nos dous Poemas, ib. Pertence mais á classe dos Oradores, que dos Poetas, ib.

Estancias. Seus versos correspondem melhor, que quaesquer outros aos heroicos Latinos, 301. De quantas se deve urdir cada Livro, ou Cantô do Poema, 336.

Esylo. Ha delle tres generos na Poesia, 18. O *Jódoso*, 104, e 169. Sua divisaõ, origem, e sequazes, 153, e segg. O *Maduro*, até que tempo durou, 156. Qual he o *Conceituoso*, 158. O *Férvido*, e *Maduro* se unem, 161.

Estro. He furor poetico, 33.

Euripedes 133, e 180. Censurado sobre a acção principal do Coro, 245. Juizo, que delle fez Quintiliano, 258. Bondade, e vicios, que Plutarcho observa nas suas Tragedias, ib.

F

F *Abula.* Suas propriedades, 200, 309, e segg. Quantas circumstancias deva ter, 201, e segg. Seu enredo, 203, e segg. *A Implexa*, que partes tenha, ib. A da Comedia, 209. O que seja, segundo Santo Agostinho, 221. Deve-se formar primeiro que os Episodios, 223. Na Tragedia, e Comedia qual deva ser, seu fim, e distincção, 265. O tempo niella não basta que seja hum só, 304. *A Heroica*, que propriedades deva ter, 303. Que seja preciso para a sua unidade, 304. A da Eneada louvada a respeito do Tempo, 306.

Fam. Comparada ao vento, 121.

Fantasia. Como se agite, 34. Sua notícia, e differença entre ella, e o Entendimento, 69, e segg. Seus raptos, e extasis, 105, e segg. e 113.

Faria (Manoel) admite Acções secundarias na Proposição, 325. Absurdô, que desta

sua doutrina se seguiria , ib.
Feijo (Bento) arguido , 346.
Filosofia moral. Seu objecto , 27.
Fim. Que cousa seja , 212.
Fontanelle. Que juizo forma sobre as Eclogas piscatorias , 359.
 Sua critica demasiadamente rigorosa , ib.
Franceses. Criticados na reforma , de que se jactaõ terem feito na Poesia theatral , 255. Notados no vicio , que introduzem nas suas Comedias , 268.
Fuor poetico. 33. Muitos Authothes o negaõ , ib. Que cousa seja , 34. Pode-se adquirir com a Arte , 35 . e 36.

G

G *Abriel Pereira deCastro* 85, 86. Criticado , 166., e 308.
 He affectado no estylo , 325.
Garcilaso de la Vega. Louvado , 152 , e 161.
Genethliaco. Que Poema seja , 398.
 Sua differença , artificio , e estylo , ib.
Geografia. Deye sabella o Poeta , 38.
Gongora (Dom Luiz) criticado , 102 , e 165.
Gonzales. Seu juizo sobre o baile , 245.
Grandezza. Condição da Fabula , 213 , e segg.
Gregos. Foraõ ao Egypto apren-

der a Poesia , 10. Os modernos tem Poesia , 66.
Guarini (Joaõ Bautista) que juizo fazem varias naçoens do seu *Paster Fido* , 298. Desprezou a doutrina de Falareo , 294. Celebre pela sua Tragicomedia , 293. Juizo sobre este Poeta , ib. Censurado no estylo , ib. Seus costumes , ib. A quem devia imitar , para naõ cahir em muitos vicios , 296. Seus louvores , 297.

H

H *Ebreos*. Floreceo nelles a Poesia antes dos Gregos , 2. A sua Poesia foy a mais pura , e santa , 65.
Heroe. Como deve ser formado em Poesia Epica , 310. Heroes *Secundarios* , 311. Deve ter huma virtude particular , que exceda a todas as mais , 312. Seu verdadeiro caracter , 316. O *Epico* naõ ha de ser solitario , 304. O seu caracter tambem deve ter unidade , 311. Qualidade de alguns em varios Poemas , 312.
Hesiodo. Juizo sobre este Poeta , 344. Seu caracter , 345.
Hespanhoes. Notados no seu theatro , 263. Faltaõ nas suas Comedias ás tres unidades , 272 , e segg.

Historia. Como pinta a verdade, 28. Deve-a saber o Poeta, 39. Não soffre ornato, 93.

Historiador. Não se deve engolfar em discorrer nas cousas por modo scientifico, 41. Que differença tem do Poeta, 201.

Hysino. Que cousa seja, 377. Seu uso, ib.

Homem. Distingue-se por tres cousas, 237.

Homero. Quando floreceo, 3. Insigne descriptor dos objectos, 28. Soube a Historia, 39. Louvado, 42, 321, 326, 344, e 318. Defendido, 149. Como se fez celebre, 214. Criticado, 222, 223, e 323. Juizo sobre os seus Poemas, 343.

Horacio. Imitador da Lyrica Grega, 12. Louvado, 106, 107, 329, e 320. Approvado por Escaligero, 221. Sua doutrina sobre a quarta pessoa, que representa no theatro Comico, 236, e segg. Sua doutrina sobre os Epilodios, 350. He o Pindaro de Italia, 380. Juizo sobre as suas obras, ib. Sua excellencia na Composição, ib. Preferio a Lucillio, ib. Sua Arte Poetica he admiravel, ib. Não deve ser imitado nos costumes, ib. Juizo, que delle fez Quintiliano, ib.

Hugo Grocio. Notado, 142.

I

Jacinto Freire de Andrade. Louvado, 104.

Ignorancia. He de dous modos, 195.

Imagens Como as forma a Fantasia, 72, e segg. *Simplices*, e *Naturaes*, 72, e segg. *Fantasticas*, 83. Em que consistem, 85. As que parecem realmente verdadeiras, 86. Como se formão, 88. A proporção, relação, e semelhança com que se regulaõ, 98. *Imagens Intellectuaes*, *Engenhosas*, e de *Semelhança*, e modos de usar dellas, 113, 124, e segg. *De Reflexão*, 130, e segg. Os defeitos, que podem ter, 134, 135, e segg. As *Intellectuaes*, 136. *Inversões*, 149.

Imitação. Nella consiste a essencia da Poesia, 16. Reduz-se a duas classes, *Fantastica*, e *Icastica*, 21, e 29. O que he na Poesia, 25. *Do Universal*, e *do Particular*, 29, e segg. *A Epica* em que se distingue, 300.

Integridade. Condição da Fabula, 211, e segg.

Invocacão. Como a formavaõ os Gregos, e os Latinos, 328. Nella deve prevalecer o uito, 329. He indispensavel na Epopea, 327. Se se deve unir com a Pro-

- a Proposiçãõ , 328. Invocaçoens viciofas , 330. Deve fer Catholica , 328. Seu estylo , e circumstancias , 231. Arguem-se as que se fazem a Divindades gentlicas , 330.
- Joseph de Sousa* (o Cego) Louvado no estylo jocoserio , 104.
- Italianos*. Criticados sobre a pretendida reforma da Poesia theatral , 255. Notados no vicio , que introduzem nas suas Comedias , 268. Celebres na Poesia Dithyrambica , 378.
- Justo Lyppo*. Parcial do estylo florido , 163.
- Juvenal* Celebre na Poesia Satyrica , 373. Teve mayor fortuna , que merecimento , ib. Preferido a Horacio , segundo Escaligero , mas sem fundamento , 373. Juizo , que delle fez Boileau , ib. Foy chamado *Declamador violento* , ib. Arguido de obsceno , 369.

L

- L** *Aberio*. Insigne na representaçãõ Mimica , 280.
- Leys*. Deve o Poeta ter estudo dellas , 40.
- Lentulo*. Poeta Mimico , seu caracter , 287.
- Licinio* (Porcio) Poeta antigo , 104. Notado , 141.
- Lingua* (Dorica) propria para

- a Poesia pastoril , 365.
- Lyrical*. Especie a mais antiga da Poesia , 9 , e 173.
- Livio Andronico*. O primeiro Poeta Tragico entre os Romanos , 259.
- Loas* Entre os Hespanhoes a que especie de Prologo pertencem , 243.
- Lobo* (Francisco Rodrigues) criticado , 266.
- Lope da Vega*. Criticado , 101 , 102 , 165 , e 305.
- Lourenço Gracian*. Juizo sobre este Author , 122.
- Lucano*. 33 , 38. Criticado , 42 , 147 , 157 , e 320. Louvado , 146. Juizo que delle faz Murto , 155. Juizo sobre este Poeta , 346 , Naõ observou as partes precisas na Epopea , ib. O que diz delle Quintiliano , ib. Seus defeitos , 347. Arguido no estylo da Narraçãõ do seu Poema , 334.
- Lucillio*, Poeta Satyrico , 371. Seu estylo picante , ib. A quem respeitava , ib. Que juizo se pôde fazer do seu caracter , ib. Juizo , que delle fizeraõ graves Authores , 372.
- Lucrecio*. Arguido na Invocaçãõ do seu Poema , 330. Naõ escreveo propriamente Poema Epico , 345. Nos seis livros da sua obra explica a Filosofia de Epicuro , ib. Foy nella impio , e porque , ib. Juizo sobre este

te Poeta , ib.

Luzes. Se chamaraõ aos concei-
tos, 157.

M

Macedo (Antonio de Soufa)
criticado , 166.

Maggi. 84, 134. Louvado no es-
tylo jocoso , 171.

Manoel Thesauero. Nelle deve ha-
ver grande cautella nas regras,
e exemplos das metaforas ,
122. Estimou muito os concei-
tos falsos, 137, e segg. No-
tado , 165.

Mãos. Se podem ser assumpto da
Tragedia , 193.

Maquinas. Saõ reprovadas na so-
luçãõ da Fabula , 225 , e 226.
Doutrina do Padre Lamy so-
bre a liberdade, com que o Poe-
ta usa de Divindades fabulo-
sas , 315.

Marcial. Estimou os conceitos
falsos, 137. Seus exemplares
queimados por Navagero , e
porque, 154. Mureto lhe cha-
mou ridiculo, 155. Criticado,
157 , e 171. Nas suas obras he
mais engenhofo , do que mo-
desto , 394. Seus vicios , ib.
Acabou de estabelecer o amor
às subtilezas , e estylo picante,
ib. Desprezou o bom gosto,
que reinava no seculo de Au-
gusto , ib. Juizo sobre os seus
versos , ib.

Marino. Criticado , 100 , e 165.
Como Poeta obsceno , nem
foy verdadeiro catholico, nem
perfeito Poeta , 341.

Martelli. A sua Tragedia sobre
Tullia reprovada por Varchi ,
193.

Martyr. Se póde ser assumpto da
Tragedia , 192.

Meyo. Que cousa seja , 212.

Meleagro. Sua Anthologia , 393.

Menandro. Em quantas Come-
dias conseguiu applauso , 276.
Louvado por Plauto , ib. Ju-
izo sobre este Poeta , ib.

Metafora. 120 , e segg.

Milton. Estylo da Poetia , 18.

Mimica (Arte) seu prejuizo , e
nascimento , 283.

Mimnermo. Aperfeiçoou a Poe-
sia Elegiaca , 385.

Moyfés: Compoz a Deos hum
Cantico em verso Hexametro,
2. He tido pelo primeiro Poe-
ta , 3.

Moliere. Arguido por Boileau,
268. Juizo sobre as suas Co-
medias, 269. Foy insigne Co-
mico, 268, e 269. Em que de-
feitos cahio , ib. Teve enge-
nho agudo , 370.

Montalvan (Luiz Peres) critica-
do , 99.

Morata (Oraçãõ) 227 , e segg.

Moscho. De quem foy discipulo,
364. Sua excellencia , ib. Al-
guns Idyllios seus se perderaõ,
e quaes se salvaraõ , ib.

Mu-

Musica. Deve fabelta o Poeta, 38.
 He inutil nos Dramas, 237.
 Destroe a verosimilidade da representaçõ se nella, se representa toda huma Acçaõ grande, ib. Juizo de Muratori sobre esta materia, 238. A de que usavaõ os Gregos na Tragedia era differente da nossa, 238. A antiga toda era grave, e scientifica, ib. Que movimento causa no animo, 239. Deve usarse com parcimonia no theatro, 253. Juizo sobre a theatral dos nossos tempos, 239.

N

N *Arração.* Feita pela ordem natural causa fastio na Epopea, 334. He o verdadeiro corpo do Poema Epico, 331. Modos de se urdir, 333.
Natureza He huma das tres causas da Poesia, 32. Como se aperfeiçoa pelo Poeta, 145, e segg. Deve-se melhorar, e eunnobrecer na imitaçã, 236.
Nemesiano. Além do seu Poema, que mais escreveu, 365. Que conceito se faz deste Poeta, ib.
Nenias. Que cousa sejaõ, 399.
Nisely. Notado, 192.
Nonio Panopolitano. Arguido, 318.

O

O *Difsea* (Poema) 220.
Orador. Naõ se deve eu-golfar no discurso das cousas por modo scientifico, 41. Ufo de imagens poeticas, 92.
Oratoria. Como pinta a verdade, 28.
Orfeo. Foy excellente Poeta, e Musico, 38.
Orlando furioso (Poema) critico, 222.
Ovidio. Censurado, 42. Louvado, 76. Applicou-se a declamar, 156. Que Tragedia compoz, e juizo, que delle faz Quintiliano, 360. Seu mayor vicio, 387. Qual foy a sua melhor obra, ib. Juizo sobre este Poeta, ib.
Ovven. Entre os Poetas, que imitaraõ a Marcial, naõ he o de peyor nota, 295. Suas virtudes, e vicios, ib.

P

P *Acuvio.* Augmentou a Poesia Tragica, 277.
Pallavicino (Cardeal) sua doutrina sobre as Comparaçoens, 118.
Panegyrico. A que genero pertence, 400. Seu artificio, e circunstancias, ib.

Pantomi-

Pantomimos. Quem eraõ, e de que serviaõ, 285.

Paralogismo. Que cousa seja, 205.

Parodia. Que cousa seja, 342. Matron mudou em assumpto ridiculo varios versos de Homero, ib. O mesmo fez hum Poeta a outros de Crispo Steforiano, ib. A Lusada de Camcens passou por igual sorte, ib.

Pastor. Foy o primeiro estado dos homens, 3. Foraõ os inventores da Poesia, 3, 4, 5, e 6.

Pathos. (ou Perturbação) 205, 225.

Paulo Jovio. Notado, 407.

Paan. Que Poema seja, 377.

Perlas. Tem Poesia, 66.

Persio, 33. A quem comprehendem as suas Satyras, 372. Seu estylo, artificio, e vicios, ib. Louvado por Quintiliano, ib. Arguido de escuro, 369.

Perturbação. Oitava condicão da Fabula, 274.

Pescetti. Arguido a respeito da Tragicomedia, 291.

Pessoa Primeira na representaçãõ Dramatica, sua origem, 178. Que condicoens deva ter na Tragedia, 189, e segg. Seu caracter, 191. O que lhe basta, 196, e 228.

Petrarcha. Reprehendido por Castelvetro, 42. Louvado, 77,

118, e 161. Foy feliz nas imagens, 88, e 96. E nos vocs poeticos, 109.

Petronio. Seus livros Satyricos saõ huma especie de Romance, 374. Juizo sobre este Poeta, ib. Seu estylo, ib.

Phallicos (versos) 176.

Philistio (Niceno) he Poeta de grande merecimento, 287. Louvado por Cassiodoro, ib.

Phrinicho. Foy famoso Poeta Tragico, 177.

Pindaro. Louvado, 379. Seu enthusiasmo, e moderaçãõ no estylo, ib. Louvado por Horacio, ib. Seus defeitos, ib. Vencido por Corinna, ib.

Plauto. Suas maximas importantes, 279. Notado em outras, 280. Porque chamou Tragicomedia ao seu *Amphytriaõ*, 289. He o mais celebre Comico entre os Romanos, e porque, 278. Juizo sobre este Poeta, ib.

Poema (Epico) não se deve admittir nelle Divindades fabulosas, 315. Seu *Titulo* como seja mais magestoso, 318. A sua açcãõ não se diz nunca, porque o Heroe da Fabula seja hum sò, 304. Deve principiar por hum caso obliquo, 326. A sua parte quantitativa não tem regra certa, 306. Em que consiste, ib. A quantos Livros, ou Cantos se póe ex-

Hhh

tender

tender, 336. Sua terceira propriedade, 305. Quantas partes o constituem, 309. Suas partes de quantidade necessárias, 317. Quaes o não são, ib. Seu *Titulo*, que qualidades especiaes deva ter, ib. Variedades de opinioens sobre isto, 315.

Poema Eucharistico. Que cousa seja, 400. Como se deva nel-le discorrer, e seu estylo, ib.

Poema Parenetico. Que cousa seja, 401. Seu estylo, ib.

Poema Propeuticon. Que cousa seja, ib.

Poema votivo. Que cousa seja, 400. Seu artificio, ib.

Poesia. Sua origem, progressos, e essencia, &c. 1. e segg. He ignorada, mas antiquissima a sua origem, 3, e segg. Suas especies mais antigas, 9. Sua intençãõ, e fim, ib. Que cousa seja, ib., e 44. A *Vulgar* sua origem, 13. Sua essencia, e definiçãõ, 16, 19, e segg. Seu fim, 22, e segg. Seu objecto, 26, e segg. Como pinta a verdade, 28. O que soa, 31. Suas causas efficientes, 32. Como pôde ser delectavel, 45, e segg. A dos Hebreos he a mais pura, santa, e antiga, 65. Representa-te em tres modos, 144. Sua divisaõ, 173. He Arte, que imita, 218. Prefere á Historia, 312. A *Representa-*

tiva necessita de huma grande reforma, 252. He presente-mente escrava da Musica, 240. Foy desacreditada pelos melhores Poetas do seculo de quinhentos, e seiscentos, 248. He pintura muda, 28.

— *Bucolica*. A que classe pertence, 358. Nella se pôdem imitar os tres modos, porque se faz a Imitaçãõ, ib. Seu exemplo, ib. Que cousa seja, ib. He a mais antiga especie de Poesia, 358. Seus inventores, ib. Donde tomou o nome, ib.

— *Dityrambica*. Seu uso, 377.

— *Epica*. Donde se deriva, 300.

— *Lyrca*. Suas especies, 377, e 378. Como della se devem valer os Poetas catholicos, ib. Sua definiçãõ, e matéria, 374. Em que consiste o seu principal artificio, ib. Que se entenda nella por *Digressãõ*, ou *Episodio*, 375. Nella a brevidade he recommendavel, 376.

— *Mimica*. Seu fim, 284. Porque foy condemnada pelos Santos Padres, ib. Sua definiçãõ, ib. Em que differiaõ entre si os Mimos, e Pantomimos, 285. Quaes foraõ entre os Romanos os primeiros, que a exercitaraõ, 280.

Poetas. Houve alguns antes de Homero, 3. Como faraõ bellas as suas composicoens, 47.

Naõ usaõ de conceitos triviaes,

- vias, 55. Como formão suas fizeoens, 210. Não são enganadores, *ib.* Devem imitar ao Pintor, 313. Louvados os que não invocaraõ Deoses gentílicos, 331. Porque são chamados *Melici*, 283.
- *Comico*. Qual foy o primeiro entre os Latinos, 277.
- *Eptico*. Rarissimas vezes deve fallar em sua propria pessoa, 17. O que soa esta palavra, 31. Em que classes se divide, 32. Deve ter instrucção de todas as sciencias, e artes, 37, e segg. Não se deve engolfar em discursos scientificos, 41, e 42. Deve completar a natureza, 54. Quando, e como pode usar de expressoens gentílicas, 316. Porque deva aconselhar-se com a natureza, 306. Quaes são os mais louvados, 307.
- *Lyrico*. Sua liberdade na Proposição, 374. De que modo deva usar da Amplificação, *ib.* Suas precisas circumstancias, 376. De que deva fugir, *ib.*
- *Tragico*. Como deva revestir o caracter das pessoas, que representaõ, e pintar os affectos, 351. Qual foy o primeiro, 258. Quaes sejaõ as cousas, em que primeiro deva cuidar, 249. Deve ser modesto, 340.
- Policiano* (Angelo) seu juizo sobre os Poetas satyricos, 366.
- Povo*. O seu genio, 186, e segg.

- Principio*. Que cousa seja, 212.
- Prologo*. Porque foy inventado nos Dramas, 178. Suas especies, segundo Pontano, 242.
- Propercio*. Juizo sobre este Poeta, 387.
- Proposição*. He a primeira cousa, que se lê na Epopea, 320. A da *Araucana* he defeituosa, 326. Não deve nella declarar-se o nome do Heroe, 327.
- Provençaes*. Resuscitaraõ a Poesia, 13.
- Publio Mimo*. Louvado em huma sua reflexaõ, 133.
- Publio Sciro*. Seu caracter, 287. Juizo sobre este Poeta, *ib.* Traduzido por Cornelio Severo, *ib.*

Q

- Q**uevedo. (Dom Francisco) foy grande mestre dos conceitos refinados, 151.
- Quintiliano*. Seu conselho sobre as Poemas, 280. Que juizo fez de Menandro, 276. E de Terencio, 282.

R

- R**Acine. Louvado, 111, e 161.
- Comparado, 160.
- Reflexaõ*. Que cousa seja, 130. Como se forma, 131.
- Relaçoens*, 124. Como as reco-

lhe o entendimento , 126.

Relativo. Especie do verosimil,
143.

Representação Dramatica. De quantas pessoas deve compor-se, 237. Move mito mais sendo fallada, do que cantada, 241. Mal de que adocem os Hespanhoes nas suas representações, 254. Sua utilidade, e verdadeiro fim, 264. Deve ser breve, 301. A *Epica* deve ser mayor, ib.

Representantes. Que qualidades devem ter, 235. Quantos devem representar juntos no tablado, 236. Quantas vezes deva cada hum sair ao tablado, 237. Devem succeder huns a outros successivamente no theatro até o fim de cada Acto, 247. Os antigos eraõ mais efficazes em mover ao auditorio, 256. Erros, e vicios, que se notaõ nos modernos, 257.

Riso. Como se déva despertar no theatro, 271.

Romanos. Melhoraraõ os inventos dos Gregos, 11. Ruina do seu idioma, 13. Naõ for.õ insignes na Poesia Tragica, 259.

Rosa (Salvador) Louvado na Poesia satyrica, 374.

S

S^A de Miranda (Francisco)
134.

Sannazaro (Jacobo) arguido no seu Poema Sacro, 330. Ufou de pescadores nas suas Eclogas, 359. Refulcitou o estylo das antigas Eclogas, 365. Sua affectação nellas, ib.

Sapho. Celebre na Poesia Lyrica, 379. Della tomou o nome o verso Saphico, ib. Foy chamada a *Musa Decima*: seus louvores, ib. Que obras suas se salvaraõ, ib.

Satyra. He a mais antiga especie da Poesia, 9. Seu principio, 365. Sua etymologia, 366. Seus inventores, 370. Quem lhe deu melhor forma, ib. A *Moderna* illustrada, 369. A *Urbana* quando se inventou, 366. Sua definição, e materia, em que differe da Comedia, e o seu fim, ib. Sua divisão, 367. Suas leys, ib. Commummente naõ admittte Proposição, nem Invocação, 368. O que lhe he proprio, ib. Naõ deve ser nimiamente ridicula, 369. Qualidade do seu verso, 370.

Satyra Dialogica. De que modo se possa fazer, 368. Seu estylo, ib., e 369. Seu ornato mais proprio, ib.

—*Varroniana*, e *Meneppsa.* Seu Au-

- Author, 371. Sua materia, ib.
Savio (João) arguido, 288.
Scenografia. Sua origem, 179.
Secura. Extremo vicioso na Poesia, 162.
Semelhança. Como se usa della na Poesia, 115, e 118.
Seneca. Poeta Tragico, criticado, 157. Suas Tragedias agradaveis a *Lypzio*, 163. Que conceito fez delle o *Apatista*, 259. As Tragedias *Edipo*, e *Hypolito* a que genero pertencem, 248. Quaes sejaõ as suas Tragedias, 259.
Sentenças. Se chamavaõ os conceitos, 157. Sentença na Tragedia, 230. Que generos ha dellas, ib.
Servio. Criticado, 226.
Sybillas. Como profetizaraõ, 33, e 36.
Sicilianos. Resuscitaraõ a Poesia, 13.
Sidonio Hoskio. Citado, 121. He o melhor dos Poetas Elegiacos modernos, 388.
Silio Italico. Juizo sobre o seu Poema, 347.
Sylva. Que cousa seja, 396. Sua divisãõ, ib.
Silveira. (Miguel) criticado, 166.
Soliz (D. Antonio) arguido, 93.
Soluçãõ Da fabula, 225.
Soneto. Raras vezes deve servir para assumptos ridiculos, 392.
Sophocles. Poeta Tragico famoso, 179. Suas invenções, ib. Emen-
- dou a *Eschylo*, 180. Juizo sobre este Poeta, 258.
Soteria. Que Poema seja, 401.
Suzeno. Poeta Persiano, louvado, 6.

T

- Taffo* (Bernardo) censurado no seu *Amadige*, 336.
Taffo (Torquato) louvado, 119, 161, 311, 324, e 315. Verdadeiro Heroe do seu Poema, 319. Allegoria que fez sobre o seu Poema, 339. Defeituoso no titulo delle, 319. Arguido, 318.
Tempo. O que deve comprehenderse na Fabula Epica, Tragica, e Comica, 306, e 308.
Terencio. Louvado, 243. Copiou as Comedias de Menandro, 276. Quantas ha suas, 280. Seu artificio nas scenas, 248. Juizo sobre este Poeta, seu merecimento, e estylo, 281, e 282.
Theatro. Raras vezes deve estar com huma sã pessoa, e nunca sem alguma, 247.
Theocrito. Estimaçãõ, que merecem os seus *Idyllios*, 363. Juizo sobre este Poeta, ib.
Thespis. Tragico Atheniense, 177, e 179.
Thomas (Manoel) arguido no estylo da narraçãõ do seu Poema, 334.

- Thomaz Stigliani*. Criticado, 103.
- Tibullo*. Juizo sobre este Poeta, 387.
- Tragedia*. Sua origem, 9. Seu fim, 22, 302, e 263. Sua definiçãõ, 181. Origem, e progressos, 173, e seg. Sua materia, 175. Differe da Comedia, 176, 266, e 289. Sua antiguidade, 176. Suas partes, 183. Suas especies, 248. Sua terminaçãõ, 306. De que materia deva constar, 184, e segg. He huma imitaçãõ, 185. Nãõ importa, que seu argumento seja verdadeiro, 187. Seu assumpto, 190, e segg. Que pessoas nãõ exclue, 191. O que tambem pode ser argumento della, 194. Se admittie fim alegre, e feliz, 198, e segg. Sua ley entre os Gregos, 214. Nãõ exclue os mãos costumes, 228. De que estylo usa, 231, e segg. Sua dicçãõ, 232. Seu Prologo definido por Aristoteles, 240. Sua divisaõ, 248. Abuso no fim da sua invençãõ, 253. Suas inverosimilidades em ser toda cantada, *ib.* Juizo sobre a intitulada *Octavia*, 259. Que cuidado deve ter o Poeta no titulo delle, 252. Distinçãõ nos Prologos, 243. De quantos modos pode ser, 248. Em que differe o seu fim do da Comedia, 262. A ella pertencem os affectos poeticos, 310. Que duraçãõ deva ter, 305. Suas partes de quantidade, 243, e 244.
- Tragicomedia*. Nãõ a praticaraõ os antigos, sendo os Mestres da Poesia, 292. Em que differe da verdadeira Tragedia, 290.
- Translaçoens*, 120.
- Trifodoro*. Arguido no titulo do seu Poema, 318.
- Turcos*. Tem Poesia, 66.

V

V Aldivieffo (Joseph) sua Proposiçãõ defeituosa, 326.

Valerio Flacco. Poeta, 216. Arguido com outros nos titulos dos seus Poemas, 319, e 324. Seus defeitos, 348. Seu estylo, *ib.*

Verdade. He objecto de varias artes, e sciencias, 27, e 28.

Verdadeiro. Como o buscaõ os Poetas, 58, e segg. Suas especies, 59.

Verosimul, 59. Segunda propriedade da fabula, 207. He a alma da fabula, 268. He muito importante na Acçãõ Tragica, 250.

Versos artificiaes. Condemnados, 169, 170, e segg.

— *Hexametro*. He o mais proprio para assumptos Epicos Latinos, 301. O Hendecasyllabo lhe corresponde em linguas vulgares, *ib.*

Verſo ſecular. Para que ſervia ,
377. Por quem ſe cantava, ib.

Vida (Jeronimo) ſua doutrina
ſobre o nome do Heroe na
Propoſiçãõ , 327.

Virgilio. A quem imitou, 12. Sou-
be varias ſciencias , 32 , 38 , e
39. Foy inſigne na formaçãõ
dos voos poeticos, 110. Lou-
vado nas comparaçoens , 116.
Louvado em outras virtudes ,
148 , 158 , e ſegg. Admiravel
na contemplaçãõ da natureza ,
147. Porque deu fim ao ſeu
Poema com a morte de Tur-
no , 215. Sua Propoſiçãõ de-
fendida , 323. Como con-
cluio a ſua fabula , 306. He o
Principe dos Epicos Latinos ,
345. Juizo ſobre a ſua Epopea
com a de Homero , a quem
imitou , ib. Seus defeitos , ib.
Imitou aos Gregos na Poefia
Bucolica , 364. Notado, 167,
e 319. Cenſurado peio Apatif-

ta , 311. E por Bouhours, 147.
Cenſurado nos primeiros qua-
tro verſos da Eneada, 321. De-
fendido por Mazzoni , 323.

Unidade. Condiçãõ da Fabula ,
215 , e ſegg. De que princi-
pios pode nascer , 219.

Voos poeticos , 108 , e ſegg.

X

X *Enofonte.* Como ſe nomeou
na ſua historia , 321.

Z

Z *Arate* (D. Francisco) Lou-
vado , 328.

Zeuxis. Na pintura de Helena ,
30.

Zipoli , E outros , porque per-
verteraõ nos ſeus Poemas a
Epopea , 303.

F I M.

Faint handwritten text in the left column, possibly a list or entries.

Second section of faint handwritten text in the left column.

Third section of faint handwritten text in the left column.

Faint handwritten text in the right column, appearing as a continuation of the list or entries.

Fourth section of faint handwritten text in the right column.







